

IPAC/MG – Comunidade dos Arturos



Gerência de Patrimônio Imaterial - GPI
Diretoria de Proteção e Memória - DPM

INVENTÁRIO PARA FINS DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

Expediente

GOVERNO DO ESTADO DE MINAS GERAIS

Antonio Augusto Anastasia

Governador

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA

Eliane Parreiras

Secretária de Estado de Cultura

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS

Fernando Viana Cabral

Presidente

Ângela Maria Ferreira

Diretora de Proteção e Memória

Dirceu Alves Jácome Júnior

Diretor de Planejamento, Gestão e Finanças

Renato César José de Souza

Diretor de Conservação e Restauro

Marília Palhares Machado

Diretora de Promoção

Luis Gustavo Molinari Mundim

Gerente de Patrimônio Imaterial

Coordenação Geral do Projeto

“Inventário para fins de Registro da Comunidade dos Arturos”

INVENTÁRIO PARA FINS DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

Ficha Técnica

IEPHA/MG

COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Luis Gustavo Molinari Mundim

Gerente de Patrimônio Imaterial

Ailton Batista da Silva
Débora Raíza Carolina Rocha Silva
Fabiele Cristina Costa
Leonardo Augusto Silva de Freitas
Luis Gustavo Molinari Mundim

Analistas

Ana Carolina Fernandes
Mariana Rabêlo de Farias
Bruna Luiza de Paula

Estagiários

FUNDAC

Coordenadoria de Políticas de Memória e
Patrimônio Cultural

Carolina Dellamore Batista Scarpelli

Coordenação

Adebal de Andrade Júnior
Alexandra Ponsá
Carolina Dellamore Batista Scarpelli

Analistas

Ana Rita Andrade
Carmem Guimarães
Isabela Fernanda Gomes Oliveira
Paulo Ricardo Silva Rodrigues

Estagiários

INVENTÁRIO PARA FINS DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

Sumário

Apresentação

Comunidade dos Arturos

Festa de Nossa Senhora do Rosário

Festa da Abolição

Festa do João do Mato

Folia de Reis

Candombe

Guarda de Congo

Guarda de Moçambique

Batuque

Reinado

Levantamento Mastros

Culinária dos Arturos

Conhecimentos das Plantas

Benzeção

Ofício Benzeção

Mestre de Benzeção – Seu Mário

Mestra do Batuque – Dona Tetane

Mestre Seu Antônio

Confecção de Tambores

Grupo Filhos de Zambi

INVENTÁRIO PARA FINS DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

Apresentação

O Inventário de Proteção do Acervo Cultural de Minas Gerais – IPAC/MG é um programa desenvolvido pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG, tem por objetivo geral identificar o patrimônio cultural do Estado. O inventário é uma importante ferramenta de gestão e planejamento que visa estabelecer ações e políticas públicas referentes à preservação do patrimônio cultural mineiro. O IPAC/MG tem sido executado pelo IEPHA/MG desde a década de 1980 e já identificou mais de 5000 bens culturais de natureza material e imaterial, distribuídos nas categorias de Estruturas Arquitetônicas e Urbanísticas, Bens Móveis, Bens Integrados, Arqueológicos, Espeleológicos, Paisagísticos, Lugares, Celebrações, Saberes, Formas de Expressão e outros.

O **IPAC/MG – Comunidade dos Arturos** corresponde a finalização da Etapa – II do Projeto de “**Inventário para fins de Registro da Comunidade dos Arturos**”, elaborado e executado pela Gerência de Patrimônio Imaterial do IEPHA/MG, em conjunto com Coordenadoria de Políticas de Memória e Patrimônio Cultural da FUNDAC do município de Contagem/MG.

O inventário da Comunidade dos Arturos cumpre o papel de aproximar a instituição do objeto pesquisado identificando e oferecendo caminhos e estratégias para a atuação. O inventário marca também a aplicação e consolidação da metodologia desenvolvida pela instituição para identificar e compreender os bens culturais de natureza imaterial. Nesse esforço instrumental foram adaptadas metodologias já existentes, sempre com a preocupação de envolver e destacar os agentes detentores do bem cultural. Os campos propostos nas fichas do IPAC/MG foram desenvolvidos na tentativa de captar de forma ampla o bem cultural inventariado. Dessa forma foram criadas fichas específicas para os Ritos e Celebrações, as Formas de Expressão, os Mestres, os Saberes e Ofícios, os Lugares, além de variações para os Saberes da Alimentação. É importante ressaltar que os campos são propostas interpretativas e não devem ser tomados como modelos rígidos de pesquisa.

Por fim, desde a seleção dos bens culturais a inventariar, ao preenchimentos das informações das fichas, houve um esforço para a efetiva participação da comunidade, ainda que com idas e vindas, encontros e desencontros. O objetivo era o de construir um

INVENTÁRIO PARA FINS DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

inventário que representasse a Comunidade dos Arturos e no qual seus membros se reconhecessem.



Figuras 1 e 2: Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva.

Fonte: Acervo Comunidade dos Arturos.

INVENTÁRIO PARA FINS DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

Bens Culturais da Comunidade dos Arturos

A Etapa – II do projeto, o IPAC/MG – Comunidade dos Arturos, e a seleção dos bens culturais passíveis de inventário foi obtido partiu da confluência de 02 frentes de trabalho, uma a dos resultados alcançados na Etapa – I do projeto e outra seleção do contato direto com a comunidade.

Na Etapa – I, denominado, *Referências da Comunidade dos Arturos*¹, foram identificadas 564 referências, em 332 fontes, a pesquisa foi realizada em mais de 18 acervos com características diversas. A documentação levantada é constituída por jornais, revistas, teses, dissertações, monografias, textos técnicos, vídeos, fotos, áudio, revistas e outros. A produção encontrada ratifica a importância da Comunidade dos Arturos e sua dimensão dentro do cenário artístico, político, acadêmico, cultural e social.

O resultado do levantamento apresentou as seguintes características: *Comunidade dos Arturos (234)*, *Festa da Abolição ou Reinadinho (61)*, *Congado (47)*, *Festa do Rosário (37)*, *Filhos de Zambi (20)*, *Guardas de Congo e Moçambique (16)* *Folia de Reis (15)*, *Artur Camilo Silvério (11)*, *Candombe (12)*, *Festa João do Mato (7)*. Ver **Gráfico 01**

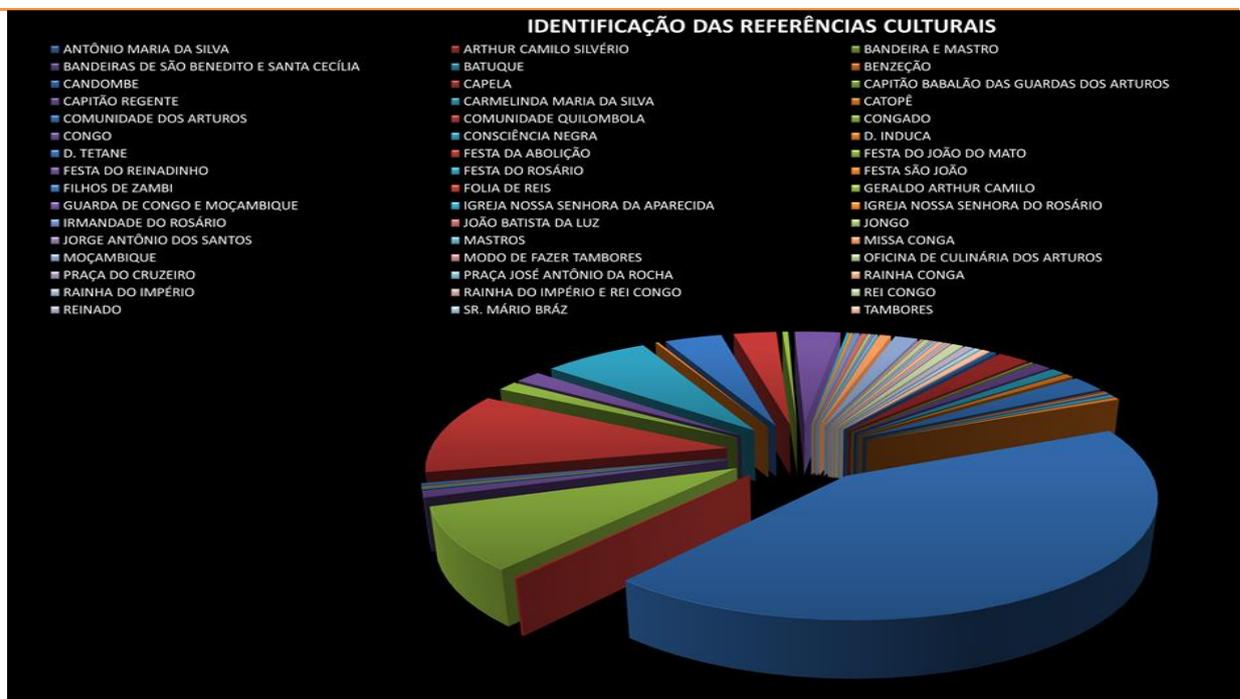


Gráfico 01 – Identificação dos Bens Culturais da Comunidade dos Arturos.

¹ IEPHA/MG - *Referências da Comunidade dos Arturos*. Projeto Inventário para fins de Registro da Comunidade dos Arturos. GPI/DPM - FUNDAC, Belo Horizonte. 2013, 148p. Disponível em

INVENTÁRIO PARA FINS DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

De posse desses resultados e de incorporações sugeridas por membros da comunidade, foi estabelecida uma lista com 21 bens culturais que inicialmente seriam inventariados. Ver **Tabela 01**

IPAC	BEM CULTURAL
1977	Comunidade dos Arturos
4988	Festa de Nossa Senhora do Rosário
4989	Festa da Abolição
4990	Festa do João do Mato
4991	Folia de Reis
4992	Candombe
4993	Congado dos Arturos
4994	Guarda de Congo
4995	Guarda de Moçambique
4996	Batuque
4997	Reinado
4998	Mastros
4999	Culinária dos Arturos
5000	Conhecimentos Plantas Medicinais
5001	Benzeção
5002	Confecção de Tambores
5003	Mestre de Benzeção – Sr. Mário
5004	Mestre do Batuque – D. Tetane
5005	Mestre da Guarda Moçambique - Sr. Antônio
5006	Mestre da Culinária – D. Induca
5007	Grupo Filhos de Zambi
Tabela 01 – Lista inicial de bens culturais a inventariar.	

Conforme o desenvolvimento da pesquisa e o aprofundamento das informações, algumas adequações ao inventário se mostraram necessárias. Verificou-se que a denominação inicial das fichas de *Mastros* e *Conhecimentos de Plantas Medicinais*, deveria ser alterada para melhor representar o bem cultural e ser mais próxima da denominação utilizada pela comunidade. Assim as fichas passaram a chamar *Levantamento de Mastros* e *Conhecimento de Plantas*.

Além disso, optou-se por unir a ficha de *Congado dos Arturos* com a do *Reinado*.

A mudança ocorreu em função do entendimento de que a denominação *Reinado* poderia representar melhor os valores expressos pelo bem cultural. Todavia é importante destacar que a denominação *Reinado* ou *Congado* não é um ponto consensual, nem entre os Arturos, nem entre estudiosos e existem diversos pontos de vista sobre o tema. Ponto pacífico é que, para a Comunidade dos Arturos, tal denominação não implica em alterações na vivência do bem cultural, na fé e nas tradições. Além disso, a elaboração das fichas das Guardas de Congo e Moçambique complementariam e detalhariam melhor as expressões culturais associadas.

Foram ainda iniciados estudos para dar a Dona Induca o título de Mestre da Culinária, mas seu falecimento levou à interrupção do processo. A tristeza em função da perda sofrida aumentava ainda mais a responsabilidade sobre a equipe e agravava uma sensação de urgência.

INVENTÁRIO PARA FINS DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

Com as alterações realizadas, o inventário passou a contar com 20 bens culturais dispostos conforme a **Tabela 02**.

No processo de elaboração das fichas foram realizadas entrevistas, gravações, fotografias, registros audiovisuais em mais de uma dezena de idas a Comunidade. Como resultado foram tiradas aproximadamente 7587 fotos, 60 horas de gravação e inúmeras páginas de transcrição de entrevistas.

Os registros audiovisuais tiveram ainda o apoio da REDEMINAS que foi contratada para realizar a filmagem da comunidade, não só nos momentos festivos, mas principalmente em seu cotidiano. O material produzido foi editado na forma de documentário que faz parte do projeto e que será disponibilizado em breve.

IPAC	BEM CULTURAL
5100	Comunidade dos Arturos
4988	Festa de Nossa Senhora do Rosário
4989	Festa da Abolição
4990	Festa do João do Mato
4991	Folia de Reis
4992	Candombe
4994	Guarda de Congo
4995	Guarda de Moçambique
4996	Batuque
4997	Reinado
4998	Levantamento Mastro
4999	Culinária dos Arturos
5000	Conhecimentos Plantas
5001	Benzeção
5002	Confecção de Tambores
5003	Mestre de Benzeção – Seu Mário
5004	Mestra do Batuque – Dona Tetane
5005	Mestre Seu Antônio
5006	Ofício Benzeção
5007	Grupo Filhos de Zambi

Tabela 02: Lista de Bens Culturais Inventariados.

Importante destacar na elaboração do inventário as pesquisas já desenvolvidas referentes à Comunidade dos Arturos. O caminho já havia sido trilhado anteriormente por vários pesquisadores, cada qual com sua temática e importância particular. Os trabalhos de Romeu Sabará, Núbia Gomes, Edimilson Pereira e especialmente de Glaura Lucas tornaram a jornada percorrida menos árdua e acalentaram nos momentos de incerteza.

Os extensos estudos desenvolvidos serviram como rumo na elaboração do inventário e como confirmação da certeza da importância do objeto pesquisado. Por outro lado, a relação de proximidade com a comunidade possibilitou adentrar em um universo de lutas, união, força, culturas, identidades e tradições; enfim, o rico universo do Patrimônio Cultural Imaterial.

A proposta metodológica de plena participação da comunidade no processo de inventário levou ao compartilhamento da equipe técnica na vida cotidiana dos Arturos, até em momentos mais difíceis. Em memória de Dona Induca, filha de Arthur Camilo e Carmelina, Mestra da Culinária* *in memoriam*, e de Dona Lucinha, Bandeireira do

INVENTÁRIO PARA FINS DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

Moçambique e Rainha das Mercês, ambas falecidas durante a execução do inventário, dedicamos esse trabalho.



Figuras 3: Juventina de Paula, Maria do Rosário, Joaquim Bonifácio, Conceição Natalícia, Izaíra Maria, Mário Braz, Geraldo Artur e Antônio Maria.

Fonte: Lúcio Dias/ Acervo Comunidade dos Arturos.

INVENTÁRIO PARA FINS DE REGISTRO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS

IPAC/MG - Comunidade dos Arturos

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

LUGARES

01 IDENTIFICAÇÃO

Denominação	COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	5100
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Longitude UTM	44° 5'1.70"O	Latitude UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Guardas de Congo e Moçambique da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

Categoria	Lugares				
Tipologia da Atividade	Comunidades Tradicionais				
DENOMINAÇÃO					
Outras denominações	Comunidade Negra dos Arturos; Arturos				
Nível de integração					
Comunidade	x	Oficial		Intercomunitária	x

02 Origens Documentadas ou Atribuídas

A origem da Comunidade dos Arturos está ligada a união do casal Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva. Arthur, embora homem livre, sofreu a violência da escravidão que ainda perdurava nas relações sociais no final do século XIX e início do XX. Arthur vivia na fazenda de seu padrinho, em local próximo onde está a comunidade, e sofria constantes agressões até mesmo física, por parte desse padrinho.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

LUGARES

(LUCAS: 2005, p.28). Naquele tempo era comum entregar os filhos a padrinhos que ficavam responsáveis pelo afilhado e em troca cobravam trabalhos e obrigações. A relação de violência marcou tanto a vida de Arthur que, até nos dias atuais, o fato é lembrado e faz parte das histórias da Comunidade.

Cansado das agressões sofridas Arthur Camilo foge para outra fazenda e se casa com Carmelinda. Começa então a formar sua família na Fazenda do Macuco, em uma região próxima a Esmeraldas/MG. O casal teve onze filhos e por volta da década de 1940 se transfere para o Sítio Domingos Pereira, propriedade herdada de seu pai Camilo Silvério, congadeiro que tinha forte relação com a Irmandade do Rosário de Contagem e com o Reinado de Nossa Senhora, participando ativamente dos festejos.

Em relação a história de Camilo Silverio, até onde se sabe, relatam que veio para o Brasil em meados do século XIX e aqui se casou com Felisbina Rita Cândida, tendo seis filhos, dentre eles Arthur Camilo Silvério, no entanto, pesquisas realizadas no Cartório Guimarães em Contagem, onde foi localizado o atestado de morte de Camillo Silvério. A partir desse momento confirmou-se enfim, que este era o pai de Arthur Camilo. Na certidão consta que o Camillo faleceu em 17 de agosto de 1893, com 53 anos, o que indica que nasceu em 1840. O atestado informa que ele nasceu em Contagem, era filho de Maria Silvéria, viúvo de Felisbina Rita Cândida e pai de oito filhos: Adão, José, Pedro, Arthur, Maria, Anna, Isabel e Josina.

No documento consta que sua profissão era a de *jornaleiro*, Nesse sentido, acredita-se que Camillo Silvério, pelo menos no fim de sua vida, foi um trabalhador rural nas fazendas de São Gonçalo da Contagem. Tal informação é significativa, pois demonstra que, em algum momento de sua existência, de 1840 até 1893, Camillo alcançou sua liberdade. Outro ponto que faz crer que tenha deixado de ser cativo foi a compra da terra em que a Comunidade está estabelecida. A área de aproximadamente seis hectares foi adquirida por Camillo Silvério, por título particular, em 02 de novembro de 1888.

Já a pesquisa efetuada no Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, revelou que a relação de Camilo com Contagem era antiga. No Livro de Receitas e Despesas da Irmandade do Rosário de Contagem aparece, em 21 de outubro de 1888, uma *Quantia entregue por Camilo Silvério como regente do Congado*. (IRMANDADE DO ROSÁRIO, 1888). O valor era de 8:800 reis e o registro torna-se importante por vários aspectos, pois estabelece a relação ativa do pai de Arthur Camilo na Irmandade do Rosário e sua função como regente do Congado. Segundo Gomes e Pereira “Os Arturos nasceram como uma árvore, estando todos os descendentes ligados “ao tronco véio” de Camilo Silvério” (GOMES; PEREIRA: 2000, p.162).

Em relação ao terreno que a Comunidade ocupa, os registros demonstram que a propriedade foi comprada por Camilo Silvério, ainda no século XIX, e foi deixada como herança aos herdeiros. A pesquisa de GOMES e PEREIRA apresenta a seguinte informação:

a transcrição da certidão de pagamento extraída dos autos de arrolamento dos bens deixados por Camilo Silvério da Silva e Felisbina Rita Cândida” passada a seus herdeiros, entre os quais se encontrava Arthur Camilo Silvério. A certidão foi emitida pelo Cartório do 1º Ofício, na sessão de Registro de Imóveis da Comarca de Betim.

Consta no documento que os 6,5 hectares “de terras e campo de cultura, mais ou menos, situados no lugar denominado ‘Domingos Pereira’, na zona suburbana de Contagem” foram

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

LUGARES

adquiridos “por título particular datado de 2 de novembro de 1888”. Prossegue o documento: “Conforme consta da citada certidão passada pelo escrivão do 2º ofício desta comarca, J. A. Filho, em 25 de março de 1952. (GOMES; PEREIRA: 2000, p.165).

Com o passar dos anos, a Comunidade dos Arturos se estruturou em torno da família e ficou conhecida pelo nome de seu patriarca Arthur, preservando os valores do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Além disso, na Comunidade são preservadas e recriadas várias tradições da cultura brasileira e mineira como o Batuque, a Folia de Reis, o Candombe, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário e a Festa da Abolição. Os sons e ritmos são presenças constantes em todos os eventos e nos quintais das casas, as antigas práticas dos saberes relacionados às raízes e plantas também permanece. Na Comunidade está presente o saber das benzeduras, da confecção de instrumentos e indumentárias, da culinária e outros. Todo esse acervo tornou a Comunidade dos Arturos um lugar de reconhecida referência cultural, que preserva uma herança cultural já desaparecida em outros contextos regionais.

Nos últimos anos várias são as produções que tem por tema a Comunidade dos Arturos: livros, teses, dissertações, monografias, vídeos e diversas outras pesquisas que evidenciam e caracterizam o lugar como, entre outras coisas, um espaço de memória. A Comunidade passou a se constituir como um lugar de referência, um lugar onde se preserva, se recria e atualiza uma série de tradições da cultura brasileira. Os Arturos tornaram-se sinônimo de Reinado e Congado, não somente para a região de Contagem mas também no estado e país.

03	DESCRIÇÃO
	Caracterização Geral do Espaço
	A Comunidade dos Arturos está situada no município de Contagem, a 2,5km do centro da cidade. O terreno que ocupam foi adquirido por Camillo Silvério em 1888, segundo registro localizado no Cartório de Imóveis de Betim. O documento, que trata da partilha dos bens deixados por Camillo e Felisbina aponta que a área possui uma extensão de aproximadamente “seis hectares e cinco ares (6H e 5ª), de terras de campo e cultura”, e está “situada no lugar denominado “Domingos Pereira”.
	Relações (simbólicas, sociais, economicas, religiosas, etc)
	Embora demarcada espacialmente, a Comunidade dos Arturos extrapola os limites formais aos quais ocupa. Utilizando os conceitos de território e territorialidade é possível pensar que, pela ação dos Arturos, sua territorialidade foi aos poucos estabelecida e reconhecida pelos valores culturais e pela tradição da devoção ao Rosário. Os percursos de suas práticas, a abrangência do sistema da devoção ao Rosário, a procura por seus saberes definiram o espaço simbólico que ocupam. Tais relações fixaram a Comunidade dos Arturos no contexto local e regional e estabeleceu uma identidade ao seu redor.
	Usos do Lugar
	A Comunidade dos Arturos é um lugar de referencia cultural que abriga diversas práticas, saberes, cerimônias e festas ligadas às devoções de fé do catolicismo popular.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

LUGARES

Tranformações e Permanências

A Comunidade sofreu grandes tranformações desde sua fundação até os dias atuais. A principal transformação se deu na estrutura econômica. Os Arturos passaram de uma estrutura agrária, como o plantio de gêneros alimentícios e a criação de animais, para a de prestação de serviços urbanos na esfera local o que, de certa forma, impactou no cotidiano e em suas tradições.

Os Arturos, apesar de vivenciar as tradições culturais e religiosas, estão imersos na vida contemporânea e são abertos às suas influências. Uma dessas influências se faz sentir no campo religioso e a religião tradicional não mais é a única opção da crescente Comunidade. Muitos Arturos hoje fizeram a escolha pelas religiões neo-pentecostais e com isso têm resistência quanto à benção e outras manifestações tradicionais.

Dados Fundiários e Construtivos

Do ponto de vista das melhorias urbanas a Comunidades dos Arturos também se modificou bastante. Atualmente novas casas estão em construção e as vias dentro da Comunidade estão pavimentadas e com meio fio. O entorno do local que que era pouco habitado sofreu, na última década, uma acelerada urbanização, com novos bairros, casas e prédios a contornar a área da Comunidade.

04 MODELO DE ORGANIZAÇÃO

TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	Associação	Outros	x
Denominação	Irmandade de Nossa Senhora do Rosário					
Descrição	A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Contagem tem seu estatuto datado de 1867. Foi fundada por membros da elite da região e não permitia que os altos cargos fossem ocupados por negros. Em 1972 foi elaborado um novo Estatuto, que está em vigor até hoje. Atualmente, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem tem como membros efetivos os componentes das Guardas de Congo e Moçambique, os benfeitores e contribuintes e honorários. Como a maior parte dos integrantes das guardas é da Comunidade dos Arturos, e estes têm participação ativa na diretoria, Comunidade e Irmandade acabam por partilhar objetivos e obrigações.					
Organizadores	Membros da Comunidade Arturos e integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem.					
Financiadores	Convênio com a Prefeitura de Contagem, doações dos integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, e membros da comunidade. Alguns recursos também são angariados meio de apresentações artísticas e comercialização de camisas com motivos relacionados à comunidade e aos festejos.					
Produção de atividades e	A Comunidade dos Arturos promove diversas atividades e eventos que já estão arraigados a sua cultura, como a Festa do Rosário, a Festa da Abolição e o Reinado,					

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		LUGARES
eventos	todas com grande representatividade no contexto cultural e religioso da Comunidade.	
Meios de Comunicação e Divulgação	A Comunidade dos Arturos conta, até o momento, com endereço eletrônico.	

05 ÁREA DE ABRANGÊNCIA									
Comunidade	x	Município	x	Região	x	Estado	x	Nacional	x
Observação									

Caracterização do Público Frequentador

A Comunidade dos Arturos é uma grande referência para pessoas interessadas em conhecer um modo de vida diferente daquele usualmente encontrado nas grandes cidades. As diferentes manifestações de cunho fundamentalmente religioso atraem desde curiosos até o público acadêmico que os assediam constantemente. A benzeção do Sr. Mário, feita em frente a casa paterna, lugar de destaque na Comunidade, é uma dessas manifestações que exercem o atrativo para quem precisa de auxílio e para o público mais amplo.

Participação turística

Entende-se por atrativo turístico todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico capaz de motivar o deslocamento de pessoas para conhecê-los. A Comunidade dos Arturos, não é um atrativo turístico consolidado, uma vez que não há bens e serviços que promovam o deslocamento e a permanência de viajantes na localidade.

Entretanto, as festividades que ocorrem na Comunidade, como a Festa do Rosário, tem grande abrangência e relevância no estado. A Festa do Rosário conta com a participação de várias guardas visitantes, além de um grande número de pessoas que acompanham o desenvolvimento da celebração. A Comunidade promove ainda a Festa da Abolição e a Folia de Reis, que conta com a participação de moradores das proximidades, da cidade e do estado, muitas deles que vão até lá com o intuito de conhecer e participar das festividades. A Comunidade dos Arturos ainda também é bastante procurada por pesquisadores e estudiosos, a fim de desenvolverem trabalhos acadêmicos, com tema da Comunidade e seus membros.

Nota-se, que há grande potencial turístico, em especial para o turismo cultural, especialmente o turismo religioso, étnico e gastronômico. Entendendo como turismo cultural “as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura” (MTur:2010).

E ainda, há a possibilidade de implementação do turismo solidário na Comunidade, esta prática turística consiste em proporcionar aos visitantes a participação no cotidiano das famílias, de modo a compartilharem das suas vivências, durante o período em que ficarem hospedadas. O

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

LUGARES

turismo solidário já está consolidado em algumas regiões do estado, como Vale do Jequitinhonha e Norte de Minas, e é uma modalidade interessante, pois possibilita a troca de conhecimento, além de geração de renda para a população local, contando com o apoio da Secretaria de Estado de Turismo – Setur/MG.

A consolidação do turismo na Comunidade dos Arturos, pode ser benéfica para a localidade, pois se torna mais uma via para a consolidação e preservação do patrimônio comunitário, como afirma o Ministério do Turismo:

O patrimônio comunitário é formado por um conjunto de valores e crenças, conhecimentos e práticas, técnicas e habilidades, instrumentos e artefatos, lugares e representações, terras e territórios, assim como todos os tipos de manifestações tangíveis e intangíveis existentes em um povo. Através disso, se expressam seu modo de vida e organização social, sua identidade cultural e suas relações com a natureza. Com apoio nessas premissas, o turismo abre vastas perspectivas para a valorização do acervo do patrimônio comunitário. Diversas avaliações têm mostrado que, graças ao turismo, as Comunidades estão cada vez mais conscientes do potencial que seus bens patrimoniais, ou seja, o conjunto de recursos humanos, culturais e naturais, incluindo formas inovadoras de gestão de seus territórios. (Mtur:2010).

Observa-se então, que a Comunidade dos Arturos tem uma grande e diversificada gama de áreas nas quais podem ser desenvolvidas práticas turísticas, para tanto, é necessário por um lado, a anuência e o desejo dos Arturos nesse sentido, e por outro a estruturação da Comunidade e da cidade para o desenvolvimento de uma prática turística na região, sendo necessário o desenvolvimento da educação turística e patrimonial, para que o turista possa interagir com o local, mas primordialmente, respeitando a localidade, cultura e a tradição que circunda a Comunidade dos Arturos.

06 ELEMENTOS RELACIONADOS				
Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD. IPAC
Altar da Capela	Bem associado	Bem integrado	-	
Batuque	Dança e Música	Formas de Expressão	-	4996
Benzeção	Religiosidade	Celebrações e Ritos	-	5001
Canções da Folia de Reis dos Arturos	Catolicismo Popular	Formas de Expressão	-	-
Candombe	Religiosidade	Celebrações	-	4992
Capela de N. Sra. do Rosário	EUA	Bem Imóvel	Arquitetura Religiosa	-
Confecção de Tambores	Técnica artesanal	Saberes	-	5002
Conhecimento das Plantas	Técnica	Saberes e Ofícios	-	5000
Conhecimento de Plantas Medicinais	-	Saberes	-	5000

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS			LUGARES	
Cruzeiro da Capela do Rosário	EUA	Bem Imóvel	-	-
Cruzeiro da Casa da Cultura	EUA	Bem Imóvel	-	-
Cruzeiro da Comunidade	EUA	Bem Imóvel	-	-
Cruzeiro da Igreja do Rosário	EUA	Bem Imóvel	-	-
Culinária	Conhecimento tradic.	Modos de Fazer	-	4999
Espadas	Artefato cerimonial	Bem Móvel	-	-
Festa da Abolição	Festa Étnica	Celebrações	-	4989
Festa de João do Mato	Rito Agrário	Celebrações	-	4990
Festa de N. Sra. do Rosário	Religiosidade Tradic.	Celebrações	Catolicismo Popular	4988
Folia de Reis	Catolicismo Popular	Celebrações	Catolicismo Popular	4991
Grupo Filhos de Zambi	Grupo Performático	Formas de Expressão	-	5007
Guarda de Congo	Catolicismo Popular	Formas de Expressão	-	4994
Guarda de Moçambique	Catolicismo Popular	Formas de Expressão	-	4995
Igreja de N. Sra. do Rosário	EUA	Bem Imóvel	Arquitetura Religiosa	-
Levantamento de Mastros	Prática Cerimonial	Formas de Expressão	-	4998
Mestre - Sr. Antônio	Mestre	Mestres e Ofícios	-	5005
Mestre - Sr. Mário	Mestre	Mestres e Ofícios	-	5003
Músicos e cantores da Folia de Reis	-	Formas de Expressão	-	-
Performance dos Palhaços da Folia	-	Formas de Expressão	-	-
Reinado	Catolicismo Popular	Celebrações	Catolicismo Popular	4997
Tambores	Bem Móvel	Instrumento Musical	Percussão	-
Tamboril	Bem Móvel	Instrumento Musical	Percussão	-
Vestimenta do Gongo	Bem Móvel	Indumentária	-	-
Vestimenta do Moçambique	Bem móvel	Indumentária	-	-

07	COMENTÁRIOS
	Comentários dos entrevistados
	<p>Fábio José da Luz: “Ser Arturos não é simplesmente ser Arturos. É ter uma cultura, é ter o que falar para as pessoas, é ter uma origem. (...) Qualquer problema, qualquer coisa, momentos de alegria, de felicidade, de tristeza, recorrer a Nossa Senhora, né? Isso vem passado desde aquela época até os dias de hoje, então voltando ao passado, aquela época era pior né, onde os negros sofriam para poder fazer uma comida, pra arrumar uma casa, apanhava pra isso, apanhava pra respirar, então o foco deles era em Nossa Senhora”.</p> <p>Jorge: “Naquela época [década de 1970] a gente, nós tínhamos escola, trabalho e congado, o divertimento as vezes era um futebolzinho. Agora hoje é esse mundo moderno, né. Então assim a gente não tinha muita preocupação naquela época com a participação das crianças, com a juventude, ficava todo mundo aqui no entorno. Hoje até por uma questão de necessidade as crianças já tem que está em contato com as questões externa até pela questão da formação e agente tem que preocupar a criar meios, recursos para que essas crianças estejam em contato com o mundo moderno lá fora mas nunca esquecendo de suas raízes, nunca esquecendo quem elas são, de onde elas vieram e pra onde a gente vai”.</p>
	Comentários do elaborador
	Elementos significativos relacionados
	Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, cruzeiro localizado na praça Josias Belém, Capela e sua imaginária, Cruzeiros dentro da Comunidade, bem como os lugares de hasteamento dos mastros.
	Crenças Associadas
	As cerimônias de devoção à Nossa Senhora do Rosário encontra seu fundamento mítico na crença da aparição e resgate da imagem de Nossa Senhora pelos negros escravizados, em detrimento aos brancos. Uma

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

LUGARES

preferência Divina que é celebrada no período compreendido pelo Reinado.

Identidades construídas em torno da atividade

Ser membro da Comunidade dos Arturos é partilhar de uma história em comum, ligada a trajetória pessoal de Arthur Camilo e Carmelinda e de todos os saberes tradicionais transmitidos a seus filhos e descendentes.

Significados socioeconômicos

As manifestações religiosas e/ou culturais da Comunidade não têm por finalidade benefícios econômicos.

Significados Simbólicos

O Símbolo que a Comunidade representa para seus membros é multidimensional, representando os aspectos religiosos, históricos, sociais e identitários para os denominados arturos. Cada um, a sua maneira, elabora e interpreta essas dimensões, seja participando dos festejos da Comunidade, compartilhando a fé em Nossa Senhora do Rosário, seja apenas vivenciando o dia-a-dia da Comunidade a partir dos laços de parentesco estabelecidos em diferentes graus de afetividade.

Possibilidade de Continuação

Administrar os conflitos internos entre diferentes perspectivas acerca da Comunidade. Terminar com o processo de regularização fundiária.

Plano de ação

O Plano de Ação para a manutenção dos bens culturais da Comunidades dos Arturos engloba uma série de projetos de curto, médio e longo prazo e devem contemplar ações de valorização da memória, incentivo a transmissão, infraestrutura, divulgação e reconhecimento.

08 ENTREVISTADOS

01	Nome	José Bonifácio da Luz					Tipo	Capitão do Congo
	Nascimento	03/10/1948	Sexo	M	Idade	65	Registro Sonoro Visual	X
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Capitão Mestre do Congo								
Contato		Comunidade dos Arturos						

02	Nome	Antônio Maria da Silva					Tipo	Mestre da Folia de Reis
	Nascimento	28/07/1935	Sexo	M	Idade	78	Registro Sonoro visual	X
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Mestre da Folia de Reis, Capitão Regente das Guardas do Congado e benzedor.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

03	Nome	Conceição Natalícia da Silva					Tipo	Mestre do Batuque
	Nascimento	03/08/1918	Sexo	F	Idade	95	Registro Sonoro visual	X
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Mestra do Batuque, Rainha do Império e filha mais velha do casal Arthur Camilo e Carmelinda								
Contato		Comunidade dos Arturos						

04	Nome	Mário Bras da Luz					Tipo	Mestre da Benzeção
	Nascimento	02/02/1933	Sexo	M	Idade	80	Registro Sonoro visual	X
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

LUGARES

Mestre da Benzeção e Capitão-Mor das Guardas do Congado.

Contato Comunidade dos Arturos

05	Nome	Fábio José da Luz				Tipo	Membro do Congo	
Nascimento		Sexo	M	Idade		Registro Sonoro visual	X	
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Vassalo do Congo								
Contato	Comunidade dos Arturos							

07	Nome	Jorge Antônio dos Santos				Tipo	Capitão do Moçambique	
Nascimento		Sexo	M	Idade	45	Registro Sonoro visual	X	
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Capitão da Guarda do Moçambique e Relações Públicas da Comunidade.								
Contato	Comunidade dos Arturos							

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

LUGARES

9 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 2: Crianças da Comunidade
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 3: Criança e criação da Comunidade.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 4: Cotidiano da Comunidade.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 5: Dia a dia na Comunidade.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Campo de futebol da Comunidade.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Espaço físico da Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

LUGARES



Figura 8: Interior da Comunidade.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 9: Levantamento de Mastro no cruzeiro da Casa da Cultura de Contagem.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 10: Altar da Capela de Nossa Senhora do Rosário.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 11: Criações da Comunidade.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

LUGARES

10 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Colocar nome do Arquivo (cd/DVD) mesmo da ficha
Videos	Colocar nome do Arquivo (cd/DVD) mesmo da ficha
Audio	1977_CA_Comunidade_Bengala_LFreitas_30nov13

11 REFERÊNCIAS

- LITTLE, Paul E.. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Anuário Antropológico, Rio de Janeiro, v. 2003, p. 251-290, 2005.
- Ministério do Turismo, em parceria com o Ministério da Cultura e o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em <
<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_Cultural_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf> Acesso em 04 fev. 2013
- HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva e o Espaço. In. “A Memória Coletiva”. Edit. Vértice, p.131-160.

12 FICHA TÉCNICA

Fotos	Adebal de Andrade Junior, Carolina Dellamore	
Vídeos	IEPHA/ Rede Minas	
Áudio	IEPHA, Rede Minas	
Transcrição	Leonardo Freitas, Bruna de Paula, Izabela Oliveira.	
Levantamento	Carolina Dellamore, João Batista da Luz , Jorge Antônio dos Santos.	
Elaboração	Débora Raíza Rocha, Luis Mundim, Leonardo Freitas, Mariana Rabêlo.	
Revisão	Carolina Dellamore, João Batista da Luz , Jorge Antônio dos Santos.	26/05/2013

Observações

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	FESTA DO ROSÁRIO			IPAC/MG	4988
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: da esquerda para direita: 3º Capitão do Congo (Manoel dos Santos), Rainha do Império (D. Tetane), Bandeireira da Guarda do Congo (Maria Ângela).

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

	Categoria	Celebração			
Tipologia da Atividade	Festa Religiosa				
	DENOMINAÇÃO	Festa de Nossa Senhora do Rosário			
Outras denominações	Festa do Rosário de Maria; Congada.	Nível de integração			
		Comunidade	Oficial	Intercomunitária	X
	PERIODICIDADE				
Início	Sábado, na primeira quinzena de outubro.				
Fim	Segunda-feira				
Calendário Litúrgico	Tempo comum.				
Invocação	Nossa Senhora do Rosário e outros santos presentes nas bandeiras festivas.				
Observação das Datas	As datas seguem o calendário litúrgico, geralmente na 2ª oitava de outubro, próximo ao dia de Nossa Senhora do Rosário.				
	DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE				

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Demarcada pelo período do Reinado, que ocorre entre o sábado de aleluia e o início de dezembro, a Festa de Nossa Senhora do Rosário acontece na primeira quinzena do mês de outubro, durante três dias, normalmente nos sábados, domingos e segundas.

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

A construção da, hoje conhecida, identidade afro-brasileira constituiu-se num longo e complexo processo histórico para os africanos trazidos à força para a colônia, a fim de servirem de mão-de-obra escrava. Processo este que resultou em diversas manifestações culturais presentes nos dias de hoje, entre elas, o culto a Nossa Senhora do Rosário acompanhado da coroação de reis negros e das guardas de congado.

A história da devoção negra a Nossa Senhora do Rosário tem início ainda no continente africano, com a catequização do Reino do Congo, primeiro êxito missionário português em terreno africano, ainda em princípios do século XVI. Assimilando maneiras da corte portuguesa e incorporando o catolicismo europeu, o Rei do Congo, batizado com o novo nome cristão de D. Afonso I, foi uma personalidade histórica perpetuada na memória de seus súditos e, através da oralidade, sua fama atingiu o patamar de figura mítica para grande parte da África. Isso, mesmo depois da desintegração dos reinos pelas guerras civis ocorridas na virada do século XVII para o XVIII.

Naquele tempo, os símbolos de distinção do poder da corte como a coroa, espadas, estandartes, bastões de mando, entre outros, carregavam simbolicamente a força da fé católica, tanto na África quanto Europa. Nas Américas, com a forçosa diáspora dos povos africanos, as festas de coroação de reis negros em torno das Irmandades reproduziram e combinaram também essas influências. A perda da solidariedade familiar provocada pelo tráfico negreiro, fez com que os africanos buscassem outros meios de estabelecer vínculos entre eles, seja por meio de afinidades étnicas, seja por compartilharem um mesmo complexo sociocultural. O lugar da inserção social, para além das senzalas, eram as irmandades religiosas, onde os escravos se encontravam, festejavam o padroeiro local e elegiam seu “rei de nação”.

Um dos mais antigos relatos sobre festas envolvendo a coroação de reis negros na América portuguesa foi escrito por Urbain Souchu de Rennefort em 1666. O funcionário da Companhia Francesa das Índias Orientais descreveu da seguinte forma uma festa ocorrida em Olinda:

Após irem à missa cerca de 400 homens e mulheres, elegeram um rei e uma rainha, e marcharam pelas ruas cantando, dançando e recitando os versos que fizeram, acompanhados de oboés, trombetas e tambores bascos. Estavam vestidos com as roupas de seus senhores e senhoras, com correntes de ouro e brincos de ouro e pérolas, alguns deles mascarados, todas as diversões desta cerimônia lhes custaram 100 escudos. O rei e seus oficiais não fizeram nada em toda essa semana, além de andarem solenemente, com a espada e a adaga ao seu lado. (In. Mello e Souza, 2002:206).

O relato apresenta uma possibilidade de como os reinos africanos foram transfigurados para a América. No período colonial, os reis coroados eram escolhidos a partir de uma ascendência sobre os demais membros da irmandade e gozavam de autoridade real sobre a comunidade de escravos. Muitas vezes recebiam privilégios de seus senhores que viam neles um importante mecanismo de interlocução com os outros escravos. Além do mais, todo o preparativo de arrecadação para as festas – que por vezes recebiam contribuições dos senhores –, e a mobilização dos participantes em torno dos reis, contribuía para a festa adquirir a prerrogativa de ser uma importante forma de organização social e política.

Além disso, as festas representavam um momento de solidariedade. No livro *Festas e tradições populares do Brasil*, Mello Moraes Filho cita a descrição da coroação de um rei negro, em 1748, no Rio de

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Janeiro, em que podemos perceber a solidariedade entre as diferentes nações:

[...] Apenas amanhecia o dia de Reis, o campo de S. Domingos, nas proximidades da capela, opulentava-se de um espetáculo variado e estranho em que Mocambiques, Cabundás, Benquelas, Rebolos, Congos, Cassanges, Minas, a pluralidade finalmente dos representantes de nações d'África, escravos no Brasil, exibiam-se autênticos, cada qual com seu característico diferencial, seu tipo próprio, sua estética privativa (In. Mello e Souza, p. 252).

A despeito da presença das diversas etnias nas festas, o autor salienta, mais a frente no texto, o poder aglutinador que os congos exerciam sobre os diferentes grupos, sendo capazes de gerar um sentimento de união entre todos eles.

As Danças Dramáticas, definição de Mario de Andrade para diversos grupos de danças que envolviam música e performance, acompanhavam quase todas as festividades religiosas no período colonial. Nas encenações, o rei congo, assim como o foi D. Afonso I, representava o ápice do cristianismo responsável pela conversão do rei estrangeiro e pagão. Mello e Souza sugere que tais danças, reviviam o mito do primeiro rei do congo, “criado no processo histórico concreto das comunidades negras na América portuguesa (...) (p.307)”. Spix e Martius observaram tais danças e as denominaram, em 1818, de congada. Richard Burton, em 1867, por sua vez, chamou de congada toda a representação feita pela corte negra e seu séquito, nas comemorações de Nossa Senhora do Rosário. Já Silvio Romero denominou de “congós” os dançadores por ele observados em 1873, e de “folguedo” a dança em si.

A despeito da prevalência da coroação do rei congo a partir do século XIX, seguindo uma homogeneização da constituição das identidades negras, segundo Mello e Souza, as descrições de tais coroações ocorreram com mais frequência nas regiões cujos escravos eram de etnia banto, vindas da África Centro-Occidental. Nas palavras da autora: “durante os séculos XVI e XVII foram mais importantes os portos localizados na região da foz do rio Zaire; nos séculos XVII e XVIII predominou o porto de Luanda, tendo no século XIX as rotas do tráfico de novo se voltando para a região do antigo reino do Congo (p. 258)”. Dessa configuração sociocultural, somada à influência histórica do reino do Congo sobre as demais comunidades e a tendência à formação de uma identidade comum de negros católicos é que os reis congos prevaleceram nas festas das irmandades.

Em 1808, com a vinda da família real para o Rio de Janeiro, as festas de exteriorização da religiosidade afro-brasileira em torno das irmandades começam a sofrer progressivas restrições nos grandes centros urbanos, passando a serem vistas como incompatíveis com as novas normas de civilidade exigidas então. Para as autoridades católicas as festas, antes vistas como auxiliares na missão catequética, deixaram de cumprir seu objetivo quando a Igreja “se tornou mais eficiente no processo de implantação de um projeto que buscava maior controle sobre os conteúdos da fé e as formas como ela era vivida pela população de um modo geral”. Para os senhores as festas dos negros deixaram de ser exibição de prestígio para serem substituídas por “títulos de nobreza, cargos burocráticos, educação (MELLO e SOUZA p.321)”, de acordo com as novas normas de civilidade que a Família Real portuguesa impôs à colônia. Contudo, apesar do crescente cerceamento às festas de rua nos grandes centros, em outros lugares do Brasil elas continuaram principalmente em Minas Gerais, onde as irmandades de negros exerceram sua influência com maior força.

O mito da aparição da imagem de Nossa Senhora do Rosário, sua buscada, primeiro pelos brancos e depois pelos escravos, quando a imagem/Nossa Senhora aceita ser levada, as músicas, batuques e danças,

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

são hoje o componentes fundamentais da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Lenda para o observador externo e mito para a comunidade que é estruturante dos ritos executados durante a festa devocional. O culto a Nossa Senhora do Rosário “foi difundido pelos dominicanos entre os negros residentes em Lisboa, ocorrendo em alguns lugares da África e por toda a América, sendo frequente invocação das irmandades de ‘homens pretos’ (MELLO e SOUZA p.358)”.

Conforme visto a devoção a Nossa Senhora do Rosário era comum entre os negros que vieram ao Brasil. No município de Contagem, em meados do século XIX, a devoção à santa já podia ser observada na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Paróquia de São Gonçalo da Contagem. Conforme documentação analisada no Memorial Aquidiocesano, os ancestrais dos Artutos e os próprios membros da Comunidade, possuem uma intensa relação com a Irmandade do Rosário de Contagem. Um documento localizado nesse acervo, revela que Camillo Silvério, pai de Arthur Camilo, patriarca da Comunidade, doou dinheiro para a Irmandade em 1888 e 1889. Na documentação, Camillo Silvério é apresentado como Regente do Congado, elemento importante na Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Segundo relatos, Arthur Camilo Silvério, filho de escravo e nascido sob a vigência da Lei do Ventre Livre, participava do congado de Nossa Senhora do Rosário de Contagem desde o início do século xx, época em que trabalhava e residia na Fazenda do Macuco – localizada nas imediações do atual município de Esmeraldas.

Arthur Camilo e Carmelinda Maria da Silva acompanhados de seus filhos, partiam para Contagem, nos dias da Festa do Reinado, a fim de participar dos festejos em devoção à Virgem do Rosário. A devoção e participação na festa tornaram Arthur Camilo reconhecido, como importante capitão de Congado em Contagem e região, sendo apontado por outros grupos como um homem de grande saber. No território em que a Comunidade dos Arturos está estabelecida, os valores do Reinado/Congado e do Rosário de Maria, são um dos principais elementos repassados por Arthur Camilo para seus descendentes.

Pelos relatos e documentos consultados, a Festa do Rosário em Contagem acontece há mais de 100 anos, e desde a década de 1970, conta com uma predominância dos membros da Comunidade. A relevância e historicidade da festa é comprovada nas diversas matérias de Jornal que desde a década de 1960 destacam a Comunidade dos Arturos e a celebração por eles realizada.

Atualmente, seguindo a devoção a Nossa Senhora do Rosário e os ensinamentos de Arthur Camilo, os Arturos seguem realizando a festa e sendo referência para outras guardas e grupos devotos da Virgem do Rosário.

03 DESCRIÇÃO

Preparativos

Os preparativos para a execução da festa se estendem por muito mais que os três dias cerimoniais. Dentre os preparativos necessários podemos destacar: a novena, o candombe, a culinária, a confecção de adornos, a confecção e/ou reparos de instrumentos e o hasteamento dos mastros de aviso da festa. Aspectos abordados nas outras fichas de inventário da Comunidade.

Desenvolvimento

Na Festa do Rosário, o cortejo festivo formado por suas guardas de Congo e Moçambique acompanham seus reis e rainhas por diversas obrigações exigidas pela tradição. São atos rituais que estabelecem vínculos entre a esfera profana com o reino sagrado. Estabelecer e reestabelecer contratos

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

entre o sagrado e o profano da vida sob a forma de promessas e atos devocionais, com suas respectivas prescrições de condutas rituais, são tarefas a serem cumpridas nos três dias da festa. Três dias, em paralelo com o mito de aparição e acolhimento da Santa, em que a tradição da fé festiva é realizada quase ao ponto da exaustão. Músicas de devoção, acompanhadas por danças e passos característicos de cada guarda, são entoadas durante quase todos os momentos.

No primeiro dia do evento realiza-se uma cerimônia na Capela do Rosário, localizada dentro da Comunidade, com a presença dos reis e rainhas que compõem a corte festiva do ano, momento em que cada um deles segura as bandeiras a serem hasteadas ao final deste dia nos seus respectivos mastros. Foi hasteado no dia também um mastro de promessa com a bandeira de Nossa Senhora do Rosário e o menino Jesus coroado em seus braços, no terreiro em frente à casa de Ângela Aparecida, filha do Sr. Antônio. Ângela orava por seus filhos, como foi atendida, a promessa feita foi o hasteamento do mastro todo dia 7 de outubro, dia de NSR, coincidindo com a festa, ou não.

Os reis com as bandeiras, antecidos pela Guarda do Moçambique, com a Guarda de Congo à frente do cortejo, percorrem, dentro da comunidade, um caminho ritual. Contornam o Cruzeiro em frente à capela e seguem para a Casa Paterna, saudando (ou “saravando”) o capitão regente Luis Justiliano. Depois caminham para a saravar o Capitão Regente do Congo, o Mestre Antônio.

Ao fim das obrigações no terreno comunitário o cortejo prossegue, no ritmo do congado, para a Casa de Cultura, na Rua do Registro, onde levantam o mastro com a bandeira de São Benedito, que fará par ao mastro de aviso de São Domingos, hasteado quinze dias antes. Da praça, seguem para a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário onde são levantados dois mastros: um com a bandeira da Coroa de Maria, outro com a própria Nossa Senhora do Rosário, ladeada por São Domingos e Santa Catarina. Depois entram na Igreja para uma primeira celebração. Terminada as obrigações na Igreja do Rosário, o cortejo segue de volta para a Comunidade.

Na Comunidade, as guardas seguem para erguerem os mastros. Primeiro na casa do falecido capitão Raimundo (filho adotivo de Arthur) onde são levantados os mastros/bandeiras de São Cosme e São Damião, Santa Catarina, São Lázaro e São Jorge. Desse ponto, as guardas se dirigem para outro espaço sagrado privilegiado da comunidade, onde o Capitão Antônio os aguarda para as devidas saudações rituais antes de levantarem os três mastros com as bandeiras do Divino Espírito Santo, São Jorge e Nossa Senhora do Rosário. As guardas, seus capitães e reis, dirigem-se agora para a entrada da Capela para o hasteamento do mastro/bandeira de Nossa Senhora do Rosário. A finalização do primeiro dia da festa é feita na Capela.

No domingo, segundo dia da “missão”, como o Capitão Bengala (José Bonifácio) designa a festa, os rituais se iniciam antes mesmo do raiar do sol, por volta de quatro e meia da manhã. Esse momento é chamado de Matina, e é feito por alguns integrantes da Comunidade, que saem em cortejo para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. São feitas as saudações nos mastros/bandeiras e no cruzeiro da Igreja. A guarda retorna à comunidade onde saúdam os mastro/bandeiras e os donos das casas onde aqueles estão posicionados. Há uma pequena pausa para os membros das guardas e seus reis se paramentarem e aos sons do rosário, iniciarem suas obrigações devocionais. O início do trajeto, para ambas as guardas, é a Capela. Depois de receberem as bênçãos dos santos protetores, representados na imaginária do altar, recebem a bênção do Capitão Mor, Sr. Mário, e do 3º Capitão do Moçambique, José Vieira. Após essas bênçãos, as guardas completas e paramentadas visitam novamente os mastros/bandeiras e recebem as bênçãos dos donos desses lugares sagrados. Em seguida rumam em cortejo para a Igreja de Nossa Senhora do Rosário

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

onde se celebra a Missa Conga com a participação de todos os capitães, reis e rainhas, e parte da composição das guardas dos Arturos.

Após a solenidade, há o cortejo com a participação das guardas convidadas. Este ano, em 2013, além do Congo e do Moçambique dos Arturos, houve a participação de 12 guardas vindas de diferentes lugares da Região Metropolitana de Belo Horizonte e demais municípios do Estado (como Justinópolis, Brumadinho e Camacho). As guardas reunidas tem em comum a devoção a Nossa Senhora do Rosário e a devida iniciação para a realização das obrigações rituais, mas cada uma de têm suas próprias denominações (Salve Maria, Congo São Benedito, Terno de Vilão), seus diferentes trajes, ritmos e danças próprias.

Essas guardas visitantes seguem até a Comunidade dos Arturos com a Guarda do Congo à frente e Guarda do Moçambique encerrando o grande cortejo festivo e protegendo o “trono coroado” (reis e rainhas). Dois capitães do Moçambique vão à frente dos caminhos trilhados pelas guardas limpando as barreiras físicas e espirituais assegurando seu bom andamento. Quando chegam à porteira da comunidade os dois capitães aguardam a passagem do cortejo de Nossa Senhora do Rosário. Para realizarem a passagem da rua para “casa”, os membros da Comunidade ultrapassam os limites de costas, para logo em seguida caminharem normalmente. Passada a fronteira da Comunidade, todas as guardas saúdam e são abençoadas por Nossa Senhora Aparecida, representada materialmente pelo mastro/bandeira hasteado ao lado do grande cruzeiro localizado na entrada da Comunidade.

Enquanto algumas guardas cumprem suas obrigações rituais outras se revezam para almoçarem. As refeições são servidas em dois os espaços: a casa onde atualmente mora Raimundo (filho do Sr. Mário) e sua esposa Goreth, e o refeitório da Casa Paterna. É neste último espaço onde a Guarda de Moçambique e os reis e rainhas almoçam. Entram dançando e cantando em um entusiasmado uníssono: “o senhor tem muitos filhos, muitos filhos ele tem, eu sou um deles, você também, louvemos ao Senhor”.

Após o almoço é hora das Guardas auxiliarem alguns devotos a pagarem suas promessas. Para isso, quem irá pagar a benção recebida usa a Coroa de Promessa, destinada a tal fim, e é auxiliado pela guarda com quem se comprometeu. O fiel é conduzido em cortejo por um circuito que passa pela capela e seu altar, sai para circular o cruzeiro, contorna o exterior da capela, circula novamente o cruzeiro com as devidas etiquetas rituais já mencionadas e, novamente, entra na capela. O trajeto se repete ao menos por três vezes, sem que haja um número de voltas definidas. Quem paga a promessa usa a coroa e é tratado como um rei congadeiro. Contudo, precisa de auxílio e recebe uma proteção maior da guarda responsável no momento de sua condução. Os capitães cruzam seus bastões e/ou espadas à frente dos devotos de modo a garantir sua proteção física e espiritual. No caso da Guarda do Moçambique dos Arturos, quem paga a promessa encontra-se entre os reis às suas costas e à sua frente quatro capitães: dois mais próximos com as guias cruzadas e dois um pouco mais afastados com os bastões apenas levantados, sem se tocarem.

O cortejo com as guardas visitantes, sempre com o Congo dos Arturos à frente e o Moçambique no seu término, seguem agora para a finalização do dia na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A procissão (nome empregado nesse momento solene) carrega três andores com os principais santos de devoção da comunidade: Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, e São Benedito.

No terceiro e último dia da celebração participam apenas as guardas da comunidade. Neste dia são realizadas as visitas de coroa, quando as guardas e o trono coroado visitam todas as casas dos reis. Como estes participam do cortejo, algum parente está em seu lugar para receber. Além das visitas, o Congo e o Moçambique continuam cumprindo as obrigações com as promessas dos devotos. Durante o almoço desse

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

dia, feito apenas na Casa Paterna, há toda uma formalidade ritual de entrada e de despedida do espaço. Cantos específicos são entoados nesses momentos de refeição. Ao se sentarem à mesa principal do refeitório, reis, rainhas e capitães assumem seus lugares já definidos. À cabeceira, Maria das Mercês, a Ninita, capitã do Congo, preside o início dos agradecimentos realizados para a refeição com uma oração e um cântico repetido por todos. Próximo a ela estão alguns capitães com bastões e espadas estendidas protegendo a corte que se posiciona em seguida. Depois deles estão outros capitães segurando o bastão verticalmente apoiados à mesa. Outro capitão assume o comando e inicia o canto repetido em coro: “Essa mesa é abençoada pela virgem Santa Maria...”. Depois do alimento sagrado as guardas agradecem com cânticos dando voltas na mesa e finalmente saindo. É o capitão Joel quem puxa o último canto antes do Moçambique sair: “São Benedito é cozinheiro, São Benedito é cozinheiro, mas ele é santo verdadeiro, mas ele é santo verdadeiro”.

Após o almoço, as guardas continuam auxiliando o pagamento de promessas seguindo o mesmo percurso ritual: entram na capela cantando e louvando, contornam o cruzeiro, a área externa da capela, para novamente circularem o cruzeiro e entrarem novamente na capela. O ciclo é realizado repetidas vezes.

No final do dia as guardas caminham em procissão festiva para o descer dos mastros/bandeiras. Primeiro seguem até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Em seguida, de ônibus, dirigem-se à Casa de Cultura para descer seus mastros. De volta à comunidade, o ritual de descida se realiza naqueles espaços já descritos acima. Um dos cânticos entoados: “Eu desci a bandeira agora, eu desci a bandeira agora quando eu vi Nossa Senhora”. Depois da descida de todos os mastros, os participantes se reúnem na capela para as últimas obrigações. Ao final da festa é servido um lanche para os participantes no refeitório da Casa Paterna.

Transformações e permanências

O cortejo festivo enquanto está no percurso da rua, entre a Igreja e a Comunidade, passa hoje por um território que em nada se parece com as primeiras festividades realizadas pelos Arturos. Se antes a procissão percorria um território rural, ou pouco urbanizado, hoje o trajeto é feito por entre ruas pavimentadas circundadas por casas muradas e gradeadas, além de pequenos prédios, todos eles demonstrando um alto poder aquisitivo de seus habitantes. O contraste entre as habitações e a tradição que desfila nas ruas é flagrante, demonstrando ainda mais a importância da festividade que ali se manifesta. Nas celebrações atuais há uma maior preocupação com as vestimentas e com todo o aparato estético. Isso pode ser verificado nas fotografias das celebrações dos anos anteriores e nos relatos de membros da Comunidade. Além disso, os trajetos realizados durante a festa eram todos feitos em cortejo e não era necessário o uso do ônibus para deslocamento. Segundo relato de José Bonifácio, o Capitão Mestre da Guarda de Congo, a tendência é que a festa seja realizada, cada vez mais, dentro da Comunidade.

04 ESPAÇOS PARA A REALIZAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

Descrição do espaço da celebração

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é celebrada em quatro diferentes espaços, hierarquicamente diferenciados, mas que no seu conjunto formam o grande espaço ritual festivo. Eles podem ser distinguidos entre:

- Comunidade: o espaço interno dos Arturos é o local privilegiado da celebração, onde podemos distinguir pontos nos quais o sagrado se manifesta com mais intensidade. Como já dissemos esses locais distribuem-se na capela, nos cruzeiros e nos espaços onde são hasteadas as bandeiras.
- A Rua: território ambíguo por sua natureza de lugar de passagem, situando-se no âmbito do Público,

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

é o lugar de exposição da celebração da fé para os demais habitantes do contexto urbano por onde se desloca o cortejo.

- Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário: é o espaço cristão oficial onde a tradição liga-se à Igreja.
- Casa de Cultura: um dos locais onde se levantam mastros é considerado um espaço sagrado, pois mesmo antes da criação da comunidade a festa em devoção a Nossa Senhora do Rosário era celebrada no local por José Aristides e Arthur Camilo.

Croquis

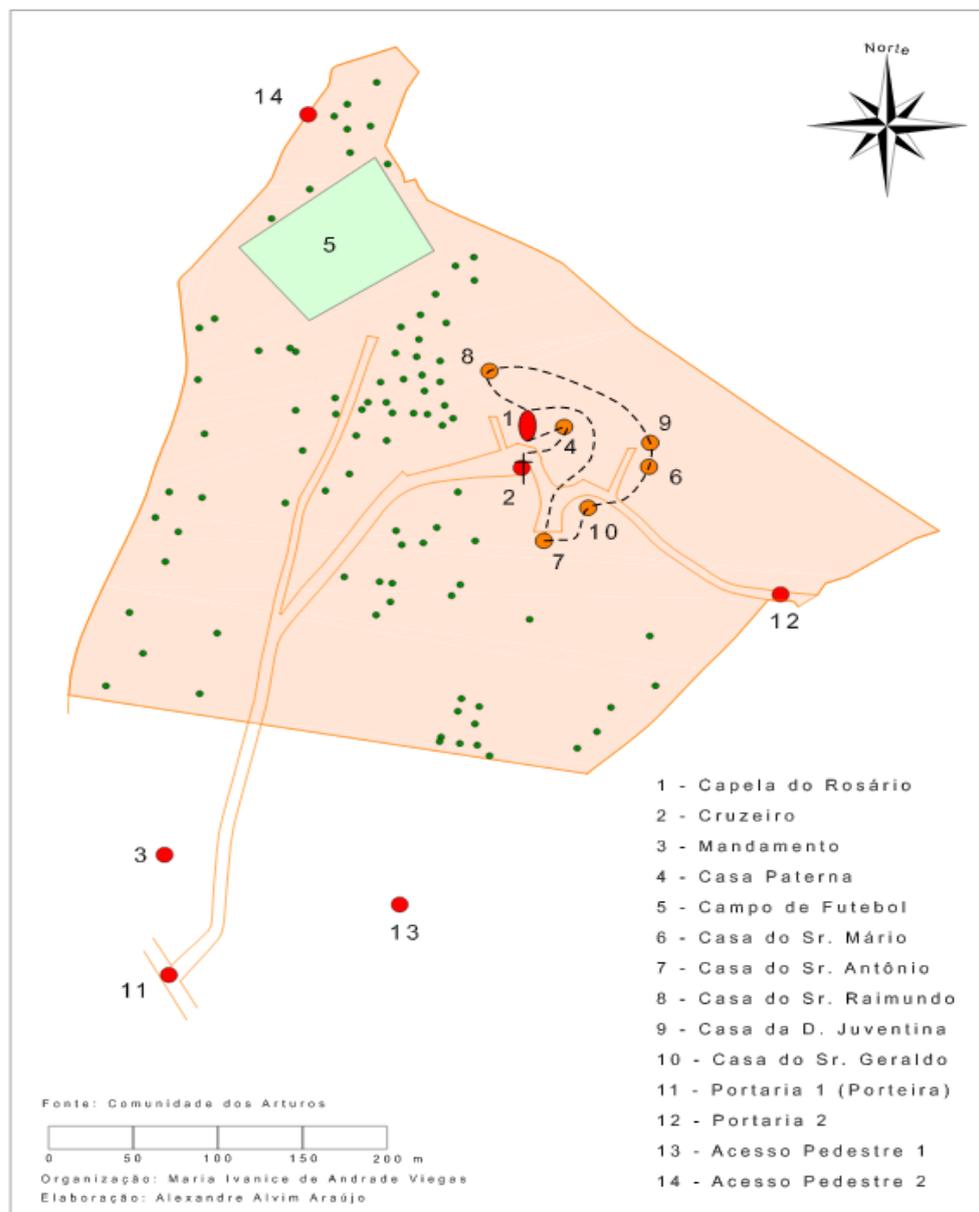


Figura 2: Percurso das Guardas dentro da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Ivanice de Andrade.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

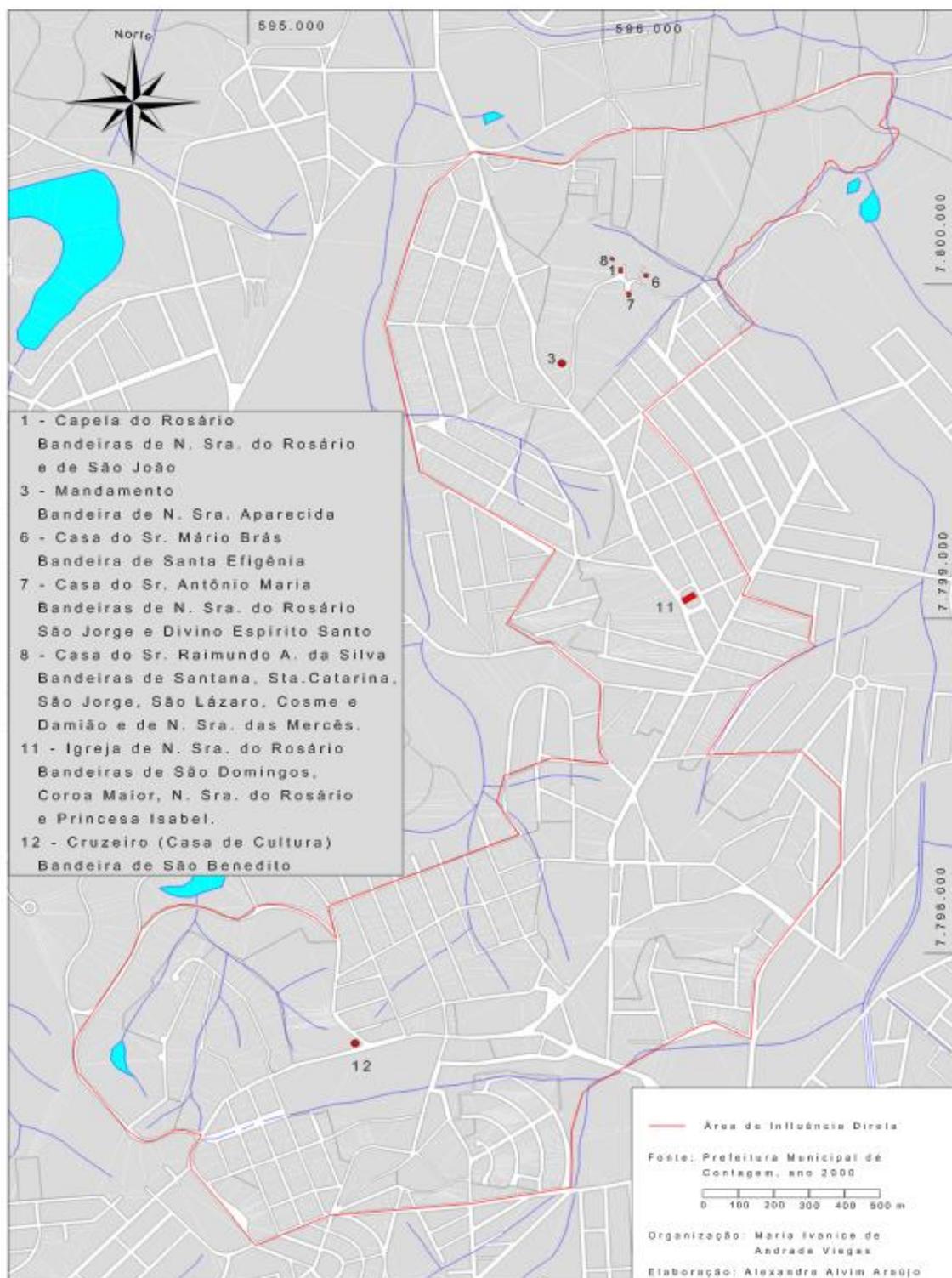


Figura 3: Locais de levantamento de Mastros e Bandeiras da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Ivanice de Andrade.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

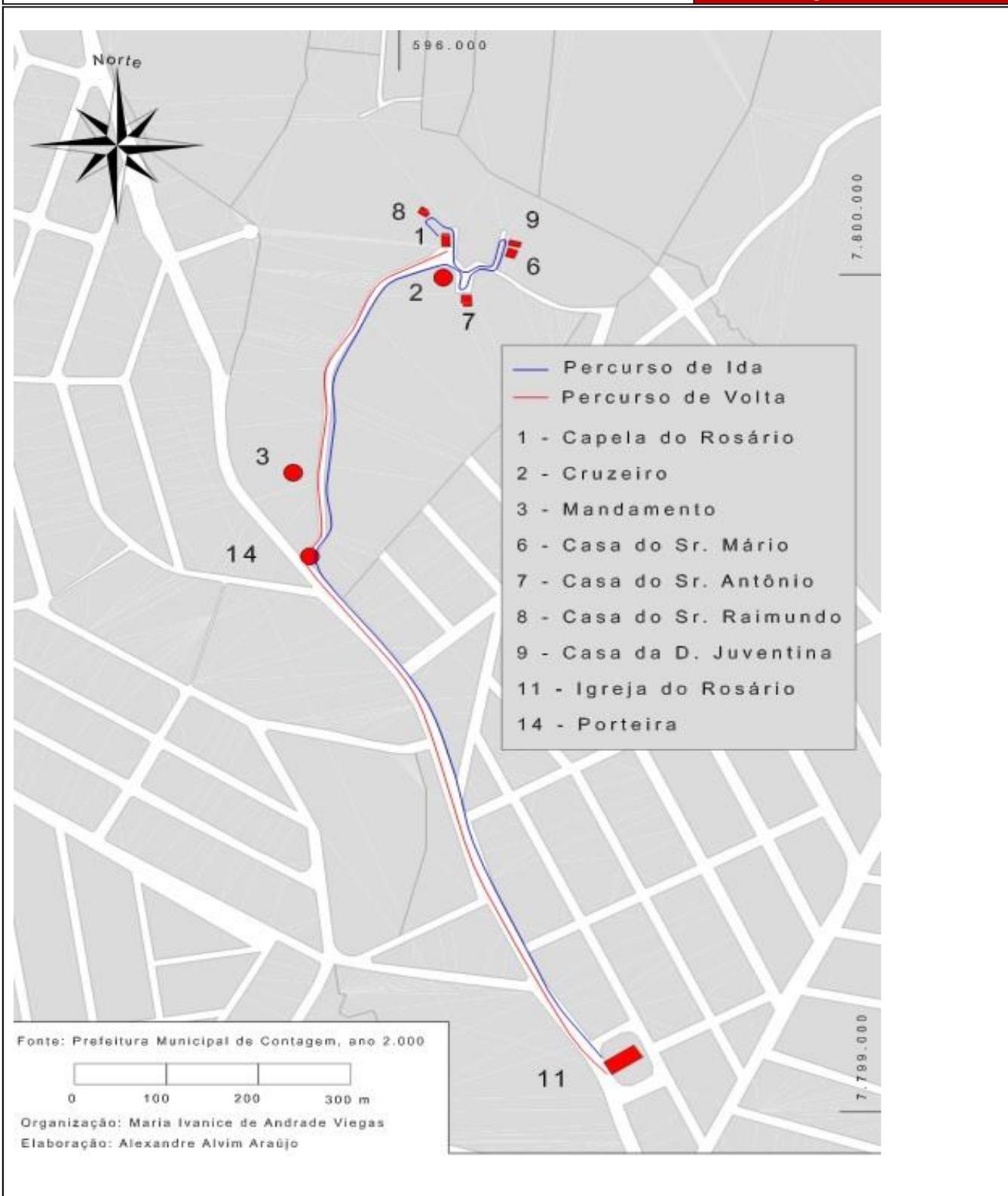


Figura 4: Percurso da Festa da Matina.

Fonte: Ivanice de Andrade.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

05 ÁREA DE ABRANGÊNCIA									
Comunidade		Município		Região		Estado	X	Nacional	X
Observação	A Festa de Nossa Senhora do Rosário, mantida pela Comunidade dos Arturos, tem ampla abrangência no Estado. Mais de uma dezena de guardas vindas de diferentes municípios participam da festa, bem como outros visitantes atraídos pela devoção a Nossa Senhora do Rosário, ou mesmo pelo simples espetáculo da festa. No ano de 2013 houve a participação de 12 guardas visitantes, com cerca de 30 pessoas em média.								
Participação turística									
Atraídas por motivos devocionais e/ou pelo caráter festivo da manifestação, várias pessoas acompanham o festejo e a Comunidade se prepara para recebê-los com a venda de bebidas e comidas. Alguns ambulantes, por meio do pagamento de uma taxa, vendem seus produtos aos membros e aos visitantes.									

06 ELEMENTOS RELACIONADOS				
Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./ IPAC
Comunidade dos Arturos	Festa Religiosa	Lugar	Comunidade Tradicional	5100
Levantamento de Mastros	Rito	Formas de Expressão	Festividade votiva	4998
Candombe	Rito	Celebrações	Festa Religiosa	4992
Reinado	Catolicismo Popular	Celebrações	-	4997
Guarda de Congo	Danças Dramáticas	Formas de Expressão	-	4994
Guarda de Moçambique	Formas de Expressão	Danças Dramáticas	-	4995
Construção de Tambores	Construção de instrumentos	Saberes	-	5002
Capela de N. Sra. do Rosário	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Igreja de N. Sra. do Rosário	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Cruzeiro da Comunidade	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Cruzeiro da Casa da Cultura	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Cruzeiro da Capela do Rosário	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Cruzeiro da Igreja do Rosário	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-

07 MODELO DE ORGANIZAÇÃO									
TIPO	Comitê		Instituição		Irmandades/ Confrarias	X	Associação		Outros
Denominação	Comunidade dos Arturos e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos								
Descrição	A Comunidade foi fundada por Arthur Camilo, sua esposa Carmelinda, junto aos seus filhos, criados nos valores do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, com todos os seus saberes, expressões e celebrações relacionadas à tradição do Rosário. Arthur já havia uma ligação com a Irmandade de Contagem mesmo antes de se estabelecer com a esposa e seus filhos na Comunidade. Pelo amplo número de participantes da Comunidade na Irmandade, as duas atualmente quase se coincidem.								
Organizadores e Financiadores									
Tipo	Descrição								
Organizadores	Membros da Comunidade Arturos e integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem.								
Financiadores	Membros da comunidade e da Irmandade com o apoio da Prefeitura de Contagem.								

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

08 COMENTÁRIOS

Comentários dos entrevistados

“Olha, desde menino, eu acompanhei a Folia de Reis. E o Reinado, a família aqui toda nasceu dentro do Reinado. Então não existe, porque o pessoal fala Congado, mas antigamente era Reinado. Agora, o pessoal, aqui, porque aí esses vindouros não sabe o quê que é. Porque aqui é Contagem, somos a cidade mais rica que existe por aqui, é Contagem. Porque ela tem um Reino, que é esse pedaço de terrinha de papai. Que isso que cês tá vendo essa comunidade aqui foi formada por Arthur Camilo Silvério um Reino, aqui dentro. Que nós nunca brincou na guarda de fora, nós nunca saiu pra outra guarda, nós sempre aqui com ele. Então, se chama Reinado. Eu acredito que é o lugar que Nossa Senhora tá presente aqui com nós toda hora, que isso aqui é Dela, não é nosso”.

Antônio Maria da Silva

Comentários do elaborador

Elementos significativos relacionados

A Festa mobiliza uma série de saberes e práticas que necessariamente se inter-relacionam no momento da celebração. O saber-fazer culinário tradicional é recuperado neste instante e compartilhado entre os participantes das festas. As guardas põem em prática toda a etiqueta ritual necessária para a adequada conexão com a esfera sagrada. Conexão esta que recupera a benção em outros termos daqueles já descritos entre o benzedor e o benzido. Há a relação necessária da festa com o saber ligado às virtudes sagradas dos mastros e bandeiras. E, finalmente, a cerimônia do candombe, necessária para a abertura da festa, é realizado, estabelecendo os vínculos necessários com os ancestrais.

Crenças Associadas

O mito de aparição de Nossa Senhora do Rosário, que aceitou ser levada pelos escravos em detrimento dos brancos, é o fundamento das manifestações ocorridas na festa. Além desse fundamento, existe uma série de crenças que alicerçam os saberes ligados às suas manifestações festivas e religiosas. Podemos citar como exemplo a celebração do Candombe que é uma parte essencial na abertura da Festa do Rosário, em que os três tambores utilizados na cerimônia, junto aos cânticos e danças, são meios de se estabelecer contato com os ancestrais.

Identities construídas em torno da atividade

Reafirmando as tradições herdadas dos pais fundadores da comunidade, lembrando o passado comum ligado à escravidão e ligando as esferas profanas e sagradas da vida, podemos considerar a realização da festa como uma forte afirmação identitária da Comunidade dos Arturos. A celebração é a face mais exposta da comunidade e por onde se torna mais conhecida midiaticamente e onde os elementos estéticos, da dança e de outras tradições estão em maior evidência.

Significados socioeconômicos

Por ser uma prática de fé, o motivo principal da realização da festa não passa por motivos pecuniários. Alguns membros da comunidade vendem comidas e bebidas durante o festejo, mas tal prática não constitui a motivação principal.

Significados Simbólicos

Durante a Festa de Nossa Senhora do Rosário, as Guardas, cada qual com seu ritmo e vestuários próprios, tocam em louvor aos santos da festa, agradecendo pela vida, lembrando o tempo de cativo, pedindo bênçãos a cada um dos reis, a cada um dos santos, a cada passo e gesto perante o divino representado e se fazendo matéria nos mastros e estandartes festivos, nos cruzeiros e nos santos presentes na capela. O participante da festa, numa exacerbação dos sentidos é plenamente envolvido em sua totalidade sensorial, proporcionando momentos de grande carga emocional, abrangendo os aspectos sagrados e profanos da existência.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Possibilidade de Continuação

As festas presenciadas pela equipe, nos anos de 2012 e 2013, mostraram uma grande vitalidade e vigor, em que crianças, jovens, adultos e idosos participaram intensamente dos festejos, sem nenhum indício de desgaste ou perda da tradição herdada, pensada como inserida no contexto histórico atual e aberta às inovações e adaptações.

Plano de ação

Alguns pontos podem ser apresentados como auxílio à manutenção da tradição, alguns deles já expresso pela própria comunidade como, por exemplo, a construção do Centro de Referência dos Arturos. Outros podem ser a ampliação à divulgação da festa com intenção de um maior respeito e consciência da tradição. Elaboração de projeto de Educação Patrimonial a ser realizado com a comunidade do entorno e escolas próximas.

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	Antônio Maria da Silva	Tipo	Capitão Regente do Congado e Mestre da Folia de Reis				
	Nascimento	28/07/1935	Sexo	M	Idade	78	Registro Sonoro Visual	X
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Filho de Arthur Camilo repassa seus conhecimentos por meio da oralidade.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

02	Nome	José Bonifácio	Tipo	Capitão Mestre da Guarda do Congo				
	Nascimento		Sexo	M	Idade	63	Registro Sonoro visual	X
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Filho de Conceição Natalícia da Silva, artura de primeira linha. Em sua composição como capitão faz o uso de sapatos e calça branca, saiote e camisa rosa ou rosa e branca, capacete ornamentado com espelhos, flores e fitas coloridas. Está sempre munido com seu mastro, apito e rosários em volta do tronco.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA



Figura 5: Guarda do Congo.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Uma das guardas visitantes, Terno de Vilão.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 7: Guarda visitante de Moçambique, Salve Maria.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 8: Capitães do Moçambique aguardando a passagem do cortejo.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 9: Guardas de Congo e Moçambique em frente à casa do Capitão Regente da Comunidade Sr. Antônio.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 10: Guarda do Congo no interior da Capela da Comunidade.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 11: Guardas em frente à Casa Paterna.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 12: Reis e Rainhas caminhando para Casa Paterna.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 13: Guarda visitante saudando o Capitão Regente, Antônio.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 14: Saudação ao Capitão Regente da Guarda do Congo, Seu Antônio.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 15: Nova geração de congadeiros da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 16: Cerimônia de descida dos mastros do Cruzeiro da Casa de Cultura.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 17: Andor com São Benedito precedido pelos Reis e Rainhas, na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 18: Andores levados em cortejo para a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC4988_Carturos_Frosario_Lfreitas_6out13 (92) Figura 2: IPAC4989_CArturos_FestAbol_CDellamore_13mai12 (267) Figura 3: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_6out13 (42) Figura 4: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_6out13 (51) Figura 5: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_6out13 (60)
-------------	---

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		CELEBRAÇÕES e RITOS
	Figura 6: IPAC4988_CArturos_FRosa_AJunior_14_10_12 (50) Figura 7: IPAC4988_CArturos_FRosa_CDellamore_14out12 (24) Figura 8: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_6out13 (181) Figura 9: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_6out13 (170) Figura 10: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_6out13 (141) Figura 11: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_6out13 (133) Figura 12: IPAC4988_CArturos_FRosa_CDellamore_14_10_12 (19) Figura 13: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_7out13 (1) Figura 14: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_6out13 (202) Figura 15: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_6out13 (13)	
Vídeos	DOC ARTUROS IEPHA_saida_final	
Áudio	Não se aplica.	

12	REFERÊNCIAS
	LUCAS, Glaura. Música e tempo nos rituais do congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. Rio de Janeiro, 2005. V, 333 fls.:Tese (Doutorado) – Universidade do Rio de Janeiro. Pós-Graduação em música.
	GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negras raízes Mineiras - Os Arturos. Belo Horizonte: Mazza, 2000.
	MELLO e SOUZA, Marina de. <i>Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo</i> . Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

13	FICHA TÉCNICA
Fotos	Carolina Dellamore, Leonardo Freitas. 06/10/2013
Vídeos	IEPHA/MG, Rede Minas. 06/10/2013
Áudio	IEPHA/MG.
Transcrição	Leonardo Freitas.
Levantamento	Ailton Batista, Casa da Cultura de Contagem, Fabiele Costa, Luis Mundim. 14/01/2013
Elaboração	Leonardo Freitas.
Revisão	Bruna Luisa, Carolina Dellamore, Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim. 28/11/2013 31/03/2014 23/05/2014
	Observações

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	FESTA DA ABOLIÇÃO			IPAC/MG	4988
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Capatazes, Baianas e Escravos.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

Categoria	Ritos				
Tipologia da Atividade	Festa Cívico-Religiosa				
DENOMINAÇÃO	Festa da Abolição				
Outras denominações	13 de Maio	Nível de integração			
		Comunidade	Oficial	Intercomunitária	X
PERIODICIDADE					
Início	2ª sexta-feira do mês de maio.				
Fim	2ª domingo do mês de maio.				
Calendário Litúrgico	Ciclo da Páscoa.				
Invocação	Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia.				
Observação das Datas	A Festa da Abolição é realizada todo 2º domingo do mês de maio, o mesmo dia em que se comemora o dia das Mães. A data tem proximidade com o dia da abolição da escravidão no Brasil.				
DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE					
A Festa da Abolição acontece uma vez por ano, dentro do período do Reinado. Inicia-se na sexta-feira					

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

com o Candombe, no sábado são realizados os levantamentos de mastro e termina no domingo a noite.

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

Estudos apontam que já em maio de 1888, a assinatura da lei que abolia a escravidão no Brasil, foi bastante festejada nas cidades brasileiras. Segundo Wlamyra R. de Albuquerque e Walter Fraga Filho (2006) no Rio de Janeiro uma multidão se concentrou diante do Paço Imperial para festejar a abolição, em seguida houve desfile de entidades abolicionistas e populares pelas ruas da cidade. Há inclusive fotografias dessas festividades analisadas pela pesquisadora Renata Figueiredo Moraes (2011) que assinala que essas festas foram organizadas principalmente pela imprensa do Rio de Janeiro, mas contou com a participação de outros segmentos da sociedade como trabalhadores, grupos de moradores e associações. Ainda segundo Wlamyra R. de Albuquerque e Walter Fraga Filho (2006, p.194), também em Salvador, desde o dia 13 de maio, entidades abolicionistas, estudantes, populares e ex-escravos ocuparam as ruas e desfilaram pelo centro da cidade ao som de filarmônicas. Queimaram-se fogos de artifício e as fachadas das casas e repartições públicas ficaram iluminadas durante várias noites. Na vila de São Francisco do Conde, Recôncavo baiano, os libertos dos engenhos sambaram durante noites seguidas. Acontecimentos como estes se repetiram em várias cidades e pelo interior do país. Nesse sentido, é provável que tenha se constituído uma memória acerca dessas comemorações.

Em Contagem, em matéria do jornal local chamado Jornal dos Bairros, de maio de 1977, tem-se o seguinte relato: “Todo ano o dia da libertação dos escravos é festejado em Contagem com a saída das guardas do Congado” (p.5). Em outras cidades de Minas Gerais, como Uberaba, as Guardas e ternos do congado também festejam em maio a libertação dos escravos.

A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem da Comunidade dos Arturos, de acordo com o capitão regente Antônio Maria da Silva sempre realizou uma festa em maio, conhecida como “Reinadinho” ou “Festa Pequena”, pois dura menos dias, sábado e domingo, do que a chamada “Festa Grande”, realizada em outubro, em devoção a Nossa Senhora do Rosário. Esta festa era realizada no próprio dia 13 de maio, somente na Comunidade, mas assumiu outras proporções a partir de 1974, sendo introduzidos alguns elementos que passaram a caracterizar essa festa como “Festa da Abolição”. Os Arturos passaram a encenar a assinatura da Lei Áurea, e alguns membros da Comunidade saíam vestidos de escravos. Nessa época, a festa passou a acontecer no segundo sábado e domingo do mês de maio, possibilitando a presença de um grande público externo. Além disso, começou a contar com o patrocínio da Prefeitura de Contagem.

03 DESCRIÇÃO

Preparativos

Essa descrição é baseada na Festa realizada em maio de 2013. No último sábado de fevereiro é realizada a primeira reunião da Irmandade para organização da Festa da Libertação, em que são definidos alguns pontos como a data da festa, programação, estrutura a ser empregada, etc. A partir daí, é feita uma reunião com o responsável pela Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, Paróquia nas imediações da Comunidade, para confirmação da programação, datas e horários. São enviados os convites para as guardas de congado de outras cidades do Estado de Minas Gerais que irão participar da festividade, em torno de 20 (vinte) guardas são convidadas. O Capitão e diretor de eventos da Irmandade Jorge Antônio dos Santos fica responsável por encaminhar ofícios para alguns órgãos como a TransCon (Autarquia Municipal de Trânsito e Transportes de Contagem), solicitando o fechamento de ruas onde haverá cortejo, para a Guarda Municipal e Polícia Militar, para garantir a segurança das guardas. Também são convidadas autoridades do poder público municipal como Prefeitura e Câmara de Contagem, da Secretaria de Estado da Cultura e do Ministério da Cultura. É enviado ofício para a empresa de ônibus São Gonçalo, solicitando apoio no transporte das guardas de Congo e Moçambique da Comunidade. Faltando duas semanas para a festa é feita uma última reunião geral com representantes da cozinha, dos escravos, da equipe de apoio para passar as últimas orientações.

Durante a semana que antecede a festa começa o trabalho das cozinheiras, o forno feito com barro de cupinzeiro é aceso e tem início a preparação dos biscoitos típicos da comunidade que será servido no café

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

da manhã depois da matina, algumas mulheres da Comunidade são responsáveis por essa tarefa, e a coordenação da cozinha depois da morte de Dona Induca, filha de Arthur Camilo passou para Miria. Esse é um importante momento de aprendizado, onde elas conversam, lembram as histórias dos mais velhos e trocam experiências.

Começa também a confecção de bandeirinhas coloridas para enfeitar a comunidade, esse momento conta com a ajuda de muitas crianças. As rainhas se reúnem na capela com as mais jovens para refazerem a ornamentação das bandeiras que serão levantadas nos mastros e para limpar e arrumar o altar, tudo coordenado por Dona Conceição Natalícia, filha de Arthur Camilo e rainha mais velha. Todas as imagens, coroas, bastões e espadas são retirados do altar, limpos e recolocados.

Alguns homens também se reúnem com uma tarefa importante, coordenados por Jorge Antônio dos Santos e Dunga constroem tambores e reformam os que precisam ser reparados. Os mais jovens participam dessa atividade e aprendem o saber. O grupo de teatro Arturos Filhos de Zambi, formado por jovens da Comunidade encena uma esquete sobre a Abolição na festa, chamada “Abolição: um novo olhar”. Os componentes que fazem o papel de escravos ensaiam alguns dias antes da celebração, e se responsabilizam por suas roupas e adereços.

No sábado, o trabalho na cozinha se intensifica, pois é iniciada a preparação da comida que será servida no domingo para as guardas visitantes e demais participantes da festa, nesse momento alguns homens são chamados a contribuir, eles ajudam nas tarefas mais pesadas. Durante todo o dia há uma grande movimentação e em sistema de mutirão, limpam e enfeitam com fitas e bandeirinhas coloridas os espaços da Comunidade. Ao anoitecer, aos poucos os Arturos vão se concentrando em frente à Capela, ao som do apito do capitão do Congo, José Bonifácio da Luz, todos entram, e é iniciada a festa.

Desenvolvimento

A abertura da festa acontece na sexta-feira, por volta das 19 horas com a realização do Candombe, momento em que a ancestralidade é invocada pelo toque do tambor e pelo canto e em que os mais velhos transmitem seus conhecimentos aos mais jovens. O candombe conta quase que exclusivamente com a presença dos Arturos, poucas pessoas de fora participam.

Na noite de sábado, as guardas de Congo e Moçambique se concentram em frente à Capela de Nossa do Rosário dentro da Comunidade, de lá seguem em cortejo até a Igreja do Rosário para participarem de uma celebração eucarística. Depois da missa, ao som de foguetes, dá-se início ao levantamento dos mastros com as bandeiras. São levantadas as bandeiras de Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, Nossa Senhora das Mercês, São Jorge, Santana, Santa Catarina, Divino Espírito Santo, São Lázaro, Cosme e Damião nas casas onde moram Rainhas, Reis e alguns capitães dentro da Comunidade, a de São Benedito ao lado do cruzeiro da Casa da Cultura e as de Nossa Senhora do Rosário e da Princesa Isabel no adro da Igreja de Nossa Senhora do Rosário.

Na madrugada do domingo, por volta das 4 horas da manhã, um grupo de homens soltam foguetes, e começa a concentração para a Matina ou a Dança que chama o sol, despertando a Comunidade para os festejos que acontecerão durante todo o dia. Todos estão vestidos com roupas comuns. A matina se organiza como um cortejo, com caminhadas e pontos de parada. A guarda é formada na Capela, de lá passa pelo Cruzeiro e segue até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, o sino é tocado e tem início a reza do terço. Ao final do terço o cortejo faz orações no pé do Cruzeiro da Igreja e retornam à Comunidade, lá param na casa do patriarca da Comunidade Mário Braz da Luz e na casa do capitão Antônio Maria da Silva que pede proteção cantando:

Oh Maria, oh mãe querida
Oh Maria, oh mãe querida
Vou pedir, vou pedir oh mãe querida
Toma conta dos filhos dela.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Se houver tempo hábil, fazem as visitas de Coroa nas casas de Juventina de Paulo e Geraldo Arthur, filhos falecidos de Arthur Camilo. Além disso, visitam os pontos onde os mastros foram levantados no dia anterior. Retornam à Capela e encerra-se a matina. Todos seguem para o café com os quitutes típicos. Os que participaram da matina saem para trocar de roupa e vestem a indumentária da guarda. Outros Arturos começam a chegar já devidamente trajados, alguns de escravos, e outros com as roupas da guarda. A Comunidade aos poucos fica colorida de rosa e azul. Por volta de 9 horas, a Guarda de Moçambique entra na Capela e dá início à festividade, cantam, saem da Capela em cortejo, passam pelo cruzeiro e vão até a Casa Paterna saudar a rainha. Enquanto isso, a Guarda de Congo realiza o mesmo movimento. Os escravos se reúnem em frente à casa do capitão Sr. Antônio Maria da Silva para o último ensaio.

As guardas de Moçambique e do Congo saem em cortejo até a porteira da Comunidade, de lá seguem em direção à Igreja do Rosário, onde o Moçambique se encontrará com as guardas visitantes. Ao chegarem, as guardas visitantes tomam café na Escola Estadual Maria Coutinho, ao lado da Igreja do Rosário, usada como suporte para a festa. O Congo continuará em cortejo até a Av. José Luiz da Cunha para esperar os escravos. Ao mesmo tempo, os escravos fazem uma saudação no cruzeiro recém-instalado na entrada da Comunidade, onde também foi levantado o mastro de Nossa Senhora Aparecida pela primeira vez, depois disso seguem de ônibus para o cruzeiro da Casa da Cultura, onde cantam, dançam e brincam com o boi.

Os escravos retornam de ônibus até a Av. José Luiz da Cunha para se encontrarem com a Guarda do Congo e com os cavaleiros, e seguirem juntos até o adro da Igreja do Rosário onde acontecerá a encenação da libertação dos escravos. Ao chegarem ao adro da Igreja, o mestre de cerimônias chama ao palco as autoridades convidadas, Sr. Mário Braz da Luz, patriarca da Comunidade, demais reis e rainhas da Irmandade e a pessoa que vem representando a Princesa Isabel, além do Prefeito, representante da Câmara Municipal, representante da cultura e outros secretários que estiverem presentes.

Formada a mesa, abre-se a fala para quem quiser proferir algumas palavras. Tem-se início a encenação da libertação dos escravos. Com duração aproximada de 20 minutos, a esquete termina com os escravos soltando suas correntes e comemorando a libertação. Todos seguem para a porta principal da Igreja, onde Sr. Mário Braz da Luz canta o chamado “lamento africano” para que o padre abra a Igreja para os negros entrarem para assistir a missa. Outros capitães mais jovens ficam próximo ao Seu Mário e cantam:

Senhor padre abre a porta
Hoje o nêgo quer entrar
Quer ouvir a santa missa
Que o padre eterno vai celebrar

As portas da igreja se abrem e todos entram. Primeiro os escravos libertos, seguidos dos reis e rainhas, das Guardas e do povo.

A Missa Conga conforme observa Núbia Gomes e Edmilson Pereira (2002) tem a mesma estrutura do rito católico, a diferença básica está nas músicas cantadas pelas guardas e no toque do tambor. Os cantos são entoados alternadamente pelas duas guardas. Nessa cerimônia, a realeza negra ocupa a parte da frente da igreja e no momento do ofertório depositam os objetos sagrados do Reinado no altar como as coroas, bastões e espadas. Ao final da missa, os reis e rainhas são recoroados. Todos seguem em cortejo de volta à Comunidade, as guardas se dirigem primeiro à Capela, de onde saem para “saravar” às rainhas e donas da casa. Pelo portão lateral da Casa paterna, as guardas visitantes se revezam para almoçar e devido à quantidade de pessoas o almoço foi dividido entre a Casa Paterna e a casa de Dona Maria Auxiliadora, Rainha 13 de maio. Ao sair, as guardas agradecem o almoço recebido.

A partir das quatorze horas inicia-se o cumprimento das promessas, efetuados com a ajuda dos Arturos. Para isso, a pessoa que fez a promessa recebe a capa e a coroa para cumpri-la. Enquanto isso, as Guardas entoam cantos e seguem o penitente em sua caminhada em volta da Capela. Por volta das dezessete horas e trinta minutos, todos se juntam, o Congado dos Arturos, as guardas visitantes e demais participantes para seguir em procissão com o andor de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia até a

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Igreja do Rosário para a missa de encerramento. De lá as guardas visitantes se despedem e os Arturos voltam pra casa. É o momento dos capitães entregarem seus bastões aos Reis e Rainhas. As guardas depositam seus instrumentos ao pé do altar, primeiro o Congo, depois o Moçambique, entoando cantos de despedida:

Ô se Deus quiser
Se Deus quiser
Até para o ano, se Deus quiser
Oi, adeus Sá Rainha
Adeus Senhor Rei
Até para o ano, se Deus quiser
Ô senhor capitão, se Deus quiser
Até para o ano, se Deus quiser

É interessante observar que o canto da Festa da Abolição é mais triste, diferentemente do entoado na Festa do Rosário.

Transformações e permanências

Essa festa, como toda celebração, é dinâmica e, portando, sofreu diversas mudanças ao longo do tempo. De “Reinadinho” realizado somente dentro da Comunidade tornou-se Festa da Abolição, ganhando maiores proporções. Segundo relatos de José Bonifácio da Luz, antes todo o trajeto da festa era feito a pé, todavia o crescimento da cidade e o trânsito nessa região foram dificultando esse deslocamento. Dessa forma, parte do trajeto passou a ser feito de ônibus cedido por uma empresa de transporte local. Outra mudança também observada é no local de realização da cerimônia oficial da leitura da lei Áurea e da representação da libertação dos escravos. Em matéria do Jornal dos Bairros, de maio de 1977, é relatado o encontro da Guarda de Domingos Pereira (Zarturos) e da Guarda do Bernardo Monteiro em frente à Prefeitura para cumprimentar o prefeito. Esse momento passou para o Espaço Popular.

O encontro da Guarda de Congo com os escravos e cavaleiros era feito na Av. Bernardo Monteiro, no centro de Contagem e das Guardas de Moçambique com as guardas visitantes era realizado no Espaço Popular, dali todos seguiam em cortejo para a Igreja Matriz de São Gonçalo, onde era realizada a Missa Conga.

O principal motivo para que esse momento da festa acontecesse na Igreja São Gonçalo ocorreu em função da demolição da Igreja do Rosário em 1973, o que fez com que por muito tempo a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem ficasse sem a sua Igreja de referência. Levou anos até que uma nova Igreja do Rosário fosse construída. Segundo relatos dos mais velhos da Comunidade, o Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Serafim doou um terreno no bairro Alvorada para a construção da nova Igreja pela Irmandade do Rosário. Nos finais de semana, em mutirão, os Arturos levantaram primeiramente um pequeno Centro Comunitário. Somente anos depois a nova Igreja foi concluída. Com a transformação da Igreja do Rosário em matriz, em 2008, a festividade foi transferida definitivamente pra lá.

Ao longo dos anos foi sendo incorporada aos festejos, a figura do boi. Outra mudança observada foi a forma de abordagem da Abolição da Escravatura. Se antes era feita uma leitura da Lei Áurea e a Princesa Isabel era saudada como a grande heroína, a partir de 2009, os jovens dos Arturos – o grupo de teatro Filhos de Zambi, coordenados pelo capitão Jorge Antônio dos Santos – passaram a representar esse momento de maneira mais crítica, valorizando a luta dos negros pela liberdade. Essa modificação sofreu resistência dos mais velhos, mas aos poucos vem sendo incorporada à cerimônia.

04 ESPAÇOS PARA A REALIZAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

Descrição do espaço da celebração

Uma parte da festividade acontece dentro da Comunidade dos Arturos, tendo como foco principal a Capela do Rosário, onde começa e termina o Congado. Dentro da Comunidade também há outros pontos

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

importantes como o cruzeiro próximo à capela e o cruzeiro recém-instalado na entrada da Comunidade, além da Casa Paterna e as casas de reis e rainhas. Externamente os Arturos fazem um trajeto em cortejo pelas ruas do bairro Alvorada, nas imediações da Comunidade até a Igreja do Rosário.

No adro da Igreja acontece a cerimônia oficial da festa e a encenação sobre a Abolição da Escravatura com os escravos se libertando das correntes. No interior da igreja, no sábado, são rezados os terços e é realizada a celebração eucarística, no domingo, a Missa Conga, bem como a celebração de despedida.

No cruzeiro da Casa da Cultura é realizado um momento de concentração dos escravos e de encontro com os cavaleiros. O trajeto no domingo (Comunidade – Igreja do Rosário/Igreja do Rosário – Comunidade) é realizado a pé, em cortejo, por três vezes. Na matina, por volta das 4h30 da manhã, no horário de 9 horas e retorno às 12 horas e no fim do dia com a procissão às 17 horas e retorno às 19 horas. O detalhamento do que acontece em cada espaço foi descrito no item desenvolvimento.

Croquis

-

05 ÁREA DE ABRANGÊNCIA

Comunidade	X	Município	X	Região	X	Estado	X	Nacional	
Observação	A Festa da Abolição é realizada no município de Contagem, mas conta com a presença de guardas e ternos de congado de várias cidades de Minas Gerais, além de atrair um grande público também de outras partes do estado.								

Participação turística

A festa recebe muitas pessoas do entorno da Comunidade, de outras regiões de Contagem, e de várias cidades e Estados, contudo, tem potencial para receber mais turistas. No entanto, para isso, é preciso que a Comunidade e a cidade de Contagem se estruturarem melhor.

06 ELEMENTOS RELACIONADOS

Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC
Comunidade dos Arturos	Comunidade Tradicional	Lugares	-	5100
Guarda de Congo	Dança dramática	Formas de expressão	-	4994
Guarda de Moçambique	Dança dramática	Formas de expressão	-	4995
Reinado	Catolicismo Popular	Celebrações	-	4993
Construção dos tambores	Construção de instrumentos	Saberes	-	5002
Culinária dos Arturos	Culinária	Modos de fazer	-	4999
Levantamento de mastros	Festividade Votiva	Celebrações	-	4998
Capela do Rosário	Bem imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Cruzeiro da Comunidade	Bem imóvel	Bem Imóvel	Marco Religioso	-
Casa Paterna	Bem imóvel	EUA	Arquitetura Civil	-
Igreja do Rosário	Bem imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Cruzeiro da Casa da Cultura	Bem imóvel	EUA	Marco Religioso	-

07 MODELO DE ORGANIZAÇÃO

TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	X	Associação	Outros	X
Denominação	Comunidade dos Arturos e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos						
Descrição	A Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem atua em conjunto com os						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

	integrantes da guarda de congo e os demais integrantes da comunidade. Os irmãos do Rosário se reúnem para decidir sobre a programação das festividades e deliberam sobre outras questões relacionadas à comunidade. A Irmandade representa juridicamente os membros da comunidade.
Organizadores e Financiadores	
Tipo	Descrição
Organizadores	Membros da Comunidade Arturos e integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem.
Financiadores	Convênio com a Prefeitura de Contagem, doações dos integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, e membros da comunidade. Alguns recursos também são angariados meio de apresentações artísticas e comercialização de camisas com motivos relacionados à comunidade e aos festejos.

08	COMENTÁRIOS
	Comentários dos entrevistados
	Em conversas informais com representantes da Comunidade, nos foi relatada a preocupação com o trajeto da festa. Segundo os informantes, a Festa está ficando cada vez mais próxima da Comunidade e há um receio de que passe a acontecer somente no terreno dos Arturos. Essa análise é feita a partir das dificuldades encontradas na organização da festividade, que vai desde o fechamento de ruas com o apoio da Transcon e da Guarda Municipal para garantir a segurança. Há problemas com a população do entorno e interferências do pároco responsável pela Igreja do Rosário. Antes a Festa acontecia no centro de Contagem e nos últimos anos tem recuado cada vez mais para as proximidades da Comunidade.
	Comentários do elaborador
	Elementos significativos relacionados
	O canto, o toque dos tambores, a expressão corporal, ou seja, a performance dos Arturos durante a festividade. A invocação de uma memória e de um saber ancestral e o sincretismo religioso.
	Crenças Associadas
	Apesar de haver uma diversidade religiosa vivenciada pelos Arturos, na festa isso desaparece, prevalecendo o catolicismo afro-brasileiro herdado pela tradição. A força da ancestralidade é então reafirmada pelos cantos, pelo toque do tambor e pela postura corporal.
	Identities construídas em torno da atividade
	A celebração contribui para reforçar elementos que compõem a identidade dos Arturos, reavivando os laços familiares, demonstrando a força da tradição e a noção circular do tempo. É também um momento de reviver e compartilhar memórias e saberes. A Festa da Abolição representa obviamente a luta dos negros contra a escravidão e preconceito, é um momento de afirmação da identidade negra e de mobilização da comunidade.
	Significados socioeconômicos
	Algumas famílias da Comunidade organizam barraquinhas e vendem comidas e bebidas aos participantes da festa, sendo uma fonte de renda extra. Pessoas de fora da Comunidade também utilizam o espaço para comercializar alguns produtos, nesse caso, pede-se uma pequena contribuição para a Irmandade.
	Significados Simbólicos
	A Festa da Abolição faz ligação com o tempo de cativo e com a libertação dos escravos. É o momento de rememorar o sofrimento e a luta de seus antepassados, além de possibilitar uma atualização dessa luta, revigorando o sentimento de força que é levado pelos Arturos para a vida cotidiana.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Possibilidade de Continuação

Os membros da comunidade dos Arturos e os Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem provavelmente continuarão a realizar essa festa que já faz parte de sua identidade cultural. Entretanto, a realização depende de apoio financeiro, principalmente da Prefeitura de Contagem.

Plano de ação

Construção do Centro de Referência dos Arturos. Ampliar a divulgação da Festa. Elaboração de projeto de Educação Patrimonial a ser realizado com a comunidade do entorno e escolas próximas.

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	Antônio Maria da Silva			Tipo	Capitão do Regente da Comunidade		
	Nascimento	28/07/1935	Sexo	M	Idade	78	Registro Sonoro Visual	Não
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Filho de Arthur Camilo repassa seus conhecimentos por meio da oralidade.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

02	Nome	José Bonifácio da Luz			Tipo	Capitão do Congo		
	Nascimento		Sexo	M	Idade	63	Registro Sonoro visual	Não
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Filho de Conceição Natalícia, artura de primeira linha. Em sua composição como capitão faz o uso de sapatos e calça branca, saiote e camisa rosa ou rosa e branca, capacete ornamentado com espelhos, flores e fitas coloridas. Está sempre munido com seu mastro, apito e rosários em volta do tronco.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

03	Nome	Jorge Antônio dos Santos			Tipo	Capitão do Moçambique		
	Nascimento	-	Sexo	M	Idade	-	Registro Sonoro visual	Não
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Capitão da Guarda de Moçambique, coordenador do Grupo Filhos de Zambi e mestre de confecção dos tambores.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA



Figura 2: Cavaleiros visitantes.
 Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 3: Escravos seguindo cortejo.
 Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 4: Guarda de Moçambique dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 5: Cortejo dos escravos até o cruzeiro na comunidade.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Cortejo das escravas até o cruzeiro na comunidade, Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Cortejo dos Escravos pelas ruas.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 8: Saudação dos escravos ao cruzeiro da comunidade, Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 9: Festejo dos escravos no cruzeiro da Casa da Cultura, Casa da Cultura Nair Mendes Moreira.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 10: Representação da escravidão.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 11: Ato em frente ao Cruzeiro da Casa da Cultura.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 12: Seu Antônio como capitão da Guarda de Moçambique.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 13: Tambores e pandeiros utilizados durante as festividades.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 14: Escravo tocando tambor.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 15: Baiana carregando alimentos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC4989_CARTuros_FAbol_RMarques_13mai11 (41) Figura 2: IPAC4989_CARTuros_FAbol_CGuimarães_13mai12 (122) Figura 3: IPAC4989_CARTuros_FAbol_CDellamore_13mai12 (77) Figura 4: IPAC4989_CARTuros_FAbol_CGuimarães_13mai12 (160) Figura 5: IPAC4989_CARTuros_FAbol_CDellamore_13mai13(5) Figura 6: IPAC4989_CARTuros_FAbol_CDellamore_13mai13(14) Figura 7: IPAC4989_CARTuros_FAbol_AFernandes_12mai13 (267) Figura 8: IPAC4989_CARTuros_FAbol_CDellamore_13mai13(25) Figura 9: IPAC4989_CARTuros_FAbol_CDellamore_13mai13(121) Figura 10: IPAC4989_CARTuros_FAbol_CDellamore_13mai13(44) Figura 11: IPAC4989_CARTuros_FAbol_CDellamore_13mai13(128) Figura 12: IPAC4989_CARTuros_FAbol_AFernandes_12mai13 (367) Figura 13: IPAC4989_CARTuros_FAbol_ARita_13mai12 (74) Figura 14: IPAC989_CARTuros_FAbol_AGodoy_13mai12 (5) Figura 15: IPAC4989_CARTuros_FAbol_RMarques_13mai11 (125)
Vídeos	Não possui
Áudio	Não possui
Transcrição	Não se aplica

12 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. De; FRAGA FILHO, Walter. **Uma história do negro no Brasil**. Salvador: Centro de

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. p. 194.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes Mineiras - Os Arturos**. Belo Horizonte: Mazza, 2000.

MORAES, Renata Figueiredo. Os registros iconográficos das festas da Abolição. In: ABREU, Martha, PEREIRA, Matheus Serva. (Org.). **Caminhos da Liberdade: Histórias da Abolição e do Pós-abolição no Brasil**. Niterói: PPGHistória-UFF, 2011. p. 431-449.

13 FICHA TÉCNICA

Fotos	Carolina Dellamore.	13/05/2012
Vídeos	Não se aplica.	
Áudio	Não se aplica.	
Transcrição	Não se aplica.	
Levantamento	Carolina Dellamore, Jorge Antônio dos Santos.	11, 12 e 13/05/2012 10, 11 e 12/05/2013
Elaboração	Carolina Dellamore.	
Revisão	Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo.	31/03/2014 23/05/2014
Observações		

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	FESTA DO JOÃO DO MATO – COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	4990
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23 K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: João do Mato da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

Categoria	Festa popular				
Tipologia da Atividade	Rito Agrário				
DENOMINAÇÃO	Festa do João do Mato				
Outras denominações	Festa da Capina	Nível de integração			
	Comunidade	Oficial	Intercomunitária	X	
PERIODICIDADE					
Início e Fim	Final do ano, meses de novembro e dezembro.				
Calendário Litúrgico	Não está vinculado ao calendário litúrgico, embora ocorra no período do Advento.				
Invocação	Não possui invocação de santos.				
Observação das Datas	O rito deve acontecer antes do natal, geralmente ocorre na segunda semana de dezembro. O mais importante, e que se deve prezar, é que aconteça antes do dia 24 de dezembro.				

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE

A festa acontece sempre no mês de dezembro antes do natal.

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

A origem da Festa da Capina ou Festa do João do Mato está relacionada aos mecanismos de solidariedade rural, que tem sua base no mutualismo laboral. A tradição de auxílio comunal nas atividades de roçado, de capina, limpeza de córregos, entre outras, eram características comuns do chamado Brasil rural que paulatinamente vem se modificando ao longo dos anos. A Festa do João do Mato se insere nesse âmbito sociocultural e, como toda dinâmica cultural, passa por um processo de modificação de sua estrutura.

O Centro Nacional de Folclore e Cultura – CNFC define a festa de João do Mato como o:

Rito agrário que consiste na expulsão do João-do-mato, que é símbolo antropomórfico da vegetação que nasce sem ser semeada e deve ser destruída. Nesse rito os capinadores vão realizando seu trabalho em mutirão, entoando as cantigas alegres ou os lamentos da vida diária - numa lembrança dos tempos de cativeiro. O João-do-mato aparece quando a capina vai chegando ao final. Com as enxadas levantadas, os capinadores entoam a cantiga de expulsão: o João-do-mato passa entre as enxadas e sai das terras capinadas em busca de área em que o labor do homem não interferiu na Natureza. O rito configura positivamente o valor da enxada/trabalho sobre o mal/preguiça, mantendo o ciclo da vida como um rito de constante renovação. (Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira)

Variantes do rito podem ser encontradas em outros lugares e se caracterizam pela construção de bonecos de palha que são colocados no local onde realizarão a capina e ao final da noite são queimados pela comunidade em uma festa onde as pessoas cantam e dançam. Tal boneco é chamado “João do Mato, uma espécie de Judas da lavoura, como diziam. O João do Mato era o sinal de que o sítio ou fazenda estava precisando de uma limpeza, e a queima era o sinal que o serviço foi feito.” (RÉDUA: 2007).

Assim o mito do João do Mato é recorrente entre as comunidades rurais brasileiras. Na Comunidade dos Arturos todos atribuem à tradição a “época do cativeiro”, remetendo ao tempo em que seus ancestrais eram escravos. Dona Tetane, Seu Mário e Seu Antônio, filhos do patriarca da comunidade, afirmam que seu pai, Arthur, aprendeu o rito ainda moço na fazenda do Macuco (hoje Esmeraldas). Naquele tempo, os familiares praticavam o ritual nos mutirões de capina. Notícia do Jornal o Estado de Minas, 24 de novembro de 1976, dava conta que os Arturos faziam a Festa do João do Mato. Estudo realizado na década de 1970 aponta para realização da festa desde a estruturação da comunidade no início do século XX (SABARÁ: 1997). Todavia, em virtude da modificação que a comunidade vem passando, do rural para a urbano, a festa está se tornando cada vez mais rara.

Geraldo Artur, filho já falecido de Arthur Camilo, apresentava como era a Festa da Capina na década de 1970 da seguinte maneira:

Antigamente dava gosto porque tinha capina grande de até quarenta home.
Hoje num tem mais. Meu pai era chegado de mio e era chamado longe pra capiná. A urtima vez que fui com ele foi em Ismeralda e tinha quarenta home.
Capinava lindo e dexava ôtra pra ôtro.
Capinava lindo e deixava uma moita. Alí iscundia o Juão-do-Mato. O Juão-do-Mato era como dono de capim. O rocero começava a capiná a moita e ele pulava fora e falava:
- tiraro a minha moita e onde eu vô morá? Vô cumpraná ôceis!
O encarregado do mio intregava para o dono da roça e o banderero integrava a bandeira para o dono da casa. (Geraldo Artur, SABARÁ: 1997. p. 188)

Segundo o mito, há muito tempo (estrutura atemporal), houve um senhor que deixou suas terras abandonadas por um longo período, e quando resolveu capiná-la, constatando que sozinho não conseguiria ,

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

convocou os colegas para o ajudarem com um mutirão. De acordo com esta versão, enquanto os homens estavam capinando, a mulher do dono da terra, que vinha lhes trazer água e cachaça, encontrou escondido entre as moitas, o João do Mato. A senhora então avisou aos homens sobre a figura encontrada e os trabalhadores foram ao encontro da criatura. Ao se verem, os homens e João do Mato discutem e os humanos expulsam a criatura de suas terras com enxadas e foices.

Relatos da década de 1970 da Comunidade dos Arturos davam conta que a Festa do João do Mato tinha a figura do “*Gabernote*” que era um boneco colocado nas terras dos que não conseguiram capinar: “*Faiz um home com perna de pau, braço, cabeça, capinano. E agora arruma um canudo de mamona, faiz um caximbo grande, põe na boca dele. Ele “comprô a roça”. A gente vai lá antes do dono vê, forma aquele home e põe lá, inxada iscorada no ombro dele.*” (Joaquim Quadros, SABARÁ: 1997. p. 189)

Em alguns casos a brincadeira não era bem aceita e os roceiros quase chegavam a brigar. Seu Mario em entrevista no ano de 1972 relatava uma dessas brincadeiras:

- Nois colocamo um “Juão” na roça do Remundo. Ele foi pro Passa Tempo (foi trabalhar em uma fazenda de uns Camargos, neste município) e ficou lá um meis. Nois capinamo a nossa roça toda e isperamo ele. Isperano ele pra vê si até dia vinte e cinco ele chegava pra nois tirá a roça. Aí ele num veio. Nois fomo lá, capinamo a roça dele mais dexamo um mei-quadro mais ou menos e formemo o home. Lvrmo palitô do Ti Toco, a camisa minha, a carça do Biu, chapéu Antoin e bota de Gerardo meu irmão. Fizemo aquele home lá: Inchada de Antoin de Milo e o cachimbo é dele memo (do Raimundo, o dono da roça). Tiramo e levamo. E formamo aquele home grandão e deixamo lá no mei quadro da roça.

Ai ele chegô e perguntô:

- Oeis capinaram minha roça antes do dia 25?

- Capinemo. Mais fico lá um mei quadro. Ocê atraso e num deu conta de nois acaba. Ficou marcado sigunda-feira prá nois i lá e tirá o resto. I ocê num tava pra dá nós doce.

Ai ele falô:

- Eu vou buscá os doce, ocêis pode í’

Foi pra Contage buscá o doce e nós fomo. E nós decemo na frente dele. E ele num larga dum facão grande. Ele, cismado que nós tinha feito carqué coisa na roça dele. Cando ele chegô, ele falô:

- Quem é qui pois esse negoço aqui?

Um falô:

- Eu num fui.

Aí ele falô:

- Aposto que é Mário. O chapéu dele aqui.

Arrancô do facão, mais cortô o home tudo no facão. Mais nós trabaiô o dia moiado. O home virô um lião na inchada, sô! Ele ficô cum raiva de nós.

(Seu Mário, SABARÁ: 1997. p. 189 e 190).

Perguntado atualmente sobre quem seria o João do Mato na Comunidade dos Arturos, Seu Mário responde que não é possível saber, pois “ele é mato puro”. Já Seu Antônio, diz que ele é um “João Ninguém” que fica vagando procurando terras abandonadas para invadir.

Como geralmente ocorre em toda narração mítica, existe um ensinamento importante, uma lição, no rito do João do Mato não é diferente; o mito informa sobre o comportamento da natureza e educa sobre como cuidar da terra para que os homens consigam cultivá-la.

03

DESCRIÇÃO

Preparativos

A preparação para a festa inicia-se um dia antes, quando as mulheres da Comunidade se reúnem para confeccionar a roupa que será usada pela pessoa escolhida para representar o João do Mato. A animosidade é a marca desse momento com muita descontração, brincadeiras e piadas.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

A roupa do João Mato é construída com folhas de palmeiras costuradas ao redor de uma fita de pano dando forma às longas saias que serão amarradas ao corpo da pessoa que representará a criatura. Além das folhas de palmeira, utiliza-se também de galhos de samambaia. Estes são amarrados uns aos outros e colocados, principalmente, sobre o rosto da pessoa, o que impossibilita que sua identidade seja descoberta. Já os homens se preparam para a festa amolando suas foices, que serão necessárias para a capina do dia seguinte. É interessante destacar que o ato de aprontarem-se para a festa funciona como um ativador da memória, nestes momentos as pessoas vão contando casos e relembando do passado e dos rituais de épocas passadas.

Além destes preparativos, no dia da festa, tanto a ornamentação do João do Mato, quanto o preparo do almoço servido ao final da celebração, ficam a cargo das mulheres.

Desenvolvimento

A estrutura da festa segue um sequenciamento de etapas que podemos definir da seguinte maneira: a) A capina do mato pelos homens; b) O cortejo de João do Mato em direção ao terreno; c) O encontro entre João do Mato e homens; d) A primeira discussão entre João do Mato e homens no terreno capinado; e) A expulsão de João do Mato e cortejo de foices; f) A segunda discussão entre João do Mato e homens na Comunidade; g) A expulsão do João do Mato e entrega da prenda; h) A revelação do João do Mato pelas crianças; i) Almoço/confraternização.

Durante a capina, primeira parte do ritual, alguns homens da Comunidade se reúnem em um terreno que não foi roçado, dividem-se e iniciam o corte das plantas indesejadas com suas foices. O evento pode se prolongar por todo o período da manhã. O ambiente da capina é bastante descontraído, enquanto trabalham falam sobre o almoço que se aproxima, zombam uns dos outros, contam fatos cotidianos e cantam músicas.

Tais canções, algumas composições próprias e tradicionais da Comunidade e outras de domínio público, tratam de temas referentes ao universo do campo e são entoadas de maneira característica com ritmos e tons de voz originais. Uma das canções entoadas tem como tema a relação do homem com seu papagaio:

O papagaio vuô
Pasô na laranjeira.
Quem mata meu papagai
Vai tê qui mi mata primero.
Apaxonado iguali a eu
Sua cantiga mi consola.
Eu tenho um papagai
Que andava o mundo inteiro
Se mata meu papagai
Vai tê qui mi matá primeiro.
Áudio 01

Enquanto os homens capinam na roça, dentro da Comunidade, no interior de uma das casas, algumas mulheres se reúnem para vestir uma pessoa que será o João do Mato, predomina nesse ambiente doméstico o gênero feminino. Na preparação, as pessoas relembam dos antepassados que encenavam o personagem e se emocionam.

Quando o João do Mato já está vestido inicia-se um cortejo, formado principalmente pelas mulheres que auxiliaram no vestir e que vão em direção à roça onde estão seus parentes masculinos. A comitiva é formada pelo João do Mato, que vai à frente dançando, um tamborzeiro, nesse caso um homem, que entoas as músicas acompanhado de um coro de vozes femininas, que vem logo atrás, respondendo às canções e contribuindo com a percussão na batida das palmas. Dentro da estrutura do mito, essa etapa do ritual corresponde à chegada do mato nas terras dos roceiros, em uma das músicas se canta:

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

“-Ô que festa bonita! (tamborzeiro)
- É de João do Mato! (coro)
-Ô que roça bonita! (tamborzeiro)
-É de João do Mato! (coro)”

O cortejo segue até chegar à roça onde estão trabalhando os homens. Ao chegar, João do Mato anuncia que está ali para tomar a terra para ele. Neste momento todos os homens vão ao seu encontro cantando e avisando através da música que não deixarão que o mato tome conta da terra dos Arturos. Quando se aproximam acontece a primeira discussão e, vencido, João do Mato é expulso da terra sob um cortejo de foices.

Os homens cantam em duplas e batem uma foice à outra. Durante essa caminhada que se destina a Casa Paterna, muitas brincadeiras são feitas e o João do Mato ameaça muitas vezes invadir as terras de outros moradores da Comunidade fingindo que irá entrar na casa deles.

Quando João do Mato se aproxima da casa de algum morador, o homem que está no cortejo corre para impedir que a criatura entre em sua casa e a expulsa. Todos riem muito e indicam as casas dos outros para que João do Mato tente invadir.

O cortejo se direciona ao centro da Comunidade, propriamente à Casa Paterna, local agregador importante para os Arturos. Os homens e João do Mato encenam novamente uma discussão, nesta o invasor parece triste, sem saber para onde ir, no diálogo acusa os homens de estarem o expulsando de seu ambiente natural. O representante dos roceiros explica que o cultivo da terra é importante para os Arturos e pede para que João do Mato vá procurar outras terras. Além disso, lhe oferece uma recompensa para sua partida, no caso uma garrafa de cachaça, envolvida em papel amarelo, que João do Mato e os roceiros chamam de prenda de ouro.

Ao final da discussão, a criatura aceita ir embora, mas avisa que voltará no próximo ano e invadirá as terras caso elas não estejam capinadas. A ameaça funciona como um incentivo para que as pessoas continuem realizando o ritual nos anos que virão.

O ritual termina com um desfile de João do Mato, dona Tetane, senhora mais velha da Comunidade e um roceiro, de braços dados entre o cortejo de foices. Depois, os roceiros e as crianças vão cortando a fantasia de mato, o que vai, aos poucos, desvelando a identidade de quem esteve representando o personagem. Quando está completamente revelado, todos comemoram, tocam e cantam. Encerra-se assim o ritual com um capinador dando vivas, entre elas: “Viva a boa união! Viva! Viva a tradição! Viva!”. Depois de revelada a identidade do João do Mato todos são convidados para almoçar. Neste evento de congregação da Comunidade o ritual será ainda lembrado e revivido com muitas risadas e conversas.

Transformações e permanências

Anteriormente, a festa do João do Mato nos Arturos era recorrente, principalmente, quando a Comunidade ainda se mantinha através da plantação de subsistência com o plantio em suas roças. Com o passar dos anos, e com a mudança na estrutura da mão de obra dos homens Arturos - de trabalhadores rurais a trabalhadores urbanos assalariados - a periodicidade do ritual foi abandonada, já que estes não cultivam mais as roças na mesma intensidade de antigamente. Logo, a festa que antes era anual e importante para a perpetuação da agricultura, atividade necessária para a sobrevivência do grupo, atualmente é realizada esporadicamente e tem uma função diferente. Agora, o que é mais importante na festa de João do Mato, é manter viva uma expressão do grupo que reafirma suas especificidades e com isso suas identidades comuns.

Outra transformação por hora verificada é o fato de os Arturos não utilizarem mais enxadas na capina. Esta, no ritual que participamos, foi executada somente por foices. Tanto a capina, quanto o cortejo de expulsão do João do Mato, em tempos anteriores, era realizado com enxadas e foices. Tais informações sobre os antigos rituais foram obtidas em relatos colhidos em campo entre os próprios Arturos e em outras fontes (GOMES; PEREIRA: 2000).

Atualmente também é pequena participação dos jovens e crianças da Comunidade nesta celebração, o que não acontece em outras festas dos Arturos, como por exemplo, o Congado, a Festa do Rosário e a Festa

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

da Abolição. A maioria dos jovens consultados relatou ser a primeira vez que assistiam à festa, embora sempre tenham ouvido histórias sobre ela. Provavelmente a falta de periodicidade contribuiu para o afastamento dos jovens desta prática tradicional.

Dentre as permanências, pode-se dizer que as estruturas da celebração e do mito conservam-se as mesmas. O que modificou foi a sua função para a Comunidade dos Arturos, já que o mato, que antes deveria ser expulso para que estes pudessem cultivar suas plantações necessárias para a vida, hoje é cortado com a intensão de praticar a festa e assim manter as tradições do grupo. Entre as etapas características do rito que permanecem poderíamos destacar:

- A especificidade de os capinadores, enquanto trabalham cantarem suas canções com temáticas bucólicas e em entonações originais;
- O fato de existirem performances durante a celebração, como o encontro entre Arturos e João do Mato, a primeira discussão deste com os trabalhadores; sua expulsão entre um cortejo de ferramentas da lavoura; a segunda discussão onde acontece a doação de um presente para que a criatura vá embora e a ameaça desta de voltar no próximo ano;
- A ritmicidade, a dança e a música acompanhando toda a celebração;
- O almoço de confraternização e rememoração da celebração e do passado da Comunidade.

04 ESPAÇOS PARA A REALIZAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

Descrição do espaço da celebração

A festa ocorre dentro da Comunidade dos Arturos, algumas partes do terreno são especialmente importantes para a celebração, como a roça, que está situada no início da Comunidade, próxima à porteira de entrada, e é caracterizada pela ausência de casas e presença da mata predominante de vegetação típica do cerrado, a topografia do espaço da roça é acidentada e em declive.

Os cortejos de foices e de João do Mato acontecem em uma rua levemente declinada, de pavimentação em paralelepípedo, que liga o espaço da roça ao das casas dos Arturos. Ao longo desta rua estão distribuídas algumas casas dos membros dos Arturos e são estas as quais a criatura encena invadir para que um homem do grupo a expulse.

Outro espaço importante para o ritual é a Casa Paterna, esta se encontra ao meio do caminho da rua de paralelepípedo, em uma bifurcação à esquerda, atrás da capela da Comunidade. É a primeira casa desta rua e pode ser identificada por uma placa com informações sobre os horários de atendimento da prática de benzeção oferecida por Seu Mário e outra sobre a venda de queijos e doces efetuada na Comunidade. A Casa Paterna é onde viveu Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, progenitores da Comunidade, e posteriormente Dona Induca, uma das filhas do casal. Além disso, a casa é também um local de reunião e festas da Comunidade, por isso possui em sua parte externa de fundo um grande refeitório com largas mesas e cadeiras, além de uma ampla cozinha ao lado da casa, com dois fogões de lenha e um forno de barro onde são preparadas as comidas para as festividades do grupo.

Croquis

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 2: Vista aérea da Comunidade dos Arturos – Detalhe para área verde onde acontece a capina do João do Mato.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

05	ÁREA DE ABRANGÊNCIA							
Comunidade		Município	X	Região		Estado		Nacional
Observação	Celebração desenvolvida pela Comunidade dos Arturos que se encontra em Contagem- MG.							
	Participação turística							
O rito não tem vocação turística e não foram verificadas a presenças de pessoas para esse fim.								

06	ELEMENTOS RELACIONADOS				
Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC	
Comunidade dos Arturos	Comunidade Tradicional	Lugar		5100	
Dança das Foices	Dança dramática	Forma de Expressão			
Dança do João do Mato	Dança dramática	Forma de Expressão			
Canto dos Roceiros/ Lavradores	Performance ritual	Forma de Expressão			
Casa Paterna	EUA	Bem Imóvel	Arquitetura Civil		
Tambor	Instrumento musical	Bem móvel	Percussão		
Mito do João do Mato	Mito	Forma de Expressão	Mito		

07	MODELO DE ORGANIZAÇÃO								
TIPO	Comitê		Instituição		Irmandades/ Confrarias	X	Associação		Outros
Denominação	Comunidade dos Arturos.								
Descrição	Comunidade familiar								
	Organizadores e Financiadores								
Tipo	Descrição								
Organizadores	Comunidade dos Arturos.								
Financiadores	Membros da Comunidade.								

08	COMENTÁRIOS	
	Comentários dos entrevistados	
As falas dos Arturos em relação ao ritual de João do Mato trataram muitas vezes da ocorrência do abandono desta festividade pelo grupo. A festa não era realizada há alguns anos, o que teve como		

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

consequência o desconhecimento e a não vivência por muitos membros da Comunidade. Vários jovens nos relataram nunca terem visto a celebração.

Outro comentário, favorável à retomada da prática pelo grupo, defendia que a festa era importante para a manutenção da união dos Arturos e que por isso ela deveria voltar a ser praticada como antigamente. Muitos vincularam o evento a uma certa raiz e essência de ser Arturo, interpretamos, a partir deste argumento, a festa como um elemento importante para a formação e reafirmação de uma identidade e laços sociais próprios aos membros da Comunidade

Comentários do elaborador

Elementos significativos relacionados

A festa é em sua essência muito relacionada à ligação do homem com a natureza. Ela foi por algum tempo útil para a Comunidade por incentivar e transmitir hábitos e conhecimentos necessários à vida rural, como o ciclo da natureza e a necessidade da lavoura para um bom plantio e colheita. Com o passar do tempo, a Comunidade, que se encontra dentro da área urbana da cidade de Contagem-MG, foi modificando o perfil de sua mão de obra e também de sua fonte de subsistência. A maioria dos homens adultos dos Arturos são trabalhadores assalariados nas cidades de Contagem e Belo Horizonte e os alimentos básicos das refeições diárias são de origem industrial, adquiridos através da compra. Atualmente a plantação não é necessária para alimentação dos Arturos, quando ela acontece, nos fundos dos quintais das casas, sua destinação é a de complementar e modificar a dieta com algumas verduras, frutas e legumes especialmente plantados para a família.

A festa possui forte apelo à memória e aos antepassados. Atualmente, realizar o João do Mato é uma maneira de transportar os Arturos para o tempo de seus pais e avós, um modo de partilhar das práticas e percepções de mundo dos antigos e este apelo afetivo colabora muito para que a festa se mantenha.

Crenças Associadas

A festa, que se sustenta por meio de um mito, colabora para reafirmar a crença na potencialidade e mistério da natureza. Este tipo de crença é comum em algumas sociedades tradicionais onde a relação com a natureza é tão próxima que a ela seus habitantes atribuem agência e capacidade de ação muito próxima às práticas humanas.

Identities construídas em torno da atividade

Com o exercício da celebração da festa de João do Mato os moradores da Comunidade revivem um mito importante e assim reafirmam uma maneira de interpretar o mundo próprio aos Arturos, esta prática funciona como um marcador, um diacrítico que separa os Arturos dos outros e os une em uma identidade em comum. Além de reforçar a especificidade de ser Arturo, a festa serve para incentivar valores importantes para o grupo, como a união. De maneira simbólica, os membros encenam a importância de estarem unidos para combaterem em pé de igualdade e força um inimigo externo que está sempre às voltas da Comunidade tentando tomar o que lhes pertence.

Significados socioeconômicos

Atualmente a celebração tem baixa importância socioeconômica. O principal motivo seria o fato da prática da agricultura não ser mais a fonte que assegura a sobrevivência do grupo, além disso, a festa não é realizada com a intenção de arrecadação de dinheiro para os Arturos.

Significados Simbólicos

A narração mítica do João do Mato traz como significado a necessidade da solidariedade e do cuidado com a terra não devendo se descuidar do trabalho na roça sob pena de se perder a plantação. Também fala da necessidade de se medir a real capacidade de trabalho. Nas palavras de Seu. Antônio não se pode abrir demais as pernas, ou seja, plantar demais, se não conseguir fechá-las, cuidar e colher a roça.

Possibilidade de Continuação

A festa foi retomada no ano de 2012, o desejo entre os membros que a promoveram era de que houvesse continuidade, embora sobre isso não se possa fazer previsões exatas. O parecer inicial aponta para a baixa probabilidade de continuidade da festa. Isto pelo próprio fato da periodicidade ter diminuído nos

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

últimos anos, realizada esporadicamente, o que demonstra que a relevância para a Comunidade dos Arturos sofreu alterações. As condições atuais de subsistência do grupo, que não precisa mais dos produtos da lavoura para se alimentar, colabora para que ela não seja praticada. Outro fator indicativo da baixa probabilidade de continuidade da festa é a pequena participação dos jovens da Comunidade no evento, isso diminui a possibilidade de transmissão do mito e da celebração para as gerações mais novas, comprometendo então seu prosseguimento.

Plano de ação

A Festa de João do Mato é um bem cultural da Comunidade dos Arturos, agregadora de mitos ancestrais da Comunidade, de crenças e representações de mundo específicas sobre a relação homem e natureza, de formas de expressões singulares e por tudo isso, importante para a manutenção e reativação de laços identitários que fazem dos Arturos um grupo especial.

Como possíveis ações para incentivar, entre os membros da Comunidade, o desejo da retomada e continuidade da prática, propomos as seguintes estratégias:

- Promoção de oficinas e encontros entre a Comunidade onde se contariam histórias e mitos importantes do grupo;
- Coleta entre os mais velhos destas histórias e mitos para serem publicados em um livro, inicialmente de circulação interna e com possibilidade de publicação para um público exterior. É interessante que o livro seja feito seguindo o exemplo de publicações já existentes onde se busca recolher e expor as histórias sobre o ponto de vista dos nativos das Comunidades estudadas, procurando assim conhecer mais intimamente suas visões de mundo que são particulares e incentivando desta maneira a apropriação pelos nativos de um produto literário com o qual se identifiquem;
- Selecionar uma data para a realização da festa para que ela seja inserida oficialmente no calendário festivo dos Arturos;
- Delimitar no território dos Arturos uma área a ser utilizada para o cultivo de alguma lavoura comunitária como, por exemplo, o milho, incentivando assim a prática da agricultura na Comunidade e dando mais sentido para a realização da festa.

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	Mário Braz da Luz				Tipo	Mestre	
	Nascimento	02/02/1933	Sexo	M	Idade	80	Registro Sonoro Visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Benzedor e Capitão-mor da Comunidade.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

02	Nome	Antônio Maria da Silva				Tipo	Mestre	
	Nascimento	28/07/1935	Sexo	M	Idade	78	Registro Sonoro visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Filho de Artur Camilo, Capitão Regente da Guarda do Congo e Mestre da Folia de Reis.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

03	Nome	Conceição Natalícia da Silva				Tipo	Mestre	
	Nascimento	03/08/1918	Sexo	F	Idade	95	Registro Sonoro visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Além do título de Mestre do Bataque, é a Rainha Perpétua do Congado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem - Comunidade dos Arturos – e é a filha mais velha do casal Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

04	Nome	Maria Madalena Lima e Silva				Tipo	Participante	
Nascimento		Sexo	F	Idade		Registro Sonoro visual	Sim	
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
João do Mato do ano de 2012.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

05	Nome	Jorge Antônio dos Santos				Tipo	Comunicação	
Nascimento		Sexo	M	Idade	45	Registro Sonoro visual	Não	
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Capitão da Guarda de Moçambique, representante da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e das relações públicas da Comunidade dos Arturos.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 3: Preparo do almoço.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 4: Amolando as foices.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 5: Roupa de João do Mato.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Cortejo de Foices frente à casa patriarcal.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Discussão entre João do Mato e capineiro.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 8: Expulsão de João do Mato da roça.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 9: Homens capinando e cantando.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 10: Saída do João do Mato.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC4990_CArturos_JMato_AFernandes_10_12_12 (65) Figura 2: IPAC5100_CArturos_VAerea Figura 3: IPAC4990_CArturos_JMato_AFernandes_10_12_12 (149) Figura 4: IPAC4990_CArturos_JMato_AFernandes_10_12_12 (189) Figura 5: IPAC4990_CArturos_JMato_AFernandes_10_12_12 (144) Figura 6: IPAC4990_CArturos_JMato_AFernandes_10_12_12 (6) Figura 7: IPAC4990_CArturos_JMato_AFernandes_10_12_12 (78) Figura 8: IPAC4990_CArturos_JMato_AFernandes_10_12_12 (101) Figura 9: IPAC4990_CArturos_JMato_AFernandes_10_12_12 (104) Figura 10: IPAC4990_CArturos_JMato_AFernandes_10_12_12 (107)
Vídeos	DOC ARTUROS IEPHA_saida final
Áudio	Áudio1: IPAC4990_CArturos_JMato_Canto_Sr_Anto_REDE.mp3

12 REFERÊNCIAS

Festa do João do Mato. In. Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira. Disponível em <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001916.htm> Acesso em 13/12/2012.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras raízes mineiras - Os Arturos.** Belo Horizonte: Mazza, 2000.

Jornal o Estado de Minas, 24 de novembro de 1976.

RÉDUA, Wagner César. Mutirão do Triângulo Mineiro – trabalho, música, alegria e festa no mundo rural. In. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, n. 36/37, ano 20, p. 133-142, 2007.

SABARÁ, R. Comunidade Negra dos Arturos: o drama do campesinato negro no Brasil. Tese de Doutorado em Antropologia Social. São Paulo: USP, 1997. 310f.

13 FICHA TÉCNICA

Fotos	Ana Carolina Fernandes.	10/12/2012
Vídeos	Rede Minas.	10/12/2012
Áudio	Rede Minas.	10/12/2012
Transcrição	Bruna de Paula.	
Levantamento	Ailton Batista, Carolina Dellamore, Fabiele Costa, Jorge Antônio dos Santos,	14/01/2013

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		CELEBRAÇÕES e RITOS
	Luis Mundim.	
Elaboração	Ana Carolina Fernandes, Luis Molinari.	
Revisão	Carolina Dellamore, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo.	31/03/2014 26/05/2014
Observações		
Uma das metodologias utilizadas em campo foi a de observação participante, por isso, muitas vezes, as informações obtidas surgiram de conversas informais com os moradores da Comunidade, não constituindo propriamente em entrevistas, o que impossibilita a descrição detalhada de todas as pessoas com as quais fizemos contato no momento da festa.		

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	FOLIA DE REIS DA COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	4991
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23 K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Palhaços da Folia dançando – Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

Categoria	Ritos					
Tipologia da Atividade	Catolicismo Popular					
DENOMINAÇÃO	Folia de Reis					
Outras denominações	Folia	Nível de integração				
	Comunidade	X	Oficial		Intercomunitária	
PERIODICIDADE						
Início	24 de dezembro.					
Fim	20 de janeiro.					
Calendário Litúrgico	Ciclo Natalino.					
Invocação	Reis Magos, Menino Jesus, São Sebastião.					
Observação das Datas						
DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE						
Inicia-se na noite do dia 24 de dezembro, data do nascimento de Jesus, de acordo com o calendário litúrgico. Tem seu primeiro encerramento no dia 06 de janeiro, dia em que os três reis magos teriam encontrado o filho de Deus. Nos Arturos, a festa tem prosseguimento até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião.						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

As Folias de Reis são festejos de origem europeia, comemoradas em âmbito católico como forma de rememorar a história bíblica da viagem dos três Reis Magos, que saíram na madrugada do dia 24 de dezembro à procura do Menino Jesus para presentear-lhe com ouro, incenso e mirra.

O surgimento dessa tradição tem início na região da Península Ibérica, constituída por Portugal e Espanha. A celebração foi transportada para a América Portuguesa por volta de 1559, pelos seus colonizadores, em especial, Tomé de Sousa (1503 - 1573 ou 1579), primeiro Governador Geral da colônia, que trouxe a celebração sob a forma de canto, dança e encenação, para auxiliar no processo de catequese e ensino dos africanos escravizados.

Inicialmente, a maioria das folias acontecia nas comemorações litúrgicas do ciclo do Divino Espírito Santo, ou Festa de Pentecostes, uma das celebrações mais antigas do catolicismo popular, instituída em Portugal desde o século XIV. Com o passar do tempo, esse rito foi se estendendo para outras datas do calendário católico e, assim, expandiu-se o número de folias, como a Folia de Reis, a Folia de São Benedito, a Folia de São Sebastião, entre outras. Esses ritos apresentam essencialmente o canto, a dança e o teatro, e por meio dessas expressões os foliões articulam a fé com o divertimento, é a junção entre o sagrado e o profano.

Diversos autores pensaram e escreveram sobre as Folias, entre eles o clérigo e pesquisador Rafael Bluteau, que em sua obra etimológica, *Vocabulario Portuguez & Latino*, de 1728, apresenta uma das primeiras definições da palavra, e relaciona Folia à festa, ao canto e a alguns instrumentos como o tambor e o pandeiro. Além disso, apresenta alguns adjetivos que indicam o caráter festivo, como extravagância e confusão. Outro autor que refletiu sobre o tema é o folclorista brasileiro, Luis da Câmara Cascudo, que em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro*, também esclarece sobre a história e a etimologia do termo Folia. Segundo ele: “a folia era, no Portugal Velho, uma dança rápida, ao som do pandeiro ou adufe (espécie de pandeiro quadrado de origem árabe), acompanhada de cantos”. (CASCUDO, 1993).

No livro *Negras Raízes Mineiras: Os Arturos*, Núbia Gomes e Edimilson Pereira afirmam que as Folias de Reis, assim como outras práticas do catolicismo popular mineiro, foram se modificando ao longo do tempo e assumindo diferentes formatos nas regiões e comunidades que as praticavam. Um exemplo é a variação dos personagens participantes do cortejo.

Esses grupos, em geral, são compostos pelos três reis, que se apresentam mascarados e são conhecidos como Baltazar, Belchior e Gaspar. Em alguns casos os reis não são dramatizados pelos grupos, sendo lembrados através de imagem presentes nas bandeiras da Folia e nas músicas entoadas. Tem-se ainda a representação dos palhaços, que em algumas folias têm o papel de aludir ao perigo. Eles são a personificação dos soldados enviados pelo rei Herodes para encontrar Jesus, que desde criança, foi perseguido e considerado um inimigo dos poderosos. A existência de palhaços em algumas folias pode variar em quantidade ou nem ocorrer. É comum encontrar ainda nos grupos de folia, a presença de Mestres, violeiros, cantores e porta-bandeiras.

Geralmente esses foliões saem em procissão na noite em que se comemora o nascimento de Jesus, passando pelas casas dos devotos que creem nas bençãos trazidas pelas rezas e pela visita das bandeiras, entoando cantos de saudação e louvor a Jesus Cristo. Finalizado esse momento sagrado, começam a apresentar as danças que consistem em sapatear e bater os bastões, tais como o lundu, o guaiano, a chula, e o batuque de viola. As indumentárias variam de grupo para grupo, podendo ser encontrados foliões que utilizam trajes militares, vestes de palhaço, máscaras ou roupas comuns. Os instrumentos que conduzem os cantos baseados no Novo Testamento da Bíblia são as violas caipiras, o violão, cavaquinho, pandeiro, bumbos e caixas de folia.

Para os Arturos o histórico da festividade tem início no final do século XIX, período em que, de acordo com Mário Braz da Luz, seu avô Camilo Silvério, realizava a celebração juntamente com seu pai, Arthur Camilo Silvério, fundador da Comunidade. Segundo ele, no lugar onde hoje é a Comunidade dos Arturos, o rito começou a ser praticado a partir da promessa que seu sogro Joaquim Quadros, que era mestre de folia, fez a São Sebastião. Seu pedido foi para que voltasse a chover e a febre amarela fosse eliminada.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Assim, como pagamento da promessa, os Arturos realizaram a Folia durante o mês de janeiro e recolheram “esmolos” para a celebração de uma missa para o Santo.

Desde então, a Folia de Reis tem sido realizada na Comunidade, com a presença dos palhaços denominados: Véio, Friage e Bastião. O personagem chamado Véio, representa o Rei Mago Belchior, o Friage é o rei Gaspar. O palhaço Bastião articula em si três identidades, além de palhaço, simboliza o rei negro Baltazar e São Sebastião. Comunidade, os palhaços são considerados sacros, atuando em diversos momentos com falas religiosas, sempre permeadas pela procura do Messias que nasceu.

Por meio de conversas com os moradores da Comunidade, pode-se perceber que no imaginário dos Arturos, os palhaços ocupam lugar ambíguo, sendo reconhecidos como entidades extramundanas de identidade inexplicável, ao mesmo tempo em que são representações de seres santos. A religiosidade dedicada a São Sebastião justifica o uso contínuo da cor vermelha nas vestes dos reis e/ou palhaços e explica porque o encerramento da folia dos Arturos acontece somente em 20 de janeiro, dia do santo.

03 DESCRIÇÃO

Preparativos

Para a festa do dia 06 de janeiro, os foliões iniciam os preparos na casa de Seu Antônio, mestre da folia de reis e mestre da Guarda de Moçambique. Aos poucos chegam os músicos e cantores da folia e, dentro da casa do Seu Antônio, recebem suas roupas de festa, ou “fardas” como chamam os Arturos. Vestidos com o traje de folião, camisa de cetim colorida e chapéu de palha, passam para o lado de fora da casa, onde já ficam reunidos outros participantes. No pátio externo da casa, afinam seus instrumentos e se organizam. No dia 06 de janeiro de 2013, cerca de 30 pessoas acompanharam os foliões. O número de participantes oscilou ao longo da festa. Alguns membros desagregavam-se e outras pessoas se incorporavam ao festejo. A maior parte dos foliões é formada por homens, senhores com idade aparentemente superior aos 40 anos. Houve, ao longo da festa, a participação de dois foliões jovens também do sexo masculino e de três mulheres adultas.

Desenvolvimento

O grupo dos foliões conta com uma estrutura de posicionamento dos participantes que é fixa durante todo o trajeto de visitas às casas. À frente vão os três Reis/Palhaços, em seguida o mestre da folia, “Seu” Antônio. Ao seu redor posicionam-se os músicos, e, ao final, os cantores e o contramestre da folia, Seu Mário.

É “Seu” Antônio quem puxa as músicas da folia. O mestre entoava as primeiras estrofes e os outros foliões o respondem em seguida. Nem todos respondem às músicas com palavras, alguns fazem sons em falsete de “ais” que vão crescendo de maneira intercalada ao longo das músicas, modo de cantar específico das comemorações de Folia de Reis.

Os instrumentos que fizeram parte da festa foram: sanfonas (2), pandeiros (2), violas (4), tambores (2) e cavaquinho (1). Os temas das músicas entoadas sempre dizem respeito ao nascimento de Jesus no dia 25 de dezembro; à procura dos reis pelo menino e a outros elementos presentes na narrativa bíblica, como a estrela guia e os presentes dos reis.

Os palhaços são os personagens principais da Folia de Reis dos Arturos. São eles que carregam a bandeira com a imagem dos Reis Magos, conversam com os donos das casas lhes contando da trajetória dos reis e do nascimento de Jesus. Além disso, são responsáveis por entreter crianças e adultos com suas brincadeiras e danças que são formas de expressão do próprio grupo, como a dança da catira ou lundu, e a brincadeira de “bate pau”, bastante semelhante à dança afro-brasileira e indígena maculelê, onde os participantes, munidos de pedaços de pau, dançam ao mesmo tempo em que chocam seus bastões com os dos outros participantes.

Os palhaços se fantasiam com camisas e calças largas de cetim, que cobrem todo o corpo, e máscaras, contribuindo para encobrir a identidade dos foliões e dar vida aos personagens. Friage e Véio se movem menos e usam máscaras claras com barbas, simbolizando que são mais velhos e de pele branca. Já Bastião, é mais ágil, utiliza uma máscara negra e não tem barba, aludindo ao seu tom de pele negra e a sua

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

jovialidade. Enquanto os palhaços se apresentam é como se estivessem disputando e demonstrando as capacidades de esperteza, agilidade e ginga de cada um. Os Arturos se divertem e estimulam os palhaços na disputa.

Em relação à sequência da Folia de Reis, observamos que ela é praticamente a mesma em todas as casas visitadas. Os foliões caminham em forma de cortejo em direção ao local que irão visitar, ao chegarem iniciam a cantoria com músicas que anunciam sua presença e pedem ao dono da casa que os atendam, como na seguinte estrofe: “Oi senhor dono da casa, abre a porta acende a luz. Abre, abre a sua porta”. A casa, que estava com as portas fechadas, é aberta e dentro dela aparece seu responsável. Neste momento é a vez de Bastião apresentar o grupo e explicar que estão seguindo a estrela de Belém “à procura do *Messias verdadeiro*”. Após a explicação de Bastião, o dono da casa convida a folia a entrar, o palhaço diz que sim e pergunta ao anfitrião se ele quer que entrem calados ou cantando, a resposta é sempre a segunda possibilidade. Em sequência, o palhaço que estiver com a bandeira entrega-a ao dono da casa que percorre os cômodos de seu imóvel com ela. Continuando o rito, a folia entra e canta algumas músicas específicas desta celebração junto com o dono da casa e seus parentes. Quando existe um presépio na residência cantam de frente a ele. Além das canções tradicionais, notamos que em algumas situações os Arturos cantam também a popular música de natal “Noite Feliz”.

Após uma sequência estabelecida de canções que rememoram a narrativa bíblica, os foliões vão para fora do local onde estão visitando e iniciam-se as brincadeiras dos palhaços. Estes realizam várias performances com o objetivo de divertir o público que, contente, tem por sua parte a obrigação de lhes lançar moedas. Esta atitude é uma convenção e a troca do entretenimento pelas moedas faz parte do ritual.

Transformações e permanências

Gomes e Pereira apresentam em sua obra, um importante integrante do cortejo da Folia que não esteve na festa acompanhada pela equipe do IEPHA/MG, em 2013. A autora explica que além do mestre da folia, do contramestre, dos músicos e dos palhaços, havia na Folia dos Arturos, uma criança encarregada de representar o “rei-menino”. Esse personagem seria uma criança que também haveria seguido a estrela de Belém para encontrar Jesus. No livro, Gomes e Pereira descrevem que esta criança acompanharia os palhaços e faria tudo o que fizessem, além de defender que a adição deste personagem ao ritual colaboraria para o interesse das crianças para com a tradição.

Outra modificação é o “encontro de folias” no interior da Comunidade. A confraternização aconteceu durante determinado período, mas atualmente não tem sido realizada.

Ainda sobre as transformações, descobriu-se, por meio de conversas com membros da Comunidade, que o baixo público e fraca participação dos Arturos na celebração tem se tornado uma preocupação. Reclamam que os jovens estão perdendo o interesse em algumas festas e não estão participando, além disso, apontam a conversão de alguns membros do grupo para a religião evangélica como fatores que contribuíram para esvaziar a festa.

Em relação às permanências, podemos reforçar que a festa de Folia de Reis da Comunidade dos Arturos segue sendo um evento importante no calendário festivo do grupo, revivendo práticas e crenças que fazem parte da identidade Artura. Nota-se ainda, que eles algumas singularidades, como a presença e performance dos reis palhaços, a associação do palhaço Bastião com o santo São Sebastião e a continuidade festiva de Folia até o dia 20 de Janeiro.

04 ESPAÇOS PARA A REALIZAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

Descrição do espaço da celebração

A Folia começa quando as pessoas começam a se reunir na casa do Mestre da Folia, o “Seu” Antônio. Sua residência está situada próximo à rua principal da Comunidade, abaixo da Capela do Rosário.

O grupo inicia a trajetória da Folia pela Capela do Rosário, lugar de importância simbólica, que além de ser utilizada para a congregação dos Arturos e pessoas de fora em ocasiões de celebrações religiosas, é onde se encontra o altar da Comunidade. O Altar é o local em que ficam reunidos objetos e imagens

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

significativos para a os Arturos, como os bastões e mastros utilizados pelas guardas de congado, imagens de santos católicos, de entidades afro-brasileiras, de personalidades da história negra no Brasil, além de fotos de alguns de seus parentes, entre eles Arthur Camilo Silvério e Dona Carmelinda Maria, progenitores dos Arturos.

Ao saírem da Capela, os Arturos se dirigem à Casa Paterna, local onde viveram os fundadores da C Comunidade. Posteriormente, a Folia começa a caminhada pelas casas da Comunidade que querem participar da festa. Até o último dia de Folia, que é o dia 20 de Janeiro, todas as casas são visitadas. A Folia também faz visita fora da Comunidade, como foi o caso da Igreja de Nossa da Conceição, no bairro Novo Eldorado, também no Município de Contagem. O ano de 2013 foi o segundo ano que a Folia de Reis dos Arturos realizou a celebração nesta igreja.

Croquis



Figura 2: Vista aérea da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

05	ÁREA DE ABRANGÊNCIA								
Comunidade	X	Município	X	Região		Estado		Nacional	
Observação									

Participação turística

O rito da Folia não se trata de um elemento turístico por natureza, todavia muitas pessoas se dirigem a Comunidade para conhecer e participar da festa. Percebeu-se isso através do estado de alegria e comoção das pessoas quando a Folia de Reis dos Arturos saiu do interior da Igreja de Nossa Senhora da Conceição ao final da missa do Dia de Reis. Os moradores de Contagem, que enchem a Igreja nesse dia, 20 de janeiro, pareciam muito contentes com a visita da Folia, acompanhando e se envolvendo com as orações, canções e brincadeiras dos palhaços. Crianças de fora da Comunidade brincavam e dançavam com os palhaços enquanto os adultos cantavam e batiam palmas de acordo com a regência do palhaço Bastião. A sensação

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

que prevaleceu ao final desta etapa ritual foi a de que, no momento em que a Folia de Reis da Comunidade dos Arturos se apresentou na missa, ocorreu uma aproximação e tomada de conhecimento entre indivíduos de diferentes origens que normalmente não se relacionam. Na ocasião, as partes envolvidas mostravam-se entusiasmadas com o contato.

06 ELEMENTOS RELACIONADOS

Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC
Comunidade dos Arturos	Comunidade Tradicional	Lugares	-	5100
Mestre Antônio	Mestres de ofício	Mestres	-	5005
Mestre Mário	Mestres de ofício	Mestres	-	5003
Canções da Folia de Reis	Música	Formas de Expressão	-	-
Músicos da Folia de Reis	Música	Formas de expressão	-	-
Performance dos Palhaços	Dança Popular	Forma de Expressão	-	-
Capela da Comunidade dos Arturos	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Altar da Capela	Bem Imóvel	EUA	-	-
Casa Paterna	Bem imóvel	EUA	Arquitetura Civil	-

07 MODELO DE ORGANIZAÇÃO

TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	X	Associação	Outros	X
Denominação	Comunidade dos Arturos e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário						
Descrição	Trata-se de uma festa tradicional da Comunidade dos Arturos, organizada e mantida pelos membros da Comunidade, especialmente por aqueles que fazem parte da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, representante jurídico do grupo e responsável pela organização das festas, além de representar a Comunidade dos Arturos em diversos meios.						
Organizadores e Financiadores							
Tipo	Descrição						
Organizadores	Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e Comunidade dos Arturos.						
Financiadores	Membros da Comunidade.						

08 COMENTÁRIOS

Comentários dos entrevistados

Em conversas informais com alguns membros da Comunidade, chamou à atenção a consternação de alguns integrantes da folia em relação ao baixo envolvimento dos jovens Arturos nessa festa. Dos 27 foliões que compunham o cortejo da Folia, apenas dois deles eram jovens. Essa faixa etária também era pequena entre o público da Comunidade que assistia a celebração. O baixo interesse dos jovens nas comemorações tradicionais causa preocupação nos Arturos mais velhos, principalmente em relação à probabilidade de perpetuação de algumas celebrações com o passar do tempo.

Alguns comentários que se repetiram ao longo da celebração foram aqueles que diziam respeito aos palhaços, à coragem e agilidade que demonstravam em suas brincadeiras e como algumas delas os fazia lembrar-se do passado, dos tempos de infância e juventude quando brincavam e dançavam com a mesma agilidade. A performance dos palhaços é para os Arturos uma atuação que lhes une e desperta alegria, além de funcionar como um ativador da memória de algumas práticas do grupo.

“Todo ano eu danço e gosto, ajudo todo mundo aí, quando eu num visto a farda eu ajudo eles aí a cantar. Eu gosto muito de folia de reis. A folia é tudo pra mim, porque é do sangue né? Tem o sangue da Comunidade aí. Gosto muito da folia e é tudo pra mim.”

Lucílio, palhaço bastião.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Comentários do elaborador

Elementos significativos relacionados

Como elementos já pautados ao longo do texto, mas que merecem destaque, marcamos como ponto fundamental a singularidade da religiosidade dos Arturos, levando em consideração a devoção dedicada a São Sebastião, pois além de ser incluído na Folia de Reis através do palhaço Bastião, os Arturos lhe oferecem uma Folia própria, celebrada no dia 20 de janeiro. Nos estudos bibliográficos realizados não havíamos encontrado grandes referências a essa devoção nos Arturos, o que nos chamou a atenção.

Outro traço relevante é o apreço pela alegria e diversão nos festejos e a presença constante e das danças e brincadeiras dos palhaços que acompanham o cortejo. Percebe-se ainda que há na folia, a predominância do componente masculino e uma baixa participação da juventude dos Arturos nesta comemoração tradicional.

Crenças Associadas

Uma crença relacionada a folia é a de que as bençãos de São Sebastião recairão sobre quem der “esmola” aos reis/palhaços. Como é uma festa que reafirma a influência da religião Católica na Comunidade, momentos da história bíblica são revividos e compartilhados pelo grupo. Embora os Arturos não sejam uma comunidade de fé unicamente católica, a mesma exerce forte influência nas crenças e práticas do grupo. A celebração da Folia de Reis é um elemento entre as diversas comemorações realizadas pelos Arturos, como a Festa de Nossa Senhora do Rosário, a Festa da Abolição, a Folia de São Sebastião, etc.

Identities construídas em torno da atividade

O ritual contribui para reforçar alguns elementos que compõem a identidade dos Arturos. Através dele, além de se cumprir um calendário próprio do grupo, reforçando uma noção de temporalidade singular, revive-se e compartilham-se crenças religiosas e noções de lazer e usos do corpo que são importantes para a Comunidade. Assim sendo, o ritual, e todos os elementos que o compõe, são devidamente acionados, reforçando a construção e manutenção da identidade coletiva dos Arturos.

Significados socioeconômicos

Não há.

Significados Simbólicos

Entendemos os símbolos como elementos importantes para a comunicação sobre a cultura dos povos. Sob esta perspectiva, interpretamos que a festa da Folia de Reis é marcante para a Comunidade dos Arturos, na medida em que reúne os membros do grupo em uma comemoração que reafirma crenças coletivas. As tradições e práticas de lazer são revividas por meio das danças e cantos característicos de seus antepassados, fortalecendo a transmissão de valores e conhecimentos tradicionais, etc.

Possibilidade de Continuação

O fato da Folia de Reis ter origem católica contribui em grande parte para que a celebração não deixe de ser realizada pela Comunidade, visto que, grande parte do calendário dos Arturos é marcado por celebrações religiosas do catolicismo popular.

Percebe-se ainda, que a noção de manutenção da tradição é um traço muito importante e revisitado pelos Arturos, o que possibilita e contribui para a transmissão dos saberes para as novas gerações. Tal fato permite que haja uma maior possibilidade de continuação da Folia de Reis na Comunidade, uma vez que, ainda que seja pequeno, há a presença de jovens e crianças dentro do grupo de folia e participando como expectadores.

Plano de ação

Como valorização da tradição, é necessário que se promova os encontros de Folia de Reis na Comunidade dos Arturos e no município de Contagem. Outra questão importante é o registro audiovisual de toda a festividade. Além de incentivar o contato e intercâmbio de experiências entre a Comunidade dos Arturos e outras Falias de Minas Gerais e criar materiais didático-pedagógicos, com a transcrição de músicas, cifras de viola e violão e modos de dançar, para os adolescentes e as crianças.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	Mário Braz da Luz				Tipo	Mestre de Folia	
	Nascimento	02/02/1933	Sexo	M	Idade	81	Registro Sonoro Visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Mestre de Folia e Capitão-Mor da Comunidade. Na folia veste-se como os outros foliões com camisa de cetim larga e colorida e chapéu de palha. Vai à frente do grupo e é responsável por entoar as canções da Folia de Reis.								
Contato		Comunidade dos Arturos.						

02	Nome					Tipo	Bastião	
	Nascimento		Sexo	M	Idade		Registro Sonoro visual	
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Palhaço da Folia de Reis representa o Rei Baltazar e São Sebastião. Veste-se com roupa de cetim vermelha e máscara negra.								
Contato		Comunidade dos Arturos.						

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA



Figura 3: Foliões vestidos a caráter na da Capela.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 4: Foliões em visita a uma casa.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 5: Reis/Palhaços da folia.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Acrobacias dos Palhaços.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Demonstração de agilidade do palhaço Friage.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 8: Brincadeira de Bate Pau.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 9: Encontro da Folia com o presépio da Igreja.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC4991_CArturos_FREis_AFernandes_06jan13(6) Figura 2: IPAC5100_CArturos_VAarea Figura 3: IPAC4991_CArturos_FREis_FCosta_06jan13(8) Figura 4: IPAC4991_CArturos_FREis_AFernandes_06jan13(1) Figura 5: IPAC4991_CArturos_FREis_AFernandes_06jan13(7) Figura 6: IPAC4991_CArturos_FREis_AFernandes_06jan13(13) Figura 7: IPAC4991_CArturos_FREis_FCosta_06jan13(6) Figura 8: IPAC4991_CArturos_FREis_AFernandes_06jan13(16) Figura 9: IPAC4991_CArturos_FREis_AFernandes_06jan13(9)
Vídeos	DOC ARTUROS IEPHA_saida final
Áudio	Não se aplica.

12 REFERÊNCIAS

BLUTEAU, Raphael. **Vocabulário português & latino: aulico, anatomico, architectonico**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. – 6 ed. – Belo Horizonte; Itatiaia ; São Paulo : Editora da Universidade de São Paulo, 1988

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras Raízes Mineiras - Os Arturos**. Belo Horizonte: Mazza, 2000.

PINTO, Jorge Luis Dias; SILVA, Ana Paula ; ANDRADE, Solange Ramos(LERR/DHI/UEM). **Memória e Identidade: Grupo Unidos com Fé- Maringá -PR**.

SANTOS, Ivanildo Lubarino Piccoli dos Santos. Júlio Mesquita. **Os Palhaços nas Manifestações Populares Brasileiras: Bumba-meu-boi, Cavalo – marinho, Folia de Reis e Pastoril Profano**. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual Paulista – UNESP “Julio de Mesquita Filho”. Instituto de Artes. São Paulo, 2008.

13 FICHA TÉCNICA

Fotos	Ana Fernandes, Fabiele Costa.	06/01/2013
Vídeos	Não se aplica.	
Áudio	Rede Minas.	
Transcrição	Bruna Luísa de Paula	02/03/2014

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		CELEBRAÇÕES e RITOS
Levantamento	Ana Fernandes, Fabiele Costa.	
Elaboração	Ana Fernandes, Débora Raíza Rocha.	16/01/2014
Revisão	Carolina Dellamore, João Batista da Luz, Luis Mundim, Mariana Rabêlo.	22/01/2014 31/03/2014 23/05/2014
Observações		

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS				CELEBRAÇÕES e RITOS	
01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	Candombe – COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	4992
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23 K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Candombe da Comunidade dos Arturos Contagem/MG – Detalhe dos tambores Santana, Santaninha e Jeremias.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

Categoria	Ritos				
Tipologia da Atividade	Rito de origem afro				
DENOMINAÇÃO	Candombe				
Outras denominações	Nível de integração				
	Comunidade	X	Oficial		Intercomunitária
PERIODICIDADE					
Início	Sábado de Aleluia.				
Fim	Segunda-feira.				
Calendário Litúrgico	Ciclo da Páscoa				
Invocação	O candombe é um rito familiar que homenageia e invoca os antepassados e a Virgem do Rosário.				
Observação das Datas	O Candombe é realizado no período do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, que ocorre do sábado de aleluia até o início de dezembro.				
DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE					

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

O Candombe da Comunidade dos Arturos é realizado em ocasiões específicas, especialmente para abrir e fechar o Reinado, que dura aproximadamente oito meses. Ele é realizado também na abertura das Festas da Abolição e do Rosário. Todavia não existe uma quantidade estipulada, podendo ser realizado em outras datas.

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

O termo Candombe tem significados distintos e designa tanto os tambores sagrados quanto o rito realizado em torno deles. Linguistas acreditam que o termo Candombe deriva de *Ca'ngoma*, que significa festa do tambor. Na América Latina, especialmente no Uruguai, existem rituais denominados Candombe, no entanto, seus repertórios variam muito de país para país. Unanimidade é a presença dos tambores sagrados, instrumentos capazes de vincular o passado ao presente, a dimensão dos antepassados à dimensão dos vivos. Segundo Saul Martins, a tradição diz que o Candombe é o elo mítico entre o culto jeje-nagô e o catolicismo rústico, sendo considerado o pai de todas as Guardas.

Em Minas Gerais, o ritual tem a característica de ser mais reservado, sendo restrito a um grupo familiar ou comunidade. Acredita-se que essas cerimônias sejam dotadas de conteúdo místico e que o toque dos tambores – geralmente três – trazem ao presente os antepassados escravos, que comungam desse momento com seus descendentes vivos, trazendo sabedoria e iluminação.

Para os Arturos, o Candombe é o rito mais solene, importante e profundo de todo o reinado. Eles se referem a ele como o “pai do Reinado”, pois na fundamentação mística, foram seus instrumentos que retiraram Nossa Senhora das águas, dando início ao seu reinado na terra. Nesse momento os Arturos relembram o passado de sofrimento e dor, vivido por seus ancestrais escravos, e acreditam que seus antepassados se fazem presentes no ritual.

Na Comunidade estão presentes três tambores. O Santana, que serviu de andor para a Santa no trajeto até o altar, o Santaninha e Jeremias. Na sua concepção temporal, os Arturos acreditam que foram os escravos que construíram os instrumentos para louvar Nossa Senhora. Nesse sentido, afirmam que os tambores são sagrados e “muito antigos”. Eles representam força e poder e são capazes de intermediar a relação entre vivos e mortos. Essa compreensão, fundamentada nas tradições africanas, transforma o Candombe em um ritual de grande sacralidade.

Não se tem uma referência exata de quando o ritual começou a ser realizado nos Arturos. Segundo o capitão Antônio Maria Silva, filho Arthur Camilo, os tambores existentes na Comunidade doados a seu pai, por José Aristides, importante congadeiro de Contagem e região. Assim, acredita-se que Arthur Camilo já participasse de rituais de Candombe antes mesmo da formação da Comunidade, visto que, de acordo com depoimentos, o patriarca da Comunidade já participava dos ritos e festejos associados ao Congado, juntamente com Virgolino – fundador da Irmandade do Jatobá – e outros capitães da região.

03 DESCRIÇÃO

O Candombe é realizado em momentos importantes no calendário da Comunidade dos Arturos. Trata-se de um evento restrito, que ocorre no interior da Capela do Rosário, com a participação de membros da Comunidade e da Irmandade do Rosário.

O ritual consiste em tocar os candombes, percutidos pelas mãos, enquanto um grupo de homens, mulheres e, eventualmente, crianças propõe pontos (cantos) e dançam em frente aos tambores. No Candombe dos Arturos há a presença dos guaiás, chocalhos de cesto feito de palha trançada, com alça e cabaça no fundo, dentro dos quais são colocadas sementes. Os três tambores são feitos de tronco escavado,

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

têm o formato alongado e em uma das extremidades apresenta um couro tensionado por pequenas tiras do mesmo material, presas a um corredião, também de couro, que contorna a circunferência. Os instrumentos apresentam larguras diferentes, mas alturas semelhantes: o maior e mais grave é o Santana, o médio é o Santaninha e o mais estreito é o Jeremias (também denominado Chama).

O Candombe é realizado somente no período do Reinado, na capela do Rosário. Não há um número definido de rituais a serem realizados durante o ano, mas há ocasiões em que sua realização é obrigatória. O Reinado dos Arturos é aberto após a quaresma, geralmente no Sábado de Aleluia, com a realização do Candombe: “A abertura é com os tambor. Primeiro tem que dar o sinal nos tambor. Tem que falar a linguagem nos tambor. Bate uma volta de Candombe, ou duas ou três.”(Geraldo Arthur em entrevista para Glaura Lucas)

A abertura da Festa do Rosário, também se dá, invariavelmente, com a realização do Candombe – mas não existe um dia fixo para a realização do mesmo. E o fechamento do Reinado, ao final de novembro ou início de dezembro, quando se encerram as atividades e compromissos das guardas, só é possível com a ocorrência do ritual. Segundo Glaura Lucas, “é na capela que todas as atividades são iniciadas e concluídas. A partir do altar, abrem-se e fecham-se os percursos no espaço-tempo”(LUCAS, 2005, p. 171).

Por se tratar de um rito solene, ou como descreveu o antigo capitão-mor dos Arturos, Geraldo Arthur Silvério, em entrevista para Gomes e Pereira, “é um desafio, uma brincadeira de gente forte, que põe ponto, lembrando o passado”, os instrumentos são tocados pelos membros de maior destaque na Comunidade – os chamados Arturos de primeira linha, os mais velhos e os capitães das guardas. É preciso fazer oferendas e orações antes de tocar os instrumentos. E antes de iniciar o rito é preciso pedir licença aos tambores: primeiramente, é pedida a licença para tocá-los, dando toques isolados no couro e orando em voz baixa. Depois, é preciso pedir licença para por os pontos e dar início ao “jogo”. É sempre um membro mais velho – considerado mais forte e mais sábio – que inicia o rito, pedindo aos candombes:

Ora dono de ingoma
Com licença auê
Ora dono de ingoma
Com licença auê

Ê tamborete sagrado
Com licença auê
Tamborete sagrado
Com licença auê

Em seguida, vão sendo propostos novos pontos ou cantos pelos demais membros, homens, mulheres e crianças – segundo os participantes, os cantos propostos no Candombe são os pontos que eram cantados pelos escravos e tinham um significado secreto, usado pelos mesmos para se comunicarem. Os responsáveis por tocar os tambores também propõem pontos – é comum, por exemplo, que o Sr. Mário Braz da Luz, capitão-mor da Comunidade dos Arturos, responsável por tocar o Jeremias, inicie o ritual pedindo licença aos tambores e, depois, propondo novos cantos.

Cada participante se apresenta aos tambores, fazendo reverência, alisando levemente o couro de cada tambor, pedindo licença verbalmente ou utilizando outros gestos para demonstração de respeito. Geralmente os cantos são curtos, seguindo a estrutura *solo/coro* ou *pergunta/resposta*. É feita uma introdução, pelo candombeiro, sem acompanhamento do instrumento – quando muito, apenas um toque

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

dos tambores e o balançar dos guaiás ao final de cada frase –, em seguida ele canta o ponto completo, pergunta e resposta, para entoar novamente a pergunta e obter, a resposta do coro.

Solo:

Ê ingoma, chora ingoma auê
Ê Santana peço vós a benção auê
Ê Santaninha peço vós a benção ê
Ê Jeremia abençoa esse capitão ê
Ê pra poder cumprir sua missão ê
Ô candombe
Põe as benção nos seus fio
Solo: Ô Candombe
Coro: Põe as benção nos seus fio [...]

A partir da entrada do coro, os instrumentos dão acompanhamento ao canto. O ponto é repetido mais algumas vezes, antes de ser finalizado. Durante a apresentação, o candombeiro acompanha seu canto com uma dança bem característica, com inclinação e leve agachamento do tronco para frente, movimentação constante dos ombros e marcação dos pés. O mesmo solista pode apresentar um novo ponto ou se retirar, para que outro participante se apresente.

Por rememorar o sofrimento, que fez com que os escravos fossem eleitos pela Virgem do Rosário para receber seus agrados e proteção, o Candombe manifesta um ritual simples e forte, sem grandes preparativos. Os participantes não se vestem de forma diferenciada para celebração, pois segundo José Bonifácio da Luz, neto de Arthur Camilo, os tambores sagrados “não gostam de muito enfeite”.

Preparativos

Os homens que tocam os tambores fazem orações para a Virgem do Rosário, antes do início do ritual, pedindo força. São feitas oferendas aos tambores, e ao anoitecer, os instrumentos são retirados do local onde ficam guardados – um pequeno cômodo, atrás da Capela do Rosário – e levados para a Casa Paterna. Antes do ritual, reza-se o terço na Capela do Rosário, com o acompanhamento de todos os presentes. Na hora da celebração, os tambores são levados emparelhados para o interior da Capela.

Desenvolvimento

Os candombes são retirados da Casa Paterna por três capitães, em geral aqueles que irão tocá-los. Os tambores são pesados, por este motivo algum capitão mais jovem pode carregar um dos candombes pelo trajeto, para que este seja tocado por outro capitão mais velho. A curta distância é percorrida de forma solene, já que se carregam os instrumentos sagrados. Nesse momento é feita uma oração em frente à Casa Paterna e os tambores recebem toques pontuais. Dali, os caminhantes seguem emparelhados para o Cruzeiro, localizado diante da Capela. Após contornarem a cruz, os tambores são colocados no chão e novamente é feita uma oração e repetidos os toques no couro. De acordo com José Bonifácio (Bengala), estas batidas são “pedidos de licença” aos candombes, para que os capitães possam tocá-los mais tarde. Os capitães voltam a andar, parando à porta da capela. Ali, pede-se licença à Virgem do Rosário, a Deus e aos demais santos, para que se possa adentrar ao recinto com os tambores – o primeiro toque é dado no Santana, depois os outros dois também são tocados. É feita uma oração em voz baixa e novamente o couro dos tambores é percutido.

Os tambores são levados até o altar e, em seguida, são posicionados, eretos, à sua direita. Cada

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

candombe é preso à cintura do capitão por uma fina corda de couro. Inicia-se então o ritual, com um novo toque de alerta no Santana, seguido pelos outros tambores.

O rito é iniciado por um dos capitães presentes, geralmente os mais velhos e respeitados na Comunidade. Ele canta um ponto, pedindo licença aos tambores. O ponto é acompanhado por todos os que estão na capela. Inicia-se, então, o revezamento dos participantes propondo pontos e dançando diante dos tambores.

Após um número variável de pontos, é feito o encerramento do ritual, novamente por um dos filhos homens de Arthur. Os tambores são desamarrados e carregados até a frente do altar, em seguida são retirados pela porta lateral, localizada à direita do altar, próximo ao local ocupado antes pelos candombes.

Transformações e permanências

Ao longo dos anos, o ritual do Candombe, considerado de grande importância, passou por diversas transformações, entre elas a oportunidade das mulheres da Comunidade participarem da celebração. Anteriormente, a participação na cerimônia era feita somente pelos homens da Comunidade, que possuíam mais de 30 anos. Atualmente há a presença de mulheres e crianças, além da abertura para expectadores.

Embora tenha havido uma maior acessibilidade, os Arturos não apreciam que o rito seja registrado por meio de recursos audiovisuais. Esse procedimento foi executado somente no ano de 2013, quando os Arturos permitiram à equipe do IEPHA, que fosse realizado o registro audiovisual do ritual.

Ainda que tenham ocorrido mudanças, as permanências também são perceptíveis, pois o grupo mantém a essência do rito, que é a invocação dos que já se foram e o louvor a Nossa Senhora do Rosário. Esse ritual é essencial para a realização do Reinado – é ele que abre e fecha o Reinado dos Arturos – e é considerado um momento sagrado. O toque dos candombes permanece restrito aos capitães das guardas.

04 ESPAÇOS PARA A REALIZAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

Descrição do espaço da celebração

A cerimônia é realizada na Capela do Rosário, na Comunidade dos Arturos. Os tambores são retirados do local onde ficam guardados – um cômodo localizado nos fundos da Capela. Em seguida, os tambores seguem para a casa paterna e de lá são carregados até a capela, após contornarem o Cruzeiro do Adro da Capela.

Depois de saudarem a Virgem do Rosário, os tambores são dispostos à direita do altar, paralelos, e à frente da cadeira do patriarca que está posta à esquerda do altar. Em frente aos tambores se desenvolvem os cantos e danças.

Croquis

05 ÁREA DE ABRANGÊNCIA

Comunidade	X	Município		Região		Estado		Nacional	
------------	---	-----------	--	--------	--	--------	--	----------	--

Participação turística

Não há relatos de participação turística. A participação é restrita a poucos espectadores, já que se trata de um ritual solene, ligado ao culto dos antepassados e da Virgem do Rosário.

06 ELEMENTOS RELACIONADOS

Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC
Comunidade dos Arturos	Comunidade Tradicional	Lugares	-	5100
Reinado	Catolicismo Popular	Celebrações	-	4993

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS			CELEBRAÇÕES e RITOS	
Guarda de Congo	Dança dramática	Formas de expressão	-	4994
Guarda de Moçambique	Dança dramática	Formas de expressão	-	4995
Festa do Rosário	Celebração	Festa Religiosa	Catolicismo popular	4988
Festa da Abolição	Celebração	Festa Cívica		4989
Construção dos tambores	Construção de instrumentos	Saberes	-	5002
Capela do Rosário	Bem imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Cruzeiro da Comunidade	Bem imóvel	Bem Imóvel	Marco Religioso	-
Casa Paterna	Bem imóvel	EUA	Arquitetura Civil	-
Igreja do Rosário	Bem imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Cruzeiro Casa da Cultura	Bem imóvel	EUA	Marco Religioso	-

07 MODELO DE ORGANIZAÇÃO						
TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	X	Associação	Outros
Denominação	Comunidade dos Arturos/ Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos					
Descrição	<p>A Comunidade dos Arturos é um grupo familiar que habita um terreno comum, em Contagem, herdado de seu antepassado e fundador Arthur Camilo Silvério, de quem herdaram também a designação. Arthur Camilo Silvério, descendente de escravos, casou-se com Carmelinda Maria da Silva e começou a formar sua família na Fazenda do Macuco, na região do atual município de Esmeraldas, onde trabalhava. O casal teve onze filhos e só na década de 1940 é que a família passa a ocupar o terreno herdado pelo patriarca. Além da família de Arthur, mudam-se também para lá o casal Raimundo Afonso da Silva (sobrinho de Carmelinda) e Lúcia dos Santos (sobrinha neta de Arthur Camilo). Ali os casais criam seus filhos e netos, transmitindo-lhes a fé em Nossa Senhora do Rosário e os ensinamentos do Reinado.</p> <p>A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem tem como membros efetivos os componentes das Guardas de Congo e Moçambique, os benfeitores e contribuintes e honorários. Como a maior parte dos integrantes das guardas é da Comunidade dos Arturos, e estes têm participação ativa na diretoria, Comunidade e Irmandade acabam por partilhar objetivos e obrigações.</p>					
Organizadores e Financiadores						
Tipo	Privado					
Organizadores	A cerimônia é organizada pelos capitães das guardas, conforme dita a tradição.					
Financiadores	Não há.					

08 COMENTÁRIOS	
Comentários dos entrevistados	
<p>“Ninguém tinha liberdade, que era tempo de escravidão. O povo era só trabaiaá. Então Nossa Senhora apareceu lá nas água. Os rico foi tirá ela com banda de música e tal, ela num quis. Quando o padre foi celebrá missa, falano palavra, ela só mexeu um mucadim, mas parô. [...] Eles pelejô, pelejô, ela ficô parada lá nas água [...]</p> <p>O escravo viu tudo, pensô lá e combino com os companheiro dele: -- Ah, vô fala com o sinhô – se o sinhô dé nós a liberdade de nós conversa com ele – nós vão pedi ele se ele dexa nós i pelejá lá pra vê. [...] tem aquele pau ali – tá curado, né? – nós põe um pedaço de coro ali no tampo dele e nós vão batê, cantano nossa language. Às vez, quem sabe? E nós vão fazê nossas oração, leva nossos terço de conta de lágrima [...]</p> <p>Eles pegarô seus tambô, que era um par de três tambô e foi. Chegaro lá, fizero oratore de sapé, pusero arco de bambu enfeitado pra ela passa e foro bateno os tambô, cantano dançano pra ela. Ela deu um passo. Parô. Eles torno a cantá, cantano demais, ela veio vino devagarzinho, até que chegô na berada.</p> <p>Ah, os branco acho ruim! Quando ela parô na berada, eles tiraro ela. Com as banda de música, foguete essas coisa. Tudo de novo. Ela ficô quetinha: pegaro ela, levô, fizero lá uma capelinha, pôs ela lá dentro. [...]</p> <p>Quando foi no outro dia, eles abriro lá a capela, cadê ela? Tinha voltado pro mesmo lugá.</p> <p>Os nego armô a capelinha deles – cá no ponto de pobre, né? – de pé no chão, otros de precata, cantano, ela veio vino, eles arranjo seu andô deles. Tudo no ponto de pobre – pôs ela no lugá lá – lugá de nego, humilde – e ela ficô. Aí eles fizero a igreja dela e ela nunca que voltô.</p>	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Então ficô seno o tambô sagrado, o Candombe. É ele tiro ela. Num tambô ela veio sentada, igual andô. É Santana. Por isso nós começa o candombe assim: Ê tamborete sagrado.”

Geraldo Arthur Camilo

“É preciso pedir licença aos tambores e pedir a benção do Pai Eterno, pedir licença para entrar na casa dele.”

“Eu me sinto com mais de cem anos, quando tô tocando o Santana.”

“[...] somos guerreiros, vamos guerrear... somos soldados para Nossa Senhora do Rosário.”

José Bonifácio da Luz (Bengala)

Comentários do elaborador

Elementos significativos relacionados

No ritual do Candombe, um dos elementos significativos relacionados é a crença na presença espiritual dos antepassados da Comunidade. O Arturos acreditam que Arthur Camilo, Carmelinda e todos os seus ancestrais que já se foram, se fazem presentes nesse momento.

Crenças Associadas

O mito da Virgem do Rosário, segundo o qual, a Virgem Maria teria aparecido sobre as águas (neste ponto, existem algumas divergências quanto ao local em que a santa teria aparecido). Os brancos teriam tentado retirar a santa da água e levá-la para uma igreja, mas a santa não se deixava ficar no altar, retornando sempre ao ponto de origem.

Os negros teriam se oferecido para retirá-la da água. Os brancos concordaram, apesar de duvidarem que Nossa Senhora acompanhasse os escravos. Os negros foram então buscá-la com seus cantos e danças, e a santa saiu das águas e seguiu com eles. Após entroná-la em seu altar, Nossa Senhora permaneceu no local.

A narrativa da aparição da Virgem do Rosário nas águas e sua opção por sair com os tambores e cantos dos negros é recorrente em todo o Brasil e apresenta diferentes versões, em cada região ou grupo em que é contada. Na própria Comunidade dos Arturos, encontramos algumas variações na narrativa como a de Geraldo Artur feita anteriormente.

Identities construídas em torno da atividade

O ritual do Candombe propicia aos participantes a certeza de comungarem de uma tradição mágica e poderosa, ancestral e ao mesmo tempo presente em seu cotidiano. Uma tradição demasiadamente especial, pois foram eleitos pela própria Virgem do Rosário para conduzirem-na pela terra, para instaurar aqui seu segundo reinado. Cada um dos indivíduos faz parte de um todo, mas a alguns cabe a responsabilidade de ter recebido a missão de chamar os antepassados e iniciar o reinado de Maria.

Significados socioeconômicos

Não há.

Significados Simbólicos

O tambor, instrumento sagrado nas culturas africanas, foi e é usado como andor da Virgem Maria. Os tambores, na cosmovisão banto, são capazes de estabelecer uma ponte com o plano dos mortos, comunicando-se, assim, com os antepassados sagrados.

O ritual do Candombe apresenta um único padrão rítmico, de acordo com a etnomusicóloga Glaura Lucas, mas as estruturas rítmicas de cada tambor diferem uma da outra. Ainda segundo a autora, essas estruturas variam muito pouco ao longo de cada sessão do Candombe. Sendo assim, é possível falar em um “modo” de tocar cada um dos candombes, um saber que é passado de tocador para tocador. A pesquisadora afirma também, a partir das informações levantadas, que a configuração rítmica do padrão do Candombe é a

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

que tem maior aproximação, no Congado, aos modos de organização dos ritmos africanos.

Possibilidade de Continuação

O Candombe é o momento em que os Arturos, assim como outros grupos, entram em contato com a ancestralidade. É um ritual carregado de significado para a Comunidade, o momento em que o grupo fecha-se para celebrar a Virgem do Rosário e seus ancestrais. Acredita-se que, pela importância atribuída a celebração, faça com que ela permaneça, em constante transformação, mas sempre sendo realizada.

Percebe-se a participação, ainda tímida, de jovens e crianças no ritual – por se tratar “um jogo de fortes”, como denominam Gomes e Pereira, os mais jovens por respeito ao ritual e aos mais velhos, participam com parcimônia, cumprimentando os candombes e propondo pontos curtos. Mas ainda assim, a participação dos mesmos é sinal de que o respeito e a valorização do rito já se fazem presente nas novas gerações, sendo um forte indício para acreditar na perpetuação e continuidade do rito.

Plano de ação

Encontrar, juntamente com os Arturos, formas de incentivar a transmissão da história e dos valores ligados ao ritual do Candombe. Transmitir o saber dos cantos (pontos), incentivando a participação dos jovens na cerimônia.

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	José Bonifácio da Luz (Bengala)				Tipo	Capitão Mestre de Congo	
	Nascimento		Sexo	M	Idade	63	Registro Sonoro Visual	Não
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Neto de Arthur Camilo e Carmelinda, e filho de Conceição Natalícia, a Dona Tetane e Capitão Mestre do Congo.								
Contato		Comunidade dos Arturos.						

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA



Figura 2: Instrumentos do Candombe: Jeremias, Santaninha, Santana e os Guaiás (da esquerda para a direita).
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 3: Canto de abertura do Candombe, executado pelo Patriarca e Capitão-Mor, Mário Braz da Luz.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 4: Candombeiro pede licença aos tambores, antes de iniciar sua apresentação.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 5: Após a cerimônia, os tambores são retirados pela porta lateral da capela.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Santana, Santaninha e Jeremias e os guaiás.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Altar da capela dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC_4992_CArturos_Cand_LToledo_10-03-2012 (21) Figura 2: IPAC_4992_CArturos_Cand_LToledo_10-03-2012 (39) Figura 3: IPAC_4992_CArturos_Cand_LMundim_10-03-2012 (71) Figura 4: IPAC_4992_CArturos_Cand_LToledo_10-03-2012 (23) Figura 5: IPAC_4992_CArturos_Cand_LToledo_07-04-2012 (57) Figura 6: IPAC_4992_CArturos_Cand_CDellamore_ Figura 7: IPAC_4992_CArturos_Cand_LMundim_10-03-2012 (66)
Vídeos	DOC ARTUROS IEPHA_saida final
Áudio	Não se aplica

12 REFERÊNCIAS

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

LUCAS, Glauro. *Os sons do Rosário – O congado mineiro dos Arturos e do Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

LUCAS, Glaura; LUZ, José Bonifácio da (coord.). Cantando e Reinando com os Arturos. Belo Horizonte: Rona, 2006.

LUCAS, Glaura. *Música e tempo nos rituais do congado mineiro dos Arturos e do Jatobá*. (Tese de Doutorado)- Universidade do Rio de Janeiro. Pós-Graduação em Música. 2005, 333 fls.

MARTINS, Saul. Congado: família de sete irmãos. Belo Horizonte: SESC, 1988. 48p.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso de Candombe. Juiz de Fora – Belo Horizonte: Funalfa Edições – Mazza Edições, 2005.

13 FICHA TÉCNICA

Fotos	Ludymila Toledo, Luis Mundim.	07/04/2012
Vídeos	Luis Mundim, Rede Minas.	12/10/2012
Áudio	Rede Minas.	12/10/2012
Transcrição	Bruna de Paula.	20/01/2014
Levantamento	Ailton Batista, Ana Carolina Araújo, Ana Rita Andrade, Carmen Guimarães, Carolina Dellamore, Fabiele Costa, Leonardo Freitas, Luis Mundim.	
Elaboração	Fabiele Costa.	
Revisão	Carolina Dellamore, Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo.	13/01/2014 31/03/2014 27/05/2014

Observações

Foram utilizadas as entrevistas citadas e reproduzidas pelos pesquisadores Edimilson Pereira, Glaura Lucas e Núbia Gomes.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS **FORMAS DE EXPRESSÕES**

01 IDENTIFICAÇÃO					
Denominação	GUARDA DE CONGO DA COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	4994
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Cortejo Guarda de Congo, Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

	Categoria	Formas de Expressão
	Tipologia da Atividade	Dança dramática
	PERIODICIDADE	
	Início	Variável
	Fim	Variável
	Calendário Litúrgico	Tempo comum
	Invocação	Nossa Senhora do Rosário
	Observação das Datas	O dia de saída da Guarda pode variar de acordo com as visitas que pagam e eventos que participam ao longo do ano.
	DENOMINAÇÃO	Guarda de Congo da Comunidade dos Arturos
	DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

A Guarda de Congo se apresenta nas festas da Comunidade dos Arturos. Especialmente no segundo domingo do mês de maio, na Festa da Abolição, e no segundo domingo do mês de outubro, na Festa de Nossa Senhora do Rosário. A guarda visita as festas de outras Irmandades como pagamento de visitas, saindo somente durante o período do Reinado, que se inicia no sábado de aleluia e se encerra no final de novembro ou início de dezembro, podendo variar de acordo com o calendário da Irmandade. A data mais marcante é a Festa de Nossa Senhora do Rosário, que acontece na primeira quinzena do mês de outubro, durante três dias, normalmente aos sábados, domingos e segundas. Os principais santos de invocação relacionados são Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia.

Outras denominações	Congo	Nível de integração				
		Comunidade	X	Oficial		Intercomunitária

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

A Guarda de Congo da Comunidade dos Arturos é uma expressão cultural mantida pela Comunidade e que está relacionadas a vivencia das tradições resultantes do sincretismo religioso entre a matriz africana e a europeia, tais como o Reinado, Folia de Reis, Candombe, Ritual de Capina e a Benzeção.

Os fundamentos da Guarda do Congo e de outras tradições presentes na Comunidade tem suas raízes associadas ao processo de assimilação da fé cristã católica pelos africanos, principalmente os escravizados na América Portuguesa. Vale lembrar que o catolicismo português já estava presente em alguns territórios da África, entre eles o Reino do Congo, onde parte da população conhecia e praticava rituais de matriz cristã desde o final do século XV. Na diáspora africana, a fé católica impregnou o imaginário da população trazida para a colônia portuguesa, propiciando uma intensa assimilação também com os elementos da corte européia. No intuito de exercer forte dominação sobre os africanos, a Igreja Católica, junto a administração colonial consentiu com a realização de diversas práticas do chamado “catolicismo africano”, como a coroação dos reis negros e os festejos realizados com dança, música e teatro.

Na América Portuguesa, as celebrações religiosas associadas à devoção dos santos negros começaram a ser realizadas desde o início do século XVII, principalmente pelas Irmandades de Nossa Senhora do Rosário. Esses ritos, transportados por quem os fazia em solo africano, cruzaram os mares e ganharam força no século XVIII. Nesse interím, crescia nas comunidades negras a prática do Reinado/Congado.

A celebração era permeada por diversas influências africanas e europeias, embora os instrumentos e os ritmos das músicas e das danças e a eleição dos reis, apresentassem fundamentos essencialmente afros. Para além disso, ainda que subjetiva, a ritualização desse costume carregava uma configuração social proveniente da África, com hierarquização, linhagem e reverência à ancestralidade.

Nesses festejos, a figura de Nossa Senhora do Rosário é superior, é por ela que se dança, canta e vive. A crença na santa, parte da fundamentação mítica de que a imagem que apareceu nas águas só saiu do mar quando os negros mais velhos a retiraram. Segundo a narrativa, o grupo do Congo se dirigiu para a areia e tocando seus instrumentos só conseguiu fazer com que a imagem se movesse rapidamente. Posteriormente apresentaram-se os negros moçambiqueiros, que bateram seus tambores, cantaram e pediram que ela os protegesse, pedido este que foi atendido. A imagem se encaminhou, no movimento das ondas, lentamente, até chegar a praia e concedeu a graça aos moçambiqueiros, que conseguiram tira-lá da água, carregando-a sobre um tambor: o Santana. A lenda sobre a aparição de Nossa Senhora do Rosário dispõe de múltiplas versões e nos Arturos, segundo Mário Braz da Luz, Capitão-Mor da Comunidade, a crença é de que:

Nossa Senhora foi aparecida no Rio de Jordão, foi uma lavadeira que achou ela lá. Aí convidaram a guarda pra ir lá tirar ela e foi o Congo né? O Congo tem viola, tem pandeiro, tem muita fita e ela gostou do canto, ela saiu e foi lá vê. O Moçambique é mais lento, ele foi e ela gostou. Aí os tambô bateu. Tem o Santana, que chama Santana porque ela saiu e sentou nele.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

Foi os padre lá tirar, rezou pra ela sair e ela não saiu. Foi os vigários também lá e ela não conseguiu sair. Os preto foi lá de chinelo, todo remendado, foi lá ela abençoou ele e saiu. Eles trouxe ela pra senzala. Então ela é padroeira dos Pretos.

As guardas de congado atuam de acordo com essa fé. Se dividem entre Guarda de Congo e Guarda de Moçambique, sendo que, segundo Glaura Lucas: “O Congo se aproxima mais dos referenciais europeus”, enquanto “Os cantos dos moçambiqueiros relembram a África e os antepassados”. (LUCAS, 2005, p.11). Seguindo a estrutura, o Congo vai à frente dos cortejos, com um canto alegre e festivo, enfeitando e abrindo caminho para a Guarda de Moçambique e o Reino passar. Assim como fizeram seus antepassados, seguem limpando o percurso, enfrentando os males e anunciando, com suas alegorias, fitas e cores, os que se seguem a ele.

No caso da Guarda de Congo dos Arturos, acredita-se que seu surgimento esteja ligado ao Congado realizado em Contagem desde o século XIX. Isto pois, segundo o livro de despesas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, documento presente no Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, Camilo Silvério da Silva, pai de Arthur Camilo Silvério patriarca da Comunidade, que residia em Esmeraldas, na Fazenda do Macuco, já fazia parte da irmandade desde 1888, exercendo a função de Capitão Regente do Congado.

Em relação aos registros da Irmandade do Rosário de Contagem o que se verifica é que, ao longo dos anos a Irmandade, como outras do período, foi se enfraquecendo, ao ponto de não possuir lançamentos de registros do período de 1900 até 1920, ano em que cria um novo livro de ata que marca a tentativa de reestabelecimento da instituição. Em 1921 houve nova interrupção nos registros, sendo retomado somente em 1958.

Nesse último período, a Comunidade dos Arturos já estava consolidada, ritualizando a cada ano as tradições repassadas por Arthur Camilo Silvério. Assim, presume-se que Arthur Camilo, após receber os conhecimentos transmitidos pelo pai, juntamente com José Aristides, ambos Capitães do Congado da região desde o início do século XX, continuaram conduzindo a Festa de Nossa Senhora do Rosário e a Guarda de Congo, que paulatinamente passou a ser composta cada vez mais por pessoas da Comunidade. Nesse tempo a guarda dispunha de um número menor de participantes, em sua maioria homens.

Nos Arturos, o reinado do Rosário apresenta características similares aos realizados no período colonial, com elementos e ocupações régias com fundamentos europeus e africanos, tais como reis, rainhas, príncipes, princesas, capitães, entre outros. Na África, as festas eram realizadas principalmente no Congo, em Matamba e Ndongo, onde os reis eram figuras centrais, sendo acompanhados pelos demais membros da corte. O compromisso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da freguesia de Contagem, datado de 1867, aponta em sua composição cargos parecidos: Juiz, Juiza, Rei, Rainha, Procurador, Secretário, Andador e Capitão.

Do mesmo modo, na Guarda de Congo dos Arturos, o Rei e a Rainha Conga são as principais referências religiosas. Os reis são elementos fundamentais na Guarda e na Festa de Nossa Senhora do Rosário. Eles são a representação do reino das nações africanas, e é a sua presença que constitui o Reinado dos Arturos. Segundo José Bonifácio, Mestre do Congo: “[...] o império não sai sem o trono, e o rei congo e a rainha conga é obrigatório a saí. Eles é que domina todo o trono, sabe. Rei congo e a Rainha Conga é a coroa, é uma das, no trajeto é a coroa maior. Rei Congo e a Rainha Conga.”

Outra figura importante é o Capitão-Mor, referência tanto para o Congo quanto para o Moçambique, ele é quem aprova as decisões tomadas pelo capitão regente relacionadas à comunidade, à guarda e aos festejos. O primeiro Capitão-Mor da Comunidade foi Arthur Camilo Silvério falecido em 1956. Com sua morte o posto foi repassado para seu filho Geraldo Arthur Camilo, nascido em 1913. Geraldo permaneceu como capitão até seu falecimento em 23 de julho de 2004. Atualmente, Mário Braz da Luz, conhecido como “Seu” Mário é o Capitão-Mor. Há ainda o Capitão Regente, que interage mutuamente com todos os grupos e guardas. Ele transmite as orientações acerca da festa.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

03 DESCRIÇÃO

Na comunidade dos Arturos o Congo apresenta-se, nos festejos de Nossa Senhora do Rosário, à frente do cortejo abrindo os caminhos para que o Moçambique e o Reino coroado possam passar. Na sua grande maioria apresentam adereços coloridos e brilhantes, capacetes com fitas, quepes, saiotes coloridos bem rodados (rosa e branco ou verdes), bastões, com os quais fazem coreografias. As cores e adereços que compõem as fardas modificam-se de guarda para guarda, de região para região. Posicionam-se em duas fileiras encabeçadas por aqueles que portam as caixas. Os dançantes pulam e dançam fazendo diferentes coreografias. Seus movimentos são rápidos, marcados pela ginga e pelo cruzamento de pernas e pés e suas caixas tocam ritmos diferentes. As espadas e o pequeno tamboril ou tamborim, como são chamados, são os símbolos hierárquicos conduzidos pelos capitães da guarda. Segundo a fundamentação mítica, o Congo, abridor de caminhos, se arma pela espada, enquanto conduz o tamboril, símbolo dos instrumentos que moveram a imagem santa.

O Congo organiza-se espacialmente em duas fileiras formadas pelos dançantes, com um caixeiro liderando cada uma delas, chamados de caixeiros de guia, seguidos dos caixeiros de contraguia. Os capitães vão ao centro e os integrantes que tocam os reco-recos e pandeiros seguem junto aos capitães. No centro, à frente da Guarda, está a bandeireira que carrega a bandeira de guia com a imagem de Nossa Senhora do Rosário. A Guarda de Congo da Comunidade é composta por aproximadamente setenta integrantes, formada por mulheres, crianças, jovens e homens. A Guarda de Congo tem a função de realizar as visitas de “Coroa”, reunindo todos os reis e rainhas para que a Guarda de Moçambique venha buscá-los. Dançam vestidos de branco e rosa, com capacetes enfeitados de fitas e flores coloridas. As cores das vestimentas estão relacionadas à fundamentação mítica do aparecimento do Nossa Senhora do Rosário, representam as flores que adornaram o caminho que conduziu a santa.

No movimento da dança, o Congo se desloca rapidamente, com passos saltitantes e com deslocamentos laterais. Um dos elementos mais importantes que caracterizam a guarda de congo é a linguagem de seu canto. A linguagem do Congo expressa a religiosidade, o cotidiano, e as viências mais recentes do grupo, através dos cantos que lembram os problemas sociais com o poder público e a Igreja, a história de guardas visitantes e as brincadeiras, chamadas pelo integrantes da guarda de bazarrias, uma espécie de improviso.

Nos períodos festivos a Guarda do Congo também desempenha funções específicas. Nas sextas-feiras que antecedem as festividades, tanto em maio, quanto em outubro, a guarda de Congo é convocada à assistir o candombe, nem todos participam, mas todos devem assistir pois esse é o momento onde se pede proteção e resistência, para que ocorra tudo bem em todos os dias da festa. No sábado, às 18 horas, a Guarda deve se reunir na capela do rosário. O Mestre de Congo “bate” o apito e então seus comandados vão chegando um a um. Eles se organizam em duas filas e o mestre começa a instruí-los. Depois de preparada, a Guarda realiza junto com a Guarda de Moçambique todos os levantamentos de mastros neste dia.

Na matina, que acontece no domingo, a Guarda de Congo se junta ao Moçambique e aos Reis e Rainhas, e segundo o Mestre da Guarda, eles formam um grupo só. Ao final da matina eles se despedem e vão para suas casas se preparar para o cortejo da Guarda. Se reúnem novamente na Capela, agora vestidos com a roupa tradicional do Congo. Saem em cortejo, passam pela Casa Paterna, depois passam pelo cruzeiro pedindo a benção. Passam nas casas onde residem os Reis e as Rainhas, realizando um trajeto que pode mudar de ano a ano. No restante do dia seguem a programação anual da festa. Antes de cada festa é feita uma reunião com a capitania, e durante todo o ano se reúnem no último sábado de cada mês para realização de ensaios e discutir sobre algumas questões relacionadas a guarda. Durante todo o ano a guarda visita as festas de outras Irmandades com o pagamento de visitas.

A guarda de Congo da comunidade dos Arturos se estrutura com diversos cargos e funções, divididos hierarquicamente. O posto mais alto na Guarda, depois dos reis, é o de Capitão Mestre, ator fundamental na constituição do grupo. Ele é o elo entre o reinado e os demais congadeiros, é quem orienta, repassa os

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

saberes, puxa o canto e a dança e conduz a guarda. Anteriormente o Mestre do Congo era Joaquim Quadros. Após sua morte, José Bonifácio da Luz, o Zé Bengala, neto de Arthur Camilo, por ser na época 1º Capião da Guarda, assumiu a função.

Posteriormente tem-se a Capitã da Guarda: Maria das Mercês, conhecida como Ninita. O Mestre de Congo está no comando da guarda, ele recebe as orientações dadas pelo 1º Regente e as repassa para os comandados. Há também o Vice regente/capitão de guia que vai à frente da grupo e carrega a espada para proteger a bandeira e Nossa Senhora do Rosário que está estampada na bandeira. O 1º capitão de Congo é responsável pela guarda na ausência do mestre de congo e a 2ª capitã, que tem a função de orientar e acompanhar as meninas integrantes da guarda. Os Caixeiros de Guia são os que tocam as caixas/tambores que guiam a guarda e os dançantes ou vassalos dançam e alegram a festa apresentando coreografias diversas.

No Congado a musicalidade é utilizada tanto para a adoração aos santos de devoção como para momentos rituais, como hasteamento de bandeira, levantamento de mastros, cumprimentos a outras Guardas, pagamento de promessas, entre outras. No Congo, as músicas dizem são mais leves no conteúdo, porém mais animadas, alternando entre ritmos lentos e rápidos. Embora seja a dança acelerada e saltitante, chamada de “vassourinha”, que abre e limpa os caminhos do Trono Coroado. (LUCAS, 2005, p.114)

De acordo com Glauro Lucas: “Em todos a resposta coral é um refrão fixo, identificador do canto. No Congo o solista tende a alternar com o coro os mesmos versos, embora, vez ou outra, imprima algumas variações textuais e melódicas.” (LUCAS, 2005, p.114)

Como exemplo, seguem abaixo duas, das muitas músicas entoadas pelos membros da Guarda de Congo.

Música de hasteamento dos mastros:

*Eu vou levantar bandeirê, eu vou levantar bandeira
Vou levantar bandeirê, eu vou levantar bandeira
Ai olelê bandeirê, olelê bandeirê,
Vou levantar bandeirê, eu vou levantar bandeira
Eu levantei coroê, eu levantei coroa.
Eu levantei bandeirê, eu levantei bandeira...*

No momento de abertura do Congo a melodia é a seguinte:

*Ô Maria, ô mãe querida
Eu vou pedir, ô mãe querida,
Vou pedir ô mãe querida
Que toma conta dos filho dela
Toma conta dos filho dela
Pra evitar dos inimigo
Evitai dos inimigo
E livrai das tentação*

*Viva Nossa Senhora do Rosário!
Viva Nossa Senhora do Rosário!*

Indumentária

Os integrantes vestem saiotos de cor rosa, branco ou rosa e branco sobre uma farda branca. Algumas vezes usam camisa também de cor rosa, mas a calça é tradicionalmente branca. Usam um tipo de capacete, ornamentado com espelhos, flores e fitas coloridas. Alguns homens integrantes da guarda usam uma espécie de gorro da cor rosa, feito de tricô e ao invés do saio usam uma faixa roda colocada na cintura. Alguns usam

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

colares e todos levam consigo o rosário cruzado no peito. Os capitães usam capes que indicam sua posição na guarda, o primeiro deles utiliza também uma espada. Usam também uma espécie de toalha, que colocada sobre os ombros que também indica a força e importância de seu portador. As mulheres que integram a guarda criam o figurino que é trocado, geralmente, a cada quatro anos.

Instrumentos

Os instrumentos são sagrados, representam a conexão entre o mundo físico e o espiritual, a ligação entre os vivos, os que já se foram e Nossa Senhora do Rosário. A Guarda de Congo geralmente utiliza os seguintes instrumentos: caixas/tambores de guia, caixas/tambores de contra-guia, pandeiro, tamboril/tamborim e reco-reco. E por último, os capitães da guarda utilizam apitos que servem para alertar e orientar os dançantes.

04 FORMAS DE TRANSMISSÃO

Origem do Saber

Os saberes e tradições da Guarda de Congo são repassados de geração para geração desde os fundadores da Comunidade.

Transmissão

O mestre da Guarda de Congo da Comunidade dos Arturos, José Bonifácio da Luz é quem transmite a tradição.

Forma de Continuidade

A memória da guarda é repassada oralmente aos membros mais novos que demonstram interesse em aprender seus fundamentos. A observação por parte dos aprendizes também é um fator muito importante no modo de transmissão da tradição.

Transformações

Segundo José Bonifácio da Luz, houve um aumento no número de mulheres na guarda. Mudaram-se os ritmos das danças e das canções entoadas pela guarda, devido a maior participação feminina. Glaura Lucas (2002) afirma que a presença de mulheres na Guarda de Congo é posterior à morte de Arthur Camilo. Alguns instrumentos deixaram de ser utilizados, como a sanfona e o reco-reco.

No período anterior à criação do convênio com a Prefeitura de Contagem, os integrantes da Irmandade pagavam uma mensalidade para financiar as necessidades da guarda, depois da criação do convênio a mensalidade foi extinta.

No passado, como o número de participantes era menor, as roupas eram confeccionadas na própria comunidade. Atualmente uma empresa de confecção produz o uniforme, visto que o número de integrantes cresceu significativamente.

05 ELEMENTOS RELACIONADOS

Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC
Comunidade dos Arturos	Comunidade Tradicional	Lugares	-	5100
Festa de N. Sra. do Rosário	Festa Religiosa	Celebrações	Catolicismo Popular	4988
Festa da Abolição	Festa Cívico-religiosa	Celebrações		4989
Capela de N. Sra. do Rosário	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Igreja de N. Sra. do Rosário	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Cruzeiro da Comunidade	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Cruzeiro da Casa da Cultura	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Tambores	Bem Móvel	Instrumento Musical	Percussão	-
Espadas	Bem Móvel	Instrumento Ritual	-	-
Tamboril	Bem Móvel	Instrumento Musical	Percussão	-
Vestimenta do Congo	Bem Móvel	Indumentária	-	-
Levantamento de Mastro	Festividade votiva	Formas de Expressão	-	4998

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS			FORMAS DE EXPRESSÕES	
Reinado	Catolicismo Popular	Celebrações	-	4997

06		MODELO DE ORGANIZAÇÃO				
TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	X	Associação	Outros
Denominação	Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem.					
Descrição	A Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem atua em conjunto com os integrantes da guarda de congo e os demais integrantes da comunidade. Os irmãos do Rosário se reúnem para decidir sobre a programação das festividades e deliberam sobre outras questões relacionadas a comunidade. A Irmandade representa juridicamente os membros da comunidade.					
Organizadores e Financiadores						
Tipo						
Organizadores	Membros da Comunidade e integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem.					
Financiadores	Convênio com a Prefeitura de Contagem, doações dos integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, e membros da comunidade. Alguns recursos também são angariados meio de apresentações artísticas e comercialização de camisas com motivos relacionados à comunidade e aos festejos. Também através de projetos relacionados a órgãos de incentivo à cultura.					

07		COMENTÁRIOS
		Identidades criadas em torno da atividade
		Na Guarda de Congo dos Arturos as identidades se constroem em torno da parte que lhes cabe no mito de aparição da Nossa Senhora do Rosário, a de abrir caminhos e celebrar alegremente o percurso do trono coroado. Nota-se durante o cortejo, que os integrantes são mais festivos, sorridentes, prestativos e zelosos. Uma especificidade da Guarda de Congo é a forte presença das mulheres
		Comentários dos entrevistados
		E graças a Deus eu peguei como Mestre Congo. E uma função até que eu gosto, porquê...é aonde que você não manda, mas todos te obedece. É um líder acima de qualquer coisa. Por exemplo, é, o Congo nosso aqui, ó, é um Congo muito bonito, muito grande, muito coisa, mas...quando o Mestre tá perto eles têm um pouco mais de atenção, por exemplo, vão para pra almoçar, 'eu já almocei, eu já fui', aí, cá um pra lá, um pra cá, outro pra cá. Se o Mestre chamou, num que sabê.
		José Bonifácio da Luz
		Então, na minha comunidade, eu sou feliz por causa disso. Eles me dão apoio, eles me dão aquilo que eu quero, aquela liberdade de ser um mestre de Congo, aonde eu tenho a minha sobrinha, a minha prima, as minhas tias, os filhos deles, todos compartilham comigo a guarda do Congo. A partir do momento que eles uniformiza, que eles estão entregues à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, na festa, aí eles não tem pai, não tem mãe, nem ninguém, quemeles têm sou eu. Às vezes, pra sair com a mãe, eles chega e pergunta: "Minha mãe tá me chamando, eu posso ir?" Então, eu tenho que agradecer essa liberdade que eles me dão.
		José Bonifácio da Luz.
		Comentários do elaborador
		A guarda de Congo surge como aqueles que chegaram primeiro a beira mar, onde encontrava Nossa Senhora do Rosário. Cantando e dançando conseguiram fazer com que a Santa fizesse apenas um pequeno movimento em direção a eles. Dessa forma, a importância do Congo se manifesta na na função que ele exerce aparecendo sempre a frente do cortejo, com sua movimentação rápida e dançante, abrindo e limpando os caminhos para que o Moçambique e o Reinado possam passar. Sendo assim, os membros da Comunidade dos Arturos e os Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem provavelmente continuarão a

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	FORMAS DE EXPRESSÕES
--	-----------------------------

fazer parte da guarda de congo e atuarão nos festejos que fazem parte de sua identidade cultural.

07	Possibilidade De Continuidade
-----------	--------------------------------------

Por ser mais dinâmica e animada, a Guarda de Congo atrai um número maior de membros da Comunidade. Como sua formação é constituída por jovens, adolescentes e inclusive crianças, a perspectiva de continuidade da tradição se amplia.

07	Necessidades
-----------	---------------------

Instalações	Construção de um Centro de Referência dentro da Comunidade.
Instrumentos	Madeira, couro sintético e intens do uniforme (calçados, tecido, fitas, espelhos).
Matéria-Prima	Não se aplica.
Pessoal	Membros mais jovens.
Formação	Confecção de instrumentos tambores tradicionais na Comunidade.
Atividade Macro	Comunidade dos Arturos
Modo de expressão com necessidade de documentar/proteger	Os cantos característicos e as performances feitas pelo integrantes da guarda de congo.

08	AÇÃO DE SALVAGUARDA
-----------	----------------------------

É necessário a criação de mecanismos de valorização e repasse das tradições, para que a rotina do mundo moderno não cause desinteresse das novas gerações pelos ritos da comunidade. Para isso, é fundamental ampliar a divulgação de trabalhos já realizados sobre a Guarda de Congo da Comunidade dos Arturos; incentivar a produção e a publicação de estudos e materiais que a promovam; realizar oficinas de confecção de instrumentos necessários para composição da guarda e promover cursos de formação para inscrições em leis e editais de incentivo à cultura.

09	ENTREVISTADOS
-----------	----------------------

01	Nome	José Bonifácio da Luz		Tipo	Capitão Mestre da Guarda de Congo			
	Nascimento		Sexo	M	Idade	63	Registro Sonoro Visual	X
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)								
José Bonifácio é Capitão Mestre da Guarda de Congo, filho de Conceição Natália da Silva, artura de primeira linha. Em sua composição como capitão faz o uso de sapatos e calça branca, saiote e camisa rosa ou rosa e branca, capacete ornamentado com espelhos, flores e fitas coloridas. Está sempre munido com seu mastro, apito e rosários em volta do tronco.								
Contato		Comunidade dos Arturos						
Observações								

10	DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA
-----------	---------------------------------

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES



Figura 2: Nova geração de integrantes da Guarda de Congo da Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 3: Guarda de Congo Comunidade dos Arturos ao redor do Cruzeiro.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 4: Guarda de Congo Comunidade dos Arturos em frente à Casa Paterna.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 5: Guarda de Congo Comunidade dos Arturos em cortejo.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 6: Congo e Moçambique da Comunidade dos Arturos dançando em frente à Casa do Seu Antônio.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 7: Guarda de Congo Comunidade dos Arturos dançando em frente à Casa Paterna.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES



Figura 8: Capitão-Mor da Comunidade Mário Braz da Luz e Capitão Mestre da Guarda de Congo.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 9: Reis, Mário Braz da Luz e Capitão Mestre da Guarda de Congo.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 10: Guarda congo Comunidade dos Arturos dentro da Capela de Nossa Senhora do Rosário.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 11: Guarda de Congo Comunidade dos Arturos dançando com bambolês.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES



Figura 12: Guarda de Congo Comunidade dos Arturos dançando.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias

- Figura 1: IPAC4989_CARTuros_FAbolicao_CDellamore_13mai12 (267)
- Figura 2: IPAC4989_CARTuros_FestAbol_CDellamore_13mai12 (323)
- Figura 3: IPAC4988_CARTuros_FRosa_AJunior_14_10_12 (10)
- Figura 4: IPAC4988_CARTuros_FRosa_AJunior_14_10_12 (23)
- Figura 5: IPAC4989_CARTuros_FestAbol_CDellamore_13mai12 (232)
- Figura 6: IPAC4988_CARTuros_FRosa_AJunior_14_10_12 (50)
- Figura 7: IPAC4989_CARTuros_FestAbol_CGuimarães_13mai12 (208)
- Figura 8: IPAC4989_CARTuros_FestAbol_CDellamore_13mai12 (220)
- Figura 9: IPAC4988_CARTuros_FRosa_AAndrade_14_10_12 (24)
- Figura 10: IPAC4988_CARTuros_FRosa_CDellamore_14_10_12 (32)
- Figura 11: IPAC4988_CARTuros_FRosa_LFreitas_6out13 (2)

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		FORMAS DE EXPRESSÕES
	Figura 12: IPAC4989_CArturos_FestAbol_CDellamore_13mai12 (272)	
Vídeos	DOC ARTUROS IEPHA_saida final	
Áudio	ipac4988_CA_FestaRosário_Bengala_LFreitas_13nov13(1) ipac4988_CA_FestaRosário_Bengala_LFreitas_13nov13(2)	

12	REFERÊNCIAS
	GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Arturos – Olhos do Rosário. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 1990.
	GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negras Raízes Mineiras - Os Arturos. Belo Horizonte: Mazza, 2000.
	LUCAS, Glaura. Diferentes perspectivas sobre o contexto e o Congado mineiro. In.: TUGNY, Rosângela Pereira; QUEIROZ, Ruben Caixeta. Músicas Africanas e Indígenas no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
	LUCAS, Glaura. Os sons do Rosário: um estudo etnomusicológico do congado mineiro – Arturos e Jatobá. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da USP, 1999.
	Congado é tradição e deve ser incentivado. <i>Diário da tarde</i> . Belo Horizonte, 01 set 1976.
	COMUNIDADE NEGRA DOS ARTUROS (org.). LUCAS, GLAURA; LUZ, José Bonifácio da. (coord.). Cantando e reinando com os Arturos. Belo Horizonte: Roma, 2006.
	DOCUMENTOS DO PATRIMÔNIO IMATERIAL: Comunidade dos Arturos. Direção: Paulo Henrique Rocha. Produção da Associação de Desenvolvimento da Radiodifusão de Minas Gerais – ADTV / Rede Minas, 2013. DVD (78 MIN). Son., Color. Realização do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA\MG.

13	FICHA TÉCNICA	
Fotos	Adebal de Andrade Júnior, Alessandra Godoy, Carmem Guimarães, Carolina Dellamore.	09/10/2011 13/05/2012 14/10/2012
Vídeos	Ana Rita Andrade, Rede Minas.	
Áudio	Leonardo Freitas.	13/11/2013
Transcrição	Ana Rita Andrade.	
Levantamento	Ana Rita Andrade, Leonardo Freitas.	
Elaboração	Ana Rita Andrade, Débora Raíza Rocha.	22/12/2013
Revisão	Carolina Dellamore, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo.	03/06/2013 11/06/2013 31/03/2014 21/05/2014
	Observações	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	FORMAS DE EXPRESSÕES
--	-----------------------------

01 IDENTIFICAÇÃO					
Denominação	GUARDA DE MOÇAMBIQUE DA COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	4995
Município(s)	Contagem	Distrito		Sede	
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23k	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Guarda de Moçambique da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

Categoria	Formas de Expressão
Tipologia da Atividade	Dança dramática
PERIODICIDADE	
Início	Variável
Fim	Variável
Calendário Litúrgico	Tempo comum
Invocação	Nossa Senhora do Rosário
Observação das Datas	O dia de saída da Guarda pode variar de acordo com o pagamento de visitas e eventos que participam ao longo do ano.
DENOMINAÇÃO	Guarda de Moçambique da Comunidade dos Arturos.
DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

A Guarda de Moçambique se apresenta no período do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, que se abre no Sábado de Aleluia e se encerra no final novembro ou início de dezembro. As datas mais marcantes para o grupo são: a Festa da Abolição, realizada no segundo domingo do mês de maio e a Festa de Nossa Senhora do Rosário, feita durante três dias do mês de outubro, geralmente sábado, domingo e segunda-feira. A guarda se apresenta em festejos de outras Irmandades como pagamento de visita, pois é a responsável pelo reinado de Nossa Senhora e em alguns momentos se apresenta em eventos.

Outras denominações	Moçambique	Nível de integração					
		Comunidade	X	Oficial		Intercomunitária	

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

A Guarda de Moçambique da Comunidade dos Arturos se constitui em uma manifestação cultural resultante do sincretismo religioso entre matriz africana e europeia, prevalecendo mais intensamente, as práticas de origem afro. A estrutura de dominação e de tráfico Atlântico do século XVI se legitimou ante ao processo de assimilação da população africana com a Igreja Católica. Assim, a fé católica impregnou o imaginário da população trazida para a colônia portuguesa, propiciando a criação do chamado “catolicismo africano”, que contava com a celebração de festejos com dança, música e teatro e coroação de reis negros.

Nessa conjuntura, o surgimento das Guardas de Moçambique formadas no Brasil, está relacionado ao mito de aparição de Nossa Senhora do Rosário, narrativa que traz elementos de proteção e amparo à população africana escravizada. Na fundamentação mítica, as guardas do Congado se formaram ainda na África, quando a Santa apareceu nas águas. De acordo com a lenda, os primeiros a tentar retirar a imagem do mar foram os senhores brancos, que não conseguiram fazer com que ela se movimentasse. Posteriormente, a Guarda de Congo, composta por negros mais jovens enfeitados com fitas coloridas, se dirigiu para a areia e tocando seus instrumentos, só conseguiu fazer com que a imagem se movesse rapidamente. Na última tentativa, os negros mais velhos, conhecidos como moçambiqueiros, bateram seus tambores, cantaram e pediram que ela os protegesse, pedido este que foi atendido. Nesse momento a imagem se encaminhou, no movimento das ondas, lentamente, até chegar a praia e lhes concedeu graça de tira-lá da água. Eles a carregaram sobre seus tambores: o Santana, Santaninha e Jeremias, instrumentos utilizados nos rituais de Candombe, momento de encontro com os ancestrais.

As guardas de congado atuam de acordo com a fé nessa crença, se dividindo entre Guarda de Congo e Guarda de Moçambique, sendo que segundo Glaura Lucas: “O Congo se aproxima mais dos referenciais europeus”, enquanto “Os cantos dos moçambiqueiros relembram a África e os antepassados”. (LUCAS, 2005, p.11). Em entrevista a Gomes e Pereira, Mário Braz da Luz, Capitão-Mor da Comunidade, assinala essa ancestralidade africana do Moçambique afirmando que:

Maçambique é de nego véio que sabe das coisa. É mais antigo, da linha de Angola, de nego da Costa. Antigamente eles falava língua de nego e ninguém entendia. O Congo é mais vassourinha, mais de caboclo. Más nós é que guarda o Maçambique, ali na frente. Eles vem mais atrás, guardando a coroa e os rei. (GOMES & PEREIRA, p. 239)

No caso dos Arturos, seus ancestrais já realizavam o Congado antes mesmo da formação da Comunidade. Conforme documento presente no Memorial da Arquidiocese de Belo Horizonte, Camilo Silvério, pai de Athur Camilo, fazia parte da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem desde 1888, exercendo a função de Regente do Congado. De acordo com os depoimentos dos descendentes de Arthur Camillo e Carmelinda, durante o início do século XX, período em que moravam na Mata do Macuco, região próxima de Esmeraldas, o grupo familiar se deslocava para Contagem no intuito de praticar o Congado no município.

Nesse interm, a Irmandade foi se enfraquecendo, ao passo que a Comunidade, formada em meados de

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

1940, se consolidava, ritualizando a cada ano as tradições repassadas por Arthur Camilo Silvério. Assim, ao longo dos anos de 1950, foi criada a Guarda de Moçambique dos Arturos. Após a morte de Arthur Camilo, em 1956, seus filhos se tornaram as principais referências nas Guardas de Congo e Moçambique. Atualmente “Seu Antônio Maria da Silva, é o Mestre da Guarda de Moçambique e Capitão Regente da Comunidade, e “Seu” Mário Braz da Luz, é o Capitão-Mor da Comunidade.

03 DESCRIÇÃO

A Guarda de Moçambique dos Arturos é formada essencialmente pelos homens mais velhos da Comunidade, embora possua algumas mulheres e jovens. São os “donos de Coroa”, ou seja, os responsáveis pela condução e proteção do Trono Coroado.

Os integrantes da Guarda possuem fardas com menos cores e enfeites, mas é rica em outros adereços, como os rosários, colares e brincos. Os moçambiqueiros usam turbantes de cor azul ou branco, amarrados na cabeça, gungas nos pés, patangomes e tambores de sons surdos e graves. Vestem saiotes nas mesmas cores dos turbantes, sobre farda branca. Dançam com os pés próximos ao chão, com pisadas fortes, ombros encurvados. Em momentos específicos, sempre dançam, cantam e caminham sem dar as costas para os reis e rainhas.

No cortejo, a Guarda de Moçambique caminha após o Congo, guardando o reinado, que representam Nossa Senhora e os santos protetores: São Benedito e Santa Efigênia. Cantam de forma lenta e pausada, referindo-se aos seus antepassados africanos. Como são “os donos da coroa”, os Moçambiqueiros conduzem o ritmo dos reis e das rainhas. Dessa forma, caminham devagar, numa dança vertical, ao contrário do movimentos rápidos verificados do Congo. Quando se empolgam e aceleram, o capitão tem a função de alertá-los que devem sempre andar devagar. Os capitães carregam, como símbolo de poder, bastões de madeira que passam por específicos rituais de consagração. Os dançantes são acompanhados pelos caixeiros, que batem forte, à frente da Guarda.

Tanto em maio quanto em outubro, na sexta-feira que antecede as festas, os capitães das Guardas de Moçambique e do Congo realizam o Candombe e os demais integrantes da Guarda participam acompanhando o coro. O Moçambique é quem representa o Candombe, pois batem seus tambores de forma mais próxima a esse, sendo assim o primeiro da hierarquia. Esse rito é considerado um importante momento de aprendizado para os integrantes do Congado.

No sábado, o Moçambique realiza junto com o Congo o levantamento dos mastros. No domingo pela manhã, dia da festa, a Guarda de Moçambique se une ao Congo para a matina. Ao final da matina, os integrantes das Guardas se recolhem e vestem as roupas tradicionais do Congado. Posteriormente, realizam as “visitas de coroa”, momento em que visitam os mastros erguidos na Comunidade e as casas dos reis e rainhas. Depois seguem em cortejo até a Igreja de Nossa Senhora do Rosário para participar da Missa Conga. A partir daí seguem a programação tradicional de cada festa. Integram a Guarda de Moçambique uma média de quarenta a sessenta participantes.

O canto é todo improvisado, valendo-se da sabedoria, da memória e da criatividade de cada capitão, contudo algumas músicas foram transcritas por Glaura Lucas no livro Cantando e Reinando com os Arturos. Seguem abaixo dois exemplos das muitas músicas entoadas pelos membros da Guarda de Moçambique:

Jango

Tarilelê, a ô ô ô

Tarilelê, ê, ê, a ô ô a ô ô ê ê ê

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

Ê ai minha ingoma
Minha ingoma de papai, ai ai
Minha ingoma tá chorando, ai ai
Ela chora em morro velho, iê

Tarilelê, a ô ô ô
Tarilelê, ê, ê, a ô ô a ô ê ê ê

Ô ingoma /Ê chora ingoma

Aô Angola, Aô, Angola!
Essa gunga veio de lá, essa gunga veio de lá
Correu mundo e correu mar,
Correu mundo e correu mar,
Ô ingoma, Ô ingoma
Correu mundo e correu mar,
Correu mundo e correu mar...

Ê chora ingoma,
Ê ingoma chora
Ê chora ingoma, ingoma de vovô
Ingoma chora.

Indumentária

Saiotes não muito rodados de cor branca ou azul, sob uma farda branca, com turbantes azuis ou brancos na cabeça. Sua vestimenta não possui muita ornamentação. As cores utilizadas fazem referência ao manto de Nossa Senhora do Rosário e são as cores padrão da Comunidade dos Arturos. Como símbolo de comando usam ainda uma toalha que cobre os ombros, o que representa a força do portador. Alguns integrantes usam colares e todos carregam consigo um rosário cruzado no peito.

Instrumentos

A Guarda de Moçambique da Comunidade dos Arturos utiliza como instrumentos os tambores, também chamados de caixas, os patangomes, gungas e apitos. O cortejo sai com três caixas, que devem ser maiores que as do Congo, fazem referência aos três tambores sagrados do candombe e à trindade santa. Os patangomes são chocalhos, feitos com latas de chapa de aço inox, tocados com as mãos. Outro instrumento que caracteriza a Guarda de Moçambique são as gungas, chocalhos de latinhas feitos de chapa de aço inox presas a uma correia de couro e amarrada aos tornozelos. O som desses instrumentos é produzido por esferas de rolamentos de veículos colocadas em seu interior. No caso das gungas, há uma clara menção ao tempo da escravidão, já que esse era o nome dado ao guizo preso à perna dos escravos para sinalizar suas fugas. E por último, os capitães da Guarda utilizam apitos que servem para alertar e orientar os dançantes.

04 FORMAS DE TRANSMISSÃO

Origem do Saber

Os saberes e tradições da Guarda de Moçambique são repassados de geração para geração.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS **FORMAS DE EXPRESSÕES**

Transmissão

O ensinamentos são repassados tanto de pais para filho, como de Mestre para aprendiz. Depois de amadurecida, a criança escolhe qual posição vai ocupar dentro da guarda, qual instrumento vai tocar, etc. A observação por parte dos aprendizes também é um fator muito importante no modo de transmissão da tradição.

Forma de Continuidade

A memória da Guarda é repassada oralmente aos membros mais novos que demonstram interesse em aprender seus fundamentos. A observação por parte dos aprendizes também é um fator muito importante no modo de transmissão da tradição. Nesse sentido, fazer com que os mais novos participem da Guarda de Moçambique, é continuar a tradição.

Transformações

Ocorreram transformações em todos os aspectos relacionados à Guarda. Segundo o 2º ministro do Moçambique, elas podem ser observadas em relação aos uniformes, que antes eram feitos de forma artesanal, cada integrante da Guarda confeccionava sua própria roupa. Hoje uma empresa específica é responsável pela confecção dos uniformes. O material para construção dos instrumentos, também foi alterado. Anteriormente se utilizava matéria-prima e hoje são produzidos com materiais industrializados. Uma modificação significativa aconteceu no âmbito das apresentações. Anteriormente a Guarda só se manifestava em eventos religiosos, no entanto, atualmente o Moçambique se apresenta em alguns eventos artísticos.

05 ELEMENTOS RELACIONADOS

Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD. IPAC
Comunidade dos Arturos	Lugares	Comunidade	Comunidade Tradicional	5100
Festa de N. S. Rosário	Celebrações	Festa Religiosa	Catolicismo Popular	4988
Festa da Abolição	Celebrações	Festa Cívica	-	4989
Capela de N. S. Rosário	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Igreja de N. S. Rosário	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Cruzeiro da Comunidade	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Cruzeiro da Casa Cultura	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Cruzeiro (Capela da Comunidade)	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Cruzeiro (Igreja de N. S. Rosário)	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Tambores	Bem Móvel	Instrumento Musical	Percussão	-
Tamboril	Bem Móvel	Instrumento Musical	Percussão	-
Vestimenta do Moçambique	Bem Móvel	Indumentária	-	-
Levantamento de Mastros	Celebrações	Festividade Votiva	-	4998

06 MODELO DE ORGANIZAÇÃO

TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	X	Associação	Outros
Denominação	Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem .					
Descrição	A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário representa juridicamente as Guardas de Congo, Moçambique e toda a Comunidade. Os irmãos do rosário se reúnem para decidir sobre a programação das festividades e deliberam sobre outras questões relacionadas à Comunidade.					
Organizadores e Financiadores						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		FORMAS DE EXPRESSÕES
Tipo	Descrição	
Organizadores	Membros da comunidade e integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem	
Financiadores	Convênio com a Prefeitura de Contagem, doações dos integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, e membros da comunidade. Alguns recursos também são angariados por meio de apresentações artísticas e comercialização de camisas com temas relacionados à comunidade e aos festejos. Também através de projetos relacionados a órgãos de incentivo à cultura.	

07	COMENTÁRIOS
	Identities criadas em torno da atividade
	<p>A Guarda de Moçambique representa aqueles que conseguiram retirar a imagem de Nossa Senhora do mar e por isso conduzem o Trono Coroado. Nesse sentido, nota-se que durante as celebrações os moçambiqueiros se mostram imbuídos desse imaginário, refletindo, o zelo e o cuidado que necessitam oferecer aos reis e rainhas e à memória da África. O grupo é considerado forte e sábio, pelo conhecimento que carregam e pela música mágica e secreta que entoam. Gomes e Pereira (2000), apontam que a força mítica da Guarda está no desprovemento da riqueza material, assinalando que a humildade, traço marcante dos moçambiqueiros, constitui sua “elevação espiritual”.</p>
	Comentários dos entrevistados
	<p>“Moçambique foi feito pra puxar coroa. Tem diversos capitão que tem o seu bastão, que é o bastão de Nossa Senhora do Rosário. Daí vem os cato: ‘Sá Rainha, saia cá pra fora, que nego véio quer te ver, hoje no rosário de Maria, chegou o nosso dia, com prazer e alegria”.</p> <p style="text-align: right;">José Bonifácio da Silva</p>
	Comentários do elaborador
	<p>A Guarda de Moçambique é parte fundamental para realização dos festejos na comunidade e na vivência da fé. Como são os guardiões da coroa e responsáveis pela cuidado do Reinado, sua presença é extremamente relevante para o Congado, a Festa de Nossa Senhora e principalmente para a Comunidade, que vive de acordo com a estrutura do Reinado.</p>
	Possibilidade De Continuidade
	<p>As crianças da Comunidade são estimuladas a participar de todos os festejos coletivos. Aquelas que demonstram maior interesse, ao longo do tempo, recebem, por meio da tradição oral, todas as orientações relacionadas ao conhecimento necessário para fazer parte da Guarda de Moçambique. A guarda possui poucas crianças, mas, muitos jovens, o que possibilita a continuação da tradição.</p>
	Necessidades
Instalações	Construção de um Centro de Referência dentro da Comunidade.
Instrumentos	Madeira, couro sintético, material inox e itens do uniforme (calçados, tecido, terços).
Matéria-Prima	Não se aplica.
Pessoal	Membros mais jovens.
Formação	Confecção de instrumentos tambores tradicionais na Comunidade.
Atividade Macro	Comunidade dos Arturos.
Modo de expressão com necessidade de documentar/proteger	Os cantos característicos e as performances feitas pelo integrantes da Guarda de Moçambique.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

08 AÇÃO DE SALVAGUARDA

É necessária a criação de mecanismos de valorização e repasse das tradições, para que a rotina do mundo moderno não cause desinteresse das novas gerações pelos ritos da comunidade. Para isso, é fundamental ampliar a divulgação de trabalhos já realizados sobre a Guarda de Moçambique da Comunidade dos Arturos; incentivar a produção e a publicação de estudos e materiais que a promovam; realizar oficinas de confecção de instrumentos necessários para composição da Guarda e promover cursos de formação para inscrições em leis e editais de incentivo à cultura. Projetos que reforçam a importância de se preservar a memória da comunidade bem como sua tradição. Para além disso, é preciso que se crie possibilidade de recrutamento de recursos para a manutenção da atuação da Guarda.

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	José Bonifácio da Luz			Tipo	Capitão Mestre da Guarda de Congo		
	Nascimento		Sexo	M	Idade	63	Registro Sonoro Visual	X
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)								
José Bonifácio é Capitão Mestre da Guarda de Congo, filho de Conceição Natália da Silva, artura de primeira linha. Em sua composição como capitão faz o uso de sapatos e calça branca, saiote e camisa rosa ou rosa e branca, capacete ornamentado com espelhos, flores e fitas coloridas. Está sempre munido com seu mastro, apito e rosários em volta do tronco.								
Contato		Comunidade dos Arturos						
Observações								

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA



Figura 2: Guarda de Moçambique juntamente com os Reis em volta do cruzeiro da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 2: Tambores da Guarda de Moçambique Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES



Figura 3: Guarda de Moçambique da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 5: Crianças na Guarda de Moçambique Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 4: Guarda de Moçambique da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 5: Crianças na Guarda de Moçambique Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES



Figura 8: Moçambiqueiro colocando sua gunga.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC4989_CArturos_FestAbol_CGuimarães_13mai12 (160) Figura 2: IPAC4989_CArturos_FestAbol_CDellamore_13mai12 (154) Figura 3: IPAC4988_CArturos_FRosa_CDellamore_14_10_12 (10) Figura 4: IPAC 4989_CArturos_FestAbol_CDellamore_13mai12 (287) Figura 5: IPAC4988_CArturos_FRosa_CDellamore_14_10_12 (31) Figura 6: IPAC4989_CArturos_FestAbol_CDellamore_13mai12 (207) Figura 7: IPAC4988_CArturos_FRosa_AJunior_14_10_12 (71) Figura 8: IPAC4989_CArturos_FestAbol_CDellamore_13mai12 (50)
Vídeos	DOC ARTUROS IEPHA_saida final
Áudio	IPAC4988_CA_FestaRosário_Bengala_LFreitas_13nov13(1) IPAC4988_CA_FestaRosário_Bengala_LFreitas_13nov13(2)

12 REFERÊNCIAS

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Arturos – Olhos do Rosário. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 1990.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	FORMAS DE EXPRESSÕES
GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negras Raízes Mineiras - Os Arturos. Belo Horizonte: Mazza, 2000.	
LUCAS, Glaura. Os sons do Rosário: um estudo etnomusicológico do congado mineiro – Arturos e Jatobá. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes da USP, 1999.	
COMUNIDADE NEGRA DOS ARTUROS (org.). LUCAS, GLAURA; LUZ, José Bonifácio da. (coord.). Cantando e reinando com os Arturos. Belo Horizonte: Roma, 2006.	
DOCUMENTOS DO PATRIMÔNIO IMATERIAL: Comunidade dos Arturos. Direção: Paulo Henrique Rocha. Produção da Associação de Desenvolvimento da Radiodifusão de Minas Gerais – ADTV / Rede Minas, 2013. DVD (78 MIN). Son., Color. Realização do Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA\MG.	

13	FICHA TÉCNICA	
Fotos	Adebal de Andrade Júnior, Carolina Dellamore.	09/10/2011 13/05/2012 14/10/2012
Vídeos	Rede Minas.	
Áudio	Leonardo Freitas.	
Transcrição	Bruna de Paula.	
Levantamento	Ana Rita Andrade, Débora Raíza Rocha.	
Elaboração	Ana Rita Andrade, Débora Raíza Rocha.	13/01/2013
Revisão	Carolina Dellamore, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo.	03/06/2013 11/06/2013 31/03/2014 20/05/2014
Observações		

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS				FORMAS DE EXPRESSÕES		
01	IDENTIFICAÇÃO					
Denominação	BATUQUE DA COMUNIDADE DOS ARTUROS				IPAC/MG	4996
Município(s)	Contagem	Distrito		Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.					
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S	



Figura 1: Batuque de Roda – Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

Categoria	Formas de Expressão					
Tipologia da Atividade	Danças					
DENOMINAÇÃO	Batuque					
Outras denominações	Não possui	Nível de integração				
		Comunidade	X	Oficial		Intercomunitária
PERIODICIDADE						
Início	Não se aplica.					
Fim	Não se aplica.					
Calendário Litúrgico	Não se aplica.					
Invocação	Não se aplica.					
Observação das Datas	Não há data certa para acontecer.					
DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE						
O Batuque acontece ao longo do ano, em comemorações e festas internas da Comunidade como aniversários e casamentos.						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

O Batuque constitui-se em uma dança de matriz africana, coreografada coletivamente em forma de roda, e que até hoje está presente em algumas regiões do Brasil. Essa forma de expressão se disseminou na colônia por meio dos africanos escravizados trazidos para a América Portuguesa. Estudos apontam, que foi do Batuque que se originou a dança de roda, quando o sagrado e o profano fundiram-se em uma mistura de ritmos em que as “batidas” no tambor – instrumento imprescindível na prática - determinaram o canto e a gestualidade. Segundo Roselene de Fátima Coito, o Batuque se forma com:

[...] Uma fileira é de homens, junto aos instrumentos musicais que ficam pousados no solo, e, defrontando-a, fica a de mulheres. Estão separadas uma da outra cerca de 10 a 15 m, espaço onde dançam, dando umbigadas. Um batuqueiro não dança sempre com a mesma batuqueira. Após três umbigadas, procura batucar com outra. [...] (COITO, 2008: 222)

Para COITO (2008) esta dança ritualizava a procriação. Na filosofia oriental, o umbigo é um canal energético relacionado às emoções e à sexualidade, e que tanto as tribos negras quanto as indígenas perpetuam em seus rituais ligações com a natureza. Isso nos leva a crer que o saber instituído também como um saber popular, revela-se, na cultura negra, como sendo homem e natureza uma aparência de semelhança. Nesse ritual, também há outro traço místico: Após três umbigadas procuram-se batucar com outra.

[...] No batuque não há batidas de pés, tão comuns nas danças de origem ameríndia; há umbigadas. Um batuqueiro, defrontando sua dama, entre uma umbigada e outra, faz meneios de corpo, ajoelha-se, mas sempre dentro do ritmo ditado pelo tambu, em movimentos chamados de jongar. Os batuqueiros mais jovens dão habilíssimos rodopios nessas figurações, como o pião-parado, o corrupio. Ao amanhecer, quando vai findando o batuque, a dança saideira é o leva-e-traz. O cavalheiro faz vênia, não dá batidas ou umbigada, vai levar a dama no seu lugar inicial. [...] (COITO, 2008: 223)

O Batuque foi proibido no século XIX e a Igreja moveu séria campanha contra o que pregava ser a “imoralidade” da dança, e fez com que o costume se afastasse das áreas urbanas e se refugiasse nos campos. Predominam os instrumentos de percussão, atabaques, guaiás, puítas, pandeiros e por vezes uma viola.

O Batuque dos Arturos, começou com Arthur Camilo Silvério, fundador da Comunidade, que passou para seus filhos as formas de cantar e dançar o Batuque. Segundo Conceição Natalícia, Mestra do Batuque e primogênita de Arthur Camilo, o Batuque surgiu por meio de seu pai, há aproximadamente 80 anos. Dona Tetane, como é conhecida, conta que ela e seus irmãos começaram a dançar com seu pai quando ainda eram crianças. Era nesse momento que ele repassava os ensinamentos do canto e do ritmo do Batuque, ao mesmo tempo em que criava um cenário de divertimento e descontração para seus filhos.

Mário Braz da Luz, também filho de Arthur Camilo; afirma que antigamente o Batuque era realizado durante a madrugada ou ao amanhecer, logo após as danças tradicionais das festas de casamentos e/ou aniversário, tal como o forró. Diz que seu pai gostava que se dançasse o Batuque “de manhã cedo”, não se preocupando em “importunar” quem queria continuar no forró. Para esses momentos entoava o seguinte canto:

O Batuque é bão é de manhã cedo,
de cara fechada eu não tenho medo.
O Batuque é bão é de manhã cedo,
de cara fechada eu num tenho medo.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

Seu Antônio, outro filho de Arthur Camilo, diz que após aprenderam o Batuque com o pai, deram continuidade a dança, fazendo dela uma tradição na Comunidade dos Arturos. Ele afirma que após a morte do pai e da Mãe, Carmelinda Maria da Silva, o Batuque perdeu um pouco da magia e da alegria que conduzia a dança, sendo interrompido por algum tempo. Contudo, o imaginário coletivo que entende que os antepassados se fazem presentes nos festejos da Comunidade, e a saudade de realizar o Batuque fez com o mesmo voltasse a ser feito pelos Arturos.

Desde a morte de Arthur Camilo, o Batuque sempre foi comandado pela Mestre Dona Tetane. Ela é a principal referência da Comunidade na tradição do Batuque. É a detentora do saber da dança e dos cantos, ao longo dos anos vem repassando os saberes para as novas gerações, mostrando aos mais jovens a importância de se preservar essa tradição difundida na comunidade por seu pai Arthur Camilo. Isso fez com que Dona Tetane fosse considerada e reconhecida na Comunidade como Mestre do Batuque. Esse reconhecimento foi reforçado com o Prêmio Mestres da Cultura Popular - edição Humerto Maracanã recebido em 2008, que possibilitou a divulgação do seu saber em outros municípios e estados.

03 DESCRIÇÃO

O Batuque feito nas festas de aniversário eram comemoradas com base no critério dos aniversariantes do mês. Desta forma, agrupam-se os homenageados numa festa maior. As famílias reúnem esforços, preparam as comidas e dividiam as despesas das bebidas. O local escolhido era sempre a casa paterna, que é um espaço de encontros. As comemorações de casamentos são da mesma forma, com toda a família reunida, se dividem os grupos, um conjunto musical se instala e forma-se a roda do batuque, que atravessa a madrugada. No início da festa, todos dançam num baile que une a juventude aos mais velhos. Mas, a noite que chega traz a lembrança dos tempos antigos e quando alguém pega a viola, a roda vai se formando e o sapateado do Batuque se espalha pelo chão. Nessa tradição existe um sapateado acompanhado de palmas, em uma roda em pares. Segundo seu Antônio, na roda todos tem seu par. Seu Mário diz que no batuque de roda, que é mais lento, entra todo mundo, diferentemente do batuque de quatro pessoas, que é mais acelerado e não é qualquer um que dança.

A disposição dos dançadores, segundo GOMES e PEREIRA (2000), tem quatro formações características. A roda de homens e mulheres, com um dançador ao centro; a roda de homens e mulheres, com um par ao centro; a fileira de homens se defrontando fileiras de mulheres; e a fileira de homens que é a própria fileira dos instrumentos, que se contrapõe à fileira feminina.

Segundo GOMES e PEREIRA (2000): “No batuque dos Arturos os elementos de sensualidade e sexualidade se mantêm ocultos, dissimulados nas brincadeiras e nas bizarras”. No entanto, permanecem implícitos nos gestos e no ritmo, originais da dança. O batuque tem uma linguagem ampla e nele são realizadas várias danças. Nos cantos e no movimento se evidencia o caráter real da dança, quando o inconsciente coletivo aflora e reconta o passado. O desconhecimento da fundamentação mítica, faz com que este seja um momento de divertimento e descontração.

...Vamos moreninha vamos, Lá embaixo plantar feijão
Planta do mulatinho, Não planta do preto não...

...Ah minha moreninha, ah minha moreninha, óia lá que eu te dou um tiro aiai, óia lá que eu te dou um tiro aiai. É um tiro de revólver (só as moças), é um tiro de revólver, uma bala de suspiro aiai, uma bala de suspiro aiai...

...Ô seu mané Lopes, mané Lopes da paixão(2x)
Eu quero dançar um quarto no meio deste salão (2x)... (batuque com 4 pessoas)

No Batuque dos Arturos não existe um repertório musical pré-estabelecido. São cantos improvisados ou

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

relembrados, que vêm na memória dos participantes, de acordo com a situação vivida naquele momento. Os cantos são espontâneos, e é a partir desta espontaneidade que o batuque se torna um divertimento. O comando da cantiga é feito pelo violeiro, que puxa o grupo de participantes. O tirador toca a viola e acompanha. Segundo Dona Tetane, o Batuque tem que ter o violeiro “certo” que toca “direito” para que a dança aconteça. Sr. Antônio foi violeiro do Batuque durante muito tempo. Era ele também, quem “puxava” os cantos para o Batuque acontecer. Porém, teve alguns problemas de saúde que o impossibilitaram de continuar tocando. Dona Tetane preocupa-se em preservar junto aos familiares todos os cantos e ritmos da dança tal como que lhe foi ensinada pelos pais desde que era menina, na roça. Por isso, sempre procura promover o Batuque nas festas, reuniões familiares, aniversários, nos momentos de descontração e lazer, principalmente com os jovens. Providencia o violeiro, organiza a roda, entoa os cantos e dança alegremente, sem descuidar de “explicar do jeito certo, que papai ensinou”.

O Batuque começa na cozinha e depois vai para o terreiro. Enquanto tiver música tem que dançar, tem que sapatear, segundo Sr. Mário. Geralmente termina ao amanhecer, quando depois de cantar e dançar durante a madrugada, os familiares se despedem e retornam às suas residências, sob o seguinte canto:

...O galo já cantou, a barra do dia envém, a barra do dia envém, envém, envém, envém o dia também...” “...Adeus, adeus, cês fica aí com Deus, e eu vou com Nossa Senhora...

Indumentária

No Batuque dos Arturos dentro da Comunidade não há vestimenta específica. Os participantes se vestem para a festa ou a comemoração, como acharem melhor. O Batuque é neste caso um momento de confraternização. Quando se apresentam, as mulheres vestem saias rodadas e floridas e um lenço sobre a cabeça, e os homens usam camisas floridas coberta com um pequeno lenço e chapéu de palha.

Instrumentos

Viola e Tambor.

04 FORMAS DE TRANSMISSÃO

Origem do Saber

Os Arturos de primeira linha aprenderam a tradição com seu pai Arthur Camilo.

Transmissão

Dona Tetane repassou para os irmãos mais novos e repassa para as novas gerações da comunidade por meio da tradição oral e da prática do Batuque. A transmissão é feita também de pai para filho e de mestres para aprendizes. Uma herança familiar.

Forma de Continuidade

A forma de continuidade do Batuque se concretiza através da transmissão do saber feita pelos mestres que repassam a tradição para os membros da Comunidade. A Mestre do Batuque é a principal detentora deste saber na Comunidade, e faz questão de transmitir todo seu conhecimento. Os depoimentos dos mestres e filhos de Arthur, revelam que o Batuque é de fato um resgate da tradição e da união da família. Eles recordam com prazer e emoção, os momentos de Batuque e das festas em família. É um momento de comemorar, festejar, descontrair e confraternizar em família e comunidade, que traz alegria aos membros, principalmente aos mais antigos. Isso contribuiu para a permanência da dança na Comunidade.

Transformações

De acordo com relatos dos Mestres e de membros da Comunidade, o Batuque passou por transformações e ainda passa. Ele era praticado espontaneamente, para festejar e comemorar ocasiões importantes. Os versos eram improvisados pelos participantes, com destaque para Dona Tetane. Atualmente, o Batuque já não é tão praticado na Comunidade, e acontece na maioria das vezes quando se faz necessário, em alguma apresentação ou gravação para fins de pesquisa. Os mais jovens, buscam outras formas de divertimento, já que são tão influenciados pela modernidade, não se interessando tanto em praticar o

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

Batuque.

05 ELEMENTOS RELACIONADOS				
Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC
Casa Paterna	Bem Imóvel	EUA	-	-
Construção dos Tambores	Construção de Instrumentos	-	-	5002
Cantos	-	-	-	-
Danças	-	-	-	-

06 MODELO DE ORGANIZAÇÃO						
TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	Associação	Outros	
Denominação	Comunidade dos Arturos					
Descrição	O Batuque é realizado pelos mebros da Comunidade sem vinculação a nenhuma instituição.					
	Organizadores e Financiadores					
Tipo	Privado.					
Organizadores	Conceição Natalícia /Tetante, Mário Braz da Luz/ Seu Mário, Antônio Maria da Silva/ Seu Antônio					
Financiadores	Não possui.					

07 COMENTÁRIOS	
Identidades criadas em torno da atividade	
<p>Esta é uma das formas de expressão da Comunidade dos Arturos em que a figura paterna de Arthur Camilo Silvério fica mais evidente. Percebe-se que a identidade que se cria em torno da dança e da música feita no Batuque é, de fato um resgate da tradição e da união da família.</p>	
Comentários dos entrevistados	
<p>Quem sabia já morreu tudo. Hoje existe só eu. As outras que sabia já morreu. Quando nós era mais nova, nós dançava batuque até dia de semana assim que ele (Arthur Camillo) ensinava nós a dançar, agora, depois que ele morreu, nós fico tudo sem destino, é porque nós num sabe dança né, mas nós dançava o batuque era com ele. Ele ensinava nós dançá, ensinava nós cantá. O Verso que era pra cantá no batuque ele ensinava, as moça cantava o verso e os homem cantava o batuque.</p> <p style="text-align: right;">Conceição Natalícia</p> <p>...’E o galo já cantou, cantou fora de hora’... Quem puxava os cantos era papai (Arthur Camilo), e o restante cantava junto. O Batuque é uma alegria em família. Os instrumentos são a viola e a caixa. Todos toca no Batuque.</p> <p>“...Esse momento que a gente tá junto aqui, o coração da gente dói, pelas cantiga que a gente tá recordando, que eles cantava naquela época né. Nos ensinando. A gente fica muito emocionado...</p> <p style="text-align: right;">Antônio Maria da Silva</p>	
Comentários do elaborador	
<p>O Batuque é um momento de comemorar, festejar, descontrair e confraternizar em comunidade. Tradição que já não é tão praticada em muitas comunidades. Por este motivo, sua salvaguarda é importante, por preservar saberes e promover a integração ainda maior da família, unindo os jovens aos mais velhos. Nota-se que os descendentes de primeira linha recordam com prazer e emoção os momentos de Batuque que aconteciam na Comunidade.</p>	
Possibilidade De Continuidade	
<p>Existe uma tendência de diminuição da prática do Batuque. É cada vez menor o número de membros que se interessam em aprender e desejam participar das festas do Batuque na Comunidade do Arturos.</p>	
Necessidades	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		FORMAS DE EXPRESSÕES
Instalações	Criação do Centro de Referência dos Arturos.	
Instrumentos	Violas e tambores	
Matéria-Prima	Não se aplica	
Pessoal	Gerações mais novas participando e apoiando Dona Tetane.	
Formação	Ensinar o Batuque para os mais jovens da Comunidade, repassando os saberes do canto e da dança, bem como ensiná-los a tocar os instrumentos específicos do Batuque, como a viola e o tambor.	
Atividade Marco	Comunidade dos Arturos	
Modos de expressão com necessidade de documentar / proteger	As músicas e as danças específicas do Batuque.	

08	AÇÃO DE SALVAGUARDA
<p>É necessário a criação de mecanismos de valorização e repasse das tradições, para que a rotina do mundo moderno não cause desinteresse das novas gerações pelos ritos da comunidade. Para isso, é fundamental ampliar a divulgação de trabalhos já realizados sobre o Batuque da Comunidade dos Arturos; maior valorização dos conhecimentos da Mestre Dona Tetane, incentivar a produção e a publicação de estudos e materiais que a expressão cultural e realizar oficinas de formação com aulas viola e violão.</p>	

09	ENTREVISTADOS																																								
01	<table border="1"> <tr> <td>Nome</td> <td colspan="4">Conceição Natalícia /Tetante</td> <td>Tipo</td> <td colspan="2">Mestra do Batuque</td> </tr> <tr> <td>Nascimento</td> <td>03/08/1918</td> <td>Sexo</td> <td>F</td> <td>Idade</td> <td>95</td> <td>Registro Sonoro Visual</td> <td>Sim</td> </tr> <tr> <td colspan="8">Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)</td> </tr> <tr> <td colspan="8">Além do título de Mestra do Batuque, é a Rainha Perpétua do Congado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem - Comunidade dos Arturos – e é a filha mais velha do casal Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva.</td> </tr> <tr> <td>Contato</td> <td colspan="7">Comunidade dos Arturos</td> </tr> </table>	Nome	Conceição Natalícia /Tetante				Tipo	Mestra do Batuque		Nascimento	03/08/1918	Sexo	F	Idade	95	Registro Sonoro Visual	Sim	Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)								Além do título de Mestra do Batuque, é a Rainha Perpétua do Congado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem - Comunidade dos Arturos – e é a filha mais velha do casal Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva.								Contato	Comunidade dos Arturos						
Nome	Conceição Natalícia /Tetante				Tipo	Mestra do Batuque																																			
Nascimento	03/08/1918	Sexo	F	Idade	95	Registro Sonoro Visual	Sim																																		
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)																																									
Além do título de Mestra do Batuque, é a Rainha Perpétua do Congado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem - Comunidade dos Arturos – e é a filha mais velha do casal Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva.																																									
Contato	Comunidade dos Arturos																																								

02	<table border="1"> <tr> <td>Nome</td> <td colspan="4">Mário Braz da Luz/ Seu Mário</td> <td>Tipo</td> <td colspan="2">Puxador de Canto do Batuque</td> </tr> <tr> <td>Nascimento</td> <td>02/02/1933</td> <td>Sexo</td> <td>M</td> <td>Idade</td> <td>80</td> <td>Registro Sonoro Visual</td> <td>Sim</td> </tr> <tr> <td colspan="8">Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)</td> </tr> <tr> <td colspan="8">Filho de Artur Camilo, Capitão-mor da Comunidade, Mestre de Folia de Reis e Benzedor.</td> </tr> <tr> <td>Contato</td> <td colspan="7">Comunidade dos Arturos</td> </tr> </table>	Nome	Mário Braz da Luz/ Seu Mário				Tipo	Puxador de Canto do Batuque		Nascimento	02/02/1933	Sexo	M	Idade	80	Registro Sonoro Visual	Sim	Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)								Filho de Artur Camilo, Capitão-mor da Comunidade, Mestre de Folia de Reis e Benzedor.								Contato	Comunidade dos Arturos						
Nome	Mário Braz da Luz/ Seu Mário				Tipo	Puxador de Canto do Batuque																																			
Nascimento	02/02/1933	Sexo	M	Idade	80	Registro Sonoro Visual	Sim																																		
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)																																									
Filho de Artur Camilo, Capitão-mor da Comunidade, Mestre de Folia de Reis e Benzedor.																																									
Contato	Comunidade dos Arturos																																								

03	<table border="1"> <tr> <td>Nome</td> <td colspan="4">Antônio Maria da Silva/ Seu Antônio</td> <td>Tipo</td> <td colspan="2">Tocador de Viola do Batuque</td> </tr> <tr> <td>Nascimento</td> <td>28/07/1935</td> <td>Sexo</td> <td>M</td> <td>Idade</td> <td>78</td> <td>Registro Sonoro Visual</td> <td>Sim</td> </tr> <tr> <td colspan="8">Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)</td> </tr> <tr> <td colspan="8">Filho de Artur Camilo, Capitão Regente da Guarda do Congo, Mestre da Folia de Reis e Benzedor.</td> </tr> <tr> <td>Contato</td> <td colspan="7">Comunidade dos Arturos</td> </tr> </table>	Nome	Antônio Maria da Silva/ Seu Antônio				Tipo	Tocador de Viola do Batuque		Nascimento	28/07/1935	Sexo	M	Idade	78	Registro Sonoro Visual	Sim	Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)								Filho de Artur Camilo, Capitão Regente da Guarda do Congo, Mestre da Folia de Reis e Benzedor.								Contato	Comunidade dos Arturos						
Nome	Antônio Maria da Silva/ Seu Antônio				Tipo	Tocador de Viola do Batuque																																			
Nascimento	28/07/1935	Sexo	M	Idade	78	Registro Sonoro Visual	Sim																																		
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)																																									
Filho de Artur Camilo, Capitão Regente da Guarda do Congo, Mestre da Folia de Reis e Benzedor.																																									
Contato	Comunidade dos Arturos																																								

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 2: Mestre Sr. Mário, Mestra Dona Tetane, Mestre Sr. Antônio – Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 3: Batuque em fileira – Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 4: Batuque de Roda.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 5: Mestra Dona Tetane, Mestre Sr. Mário e Mestre Sr. Antônio.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Dona Tetane, Sr. Mário e Sr. Antônio – Batuque.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Batuque de Quatro – Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES



Figura 8: Tocadores e Cantadores do Batoque – Casa da Cultura Nair Mendes Moreira.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 9: Batoque de Roda – Casa da Cultura Nair Mendes Moreira.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 10: Dona Tetane – Mestra do Batoque.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 11: Dona Tetane – Mestra do Batoque – Cine Teatro de Contagem.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

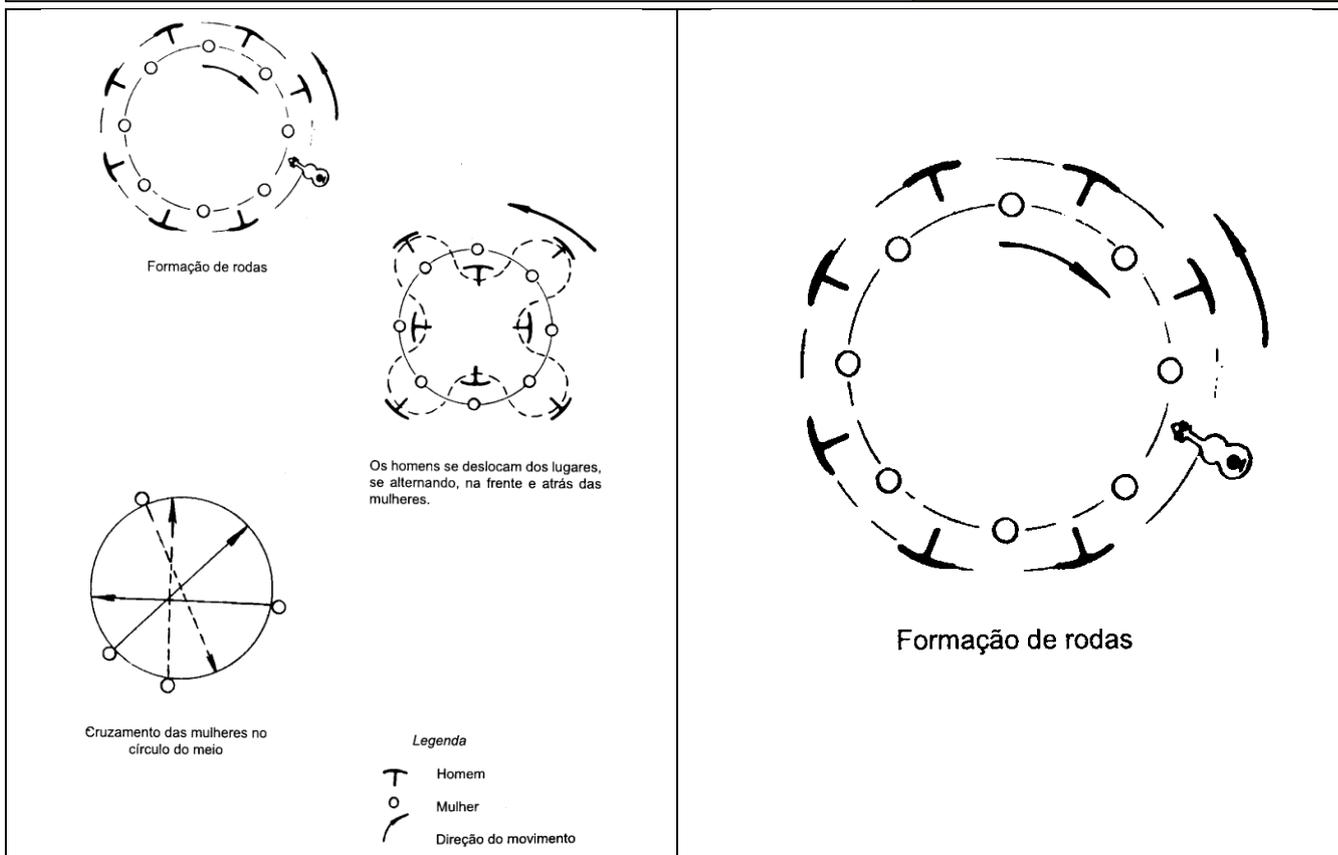


Figura 12: Formação das Rodas de Batuque.
Fonte: Gomes e Pereira, 2000.

Figura 13: Formação de Rodas.
Fonte: Gomes e Pereira, 2000.

11 DOCUMENTOS ANEXOS	
Fotografias	Figura 1: IPAC4996_CArturos_Batuq_Roda1_CDellam_29_jun_13 Figura 2: IPAC4996_CArturos_Batuq_SMarDTetSAnt_CDellam_29_jun_13 Figura 3: IPAC4996_CArturos_Batuq_Fileira_CDellam_29_jun_13 Figura 4: IPAC4996_CArturos_Batuq_Roda2_CDellam_29_jun_13 Figura 5: IPAC4996_CArturos_Batuq_DTetSMarSAnt2_CDellam_29_jun_13 Figura 6: IPAC4996_CArturos_Batuq_DTetSMarSAnt_CDellam_29_jun_13 Figura 7: IPAC4996_CArturos_Batuq_BatQuatro_CDellam_29_jun_13 Figura 8: IPAC4996_CArturos_Batuq_TCantBatuq_WRibas_26_mar_09 Figura 9: IPAC4996_CArturos_Batuq_Roda3_WRibas_26_mar_09 Figura 10: IPAC4996_CArturos_Batuq_Tetane1_WRibas_24_abr_09 Figura 11: IPAC4996_CArturos_Batuq_Tetane2_WRibas_24_abr_09 Figura 12: IPAC4996_CArturos_Batuq_FRBatuq_GomesPereira_2000 Figura 13: IPAC4996_CArturos_Batuq_FRBatuq1_GomesPereira_2000
Vídeos	DOC ARTUROS IEPHA_saida final
Áudio	Não se aplica.

12 REFERÊNCIAS	
GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negras Raízes Mineiras: os Arturos. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2000.	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÕES

COITO, Roselene de Fátima. Batuque: a identidade nos corpos. Maringá, v. 30, n. 2, p. 221-224, 2008.

CESAR, Maria Cristina; RIBAS, Wanderson Ka. Patrimônio Imaterial: mestres da cultura popular. Revista de Educação Patrimonial *Por Dentro da História*, Contagem, Ano 2, Nº3, ago 2010.

13 FICHA TÉCNICA		
Fotos	Carolina Dellamore, Wanderson Ribas.	24/04/2009 26/03/2009 29/06/2013
Vídeos	Carolina Dellamore.	29/06/2013
Áudio	Leonardo Freitas.	29/06/2013
Transcrição	Isabela Oliveira	30/10/2013
Levantamento	Carolina Dellamore, Isabela Oliveira, Jorge Antônio dos Santos, Leonardo Freitas.	06 a 11/2013
Elaboração	Isabela Oliveira.	30/10 a 25/11/2013
Revisão	Carolina Dellamore, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo, Débora Raíza Rocha.	26/11/2013 31/03/2014 26/05/2014
Observações		

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	REINADO – COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	4997
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: da esquerda para direita: 3º Capitão do Moçambique (José Vieira), Rainha do Império (D. Tetane), Bandeireira da Guarda do Congo (Maria Ângela).

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

	Categoria	Celebração					
	Tipologia da Atividade	Catolicismo Popular					
	DENOMINAÇÃO	Reinado					
	Outras denominações		Nível de integração				
	Reinado de Nossa Senhora; Reino de Nossa Senhora; Rosário de Nossa Senhora.	Comunidade	X	Oficial		Intercomunitária	X
	PERIODICIDADE						
	Início	Sábado de Aleluia.					
	Fim	Data variável, geralmente em dezembro.					
	Calendário Litúrgico	Tempo comum/ Ciclo da Páscoa/ Advento.					
	Invocação	Nossa Senhora do Rosário e ancestrais.					
	Observação das Datas	O encerramento do Reinado ocorre em dezembro, alguns dias antes do Natal.					
	DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE						
	A celebração do reinado ocorre em um período extenso do ano. Para eles o ano se divide em duas partes: o reino aberto e o reino fechado. O reinado aberto é o período que vai do Sábado de Aleluia até o						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

final de dezembro. No entanto, observa-se que na Comunidade, nos últimos anos, o período de reino aberto foi ampliado devido ao grande número de apresentações e pagamentos de visitas que precisam cumprir.

Nos Arturos há que se entender que existe uma relação entre três tempos: o calendário litúrgico, o civil e o tempo do Reinado. Em alguns momentos pode haver divergências entre tais períodos, visto que, o período do Reinado, considerado sagrado para os Arturos, acontece no tempo comum do calendário litúrgico. Outra relação temporal se dá com o calendário civil, que pode alterar o dia das festas a cada ano, já que a Festa da Abolição deve acontecer anualmente no segundo domingo de maio, e a Festa do Rosário em algum sábado, domingo e segunda do mês de outubro, fazendo com que não se tenha data numeral fixa para as celebrações do Reinado.

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

Os relatos de coroação de reis negros na colônia são muitos e podemos citar como o mais antigo entre eles a festa mencionada em documentos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife, no ano de 1666, conforme mencionada por Mariana de Mello e Souza no livro “Reis negros no Brasil escravista: História da festa de coroação de Rei Congo”.

Após irem à missa cerca de 400 homens e mulheres, elegeram um rei e uma rainha, e marcharam pelas ruas cantando, dançando e recitando os versos que fizeram, acompanhados de oboés, trombetas e tambores bascos. Estavam vestidos com as roupas de seus senhores e senhoras, com correntes de ouro e brincos de ouro e pérolas, alguns deles mascarados, todas as diversões desta cerimônia lhes custaram 100 escudos. O rei e seus oficiais não fizeram nada em toda essa semana, além de andaram solenemente, com a espada e a adaga ao seu lado (SOUSA, 2002:206).

A interpretação sobre a coroação de reis entre escravos negros no Brasil e em outros países das Américas recaem normalmente para um mecanismo de controle, sendo a festa considerada como uma permissividade dos senhores para o extravasamento das tensões da massa escravizada. Outra análise considera a agência dos africanos trazidos ao Brasil, lhes atribuindo responsabilidade sobre a organização das festividades, sendo vistas como importantes meios de organização social e de manifestação de fé. Se para os brancos a festa era vista com permissividade e como excentricidade, para os negros – a coroação de seus reis e sua corte formada por tocadores, dançantes e estandartes – era um modo de reestabelecer os antigos laços familiares despedaçados pelo tráfico. No entanto, Maria Lucia Montes ressalta que as tradições culturais e religiosas dos escravos africanos só poderiam subsistir:

de modo fragmentário, expressando-se em meio aos batuques e calundus (...), sendo tomados no mundo dos senhores por divertimentos aos quais se entregavam os negros, consentidos em razão dos benefícios morais e políticos que deles se esperava, isto é, a tranquilidade da senzala e a submissão dos escravos (MONTES, 2012).

Leda Martins cita os estudos de Sterling, que analisa esses eventos nos Estados Unidos e em Cuba, durante o século XVIII. Analisando a coroação que ocorria no festival de Pinkster (Petencostes), nos Estados Unidos, Sterling conclui que o rei negro coroado funcionava como “agente aglutinador dos escravos oriundos de diferentes nações e etnias africanas, muitas das quais inimigas milenares”, fundando uma nova ordem hierárquica paralela à escravista (MARTINS, 1997).

No Brasil, encontramos a tradição de reis congos em diversos estados: Bahia, Alagoas, Sergipe, Pernambuco, Paraíba, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, entre outros. Em Minas Gerais, encontramos os relatos sobre o lendário Chico Rei, escravo de Vila Rica, que teria fundado, no século XVIII, um dos primeiros reinos na região das Minas. Chico Rei teria trabalhado e prosperado, conseguindo alforriar sua família e um grande número de escravos. A denominada Mina de

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Chico Rei é hoje sítio histórico e local de visitação, atraindo grande número de turistas que passam por Ouro Preto. Existem, atualmente, grupos de congado que reivindicam a descendência direta de Chico Rei, como uma espécie de antepassado mítico.

As coroações dos reis congos no Brasil estiveram constantemente vinculadas às irmandades e confrarias de santos de invocação negra. De acordo com Boschi, a invocação de Nossa Senhora do Rosário era a mais difundida em Minas Gerais, no século XVIII, graças ao volumoso contingente de escravos. É, também, uma Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, a primeira associação religiosa documentada que se tem notícia na região das Minas (BOSCHI, 2007).

A história do Reinado dos Arturos tem início na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Paróquia de São Gonçalo da Contagem. Segundo relatos, Arthur Camilo Silvério, filho de escravo nascido sob a vigência da Lei do Ventre Livre, fundador da Comunidade dos Arturos, participava do congado de Nossa Senhora do Rosário de Contagem desde a época em que trabalhava e residia na Fazenda do Macuco, localizada nas imediações do atual município de Esmeraldas. Arthur, acompanhado pela esposa e filhos, partia para a cidade de Contagem, em dias de Festa de Reinado, para participar dos eventos em devoção à Virgem do Rosário.

Quando se mudou com a família para o terreno da atual comunidade, Arthur Camilo aproximou-se de José Aristides, famoso congadeiro de Contagem, intitulado “Chefe Supremo do Congado no Brasil”. Arthur Camilo é reconhecido, até hoje, como importante capitão de Congado em Contagem, sendo apontado por outros grupos como um homem de grande saber.

A família de Arthur foi criada dentro dos valores do Congado, sendo realizada no interior da comunidade, grande parte dos ritos ligados ao Reinado de Maria. Uma capela em devoção a Nossa Senhora do Rosário foi construída nos terrenos da comunidade e é nela que ocorrem os eventos de abertura e encerramento do Reinado e de suas festas.

A profunda ligação dos Arturos com a celebração do Reinado em Contagem é a razão pela qual, atualmente, a maior parte dos integrantes da Irmandade do Rosário, do mesmo município, pertence à comunidade, sendo comum a não distinção entre uma e outra.

03 DESCRIÇÃO

O ano da Comunidade dos Arturos está dividido em dois tempos: o período de reino “aberto” e o período do reino “fechado”. O Reinado, numa concepção simplificada, é o período em que o Candombe e as guardas estão ativos, a parte do ano em que os tambores tocam e os congadeiros cumprem sua missão, a de louvar a Virgem do Rosário.

No entanto, o Reinado tem também um significado mais amplo e mais profundo. Reinado é uma cosmovisão, uma concepção de mundo que organiza a vida dos grupos que dele participam, definindo ações e posturas diante da realidade. De acordo com Leda Martins, “os Reinados negros podem ser lidos como um microsistema que opera no interior do macrossistema, dramatizando um modo de reelaboração secular e religioso diverso, inscrito no cotidiano das comunidades, expressão de uma cosmovisão e de uma vivência do sagrado singulares”. (MARTINS, 1997)

Sendo assim, podemos descrever o Reinado como um conjunto de crenças e, ao mesmo tempo, um *modus operandi* que rege a vida em comunidade. Essa cosmovisão mescla crenças e valores africanos, especialmente de origem banto, com crenças e liturgia católicas. O culto banto aos antepassados, a crença de que passado e presente coexistem em um mesmo plano, acrescida da devoção à Virgem do Rosário – que saiu das águas em resposta aos tambores e cantos dos escravos – e à Santíssima Trindade, nos permite vislumbrar o eixo central dessa fé, compartilhada e vivenciada durante todo o ano.

Antônio Maria da Silva explicita o peso e importância do Reinado para a Comunidade dos Arturos: “a família toda aqui nasceu dentro do Reinado. [...] Que isso que cês tá vendo, essa comunidade aqui foi formada por Arthur Camilo Silvério, um reino aqui dentro”.

O reino aberto é, portanto, o período mais importante no ano da comunidade. É o momento em que

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

reis e guardas cumprem sua função sagrada, seu dever, dentro da ordem fundada pelo Reinado.

Reis e rainhas são os líderes espirituais durante as cerimônias, sendo elementos intermediários para o trato com o sagrado (GOMES; PEREIRA, 2000). A corte real segue atrás das guardas, sempre com o rosário em punho, rezando durante todo o trajeto. Os reis Congos representam as nações africanas, enquanto os outros reis representam os santos de devoção. Na comunidade dos Arturos, encontramos o Rei e a Rainha do Império, representando o próprio Reinado e Nossa Senhora do Rosário – o mais alto título na hierarquia do séquito de reis da Comunidade.

Também é no período de reino aberto que os tambores tocam. Eles são instrumentos sagrados, capazes de fundir passado e presente, fazer o elo entre a dimensão dos vivos e a dimensão dos antepassados mortos. Os principais deles são tocados durante a cerimônia do Candombe.

O Candombe é chamado de “Pai do Reinado”, pois foi através do toque de seus tambores antigos e sagrados que a Virgem do Rosário saiu das águas, iniciando seu reino na terra junto aos negros. É o rito mais importante e de maior potencial de ligação com a esfera divina, por isso que é durante o Candombe que os antepassados fazem-se presentes diante do altar da Virgem do Rosário, em comunhão com os vivos. Todas as vezes que o terno de tambores (Santana, Santaninha e Jeremias) é tocado, o mito fundacional é atualizado, renovando os laços que unem a comunidade de fé à Nossa Senhora do Rosário. Devido à sua importância, é o Candombe que abre e fecha o Reinado, além de abrir os períodos de festa.

A Guarda de Moçambique é, segundo a tradição, a herdeira direta dos segredos do Candombe. Por isso é ela quem conduz a Coroa, movimentando-se de forma lenta e solene. A Guarda de Moçambique é formada essencialmente pelos homens mais velhos da Comunidade, embora possua algumas mulheres, jovens e crianças, que dançam agrupados, e são os responsáveis pela condução e proteção do Trono Coroado. Além das caixas, os componentes da guarda usam as gungas nos tornozelos e seus pés “nunca se afastam muito da terra e sua dança, que vibra por todo o corpo, exprime-se, acentuadamente, nos ombros meio curvados e nos pés” (MARTINS, 1997). O Moçambique dos Arturos usa vestes azuis e brancas e um turbante na cabeça.

A Guarda do Congo, que segundo a lenda, chegou antes à beira das águas onde estava a Virgem, vai à frente, limpando os caminhos para o Moçambique e a Realeza passarem. Essa guarda é formada por homens, mulheres e crianças, que ficam dispostos em duas fileiras. Ao centro vão os capitães, carregando espadas, bastões e o tamboril. Executam coreografias rápidas e saltitantes, além do movimento de meia-lua. Nos Arturos, o Congo veste-se de rosa e branco e na cabeça usam um capacete vazado, ornado com flores, espelhos e fitas coloridas. Antônio Maria Silva, em entrevista à Glaura Lucas, explica a movimentação do Congo a partir da lenda de Nossa Senhora: “o Congo veio cá, chegou na beira do mar, ela envinha, ela envinha... o Congo voltava lá, fazia meia-lua, vinha cá, chamando os irmão que andasse depressa [...]”.

Preparativos

A Comunidade dos Arturos se prepara para o Reinado e seus principais eventos especialmente através de dois ritos: o levantamento de mastros acompanhado pelas guardas e a realização do Candombe.

No Sábado de Aleluia é rezado o terço na Capela do Rosário e em seguida realizado o Candombe, abrindo oficialmente o Reinado. Em seguida é erguido o mastro de Nossa Senhora do Rosário.

Na Festa do Rosário, além de erguer um mastro de aviso com a bandeira de São Domingos duas semanas antes – alertando os participantes vivos e mortos da proximidade da celebração –, os Arturos se preparam para os festejos ornamentando a Comunidade. A capela é decorada com bandeirinhas azuis e rosas, nas cores de Nossa Senhora do Rosário. Em alguns anos são colocados arcos de bambus ao longo dos caminhos que serão percorridos pelas guardas. Pequenos altares são montados em pontos importantes da comunidade, por onde as guardas visitantes passarão, como na casa do Capitão Regente, Antônio. De acordo com Glaura, também são realizadas ações “de ordem mais operacional: limpam o terreiro, enfeitam os espaços, decoram as bandeiras a serem hasteadas, consertam e afinam os instrumentos, preparam os quitutes e as refeições, lavam e passam suas fardas, etc.” O Candombe é realizado na semana da novena, sem ter, porém, um dia definido. Na sexta-feira, último dia da novena, os mastros são erguidos.

Desenvolvimento

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Na Abertura do Reinado é rezado um terço, na Capela do Rosário, dentro da comunidade, e em seguida é realizada a cerimônia do Candombe, quando os antigos tambores sagrados, candombes, são tocados pela primeira vez no ano, anunciando que o Reino de Maria está aberto. Encerrada a cerimônia, as guardas se formam e percorrem os principais caminhos dentro da comunidade, passando pela Casa Paterna e outros pontos importantes – cruzeiros, casa de reis e de membros respeitados (Arturos de Primeira Linha e outros).

Na parte do ano em que o reino está aberto, os Arturos têm que cumprir uma série de obrigações. As guardas devem participar das Festas do Rosário em outras localidades, especialmente em retribuição àqueles grupos que visitaram a Comunidade durante seus festejos. Devem também rezar terços, realizar Missas Congas em devoção à Virgem do Rosário. É comum também, nesse período, o hasteamento de mastros de promessa dentro da comunidade, com a presença e participação das guardas. Segundo Glaura Lucas, essas são atividades próprias do mundo congadeiro.

Durante o Reinado, a Comunidade dos Arturos, ao contrário de outros grupos, realiza duas festas ao ano. A primeira é a Festa da Abolição, chamada por alguns de “Reinadinho”, pois dura dois dias, ou Festa de Maio. A celebração originou-se do levantamento do mastro, que era realizado na Comunidade no dia 13 de maio, em homenagem aos antepassados que viveram em cativeiro.

A outra é a Festa de Nossa Senhora do Rosário, que é precedida pelo mastro de aviso, erguido com duas semanas de antecedência, e pela realização de uma novena, a festa dura três dias – sábado, domingo e segunda-feira e conta com a apresentação das Guardas de Congo e Moçambique e do Trono Coroado.

Após esse festejo, o Reinado dos Arturos permanece aberto até o mês de dezembro, sendo fechado poucas semanas antes do Natal. As guardas se recolhem, dando início ao chamado Ciclo Natalino, quando os Arturos realizam a Folia de Reis e a Festa do João do Mato.

No ano de 2013 o Reinado teve a seguinte constituição Os reis que formam a Corte dos Arturos: **Rei do Império**- Luciano Patrocínio Alves; **Rainha do Império**- Conceição Natalícia; **Rei Congo**- José Maria Ferreira Maciel; **Rainha Conga**- Maria Lucia da Silva Santos; **Rei da Estrela Guia**- Raimundo Eustáquio da Silva; **Rainha da Estrela Guia**- Maria Goreth Costa Herédia Luz; **Rei de São Benedito**- Abraão Paulino da Silva; **Rainha do Rei de São Benedito**- Maria Joana Nepomuceno; **Rei de São Sebastião**- João Carlos Pio de Souza; **Rainha do Rei de São Sebastião**- Anaise Silva Fortunato Pio de Souza; **Rainha de Nossa Senhora das Mercês**- Dirce de Melo Luz; **Rei da Rainha de Santa Efigênia**- Paulo Sergio da Silva; **Rainha de Santa Efigênia**- Vilmêire Maria da Silva; **Rainha da Paz**- Tereza de Fátima Atem; **Rei 13 de Maio**- Antônio Eustáquio da Silva; **Rainha 13 de Maio**- Maria Auxiliadora da Luz.

Transformações e permanências

Após a morte de Arthur Camilo, as mulheres passaram fazer parte da guarda do Congo e Moçambique e do Candombe, que antes contava apenas com a presença dos homens.

Anteriormente no Candombe, era feito somente por homens a partir de 30 anos, e apenas os capitães podiam propor os cantos (pontos). No entanto, hoje há a participação de mulheres, jovens e até crianças, nesse rito. A participação na cerimônia permanece restrita aos membros da Comunidade, mas é permitida a presença de espectadores.

Outra transformação ocorrida no Reinado está no tempo de permanência do Reinado aberto, que foi ampliado nos últimos anos devido ao grande número de atividades das guardas.

04 ESPAÇOS PARA A REALIZAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

Descrição do espaço da celebração

O Reinado é uma celebração de longa duração no tempo e ocorre em diferentes lugares de importância sagrada, são eles: a Casa Paterna, as casas dos Arturos de Primeira Linha, a Capela do Rosário na comunidade, a Igreja do Rosário de Contagem, os Cruzeiros dentro da comunidade e o Cruzeiro em frente à Casa de Cultura de Contagem, além da Comunidade em si (pensada aqui como espaço, território de fixação de identidade). A Comunidade dos Arturos é, para os próprios Arturos, mais que um lugar de habitação

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

comum, é o lugar onde os antepassados viveram e é onde está o Reino de Nossa Senhora do Rosário.

A Casa Paterna, assim como as casas dos Arturos de Primeira Linha, são visitadas pelas guardas durante os principais eventos, em uma reverência às pessoas que lá habitaram ou ainda habitam – são pessoas que tiveram e têm grande importância na história do Congado.

Croquis

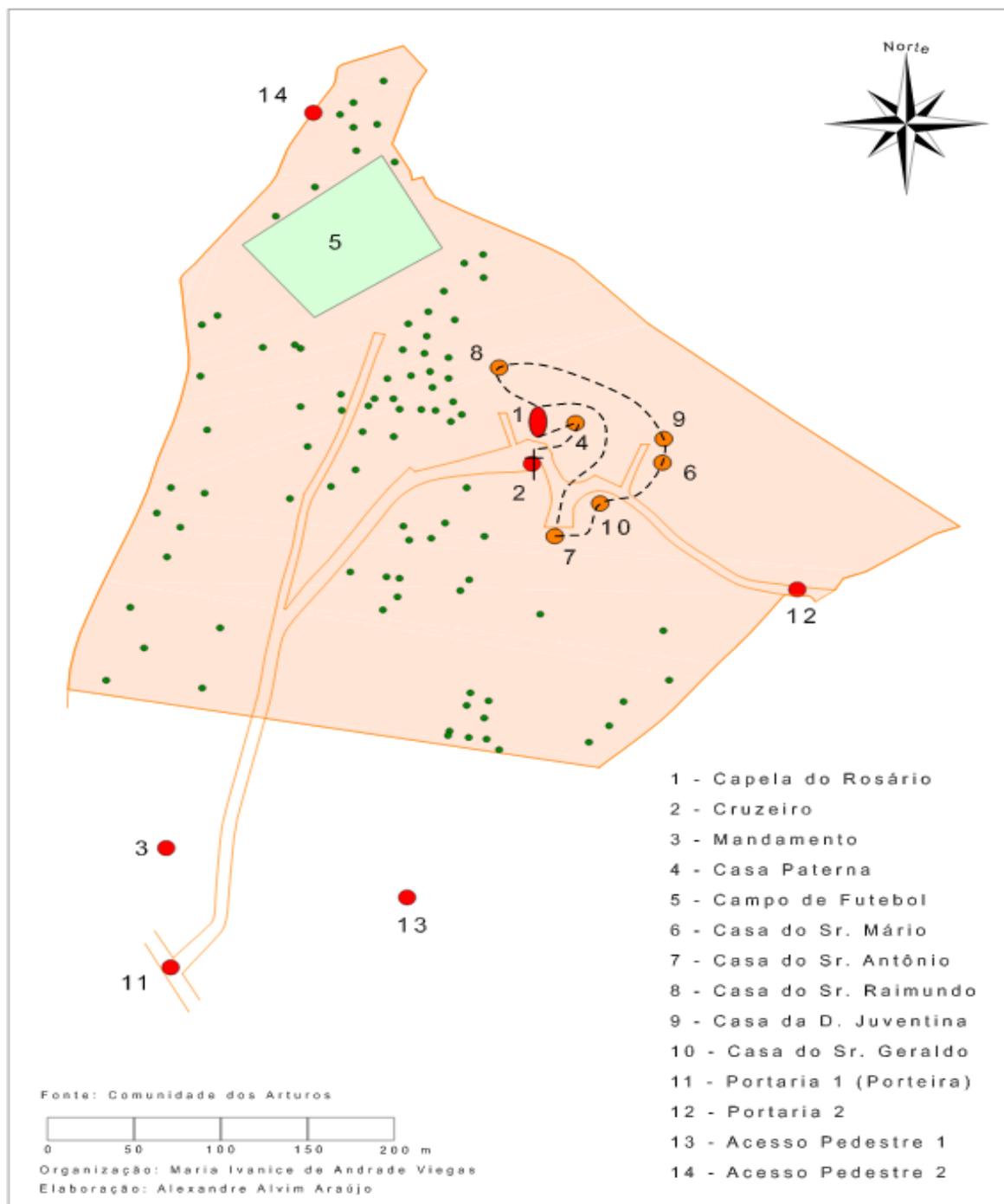


Figura 2: Percurso das Guardas dentro da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Ivanice de Andrade

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

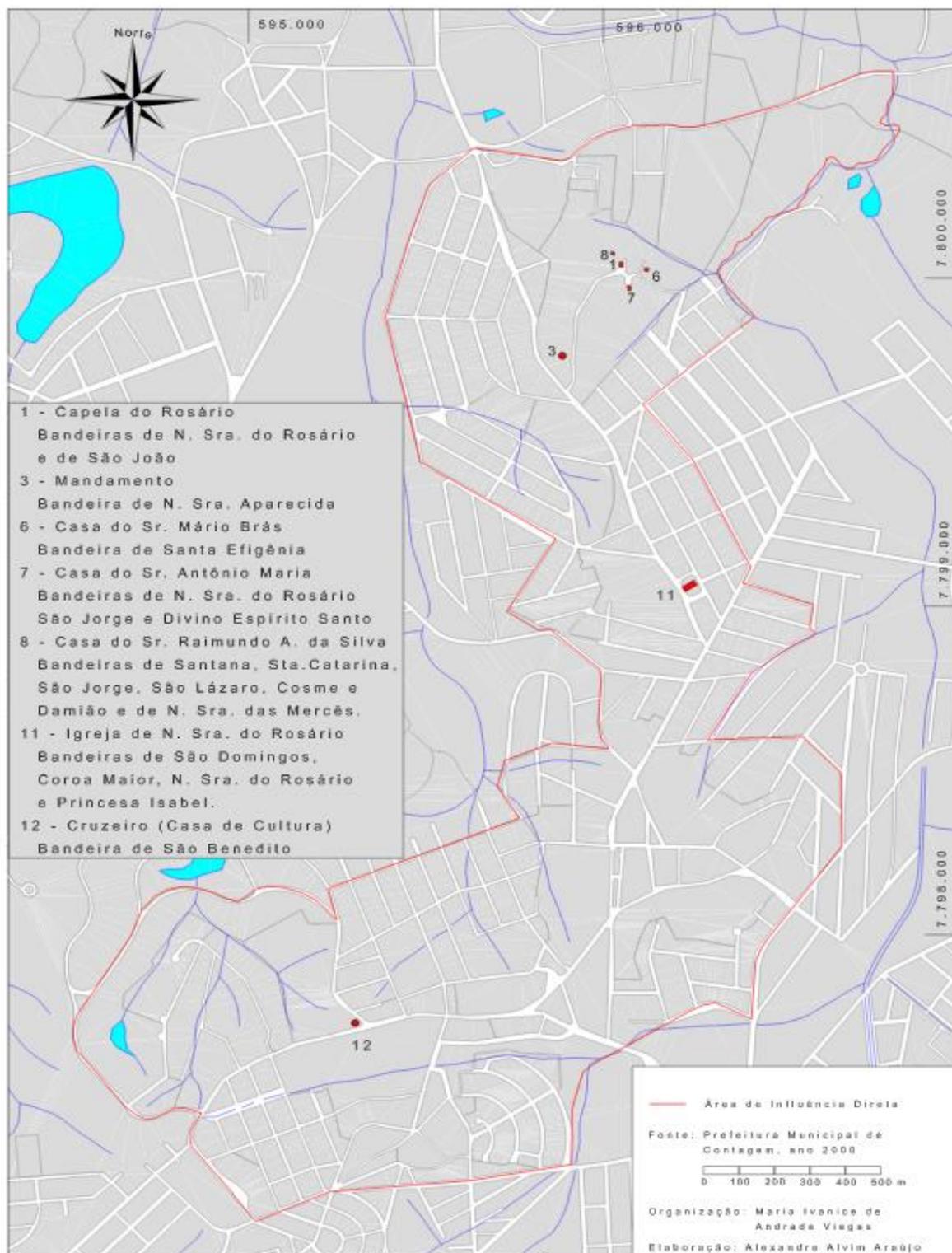


Figura 3: Locais de levantamento de Mastros e Bandeiras da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Ivanice de Andrade.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

05 ÁREA DE ABRANGÊNCIA

Comunidade		Município		Região		Estado	X	Nacional	
Observação	O Reinado dos Arturos é reconhecido nacionalmente e a comunidade é referência em todo Brasil nas tradições do Congado. As guardas dos Arturos são convidadas a participar de eventos culturais por todo o país. Já participaram também de programas televisivos.								
Participação turística									
É comum encontrar nas festas do Reinado pessoas de diferentes estados. Além do interesse religioso, dos devotos de Nossa Senhora do Rosário, vêm outras pessoas também por interesse acadêmico e de pesquisa.									

06 ELEMENTOS RELACIONADOS

Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC
Comunidade dos Arturos	Lugares	Comunidade tradicional		5100
Benzeção	Saberes		Catolicismo popular	5001
Mastros	Formas de Expressão			4998
Candombe	Celebrações		Catolicismo popular	4992
Guardas do Congo	Formas de Expressão	Dança dramática		4994
Guarda do Moçambique	Forma de Expressão	Dança dramática		4995
Festa de N. Sra. do Rosário	Celebrações	Festa religiosa	Catolicismo popular	4988
Festa da Abolição	Celebrações	Festa cívica		4989
Capela de N. Sra. do Rosário	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	
Igreja de N. Sra. do Rosário	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	
Cruzeiro da Comunidade	Bem Imóvel	Marco religioso		
Cruzeiro da Casa Cultura	Bem Imóvel	Marco Religioso		

07 MODELO DE ORGANIZAÇÃO

TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	X	Associação	Outros
Denominação	Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem/Comunidade dos Arturos					
Descrição	<p>A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Contagem tem seu estatuto datado de 1867. Foi fundada por membros da elite da região e não permitia que os altos cargos fossem ocupados por negros. Em 1972 foi elaborado um novo Estatuto, que está em vigor até hoje. Atualmente, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem tem como membros efetivos os componentes das Guardas de Congo e Moçambique, os benfeitores e contribuintes e honorários. Como a maior parte dos integrantes das guardas é da Comunidade dos Arturos, e estes têm participação ativa na diretoria, Comunidade e Irmandade acabam por partilhar objetivos e obrigações.</p> <p>A Comunidade dos Arturos é um grupo familiar que habita um terreno comum, em Contagem, herdado de seu antepassado e fundador Arthur Camilo Silvério, de quem herdaram também a designação. Arthur Camilo Silvério, descendente de escravos, casou-se com Carmelinda Maria da Silva e começou a formar sua família na Fazenda do Macuco, na região do atual município de Esmeraldas, onde trabalhava. O casal teve onze filhos e só na década de 1940 é que a família passa a ocupar o terreno herdado pelo patriarca. Além da família de Arthur, mudam-se também para lá o casal Raimundo Afonso da Silva (sobrinho de Carmelinda) e Lúcia dos Santos (sobrinha neta de Arthur Camilo). Ali os casais criam seus filhos e netos, transmitindo-lhes a fé em Nossa Senhora do Rosário e os ensinamentos do Reinado.</p>					
Organizadores e Financiadores						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Tipo	Descrição
Organizadores	Comunidade e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.
Financiadores	A Prefeitura Municipal de Contagem, através de um programa, financia transporte para as guardas realizarem suas visitas.

08 COMENTÁRIOS

Comentários dos entrevistados

Seguem abaixo uma série de relatos do Senhor Antônio Maria da Silva referente ao Reinado:

Mas você falar de Reinado... Reinado é difícil ter um... [...] Porque o pessoal não conhece de Reinado. Reinado é uma coisa muito fina, de muito valor, de muito poder.

Olha, desde menino, eu acompanhei a Folia de Reis. E o Reinado, a família aqui toda nasceu dentro do Reinado. Então não existe, porque o pessoal fala Congado, mas antigamente era Reinado. Agora, o pessoal, aqui, porque aí esses vindouros não sabe o quê que é. Que isso que cês tá vendo essa comunidade aqui foi formada por Artur Camilo Silvério um Reino, aqui dentro. Que nós nunca brincou na guarda de fora, nós nunca saiu pra outra guarda, nós sempre aqui com ele. Então, se chama Reinado. Eu acredito que é o lugar que Nossa Senhora tá presente aqui com nós toda hora, que isso aqui é Dela, não é nosso.

Antônio Maria da Silva

Comentários do elaborador

Elementos significativos relacionados

Existem vários elementos significativos relacionados com o Reinado a começar por toda a corte e suas distinções hierárquicas, os Tambores do Candombe: Santana – no qual Nossa Senhora teria sentado –, Santaninha e Jeremias (ou Chama) são elementos importantíssimos. Além das caixas das guardas de Moçambique e de Congo. Também as bandeiras das guardas, os mastros, os cruzeiros, os rosários, bastões, espadas e o tamboril, que, segundo Leda Martins, são elementos sagrados no código ritual, investidos de força e energia que asseguram o cumprimento dos ritos. As festividades em homenagem a abolição e a Senhora do Rosário também são destaques significativos.

Crenças Associadas

O mito da Virgem do Rosário, segundo o qual, a Virgem Maria teria aparecido sobre as águas (neste ponto, existem algumas divergências quanto ao local em que a santa teria aparecido). Os brancos teriam tentado retirar a santa da água e levá-la para uma igreja, mas a santa não se deixava ficar no altar, retornando sempre ao ponto de origem. Os negros teriam se oferecido para retirá-la da água. Os brancos concordaram, apesar de duvidarem que Nossa Senhora acompanharia os escravos. Os negros foram então buscá-la com seus cantos e danças, o que fez com que a santa saísse das águas e seguisse com eles. Após entroná-la em seu altar, Nossa Senhora permaneceu no local.

A narrativa da aparição da Virgem do Rosário nas águas e sua opção por sair com os tambores e cantos dos negros são recorrentes em todo o Brasil e apresenta diferentes versões, em cada região ou grupo em que é contada. Na própria Comunidade dos Arturos, encontramos algumas variações da narrativa.

Ninguém tinha liberdade, que era tempo de escravidão. O povo era só trabalhá. Então Nossa Senhora apareceu lá nas água. Os rico foi tirá ela com banda de música e tal, ela num quis. Quando o padre foi celebrá missa, falano palavra, ela só mexeu um mucadim, mas parô. [...] Eles pelejô, pelejô, ela ficô parada lá nas água [...]

O escravo viu tudo, pensô lá e combino com os companheiro dele: -- Ah, vô fala com o sinhô – se o sinhô dé nós a liberdade de nós conversa com ele – nós vão pedi ele se ele dexa nós í pelejá lá pra vê. [...]tem aquele pau ali – tá curado, né? – nós põe um pedaço de coro ali no tampo dele e nós vão batê, cantano nossa language. Às vez, quem sabe? E nós vão fazê nossas oração, leva nossos terço de conta de lágrima [...]

Eles pegaro seus tambô, que era um par de três tambô e foi. Chegaro lá, fizeram oratore de

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

sapé, pusero arco de bambu enfeitado pra ela passa e foro bateno os tambô, cantano dançano pra ela. Ela deu um passo. Parô. Eles torno a cantá, cantano demais, ela veio vino devagarzinho, até que chegô na berada.

Ah, os branco achô ruim! Quando ela parô na berada, eles tiraro ela. Com as banda de música, foguete essas coisa. Tudo de novo. Ela ficô quetinha: pegaro ela, levô, fizeram lá uma capelinha, pôs ela lá dentro. [...]

Quando foi no outro dia, eles abriro lá a capela, cadê ela? Tinha voltado pro mesmo lugá. Os nego armô a capelinha deles – cá no ponto de pobre, né? – de pé no chão, otros de precata, cantano, ela veio vino, eles arrango seu andô deles. Tudo no ponto de pobre – pôs ela no lugá lá – lugá de nego, humilde – e ela ficô. Aí eles fizeram a igrejinha dela e ela nunca que voltô.

Então ficô seno o tambô sagrado, o Candome. É ele tiro ela. Num tambô ela veio sentada, igual andô. É Santana. Por isso nós começa o candome assim: Ê tamborete sagrado.

Geraldo Arthur Camilo.

O saber banto, que segundo Martins, que afirma que a força vital se recria no movimento que mantém ligados o presente e o passado, o descendente e seus antepassados, permitindo a vida em comunidade. Citando Vincent Mulago, “para o banto, a vida é a existência da comunidade; é a participação na vida sagrada dos ancestrais; é uma extensão da vida dos antepassados e uma preparação de sua própria vida para que ela se perpetue nos seus descendentes.”

Identities construídas em torno da atividade

O Reinado dos Arturos, assim como outros, cria uma estrutura hierárquica interna na Comunidade, gerando obrigações e privilégios. As funções mais importantes são ocupadas pelos mais velhos ou aqueles que detêm maior conhecimento a respeito dos valores, crenças e tradições e, até mesmo, segredos. São deles também as maiores responsabilidades.

Os Arturos de Primeira Linha ocupam as posições de maior honraria dentro da Comunidade: o “Seu” Mário Braz da Luz é o Capitão-mor e Patriarca da Comunidade dos Arturos, é dele a responsabilidade de orientar espiritualmente o grupo familiar e manter a coesão do mesmo. O Sr. Antônio Maria Silva é o Capitão Regente, responsável por orientar e organizar ambas as guardas, além de reger as festividades do Reinado. A Sra. Conceição Natalícia da Silva, a D. Tetane, é a Rainha do Império, representando o Reinado de Nossa Senhora do Rosário.

Os demais reis e os capitães das guardas são responsáveis pelo sucesso das atividades do Reinado, nos planos espiritual e prático. Ademais, a vida familiar comunitária, as crenças, valores e ritos do Reinado geram nos indivíduos a ideia e a sensação de pertencer a algo grande, forte e duradouro: o Rosário de Maria.

Significados socioeconômicos

A participação das guardas e grupos em festivais e outros eventos e meios culturais pelo país, proporciona um retorno financeiro pequeno – pagamento de cachês em algumas ocasiões. No entanto, os gastos com transporte, alimentação e hospedagem acabam sendo maiores, o que impede a participação da Comunidade em alguns desses eventos.

Significados Simbólicos

- Círculo- o reinado instaura um tempo cíclico, que recomeça anualmente, se repetindo ao mesmo tempo em que se renova. Nesse sentido, a repetição cíclica dos padrões rítmicos nos instrumentos percussivos, bem como a repetição cíclica das orações do Rosário (ele próprio um círculo), reforçam essa circularidade do tempo.
- Número três- tem valor simbólico fundamental, sendo presença constante nas falas e na estrutura dos ritos do Reinado. São três as pessoas da Trindade; três os tambores sagrados que retiraram Nossa Senhora das águas; a Festa do Rosário dura três dias; o Reinado é constituído pelo Candombe, a Guarda de Moçambique e a Guarda do Congo; deve-se dar preferencialmente três voltas em torno dos mastros e cruzeiros. São em número de três os principais cruzeiros para a Comunidade,

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

chamados de pai, filho e espírito santo. É possível, que além da fundamentação católica (Santíssima Trindade), esteja ligado ao saber banto, fundamentalmente triádico.

- Arcos e Porteiras- representam portais e travessias que se devem ultrapassar para acessar o espaço sagrado. Os capitães de Moçambique abrem o caminho com seus bastões, à porteira da Comunidade dos Arturos, para a passagem das guardas visitantes e voltam a fechá-lo ao entrar todo o cortejo, à moda de um portal. Consistem em fronteiras que divisam a comunidade da rua, que separam o privado sagrado e o público, perpassado por diferentes valores e perspectivas individuais, onde o cortejo das guardas tem que estar mais atentos para as adversidades.

Possibilidade de Continuação

A participação de jovens e crianças nas Guardas, o interesse das crianças pelos tambores são elementos que nos levam a crer que são grandes as chances de perpetuação dos valores e crenças relativos ao Reinado nas gerações futuras.

A existência dos Filhos de Zambi – grupo teatral formado pelos jovens da comunidade – que trabalha não só a história e tradição dos Arturos, mas explora temas referentes à cultura e realidade afrodescendente no Brasil, é outro ponto favorável para a continuidade do Reinado.

Plano de ação

Incentivar a transmissão do saber dos mais velhos para os Arturos mais jovens. Incentivar a continuidade de atividades de grupos como os Filhos de Zâmbi, trabalhando a história familiar e as tradições do Reinado.

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	Antônio Maria da Silva				Tipo	Capitão Regente	
	Nascimento	28/07/1935	Sexo	M	Idade	78	Registro Sonoro Visual	x
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Filho de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maira, Capitão Regente da Guarda do Congo, Mestre da Folia de Reis e Benzedor.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 4: Guarda do Congo.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 5: Guarda do Moçambique.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 6: trono coroado na Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Festa da Abolição.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 8: Saudação de guarda visitante.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 9: Descendimento dos mastros.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 10: Candombe da Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 11: Almoço servido às guardas visitantes na Festa de Nossa Senhora do Rosário
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 12: Criança da Guarda do Congo.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 13: Capela da Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC4988_CARTUROS_FRosa_LFreitas_6out13 (92) Figura 2: IPAC4989_CARTUROS_FABO_CDellamore_13mai12 (267) Figura 3: IPAC4989_CARTUROS_FABO_CGuimarães_13mai12 (160) Figura 4: IPAC4988_CARTUROS_FRosa_LFreitas_6out13 (170) Figura 5: IPAC4989_CARTUROS_FABO_RMarques_13_05_11 (39) Figura 6: IPAC4988_CARTUROS_FRosa_LFreitas_6out13 (141) Figura 7: IPAC4988_CARTUROS_FRosa_LFreitas_7out13 (179) Figura 8: IPAC4992_CARTUROS_Cand_LToledo_10-03-2012 (28) Figura 9: IPAC4988_CARTUROS_FRosa_LFreitas_7out13 (104) Figura 10: IPAC4987_CARTUROS_FABO_RMarques_13_05_11 (105) Figura 11: IPAC4988_CARTUROS_FRosa_CDellamore_14_10_12 (1)
Vídeos	DOC ARTUROS IEPHA_saida final
Áudio	DOC ARTUROS IEPHA_saida final

12 REFERÊNCIAS

BOSCHI, Caio César. Irmandades, religiosidade e sociabilidade. In: RESENDE, Maria Efigênia L. de; VILLALTA, Luiz Carlos (org.). *As Minas Setecentistas*, 2. Belo Horizonte: Autêntica; Companhia do Tempo, 2007.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

GOMES, Núbia P. de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras raízes mineiras: os Arturos*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

LUCAS, Glaura. *Música e tempo nos rituais do congado mineiro dos Arturos e do Jatobá*.

LUCAS, Glaura. *Os sons do Rosário – O congado mineiro dos Arturos e do Jatobá*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário do Jatobá*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

MONTES, Maria Lucia. *As figuras do sagrado: entre o público e o privado na religiosidade brasileira*. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

13 FICHA TÉCNICA

Fotos	Carolina Dellamore, Leonardo Freitas, Rosana Marques.	06/10/2013
Vídeos	Rede Minas.	06/10/2013
Áudio	Ana Carolina Araújo, Leonardo Freitas.	
Transcrição	Leonardo Freitas.	
Levantamento	Ailton Batista, Ana Carolina Araújo, Ana Rita Andrade, Carmen Guimarães, Carolina Dellamore, Fabiele Costa, Leonardo Freitas, Luis Mundim.	01/2013
Elaboração	Fabiele Costa.	
Revisão	Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Leonardo Freitas, Luis Mundim.	26/05/2014.
Observações		

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	MASTROS/ BANDEIRAS – COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	4998
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Hasteamento dos mastros com as respectivas bandeiras em frente à casa dos Sr. Raimundo e Dona Lúcia (ambos falecidos).
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

Categoria	Expressão ritual				
Tipologia da Atividade	Festividade votiva				
DENOMINAÇÃO	Hasteamento dos Mastros com as bandeiras.				
Outras denominações	Mastros	Nível de integração			
		Comunidade	Oficial	Intercomunitária	X
PERIODICIDADE					
Início	Mês de maio.				
Fim	Mês de outubro.				
Calendário Litúrgico	Tempo comum/ Ciclo da Páscoa/ Advento.				
Invocação	Nossa Senhora do Rosário, São Domingos, Divino Espírito Santo, São Jorge, São Benedito, Santa Efigênia, São Lázaro, São Cosme e São Damião, Santa Catarina, Santana, Nossa Senhora das Mercês e São João, ancestrais.				
Observação das Datas	Alguns Mastros são erguidos um dia antes de cada festa, outros quinze dias antes, são os chamados Mastros de aviso.				
DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE					
Os levantamentos de Mastro ocorrem em Maio, na Festa da Abolição, que ocorre no segundo domingo de					

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

maio de cada ano, e em Outubro, na Festa de Nossa Senhora do Rosário. São erguidos mastros em homenagem aos santos de devoção, sendo que no mês de junho é levantado dentro da comunidade, o mastro de promessa a São João.

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

Segundo o folclorista Câmara Cascudo, o “levantamento do mastro” é uma tradição ancestral, de origem pagã, originalmente celebrada em diversos países da Europa, inclusive Portugal, simbolizando a força e fertilidade masculina. Além disso, o hasteamento dos mastros também representa a conexão entre os ancestrais, a terra e o céu, sendo considerado um ponto energético.

Tal expressão é praticada desde o século XVIII, remontando ao período da história colonial brasileira. Segundo Rosângela Paulino de Oliveira, citando o trabalho de Del Priore, *Festas e Utopias no Brasil Colônia*, existem registro de levantamento de mastros na Bahia, em 1718, quando o conde de Vila Verde determinou que se levantasse *um mastro pintado de branco e carmesim e coroado de uma grinalda dourada, ao seu primogênito*. Outro exemplo vem de Pernambuco, onde em 1745, nos festejos do padroeiro São Gonçalo os pardos da Irmandade de Nossa Senhora do Livramento; *“solenemente soerguem oito mastros, todos ricamente pintados de verde e enfeitados com bandeira de santos a tremular no vento.”*

No Brasil, em várias localidades, nos dias consagrados aos santos católicos ou à Santíssima Trindade, mastros são levantados, ornados e encimados pela bandeira do homenageado. Em alguns lugares, no início da festividade votiva o ritual é acompanhado por música, canto e foguetes, em outras localidade existe somente o “levantar da bandeira”, com a imagem do sacro patrono. O Tesouro do Folclore Nacional apresenta o *Mastro Votivo* como a *“insígnia de grande importância em algumas comemorações coletivas religiosas. É o sentido concreto da verticalidade, unindo Terra e Céu, vivos e mortos, corpo e alma.”*

Nos Arturos, não há datação exata para o hasteamento do primeiro mastro da comunidade. O jornal local *A Folha de Contagem*, de 2011, menciona que nos Arturos os mastros são erguidos em homenagem a São João, há pelo menos 65 anos. No entanto, acredita-se que a tradição anteceda essa data, visto que o ritual está intimamente ligado aos festejos da comunidade, principalmente a festa de Nossa Senhora do Rosário, que acontece há mais de cem anos. A marca objetiva da proximidade da Festa de Nossa Senhora do Rosário com o Levantamento dos Mastros, é o *Mastro de aviso*, colocado em lugares considerados sagrados pelos Arturos, quinze dias antes da celebração.

03 DESCRIÇÃO

Preparativos

Os preparativos para o levantamento consistem em ornamentar e decorar as bandeiras e mastros. Assim, as mulheres da Comunidade se reúnem antes da festa para enfeitarem as bandeiras com fitas, laços, papéis coloridos e flores. É o momento em que as rainhas passam seus conhecimentos para as mais jovens. Algumas bandeiras são enfeitadas pelos responsáveis pela promessa.

Terminadas as festas, os integrantes da Comunidade descem os mastros e as bandeiras são retiradas e guardadas na Capela até a próxima festa, quando são novamente preparadas. Os mastros de promessas continuam levantados por mais tempo e as próprias famílias os descem no momento determinado pelo juramento.

Além dos mastros da Festa do Rosário e da Abolição, no mês de junho é levantado o mastro de promessa para São João. Essa promessa foi feita por Dona Conceição Natalícia, Dona Tetane, filha mais velha de Arthur Camilo, em virtude do nascimento de seu filho e de mais dois integrantes, que ocorreu na mesma data do Santo.

Desenvolvimento

Cada mastro é encimado por um estandarte ou bandeira, que representa a figura dos oragos de devoção. Para as festividades de outubro, são levantados *Mastros de aviso* quinze dias antes da Festa de Nossa Senhora do Rosário. Já na Festa da Abolição, não são levantados mastros de avisos, pois por se tratar

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

de uma celebração cívica, a festa é considerada pelos membros da Comunidade como um “reinado menor”, com apenas dois dias de duração.

O momento do levantamento dos mastros é anunciado pelos foguetes, seu hasteamento é seguido de emoção pelos congadeiros e nesse momento os instrumentos, caixas e gungas são tocados de forma mais forte. A dança feita em torno dos mastros compõe a devoção ao santo cujo mastro está sendo levantado.

Geralmente nesses momentos são entoados alguns cantos com o seguintes versos:

Ei! Esta bandeira de papai,
esta bandeira de mamãe,
vamos lá no altar visitar Nossa Senhora,
marinheiro, minha gunga saravar.

Os capitães dançam com seus bastões levantados, e os congadeiros beijam o mastro e acendem as velas ao seu pé, realizando este ritual em todos os mastros que são erguidos.

No sábado que antecede as festividades, é erguido o mastro de aviso com a bandeira de São Benedito no cruzeiro da Casa da Cultura/Museu Histórico de Contagem. Segundo membros da Comunidade, o lugar é considerado sagrado, pois lá estão os fundamentos do congado dos Arturos. Isto porque, no período que antecedeu a criação da comunidade, a Festa de Nossa Senhora do Rosário era celebrada neste local, por José Aristides e Arthur Camilo, daí a importância do levantamento de mastro neste cruzeiro.

Também são levantadas as bandeiras de aviso de São Domingos e da Coroa Maior, na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, também considerada um local sagrado. Sua edificação foi erguida no bairro Alvorada, em substituição à outra Igreja do Rosário, construída no século XVIII e demolida na década de 1970. Na antiga localidade, situada no Largo do Rosário, era aonde aconteciam as festividades de devoção a Nossa Senhora do Rosário.

Neste mesmo dia são levantados todos os mastros dentro da comunidade. Algumas bandeiras são erguidas nas casas dos Reis, Rainhas, capitães das guardas do congado. Na casa de Dona Dirce, Rainha das Mercês, é levantado o Mastro em devoção a mesma santa. Por determinado tempo, essa bandeira deixou de ser erguida, no entanto, há aproximadamente cinco anos, ao tornar-se rainha, passou a levantar a bandeira em sua casa, em homenagem ao Sr. Antônio, Capitão Regente da comunidade, em agradecimento ao convite de ser a Rainha das Mercês.

Posteriormente segue-se para a casa dos falecidos Sr. Raimundo Afonso da Silva, 1º capitão da Guarda de Moçambique e Rei do 13 de maio, e da bandeireira da mesma guarda, Dona Lúcia dos Santos, Dona Lucinha. Ali se levanta a bandeira de Santana e Santa Catarina, com a presença da Guarda de Moçambique. O hasteamento de tais bandeiras deve-se a promessas feitas por Sr Raimundo. Diante de seu falecimento, seu filho, Antônio Eustáquio da Silva, herdou seu posto de Rei do 13 de maio, fazendo com que as bandeiras continuassem a ser levantadas no local.

Depois se encaminham para a casa da capitã do Congo, Maria das Mercês da Silva Soares, conhecida como Ninita, são levantadas as bandeiras de São Lázaro e de Cosme e Damião, em virtude de uma promessa.

Após este mesmo momento, a Guarda de Congo se desloca para a casa do Sr. Antônio, onde são levantadas as bandeiras de Nossa Senhora Rosário, São Jorge e o Divino Espírito Santo, esta última em função de uma promessa de um membro da Comunidade que já faleceu. Em seguida é levantada ainda a bandeira de Santa Efigênia na casa de Dona Maria Auxiliadora da Luz, Dona Dodôra, Rainha 13 de maio que substituiu Izaíra Maria da Silva, a Tita, filha de Arthur Camilo, falecida em 2007 e Maria Goreth Costa Herédia Luz, Rainha Estrela Guia. Em 2012, o ano do acompanhamento dos levantamentos dos mastros, foi erguido um cruzeiro na entrada da Comunidade dos Arturos, onde passou a ser levantada a bandeira de Nossa Senhora Aparecida.

Transformações e permanências

Alguns mastros deixaram de ser levantados após os pagamentos da promessa e outros foram

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

acrescentados ao rito ao serem feitas novos compromissos.

04 ESPAÇOS PARA A REALIZAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

Descrição do espaço da celebração

O Arturos realizam o levantamento de mastros tanto dentro do seu território, quanto externamente, em determinados locais da cidade de Contagem, conforme detalhamento acima.

Croquis

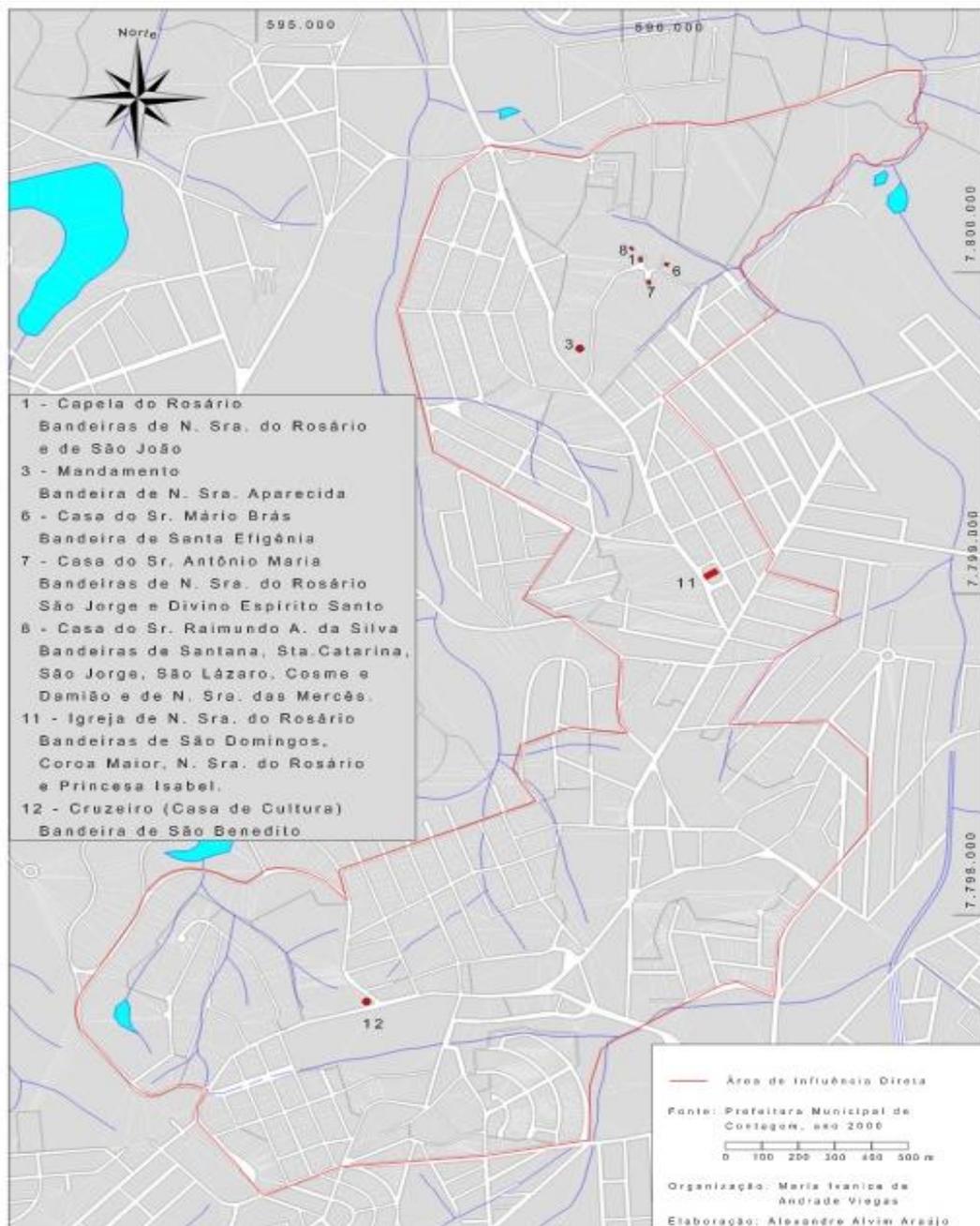


Figura 2: Locais de levantamento de Mastros e Bandeiras da Comunidade dos Arturos.

Fonte: Ivanice de Andrade

05 ÁREA DE ABRANGÊNCIA

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS						CELEBRAÇÕES e RITOS			
Comunidade	x	Município		Região		Estado		Nacional	
Observação									
Participação turística									
O levantamento de mastros constitui-se em um momento devocional, atraindo guardas visitantes e devotos dos santos homenageados, não possuindo um potencial turístico, embora alguns pesquisadores e expectadores procurem a Comunidade nos períodos em que ocorre o rito.									

06 ELEMENTOS RELACIONADOS				
Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC
Comunidade dos Arturos	Comunidade tradicional	Lugares		5100
Festa de N. Sra. do Rosário	Festa Religiosa	Celebrações	Catolicismo Popular	4988
Festa da Abolição	Festa Cívico-religiosa	Celebrações		4989
Capela de N. Sra. do Rosário	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Igreja de N. Sra. do Rosário	Bem Imóvel	EUA	Arquitetura Religiosa	-
Cruzeiro da Comunidade	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Cruzeiro da Casa Cultura	Bem Imóvel	Marco religioso	-	-
Tambores	Bem Móvel	Instrumento Musical	Percussão	-
Espadas	Bem Móvel	Instrumento Ritual	-	-
Tamboril	Bem Móvel	Instrumento Musical	Percussão	-
Vestimenta do Congo	Bem Móvel	Indumentária	-	-
Reinado	Catolicismo Popular	Celebrações	-	4997
Vestimenta do Moçambique	Bem Móvel	Indumentária	-	-

07 MODELO DE ORGANIZAÇÃO							
TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	X	Associação	Outros	
Denominação	Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem						
Descrição	A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário é uma instituição jurídica que representa formalmente as Guardas de Congo, de Moçambique e toda a Comunidade. Serve de suporta às questões jurídicas que envolvem a Comunidade. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem atua em conjunto com os integrantes da guarda de congo e os demais integrantes da Comunidade. Os irmãos do rosário se reúnem para decidir sobre a programação das festividades e deliberam sobre outras questões relacionadas à Comunidade.						
Organizadores e Financiadores							
Tipo	Descrição						
Organizadores	Membros da Comunidade e integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário de Contagem.						
Financiadores	Convênio com a Prefeitura de Contagem, doações dos integrantes da Irmandade Nossa Senhora do Rosário, e membros da comunidade. Alguns recursos também são angariados meio de apresentações artísticas e comercialização de camisas com motivos relacionados à Comunidade e aos festejos.						

08 COMENTÁRIOS	
Comentários dos entrevistados	
É totalmente diferente você preparar uma festa do rosário [...]. Igual a diferença da festa de outubro pra festa de maio. Ela é totalmente diferente até nos preparativos. Quando você tá próximo da festa de outubro, quando levanta o mastro de aviso, ali eu acho que você reza o primeiro Pai-Nosso. Dali pra frente, você está imbuído de um contexto, que ocê sabe que vai fechar no dia de terminar a festa quando você desce os mastros, a despedida.	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		CELEBRAÇÕES e RITOS	
		João Batista da Luz	
Comentários do elaborador			
Elementos significativos relacionados			
<p>Nota-se que o Levantamento dos Mastros é um importante ritual aglutinador. Todo o processo de preparação dos mastros e das bandeiras é permeado por um sentimento de unidade entre familiares e de dedicação aos ritos da Comunidade. Percebe-se que o momento de enfeitar e adornar os mastros são acompanhados pela dedicação e zelo dos membros da Comunidade, principalmente das mulheres, que por meio de múltiplas cores, fitas e imagens, proporcionam beleza à decoração dos elementos sagrados.</p>			
Crenças Associadas			
<p>Os Arturos têm fé que todos os santos invocados se fazem presentes juntamente com seus ancestrais. Além disso, os Arturos cumprem as promessas feitas às divindades, inclusive pagam promessa de pessoas que já se foram.</p>			
Identidades construídas em torno da atividade			
<p>O levantamento dos mastros é um momento importante para aqueles que participam das festividades de Nossa Senhora do Rosário, pois é a ocasião de devoção aos santos protetores e de cumprimento de promessas. Nesse sentido, é criada em volta do ritual, uma identidade devocional, mas que também aproxima parte da família terrena com a celestial, fato que pode observado no cumprimento de promessas de quem já se foi. Segundo Oliveira: <i>“é a partir da crença de que a vida é recriada ao redor daquele que simboliza o centro do mundo, o mastro, que os Arturos se conectam com o sagrado que se manifesta no período festivo”</i>.</p>			
Significados socioeconômicos			
<p>Não possui.</p>			
Significados Simbólicos			
<p>Os Arturos acreditam que levantamento dos mastros simboliza a conexão entre o céu e a terra, os mortos e os vivos e o sagrado e o terreno.</p>			
Possibilidade de Continuação			
<p>Os membros da Comunidade dos Arturos e os Irmãos da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem apresentam forte devoção nesse ritual, o que indica que provavelmente continuarão a realizar o levantamento de mastros, visto que ele é parte fundamental para a realização das festividades de Nossa Senhora do Rosário.</p>			
Plano de ação			
<p>É necessária a criação de mecanismos de valorização e repasse das tradições, para que a rotina do mundo moderno não cause desinteresse das novas gerações pelos ritos da Comunidade. Para isso, é fundamental incentivar a produção de pesquisas e materiais que promovam maior conhecimento sobre o ritual de Levantamento de Mastros, tanto para os membros da própria Comunidade como para a Comunidade em geral.</p>			

09		ENTREVISTADOS	
01	Nome	José Bonifácio da Luz	
	Tipo	Capitão Mestre da Guarda do Congo	
	Nascimento	-	Sexo M Idade 63 Registro Sonoro Visual
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)			
<p>Filho de Conceição Natalícia da Silva, Artura de primeira linha. Em sua composição como capitão faz o uso de sapatos e calça branca, saiote e camisa rosa ou rosa e branca, capacete ornamentado com espelhos, flores e fitas coloridas. Está sempre munido com seu mastro, apito e rosários em volta do tronco.</p>			
	Contato	Comunidade dos Arturos	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA



Figura 3: Preparação das bandeiras pelas mulheres da Comunidade.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 4: Bandeiras de Santana, Santa Efigênia e São Benedito enfeitadas pelas mulheres da Comunidade.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 5: Bandeiras Santa Efigênia, São Benedito, N. Senhora do Rosário e São Jorge no primeiro plano.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Levantamento de Mastro – Casa D. Lucinha.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Levantamento da bandeira de Nossa Senhora do Rosário em frente a casa do Capitão Regente Sr Antônio.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 8: Reis e Rainhas levando as bandeiras que serão levantadas.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 9: Guardas de Congo e Moçambique ao redor dos mastros em frente a casa do Capitão Regente, Sr. Antônio.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 10: Levantamento do Mastro de São João.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 10: Instalação do Mastro de aviso no Cruzeiro da Casa da Cultura de Contagem.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Fotografias	Figura 1: IPAC4988_CArturos_MastroBand_CDellamore Figura 2: IPAC4989_CArturos_FAbó_CDellamore_10mai13(75) Figura 3: IPAC4988_CArturos_Mastros_CDellamore Figura 4: IPAC4988_CArturos_Band_CDellamore Figura 5: IPAC4988_CArturos_Mastros_CDellamore Figura 6: IPAC4988_CArturos_FRosa_Mastros_CDellamore Figura 7: IPAC4988_CArturos_FRosa_CDellamore Figura 8: IPAC4988_CArturos_FRosa_AJunior_14_10_12(50) Figura 9: IPAC4988_CArturos_Mastros_SJoao_CDellamore_23_06_12 Figura 10: IPAC4998_CArturos_Matros_CGuimaraes_12mai12(275)
Vídeos	Não se aplica.
Áudio	Não se aplica.
Transcrição	

12 REFERÊNCIAS

Arturos levantam mastro em homenagem a São João. *Folha de Contagem*, 26 de junho a 02 de julho de 2009, p.6.

CÂMARA CASCUDO, Luis da. Dicionário do Folclore Brasileiro. Editora Itatiaia: Belo Horizonte, 1993.

DEL PRIORE, Mary. Festas e Utopias no Brasil Colônia. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Arturos – Olhos do Rosário. Belo Horizonte: Ed. Mazza, 1990.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negras Raízes Mineiras - Os Arturos. Belo Horizonte: Mazza, 2000.

OLIVEIRA, Rosângela Paulino de Oliveira. A força da religiosidade dos Arturos. In: Revista Nures. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, nº. 7, 2007.

www.cnfcp.gov.br/tesouro/00001897.htm, acessado em 05 de dezembro de 2011.

13 FICHA TÉCNICA

Fotos	Adebal de Andrade Júnior, Carmem Guimarães, Carolina Dellamore.	09/10/2011 13/05/2012 14/10/2012
Vídeos	Ana Rita Andrade, Carolina Dellamore.	
Áudio	Não se aplica.	
Transcrição	Não se aplica.	
Levantamento	Ana Rita Andrade.	
Elaboração	Ana Rita Andrade, Débora Raíza Rocha.	
Revisão	Carolina Dellamore, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Bruna Luisa de Paula.	03/06/2013 11/06/2013 31/03/2014 26/05/2014

Observações

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

01	IDENTIFICAÇÃO					
Denominação	CULINÁRIA DA COMUNIDADE DOS ARTUROS				IPAC/MG	4991
Município(s)	Contagem	Distrito		Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.					
GPS	Zona 23 K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S	



Figura 1: Forno de Barro da Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

Categoria						
Âmbito/Tema	Alimentação/ Cozinha	Datas				
Tipologia da Atividade	Culinária	Anual	Periódica	Mensal	Contínua	Cada X anos
Denominação					X	
Outras denominações	Alimentos, Comidas, Refeições, Quitandas.	Nível de integração				
		Comunidade	X	Oficial	Intercomunitária	
Descrição da Periodicidade						
A culinária tradicional dos Arturos está presente em todas as manifestações festivas comunitárias.						

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

Ao abordar a Culinária na Comunidade dos Arturos é importante fazer algumas considerações sobre alguns termos relacionados ao tema, tais como a “fome”, o “gosto” e o “paladar”, elementos que modificam a nossa percepção sobre a atividade básica da alimentação e que serão fundamentais na compreensão da culinária dos Arturos.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

Nesse sentido, o antropólogo José Reginaldo Santos Gonçalves, no ensaio, “Sistemas Culinários como Patrimônios Culturais”(2007), esclarece que quando se fala em “paladar” está-se aludindo a uma distinção entre a “fome”, que é a necessidade de se alimentar, e o “gosto”, que é constituído por alimentos que determinada cultura seleciona e que possuem significados simbólicos. Tais alimentos, em conjunto ou isoladamente, distinguem, identificam e diferenciam uma coletividade em relação à outra.

Outra distinção alimentar, desta vez feita por DaMatta, está entre “alimento”, básico para saciar a fome e a “comida”, entendida como forma de agradar ao paladar e distinguir socialmente os indivíduos. Assim, unindo as análises tem-se o par “alimento” e “fome”, de um lado, e “comida” e “gosto” do outro.

Isto posto, é importante frisar que as variadas ‘comidas’ nacionais e os diversos ‘gostos’ constituintes da identidade nacional se devem às relações estabelecidas historicamente entre os costumes e ingredientes alimentares dos negros, índios e europeus, especificamente os portugueses. É o que DaMatta denomina como uma “cozinha relacional”, onde cada elemento da relação dialoga e enriquece o conjunto gastronômico do outro.

O autor Gilberto Freyre, em “Casa Grande e Senzala”, publicado em Portugal, no ano de 1933, apresenta, entre outras aspectos, as influências dos africanos trazidos para a colônia portuguesa, na culinária brasileira. A título de exemplo, Freyre menciona a extensa influência exercida pelo que ele chama de “complexo negro da bananeira” em que os africanos promoveram vasta utilização do fruto e da folha da espécie. Segundo o autor, a banana já era utilizada pelos índios do continente, todavia a contribuição negra potencializou o seu uso, (FREYRE, 2000, p.192-193). Mônica C. Abdala, no ensaio “Sabores da Tradição”, diz do modo como a folha de bananeira era utilizada pelos índios: “algumas receitas de cobu feitas em Minas se originaram do costume indígena de assar massa de milho em folha de bananeira. O acréscimo de ovos, leite, especiarias, açúcar, sal e manteiga veio por meio da presença portuguesa” (2006, p.121).

A resultante dessa junção nas Minas Gerais, é a cozinha “típica” mineira atual, formada tanto no período em que a mineração se manteve abundante, até meados do século XVIII, quanto no momento em que a “ruralização” do estado, quando há uma maior concentração social e econômica nas fazendas, até o início do século XX. Nessas fazendas, as contribuições da cultura negra para a culinária mineira se deram por meio da introdução de ingredientes como o azeite-de-dendê, a pimenta malagueta e o quiabo, e uma variedade de preparos de galinhas e peixes. Além disso, era das mãos negras que saíam a maioria pratos servidos nas fazendas e engenhos do Brasil.

Diante disso, nota-se que, assim como qualquer outro item cultural (como a moral, a religião, as leis), a culinária de uma sociedade, ou grupo, possui princípios e regras que estabelecem processos sociais e rituais que lhe são próprios. O José Gonçalves entende o “sistema culinário” como uma complexa estrutura formada por vários elementos constitutivos que expressam a culinária de uma determinada cultura como um sistema. Dentre os elementos que compõem esse sistema, entendemos que os processos de obtenção dos alimentos, sua seleção e seus métodos de preparação, são fatores essenciais para compreender a constituição de uma cultura e o valor identitário das pessoas que praticam esse modo de fazer.

Utiliza-se também o conceito de “sistema de prestações totais” presente nas sociedades não ocidentalizadas como a Polinésia, Melanésia, entre outras. Nesse sistema, existem três obrigações básicas: a obrigação de retribuir os presentes recebidos, a obrigação de dá-los, por um lado, e a obrigação de recebê-los de outro. Recusar-se a dar, deixar de convidar ou recusar-se a receber é negar a aliança da reciprocidade que é, antes de tudo, uma aliança espiritual entre os grupos (clãs) envolvidos.

Esse sistema pode ser observado nas relações estabelecidas entre a Comunidade dos Arturos e as diversas guardas de congado que a visitam nas festas da Abolição e de Nossa Senhora do Rosário. Essa aproximação refere-se às obrigações ocasionadas pela cortesia recebida, da obrigação moral e religiosa de retribuir uma visita de uma guarda. Sem a imposição da retribuição ser maior em relação ao presente recebido, há um componente primordial nas trocas em que os Arturos se envolvem: são sobretudo espirituais, já que Nossa Senhora do Rosário está presente nas principais ações festivas e é com Ela e/ou para

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

Ela, enquanto Rainha do “Reino dos Arturos”, que as festas são realizadas.

Para receber as guardas visitantes, os membros da Comunidade dos Arturos passam por um longo período de preparação, que vai desde a confecção da indumentária e dos instrumentos utilizados, até o preparo da comida. Enfim, observa-se que os variados aspectos que compõem o “sistema culinário” dos Arturos reúnem elementos da autenticidade da tradição e da diversidade étnica e cultural de Minas Gerais.

Descrição Dos Elementos Constitutivos

Ingredientes

Polvilho azedo, polvilho doce, farinha de trigo, fubá de moinho d’água, fubá comercial, leite, açúcar, queijo, banha, manteiga, ovos, óleo de cozinha, canjica, café, alfavaca, limão, coquinho licuri, arroz, feijão, macarrão, carnes, café, legumes, verduras, mamão (doce).

Condimentos

Cravo da índia, bicarbonato, fermento industrial, sal, limão, coloral, cheiro verde, alho, pimenta, cebolas, pimentões, coco, amendoim, açúcar.

Processos de Obtenção

Atualmente os ingredientes dos alimentos oferecidos nos festejos dos Arturos são obtidos por meio da compra ou doação. Conforme Neusa, integrante da Comunidade, quando alimentos são doados por terceiros, os nomes destas pessoas são anotados para que cada uma delas receba um pacote de biscoitos feitos pela Comunidade, bem como orações que são dedicadas a elas no dia da reunião de prestação de contas da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem.

No tempo de Dona Carmelinda, matriarca dos Arturos, não era necessária a compra dos alimentos utilizados nas festas como ocorre atualmente, pois havia tanto a criação de frango e porco, como o plantio das verduras, do arroz, feijão e café na própria Comunidade. Hoje, a criação e o cultivo se restringem a poucos membros dos Arturos e não se destinam às festas. Maria Madalena lembra que quando as festas se aproximavam, os porcos capados e já previamente engordados, eram preparados duas semanas antes para se cortar e selecionar a carne e retirar a banha para fazer os biscoitos uma semana antes das festas.

Instrumentos/ Ferramentas

Gamelas de madeira, assadeiras, colheres de pau, facas, painéis, caldeirões, folhas de bananeira, bacias de metal e plástico, saco de confeitador artesanal, fôrmas, almofariz.

Seleção de Alimentos

Os alimentos oferecidos variam conforme o festejo realizado pela Comunidade. Durante o Reinado, Maria Aparecida diz que é tradição preparar o arroz, o tutu, a carne e o macarrão. Algumas variações são feitas a cada ano e o cardápio final da festa é decidido entre os responsáveis pela cozinha. A salada, a maionese, o salpicão e outros pratos complementares ao cardápio principal são decididos anualmente. Algum outro ingrediente pode variar conforme a vontade dos Reis e Rainhas festeiras. Essa variação porém ocorre apenas se eles forem de fora da Comunidade. Os Reis têm o direito de pedir qual carne lhes apetece, como aconteceu de pedirem frango, porco e peixe. Além da variação da carne, um Rei, diz Maria Aparecida, chegou a pedir uma salada de jiló, que foi feita e ofertada.

As refeições durante as manifestações do Congado são divididas entre o café da manhã, o almoço, servido à partir do meio-dia, e o café da noite servido aos congadeiros da Comunidade. Nos cafés são oferecidos o biscoito amarelo, biscoito branco, a rosquinha, o corre-corre e roscão (também conhecido como rosca rainha). Aos congadeiros também são oferecidas bebidas, como cachaça e vinho.

Conforme Maria Madalena, o doce predileto da roça não pode faltar: o arroz doce. Além dele, também é servido o doce de mamão.

Nos festejos do João do Mato e Folia de Reis, o cardápio é sempre variável: “engrossado”, arroz doce, caldo de mandioca, feijoada, biscoitos, bolos e doces, entre outros. No último dia da Folia de Reis ocorre um

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

almoço de despedida e confraternização entre os festeiros e a Comunidade.

Processos de Preparação

Um equipamento básico no processo de preparação da culinária dos Arturos é o tradicional forno de barro a lenha. São poucas as pessoas detentoras do saber da montagem do forno. O que existe hoje na Comunidade foi construído por Bill (Joaquim Bonifácio da Silva), há pelo menos vinte anos, em substituição ao antigo forno desfeito por chuvas constantes, uma vez que ficava exposto ao tempo numa época em que não havia a cobertura de telhas, como existe atualmente. Dentre os conhecimentos envolvidos no modo de fazer do forno a lenha, há a escolha da terra a ser usada, os “cubos de cupim”. De acordo com Miria: “com cupim ainda dentro. Não pode deixá o cupim morrê e não pode colocá fogo, que eles mesmo vão tecê. Que se fosse barro aquilo alí já tinha caído há muito tempo. Quantos anos tem esse forno? Porque os próprios cupins tecem. Tecem o forno, aí fica, né”.

Além do saber relativo à construção do forno, há o saber que se refere à lenha utilizada para a obtenção da temperatura adequada e sua manutenção para o cozimento – há, por exemplo, a lenha “mais forte”, que aquecerá o forno em menos tempo. Em média, o tempo de aquecimento do forno é de uma hora, quando ele estará pronto para preparar a “primeira fornada”. As cozinheiras trabalham até às seis horas da tarde nos dias que antecedem as festas e recomeçam logo pela manhã do dia seguinte. O responsável por aquecer o forno na madrugada, antes das cozinheiras chegarem, é Raimundo Eustáquio da Luz, o Purita, filho de Mário Braz da Luz, Arturo de primeira linha. Segundo nos informa Miria:

“no outro dia às quatro horas já põe fogo nele de novo! Aí, quem coloca o fogo é o Purita. O Raimundo, que ele trabalha aqui, que vai tirá o leite, na hora que ele vai tirá o leite, ele já coloca o fogo no forno. Ele ajuda nesse tempo. [...]. De terça até sexta-feira ele que põe o fogo no forno. Ele já sabe, já conhece a lenha, já sabe como que tem que fazê, ele já coloca o forno, quando ele chega o forno já tá ardendo, já tá pronto pra varrer e começar a enfornar”.

Tratando do modo de preparo dos alimentos, a cartilhada da culinária feita pelos próprios arturos (César e Santos, 2013) e Núbia Gomes e Edmilson Pereira (2004) apresenta algumas receitas, a saber:

Cubu:

Juntar 3 quilos de fubá de moinho d’água numa gamela grande. Colocar uma colher de sopa de bicarbonato e escaldar com um litro de leite fervendo. Abrir a massa e deixar esfriar. Amolecer com leite aos poucos e colocar na folha de bananeira lavada e cortada. Levar ao forno para assar. Retirar e servir com café, chá de alfavaca ou outro líquido de sua preferência. Se for guardar, colocar em saco plástico, para conservar o sabor e a consistência (César e Santos, 2013).

Corre-corre:

Juntar 2 quilos de farinha de trigo a meio quilo de fubá. Colocar 4 ou 5 ovos, 100 gramas de manteiga, 2 colheres de banha talhada e 1 colher de bicarbonato. Misturar bem e colocar leite ou coalhada, até o ponto de enrolar em formato da letra “S”. Untar a forma e levar ao forno quente. Assim que retirar do forno, salpicar água quente e cobrir com um pano para não murchar.

Biscoito amarelo ou papa-ovo:

Sovar bastante 2 quilos de polvilho doce na gamela. Esquentar bem um litro de banha de toucinho no fogo para escaldar o polvilho, enfumaçando a massa. Misturar 300 ml de água

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

quente com um cabo de colher de bicarbonato. Deixar esfriar, sovando bem. Colocar 3 dúzias de ovos aos poucos. Sovar mais. Passar um pano, tipo coador furado no fundo, apertando com firmeza e levemente, para sair a massa dos biscoitos, em uma folha de bananeira lavada e cortada em quadrados. Assar quando o forno tiver bem quente, ao ponto de tostar uma folha de bananeira. Servir em seguida ou guardar em balaios cobertos ou sacos plásticos para conservar o sabor e a consistência.

Rosquinha:

Misturar 250 gramas de manteiga, 7 ovos, 2 xícaras de açúcar, e 2 xícaras de óleo de soja, com 2 quilos de farinha de trigo. Adicionar 1 pitada de sal. Juntar 1 copo de leite e 3 colheres de sopa de fermento em pó. Amassar tudo, sovando firme. Fazer trancinhas médias e 3 pequenas. Colocar na forma utada e assar em forno quente.

Rosca saborosa:

Misturar um prato fundo de polvilho doce, um prato de farinha de trigo, um prato de açúcar, um prato de queijo ralado e um prato de gordura derretida, com 8 ovos e 1 colherinha de bicarbonato dissolvido numa colher de sopa de limão. Amassar bastante. Enrolar e cortar em forma de desenhos. Assar em forno quente.

Licor de Licuri:

Juntar uma boa quantidade de coquinho licuri maduro e lavar bem. Depois, por tudo num vidro limpo, com álcool e tampar. Deixar curtir durante 8 dias. Quando o álcool estiver amarelado, fazer uma calda grossa e deixar esfriar. Misturando água fria e mais um pouco de álcool ao vidro. Está pronto.

Doce de Jiló:

Descascar uma média de 5 quilos de jiló e coloca-los numa vasilha com água fria. Levar ao fogo para ferver e esperar esfriar. Trocar a água várias vezes até sair o amargo. Apertar os jilós para extrair as sementes com as mãos, um a um. Lavar de novo. Trocar a água até que fique clarinha. Por açúcar a gosto. Deixar a calda dar ponto e colocar cravo da índia. Esfriar e experimentar essa compota (César e Santos, 2013).

Azeite de mamona:

Lavar a mamona seca e deixar enxugar. Torrar como se fosse amendoim. Virar quente no pilão e ir socando até a massa soltar bem mole. De vez em quando esquentar a mão do pilão para poder soltar melhor. Colocar a massa na panela que está com água fervendo e deixar cozinhar bem. O azeite sobe e é colhido. Por mais água, ferver e tirar mais azeite (Gomes e Pereira: 2000, p. 195).

Modos de Apresentar e Servir os Alimentos

As tarefas relacionadas à cozinha dos Arturos são divididas por equipes e uma delas fica encarregada de servir a comida para os participantes das festas. As guardas da Comunidade, as guardas visitantes e as pessoas que acompanham as festas, são acomodados no refeitório em grupos de cerca de cinquenta, por vez, de acordo com a capacidade do local. Normalmente são organizados de dois a três grupos, conforme o número de participantes de cada um deles. O tempo para almoço varia entre quinze a vinte minutos. Após a sobremesa, as guardas saem do recinto cantando e dançando em agradecimento à dádiva recebida. Dádiva esta que deve ser boa desde o primeiro conviva até o último. Conforme Miria, a Comunidade estabelece relações não somente com as guardas, como também com a vizinhança, que oferecem donativos estabelecendo vínculos:

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

Eles saem rindo e fica: ‘que comida gostosa! Que delícia! Eu quero mais, eu vou comer, posso comer mais?’ Eu: ‘claro que pode’. Comida é pra todo mundo e quanto quisé. Muito bom! Todos gostam. Até a vizinhança daqui: aah, tem almoço, hoje tem festa, eu vou almoçar lá nos Arturos (risos). E são bons também, que é muitos, muitos ajudam, trazendo, oferecem. Traz um feijão, dois quilos de feijão, outros com cinco quilos de feijão, outros mais arroz, outros mais isso, mais aquilo, tudo é bem vindo! Graças à Deus nossas despensa tão cheia, muito donativo.

Quem Oferece e Quem Recebe

O alimento recebido pelas guardas que visitam a Comunidade, compartilhando a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário, é uma das contrapartidas das relações estabelecidas entre as guardas. Nas relações de direitos e deveres entre elas, a alimentação exerce papel fundamental. “Todas as festividades, o principal é a comida”, afirma Miria.

Alimentar os visitantes tão bem quanto foram alimentados quando estiveram fora é a obrigação da equipe responsável pela cozinha. Nas palavras de César e Santos (2013,p.03):

Enquanto os grupos de congadeiros se preparam, rezam, cantam e dançam para Nossa Senhora, na Capela e nos terreiros da Comunidade ou na Igreja do Rosário, um ritual inicia-se nas cozinhas da Comunidade. É a preparação dos cafés, quitandas, lanches e almoços para Arturos, guardas locais e visitantes.

Modos de se Dispor dos Restos Alimentares

Os restos e sobras provenientes dos processos de elaboração das receitas são geralmente descartados no lixo, ou então dados a criação para a engorda.

03 ENTREVISTADOS

01	Nome	Maria Madalena da Cruz – Miria				Tipo	Cozinheira	
	Nascimento		Sexo	F	Idade	67	Registro Sonoro Visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Cozinheira da Comunidade dos Arturos.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

02	Nome	Neuza Maria dos Santos Silva				Tipo	Cozinheira	
	Nascimento		Sexo	F	Idade	57	Registro Sonoro visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Cozinheira da Comunidade dos Arturos.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

03	Nome	Vanda Janaína				Tipo	Cozinheira	
	Nascimento		Sexo	F	Idade	32	Registro Sonoro visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Cozinheira da Comunidade dos Arturos.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

04 ELEMENTOS RELACIONADOS

Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD. IPAC
--------------	-----------	-----------	--------------	-----------

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

Comunidade dos Arturos	Comunidade Tradicional	Lugar		5100
Festa de Nossa Senhora do Rosário	Festa Religiosa	Celebração	Catolicismo Popular	4988
Festa da Abolição	Festa Cívica	Celebração	Festa Étnica	4989
Festa do João do Mato	Festa Rural	Celebração	Rito Agrário	4990
Folia de Reis	Festa Religiosa	Celebração	Catolicismo Popular	4991
Construção do Forno	Técnica Construtiva	Saber		
Forno	Instalação	Bem Imóvel		

05 FORMAS DE TRANSMISSÃO

Procedência do Saber

O saber culinário utilizado na comunidade foi passado por Dona Carmelinda e suas filhas Maria do Rosário da Silva, conhecida como Induca e Isaíra Maria da Silva, chamada de Tita, todas falecidas.

Transmissão

Pais-Filhos	X	Mestre-Aprendiz	X	Escolas		Grupos		Outros	
-------------	---	-----------------	---	---------	--	--------	--	--------	--

Modo de Transmissão

A transmissão é feita oralmente, ao mesmo tempo em que se pratica o ofício da culinária. É necessário aprender quais são os ingredientes e as medidas certas de cada um deles. Miría, a mais experiente das cozinheiras, lembra como foi seu aprendizado com Induca, no que diz respeito à confecção das rosas:

aí, cê fazia uma, tava grande demais, tinha que desmanchá porque: ‘ah, Induca, só coube duas’. – ‘ah, não, eufalei que é quatro’. Eu falei: ‘ah, meu Deus do céu, então tem que fazê quatro. Tem que cabe quatro aqui’. Tinha que desmanchá tudo e fazê de novo. E assim foi que ela ensinou que hoje a gente aprendeu, e está passando pra elas também. Aquilo que ela nos ensinou. Aí, eu sempre falo assim: nós vai tê que sê assim que a Induca gostava que fosse assim, ela queria que fosse assim.

Lia (Maria Aparecida), também tem lembranças de infância do tempo em que Induca, sua madrinha, comandava a cozinha:

a lembrança que eu tinha é que minha tia [...] a gente vinha pra ajudá, tinha novena, que fazia quando a gente era pequeno [...] E fazia os doces também, ajudava eles a fazê, que tinha, que criança num sabe muita coisa, mas elas tava ali ensinando a gente, tinha um doce de mamão que era enrolado, enroladinho, costurado, elas ensinava a gente a fazê, depois da novena a gente ia enrolando os docinho, ia fazendo, ia cortando as bandeirinha, isso tudo à noite antes da festa. Quinze dias antes da festa, assim. Os doce não, os doce era na semana, né.

Nos dias de hoje, a responsabilidade pela comida na Comunidade está dividida entre três pessoas: Miría, Neusa e Lia. Apesar de Miría afirmar que não existe uma hierarquia entre elas, Neusa diz: “tudo que a gente tem pra decidi ela tem que tá junto a nós”. Há predomínio da voz de Miría, como em outros fatos culturais da Comunidade, está ligado à sua maior experiência. Esta experiência, do mesmo modo que foi recebida, está sendo passada para novos aprendizes, como é o caso de Janaína, bisneta de Arthur e neta de Geraldo Artur Camilo. Nas palavras de Janaína, ela aprende observando: “aí, a Dindinha me chama: ‘aqui, vem ver o ponto!’ Né, às vezes você tira não tá bom, faz voltar pra trás: ‘não, pode voltar o biscoito, tá mole, não tá bom’. E a gente que já vai pegando”.

A composição da equipe, para a transmissão do saber culinário para novos aprendizes é feita conforme o interesse e a disponibilidade para o trabalho. Janaína, por exemplo, já trabalha profissionalmente como cozinheira, e adiou suas férias para que sua folga no emprego coincidissem com os dias de trabalho na Comunidade, ou seja, os dias de preparativos da festa e os dias da festa em si.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

Para o aprendizado e participação na cozinha dos Arturos não existe uma regra formal de escolha das aprendizes e colaboradoras, como por ascendência preferencial por alguma geração, como acontece em outros casos. Na culinária, quem é iniciado e participa da cozinha nos preparativos festivos comunitários são aquelas pessoas que manifestam desejo, predisposição e iniciativa participativa. Segundo Miría:

Nós tão vendo. Marcou a festa nós tão vendo. As meninas que vem, elas vão aprendê. – ‘Ah, eu vim dá uma mão, ah, não sei.’ A Patrícia ontem, né Dindinha? – ‘eu não sei, eu quero ajudá ocês, mas eu vim aprendê’. Eu falei: ‘não, então cê vai aprendê’. Ela brincou comigo assim: ‘ah, então, até ano que vem eu aprendo’. Eu falei assim: ‘ano que vem não, cê vai ter que aprendê de hoje até sexta-feira! Cê vai aprendê. E amanhã você vai fazê uma masseira’. [...] Mas não é escolhido ninguém pra aprendê, é todas elas que chegá e querê aprendê a gente vai passá pra elas.

Forma de Continuidade

A forma de continuidade é exemplificada pelas ações originais de Arthur Camilo Silvério, Carmelinda Maria da Silva e seus filhos passada a seus descendentes, como Janaína que nos relata sobre a continuidade da tradição:

“É, eu, me sinto, assim, uma responsabilidade. Pra mim, isso aqui, já é uma coisa séria. Maio, outubro, é sagrado. Né, igual, assim, como eu disse, é, já era pra mim tê tirado férias mas eu fiz questão de tirá agora. Então pra mim é muito...é uma gratificação que eu tenho com meu avô. Sabe? Porque, às vezes, não coincide o serviço, né, cê tem que trabalhá fora, não tem como. Então, eu fico feliz, por ele já tê ido e tê deixado a gente pra continuá. Eu acho que eu tô continuando o nome do meu avô. Também! E gosto também. Acho que quando você faz uma coisa que você gosta fica tudo mais fácil”.

Transformações

A culinária dos Arturos se beneficiou dos avanços na infra-estrutura da Comunidade, principalmente no que se refere à energia elétrica e à água encanada. A água era obtida em poço comum, distante da área da cozinha. Maria Aparecida (Lia) relata que sua infância: “[...] tinha que lavá aqueles tanto de biscoito, elas tava fazendo, a gente tinha que ir pro poço lavar as tampa, pra fazê o biscoito. Então, e limpá, assim, frango, né, a gente tinha que ir no poço, lavar tudo lá. E trazia tudo limpinho pra cá. Pra fazê aqui em cima.”

Não havia cobertura na área da cozinha como hoje. O forno ficava exposto às intempéries e com isso a chuva acabava por limitar sua vida útil. Para proteger as guardas visitantes das diversas condições climáticas, fazia-se uma estrutura de madeira coberta por folhas de bananeiras. Nas palavras de Miría:

[...] a gente fazia o quê? Era torda, que a gente falava torda de folha de bananeira. Tanto aqui pra tampá o forno, como lá fora nesse galpão que cês tão vendo fazia, chamava...furquia, nós chamava de furquia. Pra colocá a madeira e por cima colocava folha de bananeira pra fazê sombra no pessoal que vinha almoçar, na hora do almoço tê uma sombrinha, né [...].”

No tempo em que as responsáveis atuais pela cozinha eram crianças, se plantava praticamente toda a alimentação ofertada nas festas, o arroz, o feijão, o café, o coco, os frangos e os porcos necessários para a alimentação. “É, verdura quase que não comprava, era daqui mesmo”, nos diz Miría.

Além das transformações relacionadas ao modo de obtenção dos alimentos e às transformações relacionadas à infra-estrutura, há a mudança na aceitação dos homens na equipe da cozinha. Hoje os homens estão inseridos nas atividades culinárias e são responsáveis pelo tutu, pelo macarrão, além de participarem da organização e limpeza.

Outra mudança se refere ao modo de servir. Se antes as cozinheiras serviam os pratos já montados

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

para as guardas e visitantes, hoje a comida é posta no balcão da cozinha para os próprios visitantes se sirvam.

06 COMENTÁRIOS

Identities construída em torno da atividade

Das cozinheiras entrevistadas – Miria, Lia, Neusa e Janaína –, todas disseram sentir grande satisfação em participar da equipe da cozinha. Nas suas falas é possível perceber o sentimento de respeito ao ato de cozinhar e oferecer o alimento aos que os visitam. Para além do próprio alimento, o ato de confraternizar com todos os presentes na Comunidade nos dias de festejos por meio da alimentação é uma das bases dos Arturos. O processo de aprendizagem do saber culinário, a continuidade da tradição e os sentimentos e expectativas ligados à memória afetiva de cada um no momento em que se faz a comida e se alimenta dela explicita identidade coletivas formada por esse modo de fazer.

Comentários dos entrevistados

Miria:

bom, nós aprendemos desde criancinha, né, a gente já ajudava as minhas tias, né, a minha mãe que era a mais velha aqui da família. Ela vinha, trazia a gente, às vezes ela não podia vim, mandava a gente, a gente tinha que fazê. Tudo que as minhas tias mandava, né: 'então, cês hoje vai fazê isso, amanhã cês pode fazê aquilo; fulano vai fazê....' E aí de quem falasse que não ia. A gente já saía na hora. Também gostava disso, ficava doido de chegá a festa. Pra gente tá reunindo os primos todos, daqui reunido assim, às vezes ficava o mês inteiro, que antigamente era muito difícil, carregava água na cabeça, buscando lá dos fundo do poço, das minas, pra trazê pra enchê os tanque daqui. Aí, então tinha que juntá a meninada toda, cada um com sua vazilhinha pra trazê. [...] ah, nós aprendemos com minhas tias: Induca e Tita. Tita ficava mais aí pra organização da ornamentação. Induca, aqui da cozinha. E aí de nós se fizesse errado: 'eu quero que sai, assim, assim, assado, vem me ajudá'. – mas eu não sei. – 'mas tem que aprendê. Cês não nasceram sabendo, eu também não sabia! Eu aprendi, e vocês que vai dá continuidade'. E realmente, foi verdade. Aí, ela ficou doente, né, não pode mais e passô pra nós duas, nós três e nós vão espalhando pras ôtras, que vão chegando, né. tem hoje uma novata aqui [Vanda Janaína] que nós tão preparando ela pra tomá conta também, né. [...] assim como minha tia falou pra gente, pra eu e Lia, que estava aqui na época, aí, nós tão passando pra elas. Fala, eu estou velha, estou ficando velha, doente, cansada, eu não vou ter forças daqui uns dias, eu não posso mais dá continuidade. Então, eu tô passando procês, cês tem que fazê do jeito que eu faço. Portanto, até hoje a gente alembra, ela tá lá na cama, né, acamada, não sai lá da cama, né. Mas, a gente até hoje ainda alembra. Ela falava assim: 'cês vai, cuidado, heim! De lá eu já tô vendo muito bem o quê que cês tão fazendo'. E realmente. E quando queimava algum biscoito aqui, dali ela avia: 'ei! Tá queimando alí! Tá falta de atenção!' (risos) 'Eu já ensinei procês, não é possível que eu tenho que ir lá e ensiná de novo!'

Lia:

significa que é uma tradição nossa da irmandade, da Comunidade, porque a gente vem, assim, aprendeu com nossa tia. Eu, principalmente, aprendi tudo com minha tia que já faleceu. E é bom, porque é a cultura, né, nossa e isso é uma diversão que a gente tem também. [...] a lembrança que eu tinha é que minha tia, que é falecida, como a sogra dela também, faleceu há pouco tempo, a minha mãe, minhas outras tia, minha tia Conceição, a gente vinha pra ajudá, tinha novena, que fazia quando a gente era pequeno, a gente vinha todo dia à noite, a gente vinha pra novena aqui, na casa da minha avó. E fazia os doces também, ajudava eles a fazê, que tinha, que criança num sabe muita coisa, mas elas tava ali ensinando a gente, tinha um doce de mamão que era enrolado, enroladinho, costurado, elas ensinava a gente a fazê, depois da novena a gente ia enrolando os docinho, ia fazendo, ia cortando as bandeirinha, isso tudo à noite antes da festa. Quinze dias antes da festa, assim.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

Os doce não, os doce era na semana, né. E os papel, a gente cortava quinze dias antes, vinha rezá e já fazia um pouco do serviço pra não fica muito tumultuado pra elas, pegá no batente mesmo. [...] ah, eu acho muito gratificante, sabe, porque, na maneira do agradecimento deles também que é muito, sabe, né, Neusa? Mexe muito com nós. A gente tá ali, a gente tá fazendo comida. O que a gente tá fazendo ali é tudo com amor, maior alegria ali dentro da cozinha, sabe? A gente brinca um com ôtro, a gente grita e tudo, e é muito gratificante, quando eles entra pra almoçá, eles almoça e agradece, a gente vê o quanto que eles gostaram do que nós fizemos. Que é tudo do dia, nós não faz nada, né, Neusa? Nós não fazemos nada antes..

Neusa:

é uma alegria pra mim quando eu tô no meio delas. [...] é, igual tem a doação e tem a compra também. Tem muita gente que adoa, né, aí, quando adoa bem antes, aí quando a gente vai fazê a compra a gente já sabe a quantidade de coisa que a gente vai comprá. Aí, quando não adoa antes, a gente já faz a compra toda, aí, aquela doação a gente, a gente pega e mistura tudo junto lá, faz tudo junto e depois presta a conta. A gente nota todo mundo que dá as coisa, no caderno, aí, quando chega no dia da reunião a gente presta a conta das pessoas toda que deu, agradece com um, com um pacote de biscoito, sabe, a gente faz uns pacote de biscoito pras pessoas que adoo pra abençoá...[...] A gente serve um viozinho, uma pinguinha pras guarda de fora, pro pessoal que gosta. Tem pra nossa turma aqui também. Na cozinha também sempre tem um golinho pra quem gosta, uma cervejinha pra quem gosta, depois que termina tudo, sabe? Encerrou, aí, senta, vai bebendo, num...entrevado pra trabalhá não. Mas se tivé fazendo um friozinho, né, pra quem gosta, né, então tem.

Janáina:

nossa, é, pra mim é gratificante demais. Eu adoro, eu não sei se é porque que eu já sou cozinheira, né, já tá já no sangue, gosto muito, difícil é o forno! Enformar, alí, é muito difícil! [...]é muito difícil, mas vou pegá! Daqui uns dias, elas vão descansar mais porque é, é prazeroso, é gratificante, a gente vê todo mundo tomando café, mas é difícil, gente! É difícil. Força no braço...não é fácil. Esse calor do forno! [...] observando, aí, a Dindinha me chama: 'aqui, vem ver o ponto!' Né, às vezes você tira não tá bom, faz voltar pra trás: 'não, pode voltar o biscoito, tá mole, não tá bom'. E a gente que já vai pegando.[...] eu, me sinto, assim, uma responsabilidade. Pra mim, isso aqui, já é uma coisa séria. Maio, outubro, é sagrado. Né, igual, assim, como eu disse, é, já era pra mim tê tirado férias mas eu fiz questão de tirá agora. Então pra mim é muito...é uma gratificação que eu tenho com meu avô. Sabe? Porque, às vezes, não coincide o serviço, né, cê tem que trabalhá fora, não tem como. Então, eu fico feliz, por ele já tê ido e tê deixado a gente pra continuá. Eu acho que eu tô continuando o nome do meu avô. Também! E gosto também. Acho que quando você faz uma coisa que você gosta fica tudo mais fácil.

Comentários do elaborador

As cozinheiras entrevistadas foram unânimes em afirmar que a situação em que se encontra hoje a Comunidade dos Arturos, em relação a sua cozinha, é uma situação privilegiada. Com a melhora da infra estrutura, principalmente com a água encanada, luz elétrica e a melhoria do refeitório de acolhimento das guardas. Apesar da exigência de uma grande equipe de trabalho, não faltam aprendizes com vontade de continuar a tradição deixada por Carmelinda e suas filhas Tita e Induca. A culinária como parte de um sistema de relações culturais mais vasto, que exige um vínculo de reciprocidade, está sujeita à perdas se houver rompimento do ciclo festivo desempenhado pelos Arturos com as demais guardas envolvidas nas relações estabelecidas pelas festas.

É importante dizermos sobre a existência da Guarda das Cozinheiras. No último dia da Festa de Nossa

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS

Senhora do Rosário, quando as cozinheiras já cumpriram com todas as suas obrigações, elas se juntam e se encontram em cortejo na Igreja de Nossa Senhora do Rosário onde estão as outras guardas reunidas. Depois das tarefas cumpridas é hora das cozinheiras brincarem louvando o Rosário de Nossa Senhora. É Miria quem nos conta:

depois de tudo terminado, na segunda-feira todo mundo já almoçou, já passou domingo, final de segunda-feira, final de festa. ‘ah, vamos lá em cima? Vão fazer uma surpresa?’ Aí, uma pega uma caixa, outra pega outros tambores, né, e outro pega o bastão e sai cantando por aí afora (risos). E vão até a igreja onde eles tão.

POSSIBILIDADE DE CONTINUIDADE

A continuidade do sistema culinário dos Arturos está relacionada à própria continuidade das manifestações culturais existentes na Comunidade, já que eles são complementares entre si. O sistema culinário dos Arturos, inserido num sistema maior dos “fenômenos sociais totais”, depende da continuidade das relações políticas, familiares, culturais e religiosas dos Arturos. Além disso, percebe-se que as novas gerações interessadas em apreender este conhecimento e mantê-lo, é recorrente entre os membros da Comunidade, principalmente as mulheres.

Necessidades

Instalações	Cozinha e forno a lenha.
Instrumentos	Utensílios domésticos.
Matéria-Prima	Gêneros alimentícios
Pessoal	Jovens da Comunidade que se interessem por esse modo de fazer.
Formação	Oficinas de respasso do saber.
Atividade Macro	Comunidade dos Arturos.
Modo de expressão com necessidade de documentar/proteger	Forno a lenha. Alecrim, com esta erva é feita uma vassoura utilizada para varrer o interior do forno, no entanto, há dificuldade em encontrá-la.

07 PROPOSTAS DE AÇÕES DE SALVAGUARDA

A culinária tradicional e o saber-fazer ligado à atividade são bens merecedores de ações de salvaguarda. Ao pensar na culinária como parte de um sistema maior de prestações totais que as festas propiciam, esta adquire uma importância maior ainda.

Com a finalidade de proteger seus saberes a própria a Comunidade mobilizou-se elaborando uma cartilha intitulada *A culinária dos Arturos*, um meio de proteção dos modos de fazer dos seus quitutes.

Contudo, é necessário que a cozinha e o forno a lenha sejam revitalizados, para melhor andamento das produções dos alimentos.

08 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MODOS DE FAZER - ALIMENTOS



Figura 2: A cozinheira untando as roscas.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 3: As cozinheiras selecionando o alho e o feijão.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 4: Preparação do almoço da Festa da Abolição.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 5: Fornos de barro das festividades da Casa Paterna onde são assados os biscoitos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Forno de barro da Casa Paterna e biscoitos nas cestas.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Cozinheiras picando tomates para almoço da Festa da Abolição.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

09 REFERÊNCIAS

ABDALA, M. C. Sabores da Tradição. Revista do Arquivo Público Mineiro, v. n.2, p. 119-129, 2006.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	MODOS DE FAZER - ALIMENTOS
--	-----------------------------------

CÉSAR, Maria Cristina de Faria; SANTOS, Jorge Antônio. Cartilha <i>A culinária dos Arturos</i> . Belo Horizonte: Jardim Produções, 2013.
FREYRE, Gilberto. <i>Casa Grande & Senzala: introdução à sociedade patriarcal no Brasil</i> - I. 40ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2000.
GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. <i>Negras Raízes Mineiras: os Arturos</i> . 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2000.
GONCALVES. <i>Sistemas Culinários como Patrimônios Culturais</i> . In: <i>Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios</i> . 1. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007. v. 1. 252p .
MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a Dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas”. In: <i>Sociologia e antropologia</i> . São Paulo: Cosac & Naify, 2003, pp 183-314.

10	DOCUMENTOS ANEXOS	
Fotografias	Figura 1: IPAC4989_CArturos_FAbo_Culinaria_CDellamore_10mai13 (135) Figura 2: IPAC4989_CArturos_FAbo_Culinaria_CDellamore_10mai13 (108) Figura 3: IPAC4989_CArturos_FAbo_Culinaria_CDellamore_10mai13 (119) Figura 4: IPAC4989_CArturos_FAbo_13mai12 (627) Figura 5: IPAC4989_CArturos_FAbo_Culinaria_CDellamore_10mai13 (125) Figura 6: IPAC4999_CArturos_Culinaria_CDellamore_10mai13 (1) Figura 7: IPAC4989_CArturos_FAbo_13mai12 (138)	
Vídeos	DOC ARTUROS IEPHA_saida final	
Áudio	DOC ARTUROS IEPHA_saida final	
Transcrição	Transcrição_entrevistas_culinária_10out2012; Transcrição_entrevistas_culinária_10abri2013	

11	FICHA TÉCNICA	
Fotografia	IEPHA, Casa da Cultura Nair Mendes.	
Vídeos	Rede Minas, IEPHA.	
Áudio	IEPHA, Rede Minas.	
Transcrição	Leonardo Freitas.	
Levantamento	Ana Rita Andrade, Aílton Batista, Carolina Dellamore, Leonardo Freitas, Luis Mundim.	
Elaboração	Aílton Batista, Leonardo Freitas.	28/01/2014
Revisão	Carolina Dellamore, Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo	29/01/2014 31/03/2014 22/05/2014
	Observações	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	SABERES
--	----------------

01 IDENTIFICAÇÃO						
Denominação	CONHECIMENTO PLANTAS – COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	5000	
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede			
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.					
GPS	Zona 23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S	



Figura 1: Sr. Mário selecionando plantas medicinais para oferecer a uma benzida.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

Categoria						
Âmbito/Tema	Saberes		Datas			
Tipologia da Atividade	Conhecimento Tradicional	Anual	Periódica	Mensal	Contínua	Cada X anos
Denominação					X	
Outras denominações	Raizeiro, Chazeiro, Curador.		Nível de integração			
		Comunidade		Oficial		Intercomunitária
Descrição da Periodicidade						
O conhecimento sobre as plantas é um saber que necessariamente não se relaciona a datas específicas. A prática ocorre durante todo o ano e por vezes algumas ações devem ser realizadas em momentos específicos.						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

Os saberes relacionados às plantas é antigo e está presente em quase todas as sociedades. Em relação ao Brail, numa breve reconstrução histórica é possível perceber que os saberes e os usos das plantas para fins curativos foi um processo desenvolvido ao mesmo tempo em que se constituía a medicina científica atual.

Até o século XVIII, o governo português não mostrou interesse em explorar o potencial oferecido pelas plantas curativas da colônia. Quem melhor as conheciam eram os habitantes originários da terra e, por meio deles, os primeiros europeus buscavam suas primeiras referências de cura para as moléstias dos trópicos. No livro “Natureza em Boiões – medicinas e boticários no Brasil Setecentista”, Vera Regina Beltrão Marques (1999) procura mostrar como o saber dos indígenas foi apropriado por portugueses e europeus em geral, num período em que a medicina e a ciência farmacêutica ainda estavam em formação. Um dos temas de sua análise reside na indissolubilidade entre magia, religião e cura, tanto da parte dos colonizadores, quanto da parte dos nativos e dos africanos; cada qual com suas ontologias. Os portugueses e seus santos católicos, as várias etnias indígenas e sua concepção *perpectivista* de mundo (Viveiros de Castro, 2002) e as tribos africanas trazidas à força com seus totens.

A atenção às práticas de cura se tornou tema cada vez mais importante e, entre 1808 e 1828, foi instituída a Fisicatura-mor, instituição responsável pela fiscalização e regulamentação das práticas médicas exercidas no reino e em suas colônias. A instituição produziu uma série de documentos que se encontram guardados no Arquivo Nacional. Dentre estes documentos, Tânia Salgado Pimenta (1998) analisou, em seu ensaio “Barbeiro-sangradores e curandeiros no Brasil (1802-28)”, os dados relativos aos pedidos de oficialização das atividades reconhecidas pela Fisicatura-mor: físico, cirurgião, sangrador, parteira e curandeiro – oficialmente, o curandeiro era hierarquicamente inferior, estando no lado oposto ao conhecimento oficial dado ao físico-mor.

De acordo com a divisão das competências exigidas pela Fisicatura-mor, a fabricação e prescrição de remédios, fabricados pelos boticários, eram de responsabilidade do físico-mor, enquanto que as intervenções cirúrgicas eram da competência do cirurgião-mor. A parteira e o sangrador se ocupavam de uma parte da arte da cirurgia e eram exercidos por estratos populacionais populares. Somados às duas práticas anteriores citadas estavam os curandeiros. Estas três ocupações eram consideradas como práticas populares de cura e eram exercidas por escravos, forros e pobres livres. A procura pela medicina popular estava relacionada não apenas ao número reduzido de médicos formados nas concepções de cura da Fisicatura-mor (baseadas em Hipócrates e Galeno), mas também, principalmente, no reconhecimento da eficácia das curas feitas por sangradores e curandeiros.

É interessante citar uma requisição de um curandeiro para a oficialização de sua prática pela Fisicatura-mor. Bento Joaquim, africano, diz que sua prática não competia com a medicina acadêmica porque receitava “alguns remédios a algumas pessoas pobres e miseráveis deixadas por professores de medicina e cirurgia, por ser em suas moléstias quase por artes diabólicas, que, por muita experiência e conhecimento que tem o suplicante da dita moléstia, cura, e ficam sãos...”. O físico-mor, avaliador do pedido, assim o respondeu: “assistir-lhe o seu curativo, o qual não foi mais senão com cozimentos de raízes dados internamente, externamente banhos de ervas, clisteres das mesmas (...).” Viajante conhecedor da população da Costa Leste africana, o avaliador compara o que viu entre esse povo e garante “que o curativo entre eles não é mais senão com cozimentos de raízes, e ervas” (Pimenta, 1998).

Júnia Ferreira Furtado (2005), no ensaio “Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial”, em consonância com Vera Regina Beltrão Marques (1999), confirma a inter-relação dos saberes populares e acadêmicos, além de não verificar uma separação sistemática das atuações no campo da saúde, como pretendia a Fisicatura-mor. Furtado traz à memória que os tratados médicos redigidos nas minas foram escritos por cirurgiões, ou cirurgiões barbeiros. Segundo ela, “esses cirurgiões faziam prognósticos e curas, teciam teorias sobre as doenças e receitavam medicamentos – todas atribuições exclusivas dos médicos –, e

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES

até produziam os próprios remédios – atividade esta restrita aos boticários (2005, p.90)”.
“A medicina impõem-se como ciência entre nós somente em fins da primeira metade do século XIX”, afirma Marques (1999, p.27). Até então, a medicina portuguesa, em constituição, estava eivada por concepções herdadas do período medieval. Os médicos trazidos à colônia, em número reduzido, estavam concentrados nas vilas e povoações com maior número de habitantes e estavam a serviço principalmente dos oficiais da burocracia lusitana como também das tropas e milícias. Os habitantes mais distantes dos centros de povoação contavam somente com as práticas curativas dos principais especialistas na flora da colônia e mesmo alguns habitantes com acesso aos médicos oficiais preferiam os xamãs indígenas e os curandeiros africanos, ou mesmo aqueles que assimilaram os saberes destes últimos.

Os remédios prescritos então deviam ser administrados por meio de rituais religiosos cristãos, pois muitas das doenças adviriam de feitiços ou falta de fé. Os enfermos deveriam se confessar, comungar, orar, e, muitas vezes, “o tratamento devia ser ministrado durante uma Ave Maria (FURTADO, 2005:97)”. Marques também discorre sobre o papel da religião nas curas e da prática usual de se recorrer a santos específicos para uma moléstia determinada. Atualmente, não custa lembrar, há o reconhecimento de alguns médicos e psicólogos acerca do papel auxiliar da religião no combate às doenças.

Retomemos finalmente as plantas medicinais no contexto da comunidade dos Arturos. Inicialmente estabelecida num contexto agrário, quando as plantas e a caça eram abundantes, o conhecimento sobre a natureza da região era disseminada entre os membros da família. O patriarca é lembrado hoje como um grande “mateiro”, ou seja, aquela pessoa que se orienta muito bem pelas matas e tem o conhecimento de suas espécies, bem como de sua utilização.

Em relação à caça, saber que reflete o domínio sobre a natureza da região, outros filhos adquiriram o gosto pelo hábito de Arthur, “um caçador nato”, nas palavras de José Bonifácio da Luz, o Bengala. Segundo ele, um dos filhos em especial é lembrado como “quem mais puxou vovô”, qual seja, seu Tio Bill (Joaquim Bonifácio da Silva). Ele não podia ter notícias de um tatu nas proximidades que “ficava doido”. O mais novo dos filhos de Arthur também conhecia bem as plantas da região e, segundo Bengala, fazia questão de passar o conhecimento adiante mostrando as características de cada espécie, indicando sua comestibilidade e seus usos. Tais usos poderiam ser medicinais e até mágicos, como era o caso do *cipó caboclo*: “o cipó caboclo se você amarrá o caboclo com cipó caboclo, amarrar ele mesmo, tá amarrado mesmo. Ele pode até soltá do cipó, mas a vida dele vai...”. Além de Bill, outros filhos de Arthur Camilo Silvério, patriarca da Comunidade, tais como Geraldo Artur Camilo e Juventina de Paula Lima foram lembrados por Bengala como detentores do conhecimento das plantas, além de Mário Braz da Luz, o mestre da benzeção.

Uma das características da benzeção é o uso de plantas como auxiliares à cura. De uso medicinal ou mágico/religioso, as plantas que curam fizeram e fazem parte do cotidiano da Comunidade, seja através da Benzeção ou do uso medicinal.

Atualmente, o saber relacionado às plantas é dominado por poucas pessoas da Comunidade. Quem melhor conhece este saber é o ‘Seu’ Mário, e, portanto, é ele quem cita as espécies prescritas por ele em concomitância com a benzeção. Sua esposa, Maria Auxiliadora, diz ser bastante *chazeira* e os prepara para seus netos e bisnetos, “aquela mania de neto pra vó e de vó pra neto”, quando lhe solicitam para dores de cabeça, resfriados, ou por um simples afeto.

03 DESCRIÇÃO

Extensão da Atividade na Região

A utilização e o conhecimento das plantas medicinais na Comunidade era disseminada a um maior número de pessoas quando da data de sua fundação. Arthur Camilo e alguns de seus filhos, como Juventina e Bill eram notórios conhecedores das propriedades terapêuticas e/ou mágicas.

Atualmente o conhecimento vem se perdendo em função do desinteresse e da diminuição das espécies existentes na Comunidade e entorno. A região dos Arturos, que antes era essencialmente rural, hoje

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	SABERES
é vítima da especulação imobiliária. Alguns poucos na Comunidade ainda sabem das propriedades curativas das plantas, como o Mestre da benzeção, o 'Seu' Mário e seu filho Raimundo.	
	Procedimentos Técnicos Básicos
Pode-se usar as várias partes das plantas, desde a raiz até seu fruto. Cada parte também pode ser manipulada de diversas maneiras. Alguma destas manipulações identificadas são: chás (infusão e decocção), garrafadas, emplasto, secagem e trituração, simples sobreposição sobre o corpo.	
	Transformações e Permanências
Diminuição dos detentores do saber, assim como a perda da flora necessária para o pleno exercício da terapêutica.	
	Espaços/ Ateliê
	Direção
Quando a área de cultivo se restringe ao espaço da moradia, a responsabilidade é do proprietário, quando a planta se encontra em área comunitária a responsabilidade se estende à Comunidade.	
	Descrição
Jardins particulares, região onde ocorre a Festa do João do Mato.	
	Fontes de Energia
As fontes de energia utilizadas nos processos são motora humana e calor para o aquecimento de chás.	
	Matéria-prima/ Plantas Utilizadas na Comunidade e Usos
Família: ANARCADIACEAE Nome científico: <i>Mangifera indica</i> L. Nome popular: Mangueira Usos genéricos: O caule ou as folhas são usadas, em infuso ou decocto, como calmante nas febres, gripes, como emoliente e no escorbuto. (GRANDI, T. S. M. et al, 1989, pg. 188) Uso na Comunidade: a folha produzida por mangueiras de grande porte, que têm o fruto conhecido como 'manga espada', é usada para banhos purificadores do corpo. Usa-se sete folhas da mangueira junto à três folhas de guiné.	
Família: ASTERACEAE Nome científico: <i>Baccharis dracunculifolia</i> DC. Nome popular: Alecrim-do-campo Dados técnico-científicos: O alecrim-do-campo é uma planta melífera e muito visitada pelas abelhas, que dela retiram resinas para a preparação da própolis. Estudo recente confirmou sua atividade anti-inflamatória e antinociceptiva em estudos em animais. (BRANDÃO, MGL, 2010, pg. 19) Uso na Comunidade: chamada na Comunidade de "alecrim do mato", é usada para benzer.	
Família: ASTERACEAE Nomes Científicos: <i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC., <i>Baccharis genistelloides</i> (Lam.) Pers. Nomes populares: Carqueja-Amarga , carqueja-amargosa, quina-de-condaime. Dados técnico-científicos: a carqueja tem sido objeto de inúmeros estudos que confirmaram seu efeito como antiviral, anti-artrítica, protetora gástrica e hipotensora (BRANDÃO, MGL, 2010, pg.44). Uso na Comunidade: piolho.	
Família: Compositae Nome científico: <i>Bidens pilosa</i> L. Nomes populares: Picão, Carrapicho, Picanço. Uso genérico: toda a planta, sob a forma de infuso ou decocto, é usada na hepatite e problemas de fígado (GRANDI, T. S. M. et al, 1989, pg. 192). Uso na Comunidade: contra o 'amarelão', nome popular da doença parasitária causada pelos vermes	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES

Ancylostoma duodenale e *Necatur americanos*. Têm sintomas como anemia, fraqueja generalizada e cor da pele amarelada.

Família: Compositae

Nome científico: *Mikania* sp.

Nome popular: **Orelha de Cachorro.**

Uso genérico: o decocto, das folhas ou raízes, é usado nas frieiras, inflamações, vulnerário. O sumo da folha é usado para luxações (GRANDI, T. S. M. et al, 1989, pg. 193).

Uso na Comunidade: erisipela, ‘vermelhidão’, cobreiro.

Família: Lauraceae

Nome científico: *Persea americana* Mill.

Nome popular: **Abacateiro.**

Uso genérico: as folhas, sementes, frutos, cascas ou brotos, sob a forma de decocto, infuso, extrato-fluido, xarope, tintura ou pó, são usadas como digestivo, diurético, colagogo, carminativo, emenagogo, vermífugo, peitoral, para os rins, fígado, urticárias, cálculo renal, queda de cabelo, fortificar os dentes, infecções das gengivas, diarreia, combate a cárie, cefalalgias e contra a hipertensão arterial. O óleo do fruto tem vitamina A, B, D, E. (GRANDI, T. S. M. et al, 1989, pg. 200).

Uso na Comunidade: a folha é usada para benzer males da coluna. Também é prescrito o chá das folhas para o mal.

Família: Liliaceae

Nome científico: *Aloe vera* L.

Nomes populares: **Babosa, Álloe.**

Uso genéricos o sumo das folhas é usado como cicatrizante, nas doenças de pele e do couro cabeludo, nas parasitoses externas (piolho e carrapato) e ainda é utilizado nas hemorroidas e infestações por oxiúros (GRANDI, T. S. M. et al, 1989, pg. 202).

Uso na Comunidade: erisipela, caspa, piolho, coeira.

Família: MALVACEAE

Nome científico: *Gossypium barbadense* L. ; *Gossypium herbaceum* L.

Nome popular: **Algodoeiro, algodão.**

Dados técnico-científicos: o algodoeiro já foi objeto de vários estudos científicos, mas poucos visando verificar seus efeitos farmacológicos. Um estudo interessante demonstrou a capacidade do gossipol, substância presente no óleo da semente, em inibir a multiplicação desordenada de células, o que poderia levar ao câncer (BRANDÃO, MGL, 2010, pg.20).

Uso genérico: o sumo das folhas é usado nas inflamações uterinas (GRANDI, T. S. M. et al, 1989, pg. 202).

Uso na Comunidade: a folha é usada para tratar inflamação de ouvido. Macera-se a folha e pinga-se o sumo no ouvido.

Família: MYRTACEAE

Nome Científico: *Psidium guajava* L. ; *Psidium pomiferum* L.; *Psidium* sp.

Nome popular: **Goiabeira, guaiaba, goiaba.**

Dados técnico-científicos: em estudos recentes foram confirmadas as ações antioxidante e bactericida dos flavonoides e taninos da planta. Uma patente foi registrada para uso no tratamento de distúrbios gastrointestinais (BRANDÃO, MGL, 2010, pg. 59).

Uso genérico: as folhas, em decocto, são usadas nas inflamações dentárias (, pg. 204).

Uso na Comunidade: contra dor de barriga e dores no fígado.

Família: SOLANACEAE

Nome Científico: *Solanum cernuum* Vell.

Nomes populares: **Panacéia, braço-de-moono, braço-de-preguiça, catingas-de-negro.**

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES

Dados Técnicos-científicos: estudo recente mostrou que uma substância do grupo dos triterpenos tem efeito antimutagênico in vitro, sendo portanto um potencial anticancerígeno. No entanto, pouco se conhece sobre seus efeitos no organismo e o uso interno desta planta deve ser feito com muita cautela (BRANDÃO, MGL, 2010, pg. 82).

Usos genéricos: raízes e folhas, sob forma de infuso e xarope, são usadas na caxumba, como litagogo, vermífugo, depurativo, anti-sifilítico, diurético e nas doenças de pele (GRANDI, TSM et al, 1989, pg. 210).

Uso na Comunidade: contra o cobreiro, usada junto ao sabão gentio.

Família: SOLANACEAE

Nome científico: *Nicotiana tabacum* L.

Nome popular: **fumo, tabaco.**

Uso genérico: as folhas, secas e pulverizadas, são usadas como antitetânico, esternutatórios. O decoto das folhas é usado nas parasitoses externas, como sarnas e piolhos (GRANDI, TSM et al, 1989, pg. 209).

Uso na Comunidade: molha-se a folha com azeite e coloca-se em cima do furúnculo.

Família: PHYTOLACACEAE

Nome científico: *Petiveria alliacea* L.

Nome popular: **erva guiné, erva pipi, guiné.**

Uso genérico: toda a planta, sob a forma de decocto, infuso ou na cachaça, é usada, principalmente externamente, no reumatismo, dor de dentes, cefalalgias e como diurético e emenagogo. Em grandes doses é abortivo (GRANDI, TSM et al, 1989, pg. 205).

Uso na Comunidade: benzeção.

Família: PIPERACEAE

Nomes Científicos: *Pothomorphe umbellata* (L.) Miq. ; *Piper umbellatum* L. (sinônimo)

Nome popular: **capeba, pariparoba, caapeba, periparoba.**

Dados técnicos-científicos: a capeba vem sendo objeto de muitos estudos. Vários deles confirmaram a ação citotóxica, antioxidante, antitumoral, antimicrobiana, anti-inflamatória, analgésica e protetora solar de extratos da planta (BRANDÃO, MGL, 2010, pg. 41).

Uso na Comunidade: chá para o fígado.

Família: RUBIACEAE

Nome científico: *Coffea arábica* L.

Nome popular: **café, cafeeiro.**

Uso genérico: as folhas, em infuso, são usadas como estimulante, diurético, na obesidade e diabete. As sementes, em infuso ou decocto, na cefaleia e como estimulante (GRANDI, TSM et al, 1989, pg. 207).

Uso na Comunidade: a folha é usada contra a dor de cabeça. Amarra-se três folhas na testa antes de dormir.

Família: RUTACEAE

Nome científico: *Ruta graveolens* L.

Nome popular: **arruda.**

Uso genérico: toda a planta, sob a forma de infuso, decocto, maceração e colírio, é usada como emenagoga, nas doenças cardíacas, nas otites e infecções oculares. Internamente é extremamente tóxica, podendo causar a morte. É usada, externamente, para combater sarnas e piolhos (GRANDI, TSM et al, 1989, pg. 208).

Uso na Comunidade: benzeção.

Família: SAPINDACEAE

Nome Científico: *Sapindus saponária* L.

Nome popular: **árvore-do-sabão, saboneteira, sabonete-de-sabará (é conhecida na comunidade como sabão gentio).**

Dados técnico-científicos: estudos in vitro mostraram efeito da planta como fungicida e molluscicida. pesticidas usados no controle de moluscos (BRANDÃO, MGL, 2010, pg. 27).

Uso na comunidade: cobreiro (usada com a panaceia).

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	SABERES
--	----------------

Família: UMBELLIFERAE
 Nome científico: *Foeniculum vulgare* Miller.
 Nome popular: **funcho**.
 Uso genérico: a folha, sob a forma de decocto, é laxante e estomacal. Os frutos, em decocto ou infuso, são usados como carminativo, estimulante, litagogo, galactogênico, antiespasmódicos (GRANDI, TSM et al, 1989, pg. 211).
 Uso na Comunidade: usada contra gases e contra dor de cabeça.

Família: VERBANACEAE
 Nome científico: *Aloysia triphylla* (L’Her) Britton.
 Nome popular: **cidrila, erva cidreira, erva cidreira de árvore, erva cidreira de rama**.
 Uso genérico: as folhas ou flores, sob forma de infuso e decocto, são usadas nas gripes, resfriados, palpitações do coração, e como expectorante, emoliente, febrífugo, calmante, diurético. As flores são aromáticas (GRANDI, TSM et al, 1989, pg. 212).
 Uso na Comunidade: para sinusite, ferve-se a planta e respira-se o vapor.

Família: ZINGIBERACEAE
 Nome científico: *Costus spiralis* (Jacq.) Roscoe
 Nome popular: **cana-de-macaco, caninha-do-brejo, cana-do-brejo**
 Dados técnicos-científicos: a planta não conta com estudos farmacológicos recentes. Produto preparado com as raízes forma patenteadas por japoneses como estimulador do crescimento de cabelos e tecidos (BRANDÃO, MGL, 2010, pg. 39).
 Uso na Comunidade: usada para dor de dentes.

	Instrumentos/ Ferramentas
--	----------------------------------

São diversos os instrumentos utilizados, instrumentos de corte para pegar os ramos, instrumentos de cavar para obter as raízes e outros instrumentos como almofariz para a macerar os ingredientes.

	Produtos Obtidos
--	-------------------------

Os produtos obtidos são variados e atendem a cada uma das indicações, podem ser chás, pomadas, unguentos e a utilização in natura da planta.

	Distribuição e Comercialização
--	---------------------------------------

Não existe a comercialização das plantas utilizadas com fins terapêuticos. Quando é prescrita alguma planta como complemento à benzeção ela é doada pelo próprio benzedor que normalmente a possui em separado.

04	ELEMENTOS RELACIONADOS
-----------	-------------------------------

Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC
Festa do João do Mato	Ritual agrário	Celebrações		4990
Comunidade dos Arturos	Comunidade tradicional	Lugares		5100
Benzeção	Ritual	Celebrações e Ritos		5001
Sr. Mário	Mestres e Ofícios	Mestres		5003

05	FORMAS DE TRANSMISSÃO
-----------	------------------------------

	Procedência do Saber
--	-----------------------------

O saber da manipulação das plantas destinadas à cura na Comunidade é um legado transmitido por Arthur Camilo e Carmelinda aos filhos.

	Transmissão
--	--------------------

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		SABERES
<p>Como ocorreu com todos os saberes existentes na Comunidade, oriundos fundamentalmente dos pais fundadores da Comunidade, a transmissão do conhecimento das propriedades medicamentosas das plantas se deu através da oralidade.</p>		
Modo de Transmissão	<p>O repasse do conhecimento é feito por meio da oralidade.</p>	
Forma de Continuidade	<p>Por meio dos filhos e das gerações que os seguiram.</p>	
Transformações	<p>A propriedade da Comunidade, inicialmente circundada por matas e fazendas, hoje está inserida num contexto urbano onde ocorre alta especulação imobiliária. Com a maior ocupação do próprio terreno comunitário houve uma considerável diminuição das espécies vegetais.</p>	

06 ÁREA DE ABRANGÊNCIA									
Comunidade	X	Município	X	Região	X	Estado	X	Nacional	X
Observação	<p>O saber tradicional relativo ao uso de plantas medicinais é fartamente descrito na literatura acadêmica e histórica.</p>								
Participação turística	<p>Não existe participação turística destinada para esse fim, embora muitas pessoas procurem a Comunidade para se benzer e se utilizarem das plantas.</p>								

07 COMENTÁRIOS	
Identidades criadas em torno da atividade	<p>O Sr. Mário relata que sente uma grande satisfação ao poder oferecer uma cura, ou pelo menos um alívio, às pessoas que o procuram. Um sentimento de poder também é relatado.</p>
Comentários dos entrevistados	<p>Pra zipele é panaceia e sabão gentil, bebe. Passa a babosa e oreia de cachorro. Mata o micróbio. E pra beber tem que beber a panaceia e o sabão de gentil pra depuramento de sangue. Pra dor de cabeça, se for uma cabeça que tá muito véia, há muitos dias, aí eu ensino gastar nove fôia de café pra tirar, se ela for uma dor de cabeça de mau olhado. Aí eu ensino eles como é que coloca as três fôia. Põe uma no meio da testa, as outras de lado e dorme com ela. No outro dia ela tira a dor toda.</p> <p>Pra dor de barriga é mentraço, transsagem, essas já é medicina da horta, né?</p> <p>O sabão de genil é pra depuramento de sangue, ele e a panaceia, bebe os dois junto, limpa o sangue.</p> <p>A babosa é pra matá a coceira, zipele, é, passa a baba dela alí. É, é caspa, quem tem caspa na cabeça, passa, ela mata, limpa. Pioio ele não fica, ela mata o pioio casca fora.</p> <p>Sabão gentil e panaceia: cobreiro. 5 folhas do sabão gentil com a panaceia.</p> <p>Algodão (folha): dor de ouvido de menino, pra qualquer inflamação que tivé. Usa ele, esfrega ele e põe o sumo dele no ouvido do menino.</p> <p>Foha de café: pra curar dor de cabeça, “tira tudo quando é dor da cabeça”. Põe 3 folhas na testa e amarra uma folha, dorme com ela.</p> <p>Funcho (erva doce): tirá gás da barriga, tira tudo quanto é dor.</p> <p>Folha de goiaba: tirar dor de barriga, dor de fígado.</p> <p>Erva cidreira: sinusite, ferve ela, toma o cheiro dela, aquele gás dela.</p> <p>Folha de armicana: é boa pra queimadura, aquele pó, cê passa naquela queimadura, mata, fecha, não dá nem borbolha.</p> <p>Folha de laranja: depressão, esfrega ela, é bom pra pressão.</p>

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	SABERES
--	----------------

Folha de manga espada: é bom pra banho, toma 7 folhas de manga espada e 3 folhas de guiné, serve pra banho, limpá o corpo.
 Folha de fumo: furúnculo: molha com azeite, coloca em cima do furúnculo, mata o carnegão.
 Picão: aparece no tempo das águas, é um santo remédio pra tirá o amarelão.”

Mário Braz da Luz

Comentários do elaborador	
----------------------------------	--

O cultivo e os saberes ligados às propriedades medicinais das plantas encontradas na comunidade.

Possibilidade De Continuidade	
--------------------------------------	--

A continuidade do saber sofre com o desinteresse dos mais novos na prática.

Significados Socioeconômicos	
-------------------------------------	--

O conhecimento a respeito das plantas medicinais não ocasionam um retorno econômico. Ele pode ter um impacto econômico à medida que os fitoterápicos forem usados em detrimento dos remédios halopáticos comprados em farmácias.

Necessidades	
---------------------	--

Instalações	Terras próprias exclusivas para o plantio das espécies necessárias.
Instrumentos	Não foram relatados.
Matéria-Prima	Algumas plantas que existiam devem ser novamente plantadas.
Pessoal	Inventivar que novos membros da Comunidade se interessem pelo saber.
Formação	Incentivar a união entre esse conhecimento e as pesquisas acadêmicas.
Modo de expressão com necessidade de documentar/proteger	O cultivo e os saberes ligados às propriedades medicinais das plantas encontradas na comunidade. É preciso se conhecer melhor as plantas da Comunidade dos Arturos.

08	AÇÃO DE SALVAGUARDA
-----------	----------------------------

Manutenção das terras onde existem as plantas. Mapeamento das plantas medicinais dos Arturos e a utilização desse conhecimento para disseminar a pratica entre os membros da Comunidade. Incentivar a transmissão do conhecimento das plantas com a utilização da fala do Sr. Mario aos mais novos. Incentivar a realização do João do Mato.

09	ENTREVISTADOS
-----------	----------------------

01	Nome	Mário Braz da Luz				Tipo	Mestre		
	Nascimento	02/02/1933	Sexo	M	Idade	80	Registro Sonoro Visual	Sim	
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)									
Capitão-mor da comunidade, Benzedor e Mestre de Folia de Reis.									
Contato		Comunidade dos Arturos							

02	Nome	Maria Auxiliadora da Luz (Dodora)				Tipo	Rainha 13 de maio		
	Nascimento	19/05/1937	Sexo	F	Idade	76	Registro Sonoro Visual	Não	
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)									
Contato		Comunidade dos Arturos							

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 2: Canivete para talhar cobreiro.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 3: Mata da Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC5003_CArturos_MBenz_LFreitas_4mai13 Figura 2: IPAC5003_CArturos_Mario_LFreitas_4mai13 (4) Figura 3: IPAC4990_CArturos_JMato_9dez12 (7) Figura 4: Figura 5:
Vídeos	Filme do Ministério da Cultura – Prêmio Cultura Popular (2010); REDE MINAS
Áudio	Rede Minas, IPAC5000_CA_Bengala_LFreitas_29jun13

12 REFERÊNCIAS

BRANDÃO, MGL. Plantas Úteis de Minas Gerais, na Obra dos Naturalistas. 1. ed. Belo Horizonte: Código, 2010. v. 1. 120p

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006. 60 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. – Brasília : Ministério da Saúde, 2009. 136 p. : il. – (Série C. Projetos, Programas e Relatórios)

CALAÇA, Carlos Eduardo . Medicinas e plantas medicinais nos trópicos: aspectos da constituição da ciência farmacêutica ocidental. Resenha sobre Natureza em Boiões: medicinas e boticários no Brasil setecentista de Vera Regina Beltrão Marques.. História, Ciência, Saúde, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. IX, n.1, p. 221-226, 2002.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac e Naify, 2009.

FURTADO, J. F.. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. Revista do Arquivo Público Mineiro, Belo Horizonte, v. XLI, p. 88-105, 2005.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	SABERES
--	----------------

GRANDI, Telma Sueli Mesquita et al . Plantas medicinais de Minas Gerais, Brasil. Acta Bot. Bras. , Feira de Santana, v. 3, n. 2, 1989. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-33061989000300018&lng=pt&nrm=iso >. acessos em 13 jun. 2013.
MARQUES, V. R. B. Natureza em Boiões - Medicinas e Boticários no Brasil Setecentista. 1ª. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1999. 350p .
PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiros- sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28). Hist. cienc. saude- Manguinhos , Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, Out. 1998. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59701998000200005&lng=en&nrm=iso >. Acesso em 28 Junho 2013.
VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. <i>A inconstância da alma selvagem</i> . São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

13	FICHA TÉCNICA	
Fotografia	Leonardo Freitas.	
Vídeos	Rede Minas.	
Áudio	IEPHA/MG, Ministério da Cultura, Rede Minas.	
Transcrição	Leonardo Freitas.	
Levantamento	Leonardo Freitas, Luis Mundim.	
Elaboração	Leonardo Freitas.	
Revisão	Carolina Dellamore, Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabelo	29/01/2014 31/03/2014 26/05/2014
Observações		

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	BENZEÇÃO – COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	5001
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Benzeção de Cobreiro.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

Categoria	Ritos					
Tipologia da Atividade	Celebrações e Ritos					
DENOMINAÇÃO	Benzeção					
Outras denominações	Benzedura; Benzimento.	Nível de integração				
		Comunidade	x	Oficial		Intercomunitária
						x
PERIODICIDADE						
Início	Não se aplica.					
Fim	Não se aplica.					
Calendário Litúrgico	A Benzeção acontece durante todo ano, passando por todos os períodos do calendário litúrgico.					
Invocação	Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Dores, Santíssimo Sacramento, Deus, Jesus de Nazaré, Nossa Senhora das Mercês, São Benedito, Santa Efigênia, São Judas Tadeu, Santa Luzia.					
Observação das Datas	O ritual ocorre durante todo o ano.					

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE

A Benzeção, realizada por ‘Seu’ Mário em frente à Casa Paterna, ocorre de segunda à sexta-feira, das oito horas da manhã até às cinco e meia da tarde, conforme o cartaz afixado na parede externa da Casa. Contudo, de acordo com alguns relatos de membros da Comunidade e do benzedor, em alguns casos, conforme a necessidade de quem lhe solicita, ele exerce seu ofício fora dos horários pré-estabelecidos, benzendo ao anoitecer e também nos finais de semana pela manhã. Todavia faz uma ressalva ao período noturno, pois ele é destinado a outras práticas e forças que a Comunidade não manipula, como as benzeções ligadas às religiões mediúnicas. A Sra. Maria Auxiliadora, esposa de Mário, afirma que a demanda pela benzeção é tão grande que pessoas costumam procurá-lo até às nove horas da noite. É importante ressaltar, que a Benzeção, de maneira geral, acontece qualquer dia desde que haja luz natural.

Na crença da Comunidade, há períodos do ano e fases da lua em que a benzeção atinge uma maior eficácia. Como por exemplo, a fase da lua minguante e a sexta-feira da paixão são propícias para a cura da bronquite e outros males ligados ao pulmão; segunda e sexta-feira são dias mais propícios à benzeção, já os finais de semana, por sua vez, são dias mais fracos.

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

O homem tem como característica definidora e distintiva das outras espécies a necessidade de se compreender no mundo por meio de sistemas simbólicos herdados de sua cultura particular. É através destes sistemas simbólicos que ele é capaz de classificar e especular sobre as coisas da esfera terrena e divina, sobre os ciclos da natureza e suas tempestades e primaveras, sobre as adversidades da vida e sua graça, sobre os aspetos desarmônicos e harmônicos da existência, sobre a doença e a saúde, sobre a morte e a vida. Cada uma das diversas sociedades que compuseram e compõem o quadro da existência humana, através de sua história, possuíram e possuem sistemas classificatórios a respeito dos vários aspectos da existência e, deste modo, também elaboraram sistemas de controle das manifestações que assombram a vida e, dentre eles, as enfermidades, as doenças do corpo e do espírito.

Antes do estabelecimento do dogma católico, tal como o conhecemos hoje no Brasil, um largo processo histórico foi necessário. A atuação missionária católica e o sincretismo entre as práticas herdadas dos africanos trazidos à colônia, com suas diversas etnias, e o conhecimento das várias tribos indígenas a respeito da natureza, da saúde e da doença conformaram o *caldo* de cultura das religiosidades nacionais. Junto à atribuída missão evangelizadora, a colonização também trouxe uma medicina que atuava sob as concepções do cristianismo e, portanto, médicos agiam como forças catalisadoras de tendências religiosas e dogmáticas. Devido à extensão territorial do país, a empreitada da conquista colonizadora foi marcada na arte de curar pelo amálgama das diferentes concepções de mundo em conformidade com nossa natureza. A utilização das benzeduras e das plantas curativas, portanto, foi peculiarizada no país pelas influências recíprocas entre a cosmologia cristã portuguesa, africana e indígena.

Em muitos momentos da história do Brasil, as práticas de cura e ofícios como a benzeção, os sangradores, os curandeiros, os cirurgiões-barbeiros e outros foram condenados pela coroa. Em outros momentos, esses mesmos personagens foram reconhecidos e valorizados. Nesse período havia uma tensão constante entre a chamada Medicina Oficial e a Medicina Popular, como demonstra SALGADO em *Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)*. No *Vocabulário Português de 1728*, Raphael Bluteau escreve que “o benzedor é o embuteiro que benze gado, e gente, bafejando-os com forma de cruz, e fazendo cruces com a mão, alguns lhe acrescentam supersticiosas palavras”. Em seguida o autor escreve que é proibido benzer cães e outros animais.

Não obstante as restrições apresentadas, a benzeção sempre foi bastante difundida. No meio rural,

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

as benzeções e o conhecimento herdado da tradição sobre plantas e sua utilização na cura de moléstias foi prática comum, já que a medicina oficial era encontrada somente nos grandes centros urbanos e seu acesso era limitado a pessoas dotadas de poder financeiro. As rezas e o acesso aos também chamados “remédios do mato” eram a forma mais comum de se tratar uma série de males que variavam do contato direto com a natureza (picadas de animais peçonhentos, dermatites, insolações), desgastes naturais do organismo, até disfunções causadas pelo contágio com seres sobrenaturais. Nesta tentativa de controle do mundo sobrenatural, da natureza, e do homem, o benzedor se inscreve no mundo.

Na Comunidade dos Arturos não foi diferente. Contudo, é importante ressaltar a especificidade histórica da Comunidade. Além da necessidade tradicional da cura na Comunidade familiar, a benzeção é uma de suas manifestações culturais que está envolvida por uma religiosidade própria dos Arturos e faz com que a prática adquira algumas particularidades distintas. Uma delas, de maior abrangência, é a trajetória familiar de Arthur Camilo, trajetória portadora de uma tradição vinculada ao culto de Nossa Senhora do Rosário. A herança da fé necessária à manutenção dos ritos e celebrações da Comunidade é o manancial para a prática da benzeção cujos herdeiros de Arthur Camilo são seus portadores mais legítimos.

Arthur Camilo, referência primeira de todo conhecimento tradicional presente hoje na Comunidade, foi amigo íntimo do influente reinadeiro, José Aristides de Sales. Com ele, o patriarca da Comunidade compartilhou conhecimentos e completou seu aprendizado na arte da vida baseada na fé no Rosário de Nossa Senhora. Dentro de todo o arcabouço de saberes transmitidos pela emblemática figura de José Aristides, a benzeção é um conhecimento que ainda hoje é lembrado pela Comunidade como devedora dos ensinamentos passados por José Aristides. Quem os recebeu foram dois dos filhos de Arthur: Geraldo e Juventina. Antes do Sr. Mário Braz da Luz assumir o posto de benzedor oficial da Comunidade, sua irmã Juventina, falecida Rainha do Congado, era quem se responsabilizava pela saúde física e espiritual da Comunidade.

A benzeção, pois, é parte do cotidiano da Comunidade e alguns de seus membros têm a fé necessária e o conhecimento das orações e das plantas utilizadas para a prática ritual da cura através da sua manifestação.

03 DESCRIÇÃO

Preparativos

A prática da benzeção pode ser caracterizada como um saber-fazer particular que envolve técnicas rituais que lhes são próprias. Segundo Gomes e Pereira (2004, p. 20), no livro “Assim se Benze em Minas Gerais”, a cura que se espera através do ritual da benzeção requer três elementos: benzedor, benzido e a palavra sacralizada portadora da cura. Os autores afirmam que o segredo da benzeção está na confiança na eficácia das palavras ditas pelo benzedor na cura do paciente. Assim também confirmam os benzedores entrevistados da Comunidade dos Arturos que enfatizam a necessidade da fé tanto de quem benze quanto de quem é benzido. Na falta de fé deste último, as palavras ditas não terão o sentido compartilhado entre ambos e a comunicação com a esfera divina pela palavra, intermediária do sagrado, não irá se concretizar. O benzedor, portador do conhecimento de ligação entre as esferas curativas divinas e a profana do doente benzido, não cura por si mesmo. Quem cura é a tríade divina Pai, Filho e Espírito Santo, mas também seus intermediários, quais sejam: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Mercês, São Benedito, Santa Efigênia, São Judas Tadeu, entre outros que compõem o conjunto de santos de devoção de cada benzedor.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Antes da iniciação do benzedor em sua prática, é necessário que ele possua o dom. É esta característica peculiar que irá despertar, ou não, uma segunda condição fundamental para a distinção do benzedor: a missão. A descoberta de ser o portador do dom faz com que o indivíduo perceba a si mesmo como uma nova pessoa, diferente das demais. Em sua dissertação de mestrado intitulada “Doença, Cura e Benzedura: um estudo sobre o ofício da benzeadeira em campinas”, Oliveira (1983, pg. 188) afirma sobre caráter excepcional do dom: “isso não a torna um alguém acima ou à margem, mas um alguém com alguma coisa própria, socialmente própria: o dom, que impõe a missão, que é a prática da benzeção”. A eficácia do ritual de cura através da prática da benzeção, portanto, requer o dom, característica primeira da história de vida de cada benzedor e condição fundamental para o desenvolvimento e maturidade da prática. Para ‘Seu’ Mário, por exemplo, numa concepção pessoal que mistura o dom e a missão, o “dão”, de acordo com ele, é sinônimo de “boa vontade”, disponibilidade e entrega às necessidades dos que buscam alívio, e uma prática que deve ser feita primordialmente com o amor descompromissado cristão.

Desenvolvimento

A estrutura da prática do ritual de benzeção se estabelece da seguinte forma: o benzedor, a palavra invocadora do divino (a linguagem oro-gestual) e o benzido. A diferença na prática de cada benzedor caracteriza uma individualização da benzeção que conferirá maneiras distintas de invocação ao Sagrado e isso diz respeito às rezas, aos gestuais, aos santos invocados e à utilização ou não de corpos e/ou instrumentos intermediários.

Além dos santos de devoção de cada benzedor, eles se diferenciam também na linguagem oro-gestual, assim como no uso, ou não, de instrumentos intermediários que acompanham a oração e o gestual (Gomes e Pereira, 2004). Desse modo, os procedimentos técnicos-rituais básicos irão se distinguir, elementos necessários para entender os procedimentos de cada benzedor.

Mário Braz da Luz, o ‘Seu’ Mário, a quem deteremos maior atenção na ocasião da elaboração da ficha de Mestre em benzeção, realiza suas orações de cura sempre acompanhado de um molho de chaves, medalhas e fitas em que, cada uma delas, a seu tempo, é utilizada segundo a necessidade do benzido. A título de exemplo, o molho de chaves contém um chaveiro em forma de estrela usado para curar males associados à visão, sendo que a santa invocada durante a oração de cura trata-se de Santa Luzia. Esse conjunto de chaves, corpo intermediário, forma um todo com a esfera divina, junto às orações invocadas a Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida, São Geraldo, São Judas Tadeus e Padre Libério. Este último, a quem Mário confere grande admiração e devoção, é considerado um homem de grande poder, tanto em vida, quanto em espírito. Segundo Mário, o Padre era dotado de clarividência, possuindo, ainda hoje, poderes milagrosos.

Dodora tem um papel de auxiliar na benzeção de Mário. Enquanto ele se ocupa com a benzeção em frente à Casa Paterna, ela fica dentro da Casa pedindo misericórdia, bênçãos e proteção à Mário e às pessoas que o procuram. O apoio espiritual de Dodora ocorre principalmente nas ocasiões em que há muitas pessoas a serem benzidas por Mário e também nas ocasiões em que pessoas o procuram para serem curadas de “coisas fortes”, geralmente acompanhados por intensos sofrimentos psíquicos.

Ela realiza o ritual da benzeção de forma discreta, indireta, e não precisa estar em contato pessoal para que as forças do Divino cubram de proteção Mário e seus benzidos. Nos momentos em que está livre desta missão – como compreende seu papel – e das tarefas cotidianas de casa, ela se permite benzer conhecidos e pessoas da Comunidade. Ela é reconhecida por benzer geralmente as crianças e recém-nascidos, mas também benze adultos, desde que haja preferência destes por ela.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Um dos filhos deste casal de benzedores possui o dom e é o escolhido deles para substituir Sr. Mário na missão de benzedor da Comunidade dos Arturos. Raimundo Eustáquio da Luz, conhecido como Purita, tem particularidades distintas das de seus pais, embora procure seguir os ensinamentos passados pelo seu progenitor, conforme disse em entrevista: “sempre tento levar o que meu pai tá passando pra mim”. Enquanto seu pai utiliza como instrumento intermediário principal, o molho de medalhas, Purita utiliza a folha de guiné e a arruda. Ele diz pedir ajuda, em suas orações de cura, em especial para Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e Santa Bárbara.

A oração é recitada por ele com muita concentração, de olhos semicerrados e voz baixa, quase num murmúrio. Enquanto ora, a arruda e a folha de guiné são colocadas na testa e as move discretamente em pequenas cruzes. Seguindo os ensinamentos do pai, antes da benzeção, ele pergunta o lugar em que habita o doente: se em casa ou em apartamento. A partir dessas informações ele sabe como se concentrar para que a benzeção beneficie não apenas a pessoa que o procura, mas também outros moradores e familiares que convivem com a pessoa naquele espaço. E ele afirma que: “às vezes o espaço é mais fechado, cê tem que puxar, pedir mais para entrá mais, unir mais, né”. A benzeção do paciente depende da saúde dos moradores da casa, como explica Purita: “não depende só de você. Tem que pedir pra eles tudo da casa”. No caso da moradia ser um apartamento: “a gente tem que começar da porta, né, de dentro pra fora, pra proteger.”

Outro benzedor da Comunidade reconhecido pelos Arturos como um profundo conhecedor da benzeção é o Sr. Antônio Maria da Silva, irmão Sr. Mário. Para o Sr. Antônio a benzeção “é fácil”, mas é preciso ter conhecimentos técnicos e disposições mentais necessárias para realizar o rito. Segundo ele, é preciso saber enunciar a palavra certa (na ocasião oportuna), ter fé (de ambas as partes) e se proteger dos males das contingências da vida do corpo e do espírito, através de rituais diários de “fechar o corpo”.

A invocação do Divino, intermediário da cura, é feita através da figura trina do Deus cristão, chamado por Sr. Antônio de Matríssima Trindade: o pai, o filho e o espírito santo. Os santos, segundo ele, são todos iguais em função da história mítica de Nossa Senhora do Rosário. Ela, no mito narrado, tem precedência na criação do mundo, e é considerada por Antônio como a própria Trindade, a Santíssima, a Matríssima, a Rainha a quem Deus procurou para levar a Palavra Cristã. Em outro momento, a história mítica narrada por Sr. Antônio estará melhor descrita, por ora é oportuno ter em mente que, de acordo com o seu ponto de vista, para a imagem de Nossa Senhora do Rosário continuar na companhia do negros escravos, evitando assim a sua captura pelos brancos, todos os santos passaram a usar coroas e se igualaram aos olhos do branco, de forma a se tornarem indistinguíveis uns dos outros.

Na ocasião da visita do IEPHA à Comunidade, no momento de despedida, ‘Seu’ Antônio deu a seguinte benção:

Com o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo eu te benzo. Com dois eles te puseram, com três eu tiro. Desce Senhora da Conceição, do Céu à Terra, pra tirá toda perturbação, todo olho gordo, toda maldade, todas exibição, toda perseguição seja presa e acorrentada e levada pela água do mar salgada onde não canta galo nem galinha, nem chora menino babão. Ouve Mãe de Deus as nossas oração, toca nesses peito que o amor é meu, sede a meu favor, ouví esse soberano, livrai dele dos inimigo, do seu rosto dragão. Ocê aqui quando invem passaram no alto da montanha, lá tinha Nossa Senhora e São José saindo na procissão de Ramos, ele aqui te chamou, cê engoliu, voltou tornô a chamá ocê não atendeu, tornou a chamar, cê olhou, meu filho, vou lá dentro da sua casa hoje e vou varrer os quatro cantos da sua casa com esse ramo de alecrim e vou tirá toda a impuridade da sua casa e vou levar pras ondas do mar salgado.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Transformações e permanências

A benzeção como uma prática que se caracteriza por um saber particular, em que cada um imprime sua individualidade, tem um aspecto ainda não abordado, a saber, a tradição de manter tal conhecimento sob sigilo. Passar o conhecimento a outro (s) é perder o poder pessoal, é reconhecer o fim de sua prática, de sua vida como benzedor. Esse é um dos motivos pelos quais a benzeção é restrita a poucos atualmente, segundo informação de um dos Arturos. Talvez por esse “segredo”, como constata o Sr. Mário, “os benzedores estão acabando”.

Diante do contato com as diversas orientações religiosas diferentes da religiosidade tradicional transmitida por Arthur Camilo, a Comunidade atualmente se encontra religiosamente dividida. A devoção e fé necessárias para participar das diversas manifestações culturais e religiosas da Comunidade vêm perdendo força principalmente pela conversão de membros da Comunidade em fiéis de religiões protestantes. Não apenas as manifestações coletivas da Comunidade sofrem com as atuais adesões a diferentes correntes dogmáticas, assim como a confiança na benzeção é questionada pelas diferentes matrizes interpretativas do mundo a que a Comunidade está sujeita hoje.

O conflito entre medicina oficial e medicina tradicional (no qual se enquadra a benzeção) é do mesmo modo outro fator que tende a crescer devido às mudanças socioeconômicas na Comunidade. De uma Comunidade em que os filhos de Arthur Camilo retiravam seu sustento por meio de atividades ligadas ao setor primário, seus descendentes têm acesso ao ensino superior e ao mercado de trabalho formal e assim também aos serviços médicos oficiais, independente da situação financeira, dada a maior universalidade de acesso aos serviços de saúde.

Maria Auxiliadora nos conta da mudança ocorrida em sua prática desde quando aprendeu a benzer com a mãe, ilustrando as modificações impressas pela individualidade do benzedor. No início, ela diz que utilizava um copo de água e colocava uma brasa, retirada do fogão à lenha, dentro do copo para benzer. Do copo d’água e brasa passou a utilizar “ramos”, como corpo intermediário e, finalmente, chegou ao uso das próprias mãos. Segundo ela, a benzeção em sua vida lhe parece como

coisa que vem assim de geração, dá um dom, uma coisa assim, uma coisa que é de geração pra geração, porque Geraldo benzia, meu pai também, sabia alguma coisa também, de simpatia, né. E então a gente já vem assim naquele ritmo, de geração em geração.

04 ESPAÇOS PARA A REALIZAÇÃO DA CELEBRAÇÃO

Descrição do espaço da celebração

Nos dias de sol, a benzeção do Sr. Mário ocorre em frente à Casa Paterna e nos dias de chuva é feita dentro da casa. A Sra. Maria Auxiliadora tem a característica de benzer somente em casa, principalmente auxiliando seu marido. Antônio benze em casa, particularmente por sua dificuldade de locomoção. Finalmente, o Sr. Raimundo, talvez por sua condição de aprendiz do pai, benze quem o procura no lugar em que for requisitado, mas preferencialmente num lugar mais reservado à vista de outros.

Croquis

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 2: Vista Aérea Comunidade dos Arturos.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

05 **ÁREA DE ABRANGÊNCIA**

Comunidade	x	Município	x	Região	x	Estado	x	Nacional	x
Observação									

Participação turística

A benzeção tem o reconhecimento do público externo assim como as outras práticas e festividades de matriz africana na Comunidade. Poder-se-ia falar de um turismo religioso voltado para a benzeção.

06 **ELEMENTOS RELACIONADOS**

Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPA C
Comunidade dos Arturos	Comunidade tradicional	Lugares		5100
Mestre - Sr. Antônio	Mestre	Mestres e Ofícios		5005
Mestre - Sr. Mário	Mestre	Mestres e Ofícios		5003
Conhecimento de Plantas Medicinais		Saberes		5000
Capela de N. Sra. Rosário	EUA	Bem Imóvel	Arquitetura Religiosa	
Casa Paterna	EUA	Bem Imóvel		

07 **MODELO DE ORGANIZAÇÃO**

TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	Associação	Outros	X
Denominação	Não há					
Descrição	Cada um dos benzedores se organiza individualmente em acordo com a Comunidade.					
Organizadores e Financiadores						
Tipo	Comunitário.					
Organizadores	Familiar.					
Financiadores	Não há.					

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

08 COMENTÁRIOS

Comentários dos entrevistados

é, eu peço à Deus ele atende. É, é, uma dor de cabeça, dor de dente, zipela, cobrero. Enfim qualquer dor que a gente pede a Nossa Senhora ela...a gente pede, fala as palavra e ela abençoa e a gente fica...é, tem que, satisfeito, né, que cê vê um menino, tá com a dor de dente cê pede aquelas, fala aquelas palavra Deus...tira, Deus que tira. A gente pede em nome dele, né, e aí...minha irmã que era benzedeira, ela faleceu e passô pra mim. [...] tem que tê o dão, né, e boa vontade. Porque sá...cê tivé almoçando, chegá uma menina, um menino, ali doendo procê benzê, cê tem que largá o prato e benzê, aquela, aquela criança. Então é uma missão, tem que tê o dão e fé e não pode tê, negá. [...] é, as crianças vem, então, ah, menino ganha muito olhado, até dos pai, de vó, né. O quebrante mais bravo é do pai mãe, pai e vó! Então a gente tem que benzê isso. É muita criança que, tem dia que tem que deu pra benzê aqui uns quarenta menino. Adulto também. Tem que tê aquele “dão” [...].

Eu benzo é com Nossa Senhora do Rosário, São Judas Tadeu... é, então cê tem que tê a fé. O Padre Libério, eu tenho uma fé com ele. É, então, toda vez que a gente benze...teve uma dona que tava com tumor [...] ‘cê faz a novena pra mim, pra Padre Libério e cê manda celebrá três missas. Ela fez e foi curada, aquele tumor desapareceu. É, então tem que tê fé, porque senão...

Mário Braz da Luz

simples é, assim, não é uma benzeção espiritual, é uma benzeção simples, só mesmo dom de Deus mesmo. A benzeção com espírita é uma coisa que eu não sei nem como falá, né. Então,[...] minha benzeção é inspiração de Deus mesmo, é coisa simples, são poucas palavras, né, Então a gente pede a Deus a misericórdia, né, que a gente sempre fala: quem benze não é a gente, é Deus, né, é Deus e a fé que de pessoas que...que vale, né.

Maria Auxiliadora

Assim, que às vezes as pessoa...(?) que a gente já viu meu pai benzê, então ficava...cê entende as palavra que ele falava, aí, o pessoal: ‘eu tô com minha cabeça doendo’. Lembrava aquelas palavra que meu pai falava, né, aí, eu benzia as pessoas e: ‘e aí menino?’ – ‘ô, cara, minha cabeça aliviô’. – ‘deixa eu vê’. Falei assim: ‘quem manda é a fé, ocê tem fé?’ – ‘tem’, fiz umas oração, rezava um pai nosso pra eles lá, ele, pro anjo da guarda dele. (?) ‘Como é que é?’ – ‘ô,bacana, graças a Deus, minha cabeça deu uma aliviada boa, já não tô sentindo mais aquilo que eu tava sentindo’. Então, daí foi, foi seguindo esse dom. e o papai tá, também, tá parando também, né, pra assumí o lugar dele daqui há uns tempo. Espero que não precisa, né! aí, preparando umas orações que ele sabe e passando pra mim, pra aprendê, né. [...] a gente sempre, eu peço, faço o nome do pai, pra me proteger primeiro pra depois tem que benzê as pessoas que precisa.”

Raimundo Eustáquio

Então a mesma coisa, a benzeção cê benze com a língua! Com a língua de qualquer semelhança cê benze uma bicheira! É só cê sabê. [...], cê tem aquele dão, tem a fé, e sabe que eu falo demais, vou benzê aquela bicheira. Com a língua de fulano. Deus te abençoe, pronto! Uai, falando aí uns, tanta vez, daí há pouco ce vê os bicho caindo. Cê pega uma foia também, vira no (?) da criação, assim, e tapa ali, o bicho cai tudo. [...] Então é só cê sabê falá. É isso aí, cê sabê falá. Tanta coisa, e o povo acha que o feitiço, mas feitiço muito tem alguém que tem, recebe, mesmo, o espírito. E nós tudo quando o pessoal fala em macumba e espírito, eu fico pensando, a pessoa é muito idiota. Qualé de nós que não tem espírito? Qual?... Se ele não tivé espírito ele não conversa, ele tá morto.

Antônio Maria da Silva

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Comentários do elaborador

Elementos significativos relacionados

Os elementos significativos relacionados à prática ritual da benzeção são o que chamamos de *corpos intermediários* singulares a cada um dos entrevistados. A almofada de coser, os ramos e plantas medicinais, são exemplos, mas também poderíamos dizer das imagens dos santos invocados durante a benzeção.

Crenças Associadas

A benzeção na Comunidade dos Arturos está intimamente vinculada às crenças religiosas locais, principalmente ao culto a Nossa Senhora do Rosário e sua história mítica relacionando a preferência desta às manifestações do Reinado.

Identidades construídas em torno da atividade

O *status* de benzedor confere ao indivíduo o prazer e o orgulho de poder ajudar, caritativamente, o semelhante atingido por uma enfermidade. O reconhecimento das pessoas que os procuram é outra fonte de afirmação identitária.

Significados socioeconômicos

Não há, no sentido estrito da expressão. O que existe é o que Oliveira (1983, pg. 373) identificou, na troca entre benzedor e cliente, a relação do *compadrio*, que consiste no acúmulo de dois aspectos: ser benzedor e compadre. Na relação de troca envolvida entre as partes há tacitamente obrigações para a manutenção da solidariedade. O benzedor produz um bem e o cliente “serve-se de um bem simbólico” de uma relação acima de tudo afetiva, conforme Oliveira. Segundo a autora a relação do dar e do receber “regem o contrato entre os compadres, obscurecendo as fronteiras que separam aquilo que é visto como doado pela vontade divina, daquilo que é socialmente valorizado”.

Doar o *dom* na *missão* da benzeção, não impede que os benzedores da Comunidade dos Arturos aceitem dinheiro ou mercadorias, como os produtos de consumo domésticos. Não se pode cobrar pelo *dom* dado por Deus, mas pode se aceitar presentes daqueles clientes que sentirem necessidade de *pagar* a benção recebida.

Significados Simbólicos

Falar da benzeção é abordar o fenômeno religioso. É na crença e na prática religiosa, segundo Geertz (1989, pg. 76), que a visão de mundo de um povo torna-se emocionalmente convincente, como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro. Segundo o autor, “os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo”. Eles conduzem a uma visão de mundo que age por meio de predisposições estéticas e morais em relação à ordem no plano sagrado e no plano da existência humana. Os símbolos sagrados, norteadores da ação no mundo, estabelecem e induzem “disposições e motivações nos homens” que fazem com que tais símbolos sejam indispensáveis à viabilidade do ser humano.

Tais símbolos conduzem e orientam as ações e as interpretações dadas aos infortúnios existenciais, assim como diagnosticam o problema maior do sofrimento, tornando-o algo tolerável e suportável, mas também orientam o modo como se deve sofrer e, fornecendo, desse modo, o meio adequado de expressão das emoções relativas a esse sofrimento, à dor e à morte.

As iniquidades da vida, as dores inexoráveis da existência, podem gerar suspeitas sobre a perfeição do todo, dúvidas quanto a qualquer ordem genuína do ser e das coisas. Para tais dúvidas e suspeitas a resposta religiosa, através dos símbolos sagrados, argumenta sobre a genuinidade da ordem cosmológica, que, ainda com Geertz, “dará conta e até celebrará as ambiguidades percebidas, os enigmas e paradoxos da

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

experiência humana (pg. 79)”. Logo, as determinações genéricas da “natureza humana”, as pulsões e as necessidades, estão sujeitas às determinações específicas da cultura local.

Os símbolos sagrados, dotados de uma autoridade persuasiva, estão presentes no ritual da benzeção, no qual o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se no ritual informado pela mitologia compartilhada entre o benzedor e o benzido. O benzedor, principalmente como o Seu Mário, que vive na missão, pode até viver a maior parte de seu tempo de vida imerso na religiosidade e seus símbolos. Contudo, o benzido, o ser humano inserido no mundo profano, está imerso nos atos e objetos do senso comum cotidiano e, dessa forma, este cotidiano é a realidade capital de sua experiência. Confrontado com a doença e o desequilíbrio físico e psíquico, ele buscará auxílio, seja através da cura profana da medicina oficial, seja por meio da invocação dos símbolos sagrados e sua cosmologia. O apelo à religiosidade transporta a pessoa em busca da cura a um panorama, a uma dimensão, muitas vezes radicalmente diferente do senso comum cotidiano, a esfera profana. Predisposto a imergir na esfera do sagrado, o mundo cotidiano do benzido, doente, é cada vez mais visto como uma forma parcial de realidade que será corrigida e completa por meio da benzeção. Com a fé necessária para ser curado, o ritual da benzeção se constitui, podemos dizer, no clímax da fé depositada nos símbolos sagrados e na figura redentora do benzedor.

O que torna a benzeção na Comunidade distinta de outras formas assumidas em outros locais é que sua prática está vinculada às celebrações religiosas e festivas, tais como a Festa do Reinado de Nossa Senhora do Rosário, com suas Guardas do Congo e Moçambique, a Folia de Reis, o Candombe, entre outras. Desse modo, Arthur Camilo e os benzedores atuais, antes de se tornarem benzedores, tiveram e têm um papel de destaque na compreensão e condução desses eventos. Numa perspectiva mais ampla, a participação na Festa de Nossa Senhora do Rosário, como ato devocional, tem uma dimensão do benzimento, e de auto-benzeção, na medida em que a pessoa está sob a influência e proteção de Nossa Senhora. A presença da Folia de Reis, com seus cânticos e danças, na casa de um fiel acometido por uma doença, tem o poder da oração curativa, próxima à benzeção. O bastão carregado pelos capitães das guardas recebem a imantação do sagrado por meio de orações a ele dirigidas. Aparentemente inanimado, o bastão possui, junto ao seu portador, atribuições de comando das guardas do Reinado e de meio de contato com o Divino. Estes exemplos podem se estender, contudo bastam para ressaltar as imbricações das práticas culturais dos Arturos, envolvidas sempre de aspectos mágicos e religiosos, como a benzeção, ao menos no que se refere aos benefícios obtidos pelo homem no contato com sua religiosidade.

As orações da benzeção preenchem os papéis mais diversos e amplos na busca da harmonia e na eliminação corporal e espiritual do mal. Ela “leva”, “defende”, “embaça”, “varre” o malefício. Elas abrangem e penetram nos aspectos sociais e religiosos e assim permitem o acesso à religiosidade da Comunidade dos Arturos. Ação e pensamento presentes na linguagem da benzeção são instrumentos imersos em ideias e sentimentos que as palavras pronunciadas traduzem e substantificam a essência religiosa comunitária.

Possibilidade de Continuação

A benzeção atualmente é um dos fatores de grande afluxo de pessoas para a Comunidade. O Seu Mário chega a benzer até oitenta pessoas diariamente. O Sr. Raimundo tem acompanhado os ensinamentos de seu pai e está preparado para sucedê-lo. Diante da longa permanência da tradição da benzeção na Comunidade, acreditamos que outras pessoas além dos benzedores consultados possuem o conhecimento e o dom para a prática. Registrar, reconhecer e valorizar a benzeção é uma das formas de estimular a continuação da prática.

Plano de ação

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS

Planejar palestras dos benzedores para a Comunidade, explicitando a relação da benzeção com as práticas e cerimônias de devoção à Nossa Senhora do Rosário, além de relacioná-la com as tradições afrodescendentes pode constituir um estímulo à prática da benzeção. Outra linha de ação seria estimular a difusão dos conhecimentos das plantas medicinais existentes na região, associadas ou não à benzeção.

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	Mário Braz da Luz					Tipo	Benzedor
	Nascimento	02/02/1933	Sexo	M	Idade	80	Registro Sonoro Visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Filho de Artur Camilo, Capitão-mor da Comunidade e Mestre de Folia de Reis.								
Contato		Comunidade dos Arturos.						

02	Nome	Maria Auxiliadora da Luz			Tipo	Benzedora.		
	Nascimento	19/05/1937	Sexo	F	Idade	76	Registro Sonoro visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Dodora, esposa do Seu Mário Braz da Luz. Rainha de Nossa Senhora do Rosário na Festa da Abolição.								
Contato		Comunidade dos Arturos.						

03	Nome	Antônio Maria da Silva			Tipo	Benzedor		
	Nascimento	28/07/1975	Sexo	M	Idade	78	Registro Sonoro visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Filho de Artur Camilo e Capitão Regente da Comunidade.								
Contato		Comunidade dos Arturos.						

04	Nome	Raimundo Eustáquio da Luz			Tipo	Benzedor		
	Nascimento		Sexo	M	Idade	50	Registro Sonoro visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Conhecido como Purita, é filho do Seu Mário e a Sra. Maria Auxiliadora.								
Contato		Comunidade dos Arturos.						

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA



Figura 2: Sr. Antônio Maria da Silva.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 3: Sr. Antônio Maria da Silva.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

CELEBRAÇÕES e RITOS



Figura 4: Sra. Maria Aparecida da Luz.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 5: Raimundo Eustáquio da Luz.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

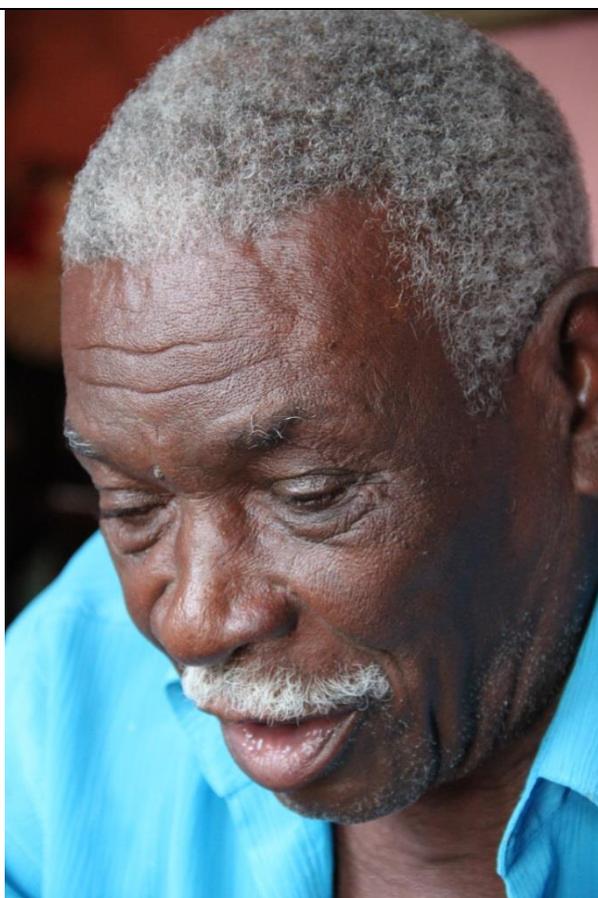


Figura 6: Seu Mário Braz da Luz.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias

Figura 1: IPAC5001_CArturos_Benz_MaoBenz_LFreitas_4mai13

Figura 2: IPAC5001_CArturos_Benz_Antonio_AFernan_10abr13

Figura 3: IPAC5001_CArturos_Benz_Antonio_LFreitas_10abr13

Figura 4: IPAC5001_CArturos_Benz_Dodora_ABatista_09abr13

Figura 5: IPAC5001_CArturos_Benz_Purita_ABatista_09abr13

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		CELEBRAÇÕES e RITOS
	Figura 6: IPAC5001_CArturos_Benz_Mario_LFreitas_09abr13	
Vídeos	IEPHA_Mario_Folia_Benzecao_Plantas	
Áudio	IPAC5001_CArturos_Benz_Raimundo2_LFreitas_09abr13 IPAC5001_CArturos_Benz_Raimundo1_LFreitas_09abr13 IPAC5001_CArturos_Benz_Raimundo1_LFreitas_09abr13 IPAC5001_CArturos_Benz_Dodora3_LFreitas_09abr13 IPAC5001_CArturos_Benz_Dodora2_LFreitas_09abr13 IPAC5001_CArturos_Benz_Dodora1_LFreitas_09abr13	

12	REFERÊNCIAS
	CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
	LÉVI-STRAUSS, Claude. A Eficácia Simbólica. In. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 215-236.
	GEERTZ, Clifford. A Religião como Sistema Cultural. In. <i>A Interpretação das Culturas</i> . Rio de Janeiro: LTC, 1989.
	GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.
	OLIVEIRA, Elda Rizzo de. Doença, Cura e Benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em campinas. Orientador : Carlos Rodrigues Brandão. Campinas: 1983. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.
	SAHLINS, Marshall. A Tristeza da Doçura: a antropologia nativa da cosmologia ocidental. Teoria & Sociedade, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 112-173, jul/dez. 2003.
	FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves. A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.
	PIMENTA, Tânia Salgado. Barbeiros-sangradores e curandeiros no Brasil. In: História, Ciências e Saúde: Manguinhos. Vol. V, n.2 349-373, jul-out. 1998
	BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.
	Ordenações Filipinas, vols. 1 a 5; Edição de Cândido Mendes de Almeida, Rio de Janeiro de 1870

13	FICHA TÉCNICA
Fotos	Aílton Batista, Ana Carolina Fernandes, Leonardo Freitas.
Vídeos	Rede Minas.
Áudio	Leonardo Freitas, Rede Minas.
Transcrição	Leonardo Freitas.
Levantamento	Leonardo Freitas, Luis Mundim.
Elaboração	Leonardo Freitas.
Revisão	Carolina Dellamore, Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim.
	24/06/2013 30/01/2014 31/03/2014
	Observações

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	OFÍCIOS
--	----------------

01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	BENZEDOR – COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	5003
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	Zona 23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Benzida e Mário Braz da Luz.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

02	NOME DOS DETENTORES OU PRATICANTES
-----------	---

Mario Braz da Luz (Seu Mário), Maria Auxiliadora da Luz (D. Dodora), Antônio Maria da Silva (Seu Antônio) e Raimundo Eustáquio da Luz (Purita).

03	DESCRIÇÃO
-----------	------------------

CARACTERIZAÇÃO GERAL DO ESPAÇO	
---------------------------------------	--

Seu Mário benze em frente à Casa Paterna. Nos dias de chuva a benzeção ocorre no galpão ao lado da casa, e sua esposa costuma benzer sempre em casa. A Benzeção do seu Antônio é feita em sua residência, devido a sua dificuldade de locomoção, e o Purita, talvez por sua condição de aprendiz do pai, benze quem o procura no lugar em que for requisitado, mas preferencialmente num lugar mais reservado da vista de outros.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

OFÍCIOS

ORIGENS

O exercício do ofício da Benzeção está inserido na história de desenvolvimento da medicina popular. Durante o século XVIII, no continente europeu, as práticas curativas informais foram muito utilizadas e difundidas, sendo aplicadas inclusive junto às práticas de cura oficiais. Esses métodos vindos com os imigrantes europeus, principalmente os portugueses, foram introduzidos e apropriados pela população da Capitania de Minas Gerais, que as associaram também aos conhecimentos dos africanos, trazidos como escravos e dos indígenas que já habitam a terra.

Esse sincretismo, a falta de médicos, as constantes doenças presentes na capitania, em decorrência da má alimentação e das péssimas condições de trabalho na mineração e a dificuldade de acesso a medicina tradicional, contribuíram para o uso da medicina informal. Essa medicina fazia o uso das plantas medicinais, aliada à crença no ofício de benzedores, curandeiros, sangradores, parteiras, boticários, entre outros. Assim, a medicina popular foi empregada na cura de diversas doenças presentes na colônia portuguesa, sendo em alguns momentos considerada uma alternativa para os inúmeros enfermos da região.

Ao longo dos anos, essencialmente a partir do século XIX, as mudanças de comportamento da população e as tensões entre a Medicina Oficial e a Medicina Popular foi se acirrando, aumentando a percepção de que as práticas curativas informais eram primitivas e atrasadas. Ofícios como o dos benzedores, sangradores, curandeiros, cirurgiões-barbeiros e outros, foram condenados pela Coroa, que os perseguia por considerar esses métodos obras de magia e feitiçaria.

Nesse interím, a prática da Benzeção também passou a ser condenada. Raphael Bluteau no Vocabulário Português de 1728 descreve que: “ o benzedor é o embuteiro que benze gado, e gente, bafejando-os com forma de cruz, e fazendo cruces com a mão, alguns lhe acrescentam supersticiosas palavras”. No mesmo verbete, afirmava em seguida que foi proibido terminantemente benzer cães e outros animais, tal definição dava a conta da dimensão como os benzedores eram vistos.

A despeito da perseguição, o ofício benzedor ultrapassou os séculos, sobrevivendo às rejeições e preconceitos recorrentes. Exemplo é a benzeção feita na Comunidade dos Arturos, que tem sua origem associada à histórica condição rural da Comunidade, quando a distância e a dificuldade de acesso ao atendimento médico restringiam as curas às benzeções e plantas medicinais encontradas na região. A está condição se alia a grande fé no Rosário de Maria e nos poderes curadores da esfera divina.

O Mestre da benzeção, Sr. Mário, conta um pouco do papel do benzedor e sua função social. Segundo suas palavras:

Antigamente, tinha muito benzedor, né, não tinha quase médico, era benzedor, era, menino então, dá mais uma dor de barriga, uma dor de dente, uma dor de cabeça, cê só ia no benzedor, não tinha médico, né, tinha farmacêutico longe, então.... curava com remédio de casa, é caseiro, é raiz, né. então tinha aquele benzedor que olhava todo mundo. Então, minha avó era benzedora, cê então, ela virava a gente de cabeça pra baixo, levantava os pé da gente, ela falava: ‘vem cá seu menino’. A gente saia vazado. [...] sacudia a gente e dava uns tapa no pé da gente pra tirá o quebrante, o mau-olhado. Cada um benzia de um jeito, né.

Atualmente o ofício é praticado por Seu Mário, sua esposa D. Dodora e seu filho Purita, fazendo parte do cotidiano dessa família e da Comunidade em geral.

RELAÇÕES (simbólicas, sociais, econômicas, religiosas, etc)

As benzeções realizadas pelos benzedores se relacionam com as dimensões míticas e religiosas das manifestações culturais da Comunidade dos Arturos e possuem um forte componente simbólico.

PREPARATIVOS

Para se benzer, o contato com a esfera sagrada deve ser permanentemente estabelecido e

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

OFÍCIOS

reestabelecido ao longo do dia. Ao acordar, deve-se pedir proteção aos trabalhos que serão realizados, seja na benzeção, seja nas práticas diárias do cotidiano. Ao longo do dia deve-se invocar proteção e misericórdia para si e para quem esteja em busca de alívio das dores e aflições do corpo e do espírito. Antes de adormecer, o benzedor ora pelos trabalhos realizados durante o dia e, mais uma vez, pede proteção para o dia que se seguirá. Ele deve estar sempre preparado para combater o mal, para invocar a cura, para pedir misericórdia para si e para o outro, para enfrentar a perplexidade do sofrimento e aliviar e reestabelecer a ordem, a harmonia do corpo e da alma. Ele deve primordialmente, antes da benzeção, fechar o corpo numa auto-benzeção para assegurar que o mal do benzido não o contamine.

DESENVOLVIMENTO

A prática da benzeção pode ser caracterizada como um saber-fazer particular que envolve técnicas rituais que lhes são próprias. Segundo Gomes e Pereira (2004), no livro “Assim se Benze em Minas Gerais”, a estrutura da prática do ritual de benzeção se estabelece da seguinte forma: o benzedor, a palavra invocadora do divino (a linguagem oro-gestual) e o benzido. A diferença na prática de cada benzedor caracteriza uma individualização da benzeção que conferirá maneiras distintas de invocação ao Sagrado e isso diz respeito às rezas, aos gestuais, aos santos invocados e à utilização ou não de corpos e/ou instrumentos intermediários. Estes intermediários são objetos, ou mesmo plantas, que auxiliam o benzedor e atuam junto às palavras sagradas de cura num sentido metonímico, como no caso de alinhar, ou coser, uma almofada ao mesmo tempo em que a cura está sendo efetuada. Estes objetos, que podem ser também plantas como a arruda e a guiné, formam um conjunto com o benzedor e sua linguagem oro-gestual, intermediando o campo do sagrado e o benzido.

Além dos santos de devoção de cada benzedor, eles se diferenciam também na linguagem oro-gestual, assim como no uso, ou não, de instrumentos intermediários que acompanham a oração e o gestual. Desse modo, os procedimentos técnicos-rituais básicos irão se distinguir, e, com estes pontos em mente, iremos caracterizar os procedimentos de cada benzedor.

Uma última característica da benzeção que deve ser esclarecida, antes de passarmos para os praticantes do saber-fazer tradicional da benzeção, diz respeito à preferência pessoal do benzido em relação a seu benzedor. Apesar do Sr. Mário ser a referência principal da benzeção na Comunidade, os outros benzedores por nós pesquisados também são procurados a partir de uma afinidade com eles.

O seu Mário Brás da Luz, o Mestre da Benzeção, realiza suas orações de cura sempre acompanhado de um molho de chaves, medalhas e fitas em que, cada uma delas, a seu tempo, é utilizada segundo a necessidade do benzido. Esse conjunto de chaves, corpo intermediário, forma um todo com a esfera divina, junto às orações invocadas principalmente à Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora Aparecida, São Geraldo, São Judas Tadeus e por Padre Libério. Este último, a quem Mário atribui grande admiração e devoção, é considerado como um homem de grande poder, tanto em vida, quanto em espírito. Segundo Mário, o Padre era dotado de clarividência, possuindo ainda hoje, poderes milagrosos. Os santos portanto são invocados conforme a necessidade do doente, nas palavras do seu Mário: “cada tipo de pessoa que precisa a gente pede um santo pra ajudá”

O molho de chaves utilizado contém um chaveiro em forma de estrela de cinco pontas usado para curar males associados à visão. Durante a oração de cura invoca-se Santa Luzia. Há pequenas fitas presas ao molho de chaves do Sr. Mário, onde são passados os dedos de dentro do chaveiro para fora, num gesto de retirar o mal, jogando-o fora.

Além do molho de medalhas, chaves e fitas, observamos que Mário utiliza também uma pequena almofada de coser e alinhar. Este corpo intermediário é utilizado como metonímia da cura e, enquanto passa a agulha e a linha na almofada, orando, ele cura. Outro corpo, metonímia de cura, utilizado pelo Sr. Mário é o canivete que corta um galho de árvore: cortando o galho ele corta a doença.

O Sr. Mário nos diz que durante a benzeção ele enxerga Nossa Senhora passar uma fita branca em torno do doente benzido: “Nossa Senhora passa uma fita. Ela passa uma fita na pessoa, cê vai benzê, cê vê.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

OFÍCIOS

Ela passa uma fita, a visão que você tem”. Ainda nos esclarece que quem trabalha na linha branca, como ele, enxerga sempre a fita branca, pois está sob a proteção de Nossa Senhora e, assim, Deus o permite ter a visão da moléstia e da cura sendo feita.

Em alguns dos males tratados pelo Sr. Mário, o benzedor convida o benzido para participar da benzeção, fazendo-o responder algumas perguntas que lhe são dirigidas. Desse modo, o doente participa ativamente de sua própria cura e é criado um vínculo maior entre benzedor e benzido. Podemos perceber essa relação entre as partes envolvidas nas seguintes moléstias: cobreiro, carne quebrada e espinhela caída.

Em parte das benzeções, as palavras de cura dirigidas para o benzido referem-se a mais de uma moléstia, mesmo quando há uma delas em evidência. Assim, uma bronquite é benzida ao mesmo tempo em que se benze espinhela caída, carne quebrada e depressão de nervo.

Mestre da benzeção, o Sr. Mário também é conhecedor de simpatias e plantas medicinais como auxiliares de cura de certas moléstias. Gomes e Pereira (2004, pg. 19) distinguem a simpatia da benzeção da seguinte forma: “que emprega o uso de formas orais e gestuais quase sempre de poder exclusivo do benzedor – e simpatia, qualquer recurso material que pode ser usado pelas pessoas em geral para evitar o mal e alcançar o bem”. Uma das características da benzeção de um modo geral, benzer uma determinada moléstia por três vezes consecutivas, cada uma delas em uma semana diferente.

Maria Auxiliadora, a Dodora, tem um papel auxiliar na benzeção de Mário. Enquanto ele se ocupa com a benzeção em frente à Casa Paterna, Dodora está dentro da casa pedindo misericórdia, bênçãos e proteção à Mário e às pessoas que o procuram. O apoio espiritual de Dodora ocorre principalmente nas ocasiões em que muitas são as pessoas que demandam a benção de Mário e também nas ocasiões em que pessoas o procuram para serem curadas de “coisas fortes”, geralmente acompanhados por intensos sofrimentos psíquicos.

Ela realiza o ritual da benzeção de forma discreta, indireta, e não precisa estar em contato pessoal para que as forças do Divino cubram de proteção Mário e seus benzidos. Nos momentos em que está livre desta missão – como compreende seu papel – e das tarefas cotidianas de casa, ela se permite benzer conhecidos e pessoas da Comunidade. Ela é reconhecida por benzer geralmente as crianças e recém-nascidos, mas também benze adultos, desde que haja preferência destes por ela. Este último ponto deve ser enfatizado, pois a afinidade pessoal são elementos determinantes na escolha do benzedor.

Dodora faz questão de se distinguir das benzeções “espíritas” que envolvem, segundo sua concepção mais abrangente do termo, as benzeções realizadas em centros de umbanda e candomblé, além dos passes mediúnicos dos kardecistas (espíritas). Sua benzeção tem o amparo, conforme ela diz, somente de Deus e Jesus, e é classificada por ela como uma “benzeção simples” em oposição à benzeção “espírita”. Uma benzeção simples é caracterizada por ela como um legítimo dom de Deus e faz uso de poucas palavras.

Dodora reafirma a necessidade da fé do benzido, para a eficácia da cura, e o papel preponderante da misericórdia Divina: “quem benze não é a gente, é Deus, né. Deus e a fé de pessoas que vale, né.” Diferente de Sr. Mário, Dodora não utiliza nada além das próprias mãos como corpo intermediário. Segundo ela, nada possui “mais poder do que a mão da gente, que é poderosa, que foi feito por Deus, né”.

Os Arturos consideram que Raimundo Eustáquio da Luz, filho de Mário e Dodora, possui o dom, e foi o escolhido para substituir seu Mário na missão de benzedor da Comunidade. Raimundo, conhecido como Purita, tem particularidades distintas das de seus pais, apesar de procurar seguir os ensinamentos passados pelo genitor. Em suas palavras: “sempre tento levar o que meu pai tá passando pra mim”. Enquanto seu pai utiliza como instrumento intermediário principal o molho de medalhas, Purita utiliza a folha de guiné e a arruda. Ele diz pedir ajuda, em suas orações de cura, em especial para Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e Santa Bárbara.

A oração é recitada por ele com muita concentração, de olhos semicerrados e voz baixa, quase num murmúrio. A arruda e a folha de guiné enquanto ora, são postas na testa e se movem discretamente em pequenas cruzes. Seguindo os ensinamentos do pai, antes da benzeção, ele pergunta o lugar em que lugar

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

OFÍCIOS

habita o doente: se em casa ou em apartamento. À partir dessas informações ele sabe como se concentrar para que a benzeção beneficie não apenas a pessoa que o procura, mas também outros moradores e familiares que convivem com essa pessoa, naquele espaço. Em suas palavras: “é que às vezes o espaço é mais fechado, cê tem que puxar, pedir mais para entrá mais, unir mais, né”. A benzeção do paciente depende da saúde dos moradores da casa, como explica Purita: “que não depende só de você. Tem que pedir pra eles tudo da casa”.

Sr. Antônio Maria da Silva também é, assim como o irmão Sr. Mário, reconhecido na Comunidade dos Arturos como um profundo conhecedor da benzeção. Para o Sr. Antônio a benzeção “é fácil”. Porém, conhecimentos técnicos e disposições mentais são necessárias para realizar o rito. Segundo ele, é preciso saber enunciar a palavra certa (na ocasião oportuna), ter fé (de ambas as partes) e se proteger dos males das contingências da vida do corpo e do espírito, através de rituais diários de “fechar o corpo”.

Cabe assinalar a particularidade no que diz respeito ao Sr. Antônio se auto-intitular rezadeiro, único deles a utilizar essa terminologia. Além disso, diferente de outros benzedores mencionados acima, ele não utiliza nenhum elemento como objeto intermediário. Assim, a oração é o único mediador com a esfera divina, formando a tríade palavra portadora da cura – benzedor – benzido. As palavras de cura ditas contém termos relacionados aos objetos intermediários, como a arruda, a guiné, o alecrim, e suas propriedades curativas são acionadas por meio da oração.

Entre as benzeções realizadas na Comunidade, identificamos as seguintes: mau-olhado, encosto, fechar o corpo, aguamento, sentimento, carne quebrada, nervo torto, osso fendido, espinhela caída, ventre virado, cobreiro, bronquite, asma, presença de cobras, desassossego, união de casal e tumor.

OBJETO(S) UTILIZADO(S) NA PRÁTICA DO SABER / OFÍCIO

Mário Braz: plantas utilizadas como complemento à benzeção: sabão gentil (gentio), panacéia, folha de algodão, folha de café, funcho (erva-doce), folha de goiaba, erva sidreira, folha de armicana, folha de laranjeira, folha de mangueira (manga espada), folha de fumo, tançagem, picão, babosa, barbatimão. Corpos intermediários utilizados : canivete; molho de medalhas, fitas e chaves; almofada para alinhar e coser.

Maria Auxiliadora: utiliza apenas as mãos como corpo intermediário da benzeção.

Antônio: não utiliza nenhum corpo intermediário, apenas a oração recitada. Contudo, plantas medicinais estão presentes nas palavras ditas e seus benefícios são transmitidos pela palavra, como também ocorre com os outros benzedores. Ex: “ (...) vou lá dentro da sua casa hoje e vou varrer os quatro cantos da sua casa com esse ramo de alecrim e vou tirá toda a impuridade da sua casa (...)”

Raimundo Eustáquio: utiliza arruda e e/ou guiné como corpo intermediário da cura.

04 FORMAS DE TRANSMISSÃO

Procedência do Saber

O saber, como uma prática relacionada à medicina popular em zonas rurais, é tradicional, principalmente quando associadas às outras práticas e celebrações de fé da Comunidade. José Aristides (chamado de “Rei do Congado em Minas Gerais”) e Juventina (filha de Arthur Camilo), ambos falecidos, foram considerados como grandes benzedores, a quem a Comunidade deve o saber por eles transmitidos.

Transmissão

A transmissão deste saber é restrita à poucos, e especificamente àqueles que tem o dom. Existe a crença de que a passagem do conhecimento gera uma perda do poder e a passagem do conhecimento é considerada uma admissão pessoal de que seu trabalho na benzeção está no fim. O seu Mário está transmitindo seu conhecimento da benzeção para seu filho, Raimundo Eustáquio da Luz.

Modo de Transmissão

A transmissão é feita essencialmente pela oralidade e pela observação. No entanto o dom não é transmitido, ele é atributo dado por Deus a poucos escolhidos. Conforme Gomes e Pereira (2000, pg. 169), a

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	OFÍCIOS
<p>transmissão oral é “veículo privilegiado para a passagem de conhecimentos iniciáticos, pois a revelação se restringe apenas ao sábio e ao iniciante”.</p>	
Forma de Continuidade	<p>Através da transmissão oral do saber e continuidade da fé necessária, tanto de quem benze, quando do doente benzido.</p>
Situação Socioeconômica da Atividade	<p>Não há, no sentido estrito da expressão uma relação socioeconômica da atividade. Existe aquilo que Oliveira identificou, na troca entre benzedor e benzido, a relação do compadrio, que consiste no acúmulo de dois aspectos: ser benzedor e compadre (1983, pg. 373). Na relação de troca envolvida entre as partes há tacitamente obrigações para a manutenção da solidariedade. O benzedor produz um bem e o cliente “serve-se de um bem simbólico” de um relação acima de tudo afetiva. Segundo a autora a relação do dar e do receber “regem o contrato entre os compadres, obscurecendo as fronteiras que separam aquilo que é visto como doado pela vontade divina, daquilo que é socialmente valorizado”.</p> <p>Doar o dom na missão da benzeção, não impede o benzido que sinta necessidade de pagar pela benção em dinheiro ou mercadorias, como produtos de consumo domésticos. Não se pode cobrar pelo dom dado por Deus, mas se pode aceitar presentes daquele que sente necessidade de pagar a benção recebida.</p>
Transformações	<p>Diante do contato com as diversas orientações religiosas, a Comunidade se encontra dividida. A devoção e fé necessárias para participar das diversas manifestações culturais e religiosas vêm perdendo força principalmente pela conversão de membros dos Arturos em fiéis de religiões neo-pentecostais. As manifestações coletivas sofrem com as atuais adesões a diferentes correntes dogmáticas, do mesmo modo a benzeção é questionada pelas diferentes matrizes interpretativas do mundo a que a Comunidade está sujeita hoje.</p> <p>A benzeção como uma prática que se caracteriza por um saber particular, em que cada um imprime sua individualidade, tem um aspecto ainda não abordado, de manter tal conhecimento sob sigilo. Passar o conhecimento a outro (s) é perder o poder pessoal, é reconhecer o fim de sua prática, de sua vida como benzedor. Esse é um dos motivos pelos quais a benzeção é restrita a poucos atualmente, segundo informação de um dos Arturos. Talvez também por esse “segredo”, como constata o Sr. Mário, “os benzedores estão acabando”.</p> <p>Com relação às mudanças ocorridas na prática da benzeção, Maria Auxiliadora nos conta de como era quando aprendeu o ofício com sua mãe, ilustrando as modificações impressas pela individualidade do benzedor. No início, ela diz que utilizava um copo de água e colocava uma brasa, retirada do fogão à lenha, dentro do copo para benzer. Do copo d’água com brasa passou a utilizar “ramos”, como corpo intermediário e, finalmente, chegou ao uso das próprias mãos. Segundo ela, a benzeção em sua vida lhe parece como “coisa que vem assim de geração, dá um dom, uma coisa assim, uma coisa que é de geração pra geração, porque Geraldo benzia, meu pai também, sabia alguma coisa também, de simpatia, né. E então a gente já vem assim naquele ritmo, de geração em geração”.</p>

05	AMEAÇAS À CONTINUIDADE DO SABER / OFÍCIO
	<p>Os Arturos, apesar das tradições festivas e religiosas, estão imersos na vida contemporânea e são abertos às suas influências. Uma dessas influências se faz sentir no campo religioso e a religião tradicional não mais é a única opção da crescente Comunidade. Muitos Arturos hoje fizeram a escolha pelas religiões neo-pentecostais e com isso têm resistência quanto à benzeção e outras manifestações tradicionais dos Arturos. Essa é uma ameaça. Outra ameaça refere-se à dimensão do segredo da transmissão, que restringe o conhecimento a alguns poucos iniciados. Uma terceira ameaça refere-se a perda dos conhecimentos ligados às plantas medicinais utilizadas na benzeção.</p>

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	OFÍCIOS
--	----------------

OUTRAS INFORMAÇÕES	Não se aplica.
---------------------------	----------------

06	MODELO DE ORGANIZAÇÃO
-----------	------------------------------

TIPO	<input type="checkbox"/> Comitê	<input type="checkbox"/> Instituição	<input type="checkbox"/> Irmandades/ Confrarias	<input type="checkbox"/> Associação	<input type="checkbox"/> Outros	<input checked="" type="checkbox"/> X
-------------	---------------------------------	--------------------------------------	---	-------------------------------------	---------------------------------	---------------------------------------

Denominação	Não há. Pode-se falar contudo de uma organização em que se obedece a uma mistura de carisma e descendência.
--------------------	---

Descrição	A benzeção na Comunidade dos Arturos obedece a uma hierarquia familiar mas que corresponde à outros modos de saber-fazer semelhantes em que há a transmissão gradual do mestre para o discípulo.
------------------	--

Organizadores e Financiadores

TIPO	
-------------	--

Organizadores	A organização cabe ao próprio benzedor, podendo contar com a ajuda de um auxiliar.
----------------------	--

Financiadores	Não há. No entanto algumas pessoas que se benzem sentem necessidade de pagar um auxílio, ou mesmo doar algo, é o que constitui no que foi chamado acima da instituição do compadrio.
----------------------	--

Produção de Atividades e Eventos	Não há. Poderíamos todavia dizer de práticas específicas relacionados às curas relacionadas às fases da lua e outros períodos do calendário, como a sexta-feira da paixão.
---	--

Meios de Comunicação e Divulgação	A divulgação da benzeção é feita espontaneamente pelas próprias pessoas que se benzem de modo esporádico ou usualmente.
--	---

07	ÁREA DE ABRANGÊNCIA
-----------	----------------------------

Participação turística

A comunidade dos Arturos é uma grande referência para pessoas interessadas em conhecer um modo de vida diferente daquele usualmente encontrado nas grandes cidades. As diferentes manifestações de cunho fundamentalmente religioso atraem desde curiosos até o público acadêmico que os assediam constantemente. A benzeção do Sr. Mário, feita em frente a Casa Paterna, lugar de destaque na Comunidade, é uma dessas manifestações que exercem o atrativo para quem precisa de auxílio e para o público mais amplo.

08	COMENTÁRIOS
-----------	--------------------

COMENTÁRIOS DO DETENTORES OU PRATICANTES

Sr. Mário: “[...] eu peço à Deus ele atende. É, é, uma dor de cabeça, dor de dente, zipela, cobrero. Enfim qualquer dor que a gente pede a Nossa Senhora ela...a gente pede, fala as palavra e ela abençoa e a gente fica...é, tem que, satisfeito, né, que cê vê um menino, tá com a dor de dente cê pede aquelas, fala aquelas palavra Deus...tira, Deus que tira. A gente pede em nome dele, né, e aí...minha irmã que era benzedeira, ela faleceu e passô pra mim. [...] tem que tê o dão, né, e boa vontade. Porque sá...cê tivé almoçando, chegá uma menina, um menino, ali doendo procê benzê, cê tem que largá o prato e benzê, aquela, aquela criança. Então é uma missão, tem que tê o dão e fé e não pode tê, negá. [...] é, as crianças vem, então, ah, menino ganha muito *olhado*, até dos pai, de vó, né. O *quebrante* mais bravo é do pai mãe, pai e vó! Então a gente tem que benzê isso. É muita criança que, tem dia que tem que deu pra benzê aqui uns quarenta menino. Adulto também. Tem que tê aquele “dão”.

Eu benzo é com Nossa Senhora do Rosário, São Judas Tadeu... é, então cê tem que tê a fé. O Padre Libério, eu tenho uma fé com ele. É, então, toda vez que a gente benze...teve uma dona que tava com tumor

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

OFÍCIOS

[...] ‘cê faz a novena pra mim, pra Padre Libério e cê manda celebrá três missas. Ela fez e foi curada, aquele tumor desapareceu. É, então tem que tê fé, porque senão...

Antigamente, tinha muito benzedor, né, não tinha quase médico, era benzedor, era, menino então, dá mais uma dor de barriga, uma dor de dente, uma dor de cabeça, cê só ia no benzedor, não tinha médico, né, tinha farmacêutico longe, então... curava com remédio de casa, é caseiro, é raiz, né. então tinha aquele benzedor que olhava todo mundo. Então, minha avó era benzedeira, cê então, ela virava a gente de cabeça pra baixo, levantava os pé da gente, ela falava: ‘vem cá seu menino’. A gente saia vazado. [...] sacudia a gente e dava uns tapa no pé da gente pra tirá o quebrante, o mau-olhado. Cada um benzia de um jeito, né”.

Depoimentos de pacientes do Sr. Mário:

“Meu nome é Júlia Carolina da Cunha [...] eu fui criada numa família adepta da homeopatia. Tanto meu avô, quanto meu pai, eles sempre usaram a homeopatia e as plantas, as folhas, como material de se produzir medicamento em laboratório de manipulação. Então, não só eu como meus irmãos, minha mãe, fomos tratados dessa maneira. Raramente íamos ao médico. Na realidade, eu só fui ao médico pra ganhar meus filhos. Fora isso, a medicação que eu tomei a vida toda, foi produzida pelo meu pai, usando as plantas. E baseada nessa experiência, eu sempre acreditei na benzeção, nessa força espiritual que as plantas têm na cura de males, de doenças e de febres malinas como dizia meu pai. E quando nós mudamos para Contagem em 1986 eu conheci a Comunidade dos Arturos, principalmente Dona Juventina, mais conhecida como Dona Itina, já falecida, e seu Mário Braz da Luz, como um dos últimos benzedores que existem em Contagem e talvez no Brasil. E seu Mário, quando eu me sentia mal, com peso nos ombros, com desânimo, com mal estar...primeira coisa que eu fazia era correr até na Comunidade e pedir a ele que me benzesse. E geralmente ele me benzia com um saquinho de pano, tipo uma almofadinha, onde ele ia costurando a medida que ele ia rezando. E geralmente o meu problema tava ligado à coluna. E a partir desse costura, que eu não sei dizer a fala completa dele, a medida que ele ia costurando a doença, ele ia rezando à Nossa Senhora e a gente repetindo, como, sim, eu acredito nessa atitude, eu acredito, nessa, nesta costura desse mal. E geralmente após a benzeção, ele me aconselhava a tomar um chá de folha de abacate, que ele aconselhava um determinado número de folhas, que eu fizesse o chá e que eu tomasse, que eu tomasse aquele chá ao longo do dia e que eu voltasse na Comunidade durante três dias. Então três vezes seguidas eu estava diante de Seu Mário e de sua benzeção. Acredite, ou não, eu melhorava, meu ânimo voltava, minha coragem aumentava e eu ficava novamente pronta para o trabalho e disposta para qualquer atividade”.

Sra. Maria Auxiliadora: “simples é, assim, não é uma benzeção espiritual, é uma benzeção simples, só mesmo dom de Deus mesmo. A benzeção com espírita é uma coisa que eu não sei nem como falá, né. Então, [...] minha benzeção é inspiração de Deus mesmo, é coisa simples, são poucas palavras, né, Então a gente pede a Deus a misericórdia, né, que a gente sempre fala: quem benze não é a gente, é Deus, né, é Deus e a fé que de pessoas que...que vale, né. Daí, o caso é esse, então, eu passo as palavras e peço a Deus a misericórdia, né, que...atende, né, interceda por mim aquelas palavras que eu tô fazendo, que interceda que faça aquela cura na pessoa que tá necessitada. [...] onde que eu falo que é uma benzeção simples. [...] Na minha família a gente tem de tudo, graças a Deus. Temos o espírita, temos católico que somos eu e Mário, né, e tem o Evangélico também. Na nossa família tem de tudo um pouco, né. então, os valores muito que eles seguiram, né, então tá bom. Quis ser crente, maravilha, palavra de Deus é tão bonita! Né? Aí eu gosto muito, né”.

Sr. Raimundo Eustáquio: “Assim, que às vezes as pessoa...(?) que a gente já viu meu pai benzê, então ficava...cê entende as palavra que ele falava, aí, o pessoal: ‘eu tô com minha cabeça doendo’. Lembrava aquelas palavra que meu pai falava, né, aí, eu benzia as pessoas e: ‘e aí menino?’ – ‘ô, cara, minha cabeça aliviô’. – ‘deixa eu vê’. Falei assim: ‘quem manda é a fé, ocê tem fé?’ – ‘tem’, fiz umas oração, rezava um pai nosso pra eles lá, ele, pro anjo da guarda dele. (?) ‘Como é que é?’ – ‘ô,bacana, graças a Deus, minha cabeça

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

OFÍCIOS

deu uma aliviada boa, já não tô sentindo mais aquilo que eu tava sentindo”.

Sr. Antônio: “Então a mesma coisa, a benzeção cê benze com a língua! Com a língua de qualquer semelhança cê benze uma bicheira! É só cê sabê. [...], cê tem aquele dão, tem a fé, e sabe que eu falo demais, vou benzê aquela bicheira. Com a língua de fulano. Deus te abençoe, pronto! Uai, falando aí uns, tanta vez, daí há pouco ce vê os bicho caindo. Cê pega uma foia também, vira no (?) da criação, assim, e tapa ali, o bicho cai tudo. [...] Então é só cê sabê falá. É isso aí, cê sabê falá”.

IDENTIDADES CONSTRUÍDAS EM TORNO DO LUGAR

O *status* de benzedor confere ao indivíduo o prazer e o orgulho de poder ajudar, caritativamente, o semelhante atingido por uma enfermidade. O reconhecimento das pessoas que os procuram é outra fonte de afirmação identitária. A fé, a entrega, o amor descompromissado, a satisfação de se estar prestando ajuda ao outro, são características necessárias para a missão da benzeção. Sr. Mário também diz da força e da coragem necessárias para a entrega pessoal na benzeção. Todas essas características moldam uma identidade fortemente distinta.

Comentários do elaborador

Crenças Associadas

Além de acreditarem na Benzeção em si, creem nas divindades no qual são devotos, tais como: Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora das Dores, Santíssimo Sacramento, Deus, Jesus de Nazaré, Nossa Senhora das Mercês, São Benedito, Santa Efigênia, São Judas Tadeu, Santa Luzia. Catolicismo popular e religiões afro-brasileiras.

Significados Simbólicos

Falar da benzeção é abordar o fenômeno religioso. É na crença e na prática religiosa, segundo Geertz (1989, pg. 76), que a visão de mundo de um povo torna-se emocionalmente convincente, como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro. Segundo o autor, “*os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o ethos de um povo*”. Eles conduzem a uma visão de mundo que agem por meio de predisposições estéticas e morais em relação à ordem no plano sagrado e no plano da existência humana. Os símbolos sagrados presentes na oração, norteadores da ação no mundo, estabelecem e induzem disposições e motivações nos homens que fazem com que tais símbolos sejam indispensáveis à viabilidade do ser humano.

Os símbolos sagrados, dotados de uma autoridade persuasiva, estão presentes no ritual da benzeção, no qual o mundo vivido e o mundo imaginado fundem-se no ritual informado pela mitologia compartilhada entre o benzedor e o benzido. O benzedor, principalmente como o Sr. Mário, que vive na *missão*, pode até viver a maior parte de seu tempo de vida imerso na religiosidade e seus símbolos. Contudo, o benzido, o ser humano inserido no mundo profano, está imerso nos atos e objetos do senso comum cotidiano e, dessa forma, este cotidiano é a realidade capital de sua experiência. Confrontado com a doença e o desequilíbrio físico e psíquico, ele buscará auxílio, seja através da cura profana da medicina oficial, seja por meio da invocação dos símbolos sagrados e sua cosmologia. O apelo à religiosidade transporta a pessoa em busca da cura a um panorama, a uma dimensão, muitas vezes radicalmente diferente do senso comum cotidiano, a esfera profana. Predisposto a imergir na esfera do sagrado, o mundo cotidiano do benzido, doente, é cada vez mais visto como uma forma parcial de realidade que será corrigida e completa por meio da benzeção. Com a fé necessária para ser curado, o ritual da benzeção se constitui, podemos dizer, no clímax da fé depositada nos símbolos sagrados e na figura redentora do benzedor. O ápice ritual transporta portanto o crente em sua totalidade, desde que ele tenha a fé para a imersão necessária.

O benzedor assume no momento de sua cura na prática ritual a função semelhante ao xamã, descrito por Lévi-Strauss (2003). Ele fala sobre a doença e delinea os símbolos sagrados, carregados de conteúdos afetivos, que irão atuar na cura. A oração dita, tanto no canto do xamã como na benzeção, está referida a um

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

OFÍCIOS

mundo simbólico minimamente compartilhado entre benzedor e benzido. Os dois utilizam um universo de símbolos sagrados referidos por uma narrativa mítica.

As orações da benzeção preenchem os papéis mais diversos e amplos na busca da harmonia e na eliminação corporal e espiritual do mal. Ela “leva”, “defende”, “embaça”, “varre” o malefício. Elas abrangem e penetram nos aspectos sociais e religiosos e assim permitem o acesso à religiosidade da Comunidade dos Arturos. Ação e pensamento presentes na linguagem da benzeção são instrumentos imersos em idéias e sentimentos que as palavras pronunciadas traduzem e substantificam a essência religiosa comunitária.

Possibilidade de Continuação

A benzeção atualmente é um dos fatores de maior afluxo de pessoas e o Sr. Mário chega a benzer até oitenta pessoas diariamente. O Sr. Raimundo tem acompanhado os ensinamentos de seu pai e está preparado para sucedê-lo na *missão*. Diante da longa permanência da tradição da benzeção na Comunidade, acreditamos que outras pessoas além dos benzedores consultados possuem o conhecimento e o *dom* para a prática. Registrar e reconhecer a benzeção é uma das formas de estimular a continuação da prática.

Modos de expressão com necessidade de Documentar/Proteger

Benzeção e conhecimento das plantas medicinais utilizadas e plantadas na Comunidade.

Plano de ação

Planejar palestras dos benzedores para a Comunidade, explicitando a relação da benzeção com as práticas e cerimônias de devoção à Nossa Senhora do Rosário, além de relacioná-la com as tradições afrodescendentes pode constituir um estímulo à prática da benzeção. Outra linha de ação seria estimular a difusão dos conhecimentos das plantas medicinais existentes na região associadas ou não à benzeção.

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	Mário Braz da Luz				Tipo	Benzedor	
	Nascimento	02/02/1933	Sexo	M	Idade	80	Registro Sonoro Visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Capitão-Mor da Comunidade Mestre da Benzeção.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

02	Nome	Maria Auxiliadora da Luz				Tipo	Benzedora	
	Nascimento		Sexo	F	Idade	76	Registro Sonoro visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Rainha 13 de maio.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

03	Nome	Raimundo Eustáquio da Luz				Tipo	Benzedor	
	Nascimento		Sexo	M	Idade	50	Registro Sonoro visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Benzedor, neto de Arthur Camilo e filho do Sr.Mario.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

OFÍCIOS

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 2: Molho de medalhas.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 3: Raimundo Eustáquio da Luz – Purita.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 4: Terço que Mário porta durante as benzeções.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

OFÍCIOS



Figura 5: Canivete para talhar cobreiro.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Mário com plantas medicinais para os doentes.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Sr. Antônio Maria da Silva.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 8: Sra. Maria Aparecida da Luz.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

11 REFERÊNCIAS

BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Eficácia Simbólica. In. Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 215-236.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. Doença, Cura e Benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em campinas. Orientador : Carlos Rodrigues Brandão. Campinas: 1983. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

SAHLINS, Marshall. A Tristeza da Doçura: a antropologia nativa da cosmologia ocidental. Teoria & Sociedade, Belo Horizonte, v. 11, n. 2, p. 112-173, jul/dez. 2003.

12 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC5003_CArturos_Mario_LFreitas_4mai13(2) Figura 2: IPAC5003_CArturos_Mario_LFreitas_9abr13(4) Figura 3: IPAC5001_CArturos_Benz_ABatista_9abr13 Figura 4: IPAC5003_CArturos_Mario_LFreitas_9abr13(5) Figura 5: IPAC5003_CArturos_Mario_LFreitas_4mai13(4)
-------------	--

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS		OFÍCIOS
	Figura 6: IPAC5003_CARTUROS_MARIO_LFreitas_4mai13(3) Figura 7: IPAC5001_CARTUROS_Benz_AFernan_10abr13 Figura 8: IPAC5001_CARTUROS_Benz_ABatista_9abr13 (2)	
Videos	Filme do Ministério da Cultura – Prêmio Cultura Popular (2010); REDE MINAS.	
Audio	IPAC5003_CA_Benz_Mario_LFreitas_09abr13 IPAC5003_CA_MBenz_Mariol_LFreitas_4mai13 IPAC5003_CA_MBenz_Marioll_LFreitas_4mai13 IPAC5003_CA_MBenz_Mariolll_LFreitas_4mai13 IPAC5003_CA_MBenz_MarioIV_LFreitas_4mai13 IPAC5003_CA_MBenz_MarioV_LFreitas_4mai13 IPAC5003_CA_MBenz_MarioVI_LFreitas_4mai13 REDE MINAS	

13	FICHA TÉCNICA	
Fotos	Leonardo Freitas.	
Vídeos	Rede Minas.	
Áudio	Leonardo Freitas, Rede Minas.	
Transcrição	Leonardo Freitas.	
Levantamento	Leonardo Freitas, Luis Mundim.	
Elaboração	Leonardo Freitas.	
Revisão	Carolina Dellamore, Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo.	26/05/2014
	Observações	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS **MESTRES - PESSOA**

01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	MÁRIO BRAZ DA LUZ - BENZEDOR			IPAC/MG	5003
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S

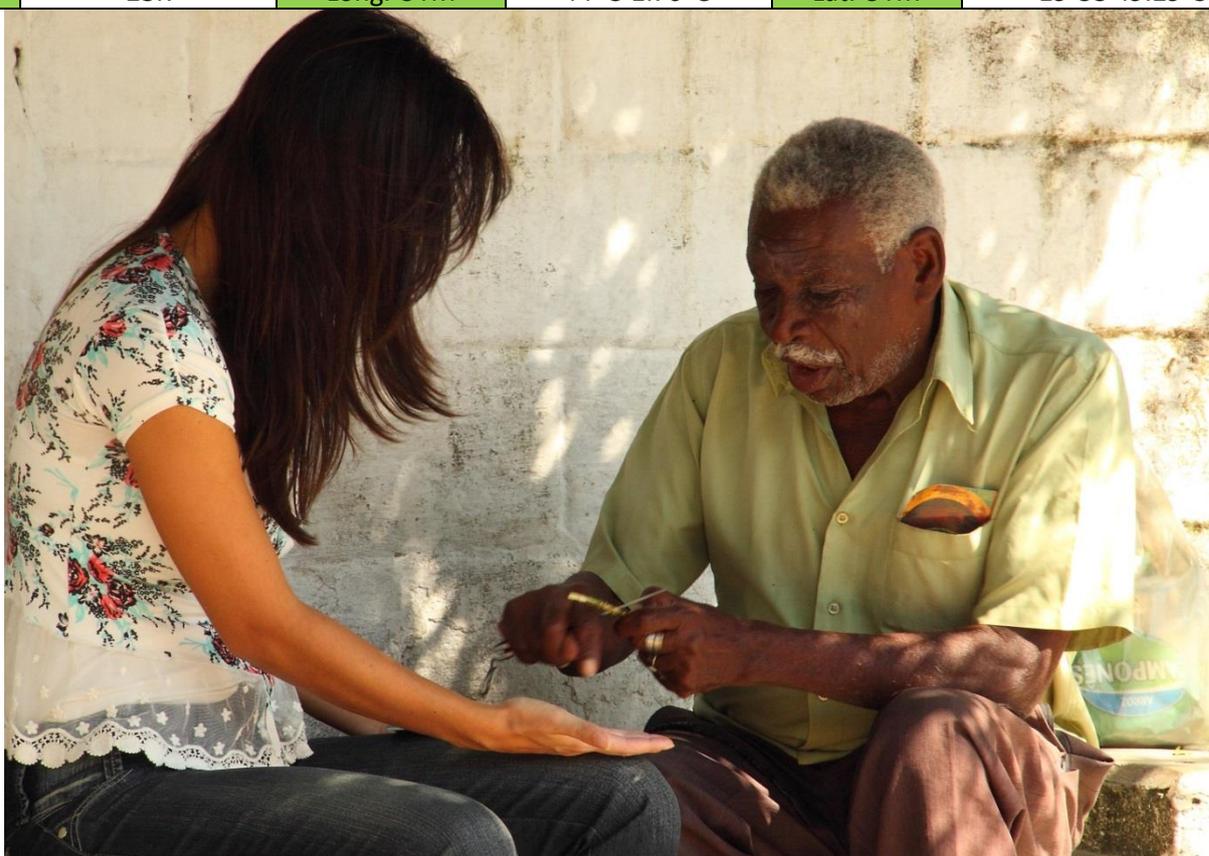


Figura 1: Benzida e Mário Braz da Luz.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

02	INFORMAÇÕES SOBRE O MESTRE			
Apelidos ou como é conhecido(a)	Seu Mário	Data de nascimento	02/02/1933	
Local de nascimento	Fazenda Mata do Macuco, Caracóis – Esmeraldas/MG.			
Local de residência atual	Comunidade dos Arturos			
Contatos	Comunidade dos Arturos			
Habilitações escolares	Antigo 1º ano do ensino fundamental.			
Profissão	Sua ocupação atualmente é a benzeção, atua também com as outras manifestações culturais dos Arturos (é o atual Capitão-mor do congado), além de se ocupar com suas criações de porco, gado e galinhas.			
Dados biográficos relevantes	Nascido na Fazenda do Macuco, mudou-se para a área onde hoje é a Comunidade dos Arturos, aos nove anos de idade. O patriarca da família, Arthur Camilo Silvério, foi um pai rígido e, segundo Mário, “ensinou nós tudo a trabalhá”. Mário se recorda que aos seis anos de idade já “carreava” (andava no carro de			

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

boi) mesmo sem conseguir nem mesmo abrir as porteiras, momento em que sua irmã mais velha, Juventina, o ajudava. A educação, própria da época, fez com que Mário fosse educado pelo pai com muita rigidez. Mário lembra-se com bom humor do castigo imposto pelo pai de ajoelhar-se em milhos durante meia hora, e afirma que após a punição “não fazia outra”.

Já morando no terreno da Comunidade, se empregou nas fazendas próximas e assim carreava e tirava leite. Ele agradece ao pai pelo gosto adquirido pelo trabalho: “graças a Deus, ensino nós tudo a trabalhar [...] o tostão que é docês é docês, o que é dos ôtros não põe a mão”. Acostumado desde pequeno à vida rural e às coisas ligadas aos animais e às plantas, seu último trabalho fora da Comunidade foi como caseiro em um sítio, onde se aposentou.

Dentre os Santos invocados por ‘Seu’ Mário, ele tem uma devoção especial por Padre Libério, que teve o processo de Beatificação e Canonização instalado em 30 de julho de 2012, na cidade de Pará de Minas, onde atuou nos seus últimos vinte anos de vida. Já considerado pela Santa Sé um Servo de Deus, a imagem de Pe. Libério Rodrigues Moreira consta no molho de chaves que Mário utiliza na benzeção. Mário diz de um milagre presenciado por ele numa benção do Padre em um boi picado por cobra:

[...] eu deixei o boi manco, deitado lá no...todo mundo lá sabe benzê lá no...e a gente tava na Fazenda do João Pinto, fui lá pra ele benzê o boi, aí o Padre Libério, já veiozinho, apareceu lá com um chapeuzinho preto na cabeça...ô Mario cê acha que aquele Padre lá, aquele Padre Libério tá querendo fala com cê. Eu soltei o cavalo pra pegá ele lá, né, quando eu cheguei lá perto dele assim, ele: ‘não precisa dessa doideira não’. O que cê veio fazê, eu já tirei o veneno. Eu não tinha falado nada com ele, ué. Já pensou. Ele falou: segunda feira cê vai carrear com o boi. Eu falei, mas num falei nada com ele, não mandei benzê, nem nada, aí eu voltei calado. Ele falou comigo: cê não tá acreditando não! Eu falei: ‘tô, uai.’ Mas, nunca vi um milagre desse, voltei, ‘o quê que ele falou?’ – ele falou comigo que já tirou o veneno, eu não falei nada com ele. – ‘é assim mesmo, cê vai carrear com ele’. Eu benzi, mas, palavra dele...é prego rebatido. Quando eu cheguei na fazenda o boi tava pastando.

Mário aprendeu a benzeção com sua irmã Juventina, que era parteira e benzedora da Comunidade. Antes de sua iniciação na prática, Mário diz que não acreditava na benzeção e chegava a debochar da irmã. Nesse interím, Seu Mário foi acometido por uma terrível dor de dente, com o rosto bastante inchado, foi pedir que sua irmã lhe benzesse, assim, sendo curado por Juventina, passou a acreditar e se interessar pela prática:

Eu zombava, minha irmã benzia, eu falava, eu achava, atrapalhava, eu amolava ela, sabe, ‘cê fica aí batendo boca aí. Quando foi um dia me tacaram uma dor de dente, só, que ela, eu fui fala com ela e ‘cê fica me zombando deu batendo boca, praquê eu vou benzê ocê?’. Mas eu tinha uma semana que eu tava com essa dor de dente. Eu bebia água há tempo de ficar doído. Tem gente do ôio ruim só. Nego bateu essa dor de dente nimim. [mau-olhado] Pára até carro, enguiça o carro. Ela benzeu, rapaz, minha boca tava inchada, eu não podia comê. Quando ela benzeu, ela falou: hi, cê tem que arranjar ôtro pra benzê ocê que...ela benzeu, eu dormi, no ôtro dia eu tava comendo até cascaio. Aí, tomei fé. Falei, uai, existe.

Mário recorda que quando esse fato ocorreu tinha a idade próxima aos trinta anos e “passô uns tempo ela me ensinô a benzê”. Descobriu que tinha o dom necessário para a benzeção após curar uma dor de cabeça de sua irmã: [Mário] - “ela viu que eu tinha, e eu...ela pediu pra mim benzê ela, eu fui benzê, eu falei:

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

‘mas eu não sei benzê’. [Juventina] - ‘mas tô te ensinado ocê!’ [Mário] - Eu benzi ela e no outro dia ela falou comigo: ‘olha, ocê pode continuá! Minha dor de cabeça, cê já tirou ela’”.

A partir desse evento, Mário continuou com fôlego cada vez maior à medida que sua benzeção se mostrava eficaz e obtia reconhecimento da Comunidade.

03 RELAÇÃO DA PESSOA COM MANIFESTAÇÕES DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

É o principal benzedor dos Arturos. Sua experiência na prática o levou a ter o reconhecimento de pessoas da Comunidade, de cidades da Região Metropolitana de Belo Horizonte e de diversos municípios do Estado. Sua capacidade de transmissão dos conhecimentos, também faz com que seja considerado Mestre da Benzeção. Consideração esta que é realçada pela ascendência que o ‘Seu’. Mário tem em outras funções de destaque da Comunidade relativas às manifestações festivas tradicionais.

RESUMO DAS INFORMAÇÕES CEDIDAS

Antes da iniciação do ‘Seu’ Mário na benzeção foi preciso que ele descobrisse o *dom*. Para o Sr. Mário, o “*dão*” (como chama o *dom*), em suas palavras, é sinônimo de “*boa vontade*”, disponibilidade e entrega às necessidades dos que buscam alívio, além de implicar uma prática que deve ser feita primordialmente com o amor descompromissado cristão. A disponibilidade para exercer o *dom* fez com que ele pudesse vivenciar plenamente sua *missão* de benzedor da Comunidade, como foi uma vez a Sra. Juventina.

Para se benzer, o contato com a esfera sagrada deve ser permanentemente estabelecido e reestabelecido ao longo do dia. Ao acordar, deve-se pedir proteção aos trabalhos que serão realizados, seja na benzeção ou nas práticas cotidianas diárias. Ao longo do dia deve-se invocar proteção e misericórdia para si e para quem esteja em busca de alívio das dores e aflições do corpo e do espírito. Antes de adormecer, o ‘Seu’ Mário ora pelos trabalhos realizados durante o dia e, mais uma vez, pede proteção para o dia que se seguirá. Ele deve estar sempre preparado para combater o mal, para invocar a cura, para pedir misericórdia para si e para o outro, para enfrentar a perplexidade do sofrimento, aliviar e reestabelecer a ordem, a harmonia do corpo e da alma. Ele deve primordialmente, antes da benzeção, fechar o corpo numa auto-benzeção para assegurar que o mal do benzido não o contamine. Deve-se primeiro proteger o corpo, nas palavras do ‘Seu’ Mário: “*primeiro a gente benze, ‘Nossa Senhora benze, fecha meu corpo pra mim salvá’*. [...] *que senão, conforme a, cê benzê, ele passa tudo procê, cê tem que...é, protegê seu corpo primeiro*”.

Conforme a estrutura da prática ritual, a benzeção é dividida entre o oficiante, sua linguagem orogestual, os corpos intermediários e o benzido (Gomes e Pereira, 2004). Identificou-se como característica do Sr. Mário a utilização dos seguintes instrumentos intermediários: canivete, molho de medalhas, almofada de alinhavar. Cada um deles utilizados para um mal específico. O canivete *corta* o mal (cobreiro) ao cortar com seu *aço* metonimicamente um galho verde de árvore. A almofada de alinhavar cose simbolicamente a *carne quebrada*, o *osso fendido*, o *nervo torto* compondo o conjunto da linguagem oro-gestual com a oração. Já o molho de medalhas tem uma aplicação mais ampla. Contendo medalhas de santos, fitas e formas geométricas, o molho é uma presença constante na maior parte das benzeções feitas pelo Sr. Mário. Uma das medalhas presentes é a imagem de Padre Libério a quem Mário tem grande devoção e confiança em seus poderes de cura, invocado nas orações de cura de diversos males (carne quebrada, espinhela caída, bronquite, mau-olhado, depressão, infestação de cobras e até câncer). Uma estrela de cinco pontas, por exemplo, presente no molho é a figura intermediária para males relacionados à visão, e o santo invocado

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

para a intermediação da cura é Santa Luzia.

Além dos *corpos intermediários* citados, há os santos de predileção do Mestre, invocados para intermediar as curas. Além do Padre Libério e de Santa Luzia, foram citados também pelo ‘Seu Mário durante suas orações: Santíssima Trindade, Jesus, Santíssimo Sacramento, Santa Maria Madalena, anjos, Santa Maria e suas manifestações em Nossa Senhora do Rosário , Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora das Dores, além de São Judas Tadeu e São Geraldo.

É digno de nota que não é sempre que a palavra *coser* durante a oração é acompanhada do *saco de alinhar*, nem mesmo *cortar* um mal é acompanhado do gesto metonímico feito com o *canivete*. Do mesmo modo, quando a *guiné* e a *arruda* são invocados na oração para a limpeza de um ambiente tais plantas não precisam ser portadas pelo benzedor, valendo-se neste caso somente de sua invocação oral para a atuação de suas propriedades purificadoras.

São perceptíveis nas orações pesquisadas nos anos 2010 e 2013 pequenas alterações de conteúdo. A presença de Padre Libério e de anjos da guarda não constavam nas orações do ano de 2010, o que pode ser somente uma falha do levantamento de dados mas, no entanto, poderia confirmar o caráter pessoal e dinâmico da benzeção.

04 ENTREVISTADOS

01	Nome	Mário Braz da Luz				Tipo	Benzedor	
	Nascimento	02/02/1933	Sexo	M	Idade	80	Registro Sonoro Visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Filho de Arthur Camilo Silvério, Mestre de Folia de Reis e Capitão-mor do Congado.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

05 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA



Figura 2: Estrela de cinco pontas.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 3: Terço que Mário guarda consigo, para sua proteção, durante as benzeções.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA



Figura 4: Molho de medalhas.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA



Figura 5: Canivete para talhar cobreiro.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: Mário com plantas medicinais para os doentes.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Benzeção para cobreiro.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 8: Mão benzida.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA



Figura 9: Mário com a amlfofada de alinhar.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

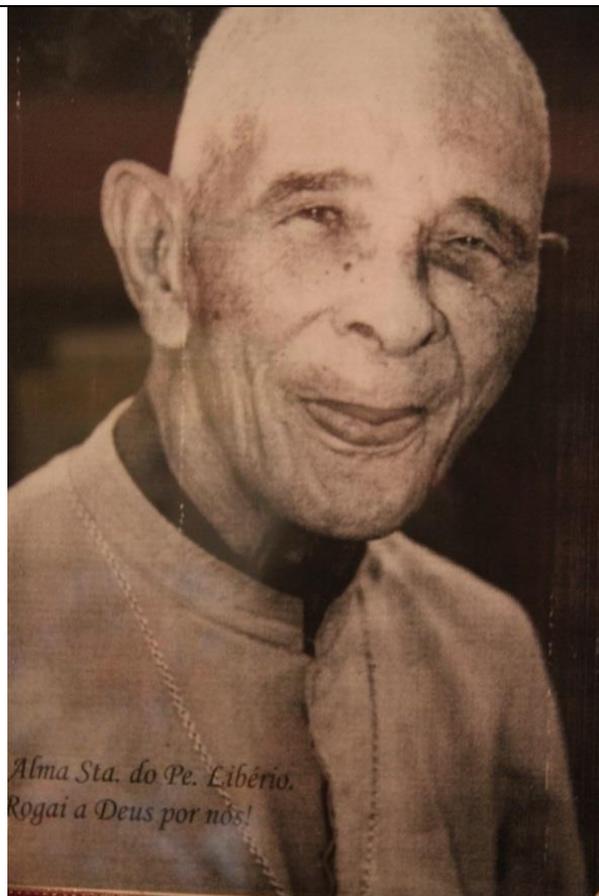


Figura 10: Retrato de Pe. Libério na parede da Casa Paterna.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

06 REFERÊNCIAS

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Assim se benze em Minas Gerais: um estudo sobre a cura através da palavra. 2.ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2004.

07 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura1:IPAC5003_CA_MBenz_mulher_LFreitas_04mai13 Figura 2: IPAC5003_CA_MBenz_estrela_LFreitas_09abr13 Figura 3: IPAC5003_CA_MBenz_terco_LFreitas_09abr13 Figura 4: IPAC5003_CA_MBenz_medalhas_LFreitas_09abr13 Figura 5: IPAC5003_CA_MBenz_canivete_LFreitas_4mai13; Figura 6: IPAC5003_CA_MBenz_plantasmedicinais_LFreitas_4mai13 Figura 7: IPAC5003_CA_MBenz_maobencao_LFreitas_4mai13 Figura 8: IPAC5003_CA_MBenz_mao_LFreitas_4mai13 Figura 9: IPAC5003_CA_MBenz_cosendo_LFreitas_09abr13 Figura 10: IPAC5003_CA_MBenz_PLibério_LFreitas_09abr13
Videos	Filme do Ministério da Cultura – Prêmio Cultura Popular (2010); REDE MINAS
Audio	IPAC5003_CA_Benzeção_Mario_LFreitas_09abr13; REDE MINAS; IPAC5003_CA_MBenz_MárioL_LFreitas_4mai13;

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

	IPAC5003_CA_MBenz_MárioII_LFreitas_4mai13; IPAC5003_CA_MBenz_MárioIII_LFreitas_4mai13; IPAC5003_CA_MBenz_MárioIV_LFreitas_4mai13; IPAC5003_CA_MBenz_MárioV_LFreitas_4mai13; IPAC5003_CA_MBenz_MárioVI_LFreitas_4mai13.
--	--

08 FICHA TÉCNICA		
Fotos	Leonardo Freitas.	
Vídeos	Rede Minas.	
Áudio	Leonardo Freitas, Rede Minas.	
Transcrição	Leonardo Freitas.	
Levantamento	Leonardo Freitas, Luis Mundim.	
Elaboração	Leonardo Augusto Silva de Freitas.	
Revisão	Carolina Dellamore, Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo.	30/01/2014 31/03/2014 20/05/2014
Observações		

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

01 IDENTIFICAÇÃO					
Denominação	CONCEIÇÃO NATALÍCIA – MESTRE			IPAC/MG	5004
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Mestre do Batuque - Dona Tetane.

Fonte: Acervo IEPHA/ Rede Minas.

02 INFORMAÇÕES SOBRE O MESTRE			
Apelidos ou como é conhecido(a)	Dona Tetane	Data de nascimento	03/08/1918
Local de nascimento	Fazenda Mata do Macuco, Caracóis – Esmeraldas/MG.		
Local de residência atual	Bairro Praia.		
Contatos	Comunidade dos Arturos.		
Habilitações escolares			
Não possui			
Profissão			
Dona Tetane sempre foi dona de casa e trabalhou na roça. Atualmente cuida das plantas do jardim e da horta que cultiva em seu quintal e de alguns afazeres domésticos que não exigem muito esforço.			
Dados biográficos relevantes			
De acordo com os historiadores Maria Cristina César e Wanderson Ka Ribas, no texto Patrimônio Imaterial – Mestres da Cultura Popular, publicado na <i>Revista Por dentro da História</i> em 2010, Conceição Natalícia, mais conhecida como Dona Tetane, nasceu em Esmeraldas – MG, em 3 de agosto de 1918. Primeira filha mulher de Arthur Camilo Silvério e Carmelinda Maria da Silva, fundadores da Comunidade dos Arturos,			

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

Dona Tetane nasceu e cresceu em uma família numerosa e de tradição festeira. É devota de Nossa Senhora do Rosário e acredita que a fé é que move toda a Comunidade dos Arturos e ajuda a manter as tradições vivas. Além de Mestre do Batuque, é a Rainha do Império do Congado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem.

Dona Tetane relata com simplicidade o que viveu e aprendeu ao longo de seus 95 anos de idade. Detentora de uma história que remete ao passado no qual o negro teve de fazer-se forte para superar as opressões da época, lembra que quando morava na Mata do Curiango ou Mata do Macuco, em Esmeraldas, não havia escolas para estudar. A vida se resumia em trabalhar na roça e ir à missa. Seu pai, não gostava que as filhas fossem à área urbana da cidade para passear ou dançar nos bailes da época. O que seus filhos podiam fazer era dançar batuque em família. E esse era o divertimento de Dona Tetane, que sempre o fez com prazer e sabedoria. Arthur Camilo levava os seus descendentes para as festas em que eram convidados e ensinava a todos como era a dança. Aos doze anos Dona Tetane já dominava o ritmo e os cantos dessa tradição. Desde cedo ele percebeu o interesse da filha e aos poucos foi lhe repassando os conhecimentos da dança, incumbindo-a de ensinar as meninas mais novas e preservar tudo da mesma forma que tinha aprendido.

Assim, a vida na fazenda onde morava se tornava prazerosa nas épocas de festas, pois podia cantar e dançar o Batuque. Dona Tetane recorda com detalhes de quando o pai ensinava os filhos e os vizinhos a dançarem o Batuque nas rodas de quermesses, casamentos e aniversários que ocorriam na região.

Ao mudar para Contagem, mesmo depois de casada, criando os oito filhos, encontrava tempo para dançar, cantar e ensinar o que havia aprendido com Arthur Camilo. Após a morte de seu pai, Dona Tetane continuou a repassar o saber para os membros mais jovens da Comunidade. Atualmente, após cerca de oitenta anos, ainda mantém vivas as tradições herdadas. Contudo, em seus relatos, lamenta que os jovens não se interessem pelo Batuque, tanto quanto os membros de primeira geração dos Arturos.

Nas palavras de Dona Tetane:

Quem sabia já morreu todas. Das que sabia dança, hoje existe só eu. As outras já morreu tudo. Quando nós era mais nova, nós dançava batuque até dia de semana assim que ele (Arthur Camillo) ensinava nós a dança. Agora, depois que ele morreu, nós fico tudo sem destino, é porque nós num sabe dançá né, mas nós dançava o batuque era com ele. Ele ensinava nós dançá, ensinava nós cantá. O Verso que era pra cantá no batuque ele ensinava, as moça cantava o verso e os homem cantava o batuque.

O Batuque tornou-se a paixão de Dona Tetane e ela é uma das maiores referências, tanto na Comunidade quanto no Estado de Minas Gerais. Desde a morte de Arthur Camilo, o Batuque sempre foi comandado por ela. É detentora do saber da dança e dos cantos e, ao longo dos anos, vem repassando os saberes para as novas gerações, mostrando aos mais jovens a importância de se preservar essa tradição difundida na Comunidade. Por isso Dona Tetane é considerada e reconhecida como Mestra do Batuque. Esse reconhecimento foi reforçado com o Prêmio Mestres da Cultura Popular - edição Humberto Maracanã recebido em 2008 e possibilitou a divulgação do seu saber em outros municípios e estados. Dona Tetane fala sobre a premiação que recebeu com satisfação:

Recebi um retrato meu no livro, contando a história do Batuque. Fiquei muito satisfeita uai, porque eu nunca tinha ganhado né, ganhei ele agora vou guardar com carinho. Tô perto de morrer, tem uma lembrança.

Geralmente, as pessoas interessadas em aprender sobre o Batuque recorrem à Dona Tetane, que não perde a oportunidade de ensinar e demonstrar seus conhecimentos sobre a dança e sobre a necessidade de

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

preservar os ensinamentos aprendidos.

O Batuque guarda muitos saberes e tradições, mas é principalmente um momento de confraternização dos familiares, e geralmente acontece em festas de aniversário e casamentos dos membros da Comunidade dos Arturos. Os praticantes se reúnem, cantam e tocam, e a dança é geralmente em forma de roda ou em grupo de quatro pessoas.

O comando da cantiga é feito pelo violeiro, que puxa o grupo de participantes. O tirador toca a viola e acompanha. Segundo Dona Tetane, o Batuque tem que ter o violeiro “certo” que toca “direito” para que a dança aconteça. Ela preocupa-se em preservar junto aos familiares todos os cantos e ritmos da dança tal como lhe foi ensinado.

Quando papai era vivo, nós brincava muito, mas depois que ele morreu nós ficô sem gosto pra brincá, e um casô foi prum lado, otro casô, foi pro outro, separô tudo né, ficô ruim. Quando morava tudo perto era bom, todo mundo gostava, falava todo mundo vinha. Agora não né?! Uns gosta do Batuque, outros gosta do baile, outros gosta de outras coisa né. Quem gosta do batuque mesmo é só nós mais velho.

Por meio dos relatos de Dona Tetane, percebe-se uma grande preocupação de que a manifestação se perca. Os mais jovens não demonstram o mesmo interesse em praticar a tradição. Seus depoimentos revelam que o Batuque é de fato um resgate da tradição e da união da família. Para ela, o Batuque traz a recordação do prazer e da emoção vivenciados nos momento de festas em família quando os membros que já morreram, como seus irmãos e seus pais, se faziam presentes fisicamente. Além disso, é um momento de comemorar, festejar, descontrair e confraternizar em família, trazendo alegria aos membros, principalmente aos mais antigos.

Por guardar tantos saberes e promover a integração da família, esta tradição deve ser preservada. Através da história de vida de Dona Tetane, podem-se resgatar importantes aspectos da própria história do Batuque, memória que em certo ponto se cruzam e se confundem.

03 | RELAÇÃO DA PESSOA COM MANIFESTAÇÕES DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

É a principal referência da Comunidade no Batuque. Detentora desse saber tem ao longo dos anos, passado para as novas gerações o conhecimento e prática do canto e da dança do Batuque, mostrando aos mais jovens a importância de se preservar essa tradição que ela traz desde seu pai Arthur Camilo. Por isso é considerada e reconhecida na Comunidade como Mestre do Batuque. Esse reconhecimento recebeu um reforço com o Prêmio Mestres da Cultura Popular - edição Humerto Maracanã recebido em 2008 e possibilitou a divulgação do seu saber em outras cidades e estados.

RESUMO DAS INFORMAÇÕES CEDIDAS

Dona Tetane (Conceição Natalícia), nasceu em Esmeraldas em 3 de agosto de 1918. Filha mais velha de Arthur Camilo dos Santos e Carmelinda Maria da Silva. Além de Mestre do Batuque, Dona Tetane é a Rainha Perpétua do Congado da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem, Comunidade dos Arturos. Através de sua história de vida, é possível remeter-se a um passado onde o negro sofria grandes dificuldades em uma sociedade preconceituosa e opressora. Aprendeu o batuque com o pai aos oito anos. Após a morte de Arthur Camilo, Dona Tetane se encarregou de passar seus conhecimentos sobre o Batuque para que tal tradição não seja perdida na Comunidade. Conceição Natalícia criou oito filhos com dificuldade, e mesmo assim sempre encontrou tempo para praticar o Batuque. Hoje, com 95 anos de idade, se ocupa com sua horta.

04 | ENTREVISTADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

01	Nome	Conceição Natalícia – Dona Tetante				Tipo	Mestra do Batuque	
	Nascimento	03/08/1918	Sexo	F	Idade	95	Registro Sonoro Visual	
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).								
Mestra do Batuque, Rainha do Império e filha mais velha do casal Arthur Camilo e Carmelinda								
Contato		Comunidade dos Arturos						

05 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 2: Dona Tetane na Festa do João do Mato 2012.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 3: Dona Tetane na Festa do Rosário 2013.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 4: Dona Tetane entre os capinadores da Festa do João do Mato.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 5: Dona Tetane. Sr. Mário e Sr. Antônio.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA



Figura 6: Tocadores e Cantadores do Batuque na Casa da Cultura de Contagem.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: Dança do Batuque no Cine Teatro de Contagem.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

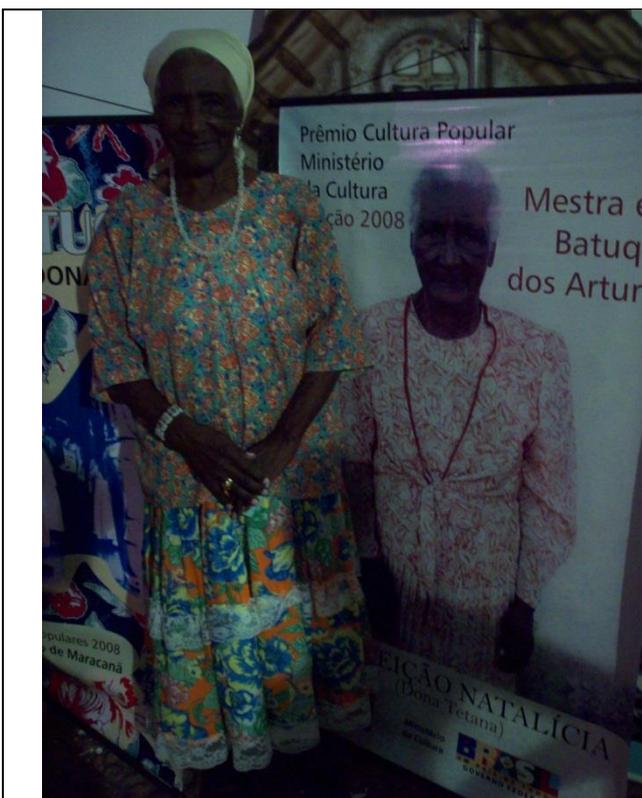


Figura 8: Dona Tetane – Mestre do Batuque na Casa da Cultura de Contagem.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 9: Dona Tetane – Mestre do Batuque – Cine Teatro de Contagem.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

06 REFERÊNCIAS

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Negras Raízes Mineiras: os Arturos*. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2000.

COITO, Roselene de Fátima. *Batuque: a identidade nos corpos*. Maringá, v. 30, n. 2, p. 221-224, 2008.

PRÊMIO Mestres da Cultura Popular - edição Humberto Maracanã. Formulário de Inscrição de D.Tetane. 2008. (mimeo).

CESAR, Maria Cristina; RIBAS, Wanderson Ka. *Patrimônio Imaterial: mestres da cultura popular*. Revista de Educação Patrimonial *Por Dentro da História*, Contagem, Ano 2, Nº3, ago 2010.

SILVA, Conceição Natalícia da – Dona Tetane. *Comunidade dos Arturos*. Contagem: *Inventário Para Fins de Registro da Comunidade dos Arturos – IEPHA/MG e REDE MINAS*. Entrevista concedida em 23 de agosto de 2013. 38'16" – 50'20".

07 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC5004_CArturos_MDTetane_RMinas Figura 2: IPAC4990_CArturos_JMato_9dez12 (23) Figura 3: IPAC4988_CArturos_FRosario_LFreitas_6out13 (156) Figura 4: IPAC4990_CArturos_JMato_9dez12 (177) Figura 5: IPAC4996_CArturos_Batuq_29jun13 (7) Figura 6: IPAC5004_CArturos_MDTetane_WRibas_26_mar_09 Figura 7: IPAC5004_CArturos_MDTetane_WRibas_24_abr_09 Figura 8: IPAC4996_CArturos_Batuq_Tetane1_WRibas_26_mai_09 Figura 9: IPAC4996_CArturos_Batuq_Tetane2_WRibas_24_abr_09
Videos	Bruto_Benze_Batuque_IEPHA_2013
Audio	Bruto_Benze_Batuque_IEPHA_2013

08 FICHA TÉCNICA

Fotos	Carolina Dellamore, Isabela Oliveira, Luiz Rodrigo.	
Vídeos	Rede de Minas.	23/08/2013
Áudio	Rede de Minas.	
Transcrição	Isabela Oliveira.	
Levantamento	Carolina Dellamore, Isabela Oliveira, Jorge Antônio dos Santos, Paulo Ricardo Silva Rodrigues.	
Elaboração	Carolina Dellamore, Isabela Oliveira, Paulo Ricardo Silva Rodrigues.	
Revisão	Carolina Dellamore, Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo.	31/03/2014 26/05/2014

Observações

Essa ficha foi elaborada principalmente a partir de informações coletadas para inscrição de Dona Tetane no Prêmio Mestres da Cultura Popular - edição Humberto Maracanã, em 2008.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

01	IDENTIFICAÇÃO				
Denominação	ANTÔNIO MARIA DA SILVA – MESTRE			IPAC/MG	5005
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Mestre e Capitão Regente “Seu” Antônio.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

02	INFORMAÇÕES SOBRE O MESTRE			
Apelidos ou como é conhecido(a)	Seu Antônio	Data de nascimento	28/07/1935	
Local de nascimento	Fazenda Mata do Macuco, Caracóis – Esmeraldas/MG.			
Local de residência atual	Comunidade dos Arturos			
Contatos	Comunidade dos Arturos			
Habilitações escolares	Antigo 2º ano do Ensino Fundamental.			
Profissão	<p>“Seu” Antônio trabalhou em lavouras de diversas fazendas da região de Contagem e Esmeraldas e foi tropeiro durante muitos anos. Seu último trabalho fora da comunidade foi em um frigorífico/matadouro, onde permaneceu durante aproximadamente 30 anos até se aposentar. É Mestre da Folia de Reis e Capitão Regente do Reinado, além de tocador no Batuque.</p>			
Dados biográficos relevantes	<p>Nascido na Fazenda do Macuco, em 28 de julho de 1935, Seu Antônio se mudou aos 12 anos para a região onde a Comunidade está estabelecida. O patriarca da família, Arthur Camilo Silvério era um pai rígido e,</p>			

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

segundo “Seu” Antônio, ensinou todos os filhos a trabalhar. Os homens na lavoura e as mulheres nas plantações de feijão, na colheita do café e na preparação do algodão para produção de vestimentas. “Seu” Antônio se lembra de como trabalhava quando era criança e como a vida era diferente. Seu Antônio afirma que foi assim que sobreviveram, trabalhando e plantando, inclusive para consumo próprio. Morando na Comunidade, começou a trabalhar nas fazendas próximas. “Seu” Antônio apresenta muito gosto pelo trabalho e ressalta isso a todo tempo.

Segundo relatos de familiares, quando “Seu” Antônio trabalhava na lavoura, se houvesse alguma terreno não utilizada dentro da fazenda, ele pedia para plantar nessa área. Durante a semana cuidava da plantação, e nos finais de semana, fazia mutirão com seus familiares para colheita. Com isso “Seu” Antônio sustentava a família. Ele criava galinhas, gado e suínos dentro da Comunidade e gostava de ver as pessoas trabalhando, plantando e colhendo. Não pensava em lucro.

Casou-se com aproximadamente 20 anos, o que corresponde ao ano de 1955, na Igreja de São Gonçalo e hoje é viúvo. O nome de sua esposa era Aparecida Luciana da Silva. Segundo “Seu” Antônio, ela trabalhava na fazenda próxima à comunidade. A primeira vez que foi visitar a esposa, para conhecê-la, ficou “sem jeito”, pois o único par de sapatos que tinha, estava com um dos pés furado. “Seu” Antônio lembra com humor que para não ir encontrá-la com o sapato furado, enrolou um pano no pé e fingiu que estava machucado. Tiveram oito filhos, sendo dois homens e seis mulheres, atualmente possui vinte netos e oito bisnetos.

“Seu” Antônio participa das festas de Congado de Contagem desde que era criança, mas, lembra que ia pouco às festividades, pois tinha muito medo de foguetes. Porém, acabou sendo escolhido como Capitão para tomar frente das guardas pelo pai e por José Aristides Sales, que segundo “Seu” Antônio, formou muitas guardas em Contagem e em Belo Horizonte. O Mestre e Capitão se lembra do preconceito que sofreram e ainda sofrem. Um preconceito que parece ser camuflado de acordo com seu entendimento.

[...] Quando papai morreu nós ficamos com uma dificuldade medonha, medonha... Nós foi muito humilhado nessa Contagem aqui, até ovo eles jogaram em nós aí. E eu fui lutando, lutando, lutando... Depois destruiu a Igreja de Nossa Senhora do Rosário nossa lá. Era coisa antiga de Contagem que foi os escravo que fez. [...]. (Seu Antônio)

“Seu” Antônio formou a guarda de Congo, mas continuou dançando e atuando também na guarda de Moçambique. Segundo ele, o valor da Festa de Nossa Senhora do Rosário e do Congado deve ser passado para as futuras gerações. E sua função é passar o significado das tradições do Reinado, da dança, do canto, do Congado, entre outros saberes para toda a comunidade. “Seu” Antônio se diz iluminado por Deus e abençoado por Nossa Senhora do Rosário, por ter essa posição dentro da comunidade e no Congado. Os integrantes das Guardas devem respeitar o Mestre, cantando e fazendo reverência à ele.

Segundo “Seu” Antônio, desde criança foram colocando ele na frente da guarda para dançar e com isso foi ganhando conhecimento, experiência e “tomando conta da guarda”, se tornando o Mestre. Para “Seu” Antônio, para ser um bom capitão e um bom Mestre, tem que ter boa vontade e dançar pra Nossa Senhora do Rosário: *“aquele que dança pra Senhora do Rosário, e tem fé e tem amor, ele tem tudo”*. Na dança, o movimento que o Capitão faz, conduz a guarda. A dança existe em função da herança sagrada que é revivida através dos desdobramentos do corpo.

[...] Eles dançam porque creem em Nossa Senhora do Rosário, porque a alegria e a dor foram também eleitas como um legado dos antepassados. [...]

[...] Os diferentes corpos são nomeados pela força dos movimentos que exprimem e formam a unidade das guardas de Congo e Moçambique; a primeira, seguindo adiante, abre caminho

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

pra que a potência da segunda preencha, com o suor dos corpos e a sonoridade das gungas, o espaço que se vai abrindo numa espécie de outro corpo a ser ocupado pelos movimentos dos dançantes. [...]. (GOMES, PEREIRA, 2000, p. 405).

“Seu” Antônio é considerado Mestre de todas as manifestações e tradições praticadas pelos Arturos. Além do Reinado, “Seu” Antônio tem grande importância em outras manifestações como na Folia de Reis, na Festa do João do Mato, no Batuque e no Candombe, que acontecem na comunidade.

A Folia de Reis relembra a jornada dos Reis Magos, a partir do momento em que eles recebem a notícia do nascimento de Messias, até o momento em que encontram o filho de Deus na Lapinha. A festa faz parte do ciclo natalino, onde o cortejo dos foliões desfila cantando pelas ruas da Comunidade e visitando residências. “Seu” Antônio sempre acompanha a Folia, e é considerado o Mestre da Folia. Ele tocava viola e cantava, hoje ainda faz a adoração e canta na Folia.

Já o Batuque acontece nas festas que reúnem os familiares em dias de aniversários ou casamentos. No Batuque “Seu” Antônio dançava e tocava a viola, atualmente ele acompanha cantando junto com sua irmã Conceição Natalícia, a Dona Tetante, as cantigas que aprendeu com seu pai Arthur Camilo.

O Candombe é uma cerimônia tida como relíquia do Reinado, segundo “Seu” Antônio. O candombe abre o Reinado de nossa Senhora “... É o Pai de tudo...”. Caracteriza-se pela presença de três tambores sagrados cujos toques conduzem o canto e a dança. “Seu” Antônio diz que esses tambores devem ser preservados e não devem ser levados para as festas da rua. Os integrantes que tocam os tambores devem zelar por eles. No Candombe, “Seu” Antônio também é mestre e capitão. Ele “puxa” os pontos fazendo louvor para que os demais integrantes lhe sigam, transmitindo, desta forma, seu conhecimento para que entendam o que é o Candombe, e sua importância. De acordo com “Seu” Antônio, o Candombe, o Moçambique e o Congo representam a Santíssima Trindade. Pai, Filho e Espírito Santo, respectivamente.

“Seu” Antônio é uma pessoa de muita fé e preza pela tradição e união da Comunidade. Para ele, os valores passados por seu pai estão se perdendo. A vida em comunidade e a identidade com o lugar estão cada vez mais distantes. Ele teme que a tradição passada por seu pai acabe. “Seu” Antônio é uma figura de grande importância na Comunidade. Nos últimos anos, teve alguns problemas de saúde e isso fez com que ficasse com limitações para andar. Hoje, consegue se locomover apenas através de andador ou cadeira de rodas. No entanto, mesmo com as limitações, continua participando das celebrações e comemorações da Comunidade, prezando pela continuidade da tradição. Ele se veste de acordo com a festa, e cumpre seu papel de Mestre e Capitão Regente, dependendo da comemoração.

03 RELAÇÃO DA PESSOA COM MANIFESTAÇÕES DE PATRIMÔNIO IMATERIAL

“Seu” Antônio é Mestre em praticamente todas as manifestações da tradição que ocorrem na Comunidade. Formou a guarda de Congo dos Arturos e tomou frente das guardas, quando seu irmão Geraldo Arthur Camilo passou a ser Rei do Congo do Estado de Minas Gerais. No Reinado, ele determina tudo o que vai acontecer nas festas e comemorações, e quem está apto a tornar-se capitão nas guardas, de acordo com a trajetória. Tem a responsabilidade de formar os capitães, pela sua sabedoria e experiência. Detentor do conhecimento sobre a tradição dos Arturos, ele transmite as orientações para os demais membros da Comunidade, nas manifestações e comemorações. É Mestre da Folia de Reis, ensinando aos demais os cantos e a importância da adoração ao menino Jesus. Do Batuque carrega a memória da infância presentes nas cantigas aprendidas com seu pai, fundador da Comunidade.

RESUMO DAS INFORMAÇÕES CEDIDAS

Filho de Arthur Camilo, “Seu” Antônio veio morar na região Domingos Pereira, hoje conhecida como “Comunidade dos Arturos” quando ainda era criança. Foi se tornando Capitão Regente e Mestre na medida em que participava do Congado, assumindo também o papel de seu irmão Geraldo que era Mestre e Capitão

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

Regente do Congado dos Arturos, antes de se tornar Rei Congo do Estado de Minas Gerais. E como um Arturo de primeira geração tem grande conhecimento e sabedoria sobre as tradições antes praticadas por seu pai.

“Meu pai dava a força do inxemplo pra nós. Pra trabaiá e pra dançá. Ele pedia nós pra continuá com a festa, de qualqué forma. Até quando ele adoeceu. Nós interrô ele, mas num interrô a festa do Rosaro. E ele fica com nós. Quando eu canto, vejo ele me olhano, satisfeito, igual quando ele cantava. Aí eu pulo e danço...Nossa Senhora! E eu e ele! Que força que ele dá pra nós!” Antônio Maria da Silva (GOMES, PEREIRA, 2000 p. 434).

“Seu” Antônio, formou a guarda de Congo da Comunidade e atualmente, é considerado Mestre de praticamente todas as manifestações e tradições praticadas pelos Arturos. Foi casado com Aparecida Luciana da Silva e tiveram 8 filhos. Ficou viúvo e hoje tem vinte netos e oito bisnetos. Trabalhou muito durante toda a vida, em lavouras das fazendas próximas à comunidade e também em um frigorífico, onde se aposentou. Aprendeu a trabalhar com o pai, assim como os irmãos e valoriza o ato de plantar e colher, retirando da terra o próprio sustento. Teve alguns problemas de saúde e hoje tem limitações para andar, se locomovendo apenas com andador ou cadeira de rodas. Faz questão de participar das comemorações da Comunidade, prezando pela continuidade da tradição, mesmo com suas limitações. Ele se veste de acordo com a festa, e cumpre seu papel na comemoração/festa, sendo respeitado por todos. “Seu” Antônio teme que a tradição passada por seu pai acabe. Prega que a tradição é que faz com que a união da comunidade permaneça, e que, portanto, essa tradição não pode se perder. É a fé e a tradição que mantém viva a comunidade reforçada e repassada por mestres como “Seu” Antônio.

04	ENTREVISTADOS					
01	Nome	Antônio Maria da Silva			Tipo	Mestre de Congado/ Folia de Reis
	Nascimento	28/07/1935	Sexo	M	Idade	78
					Registro Sonoro Visual	
	Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber).					
	Capitão Regente da Comunidade, Benzedor e Mestre de Folia de Reis.					
	Contato	Comunidade dos Arturos				

05	DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA	
		
Figura 2: Saudação ao Capitão Regente “Seu” Antônio. Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.	Figura 3: “Seu” Antônio durante a Folia de Reis, 2013. Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA



Figura 4: “Seu” Antônio durante a Festa do João do Mato, 2012.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 5: Capitão Regente “Seu” Antônio, durante a Festa do Rosário, 2013.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 6: “Seu” Antônio ao lado de D. Tetane, durante do Candombe, 2012.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 7: “Seu” Antônio.

Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA



Figura 8: “Seu” Antônio na Festa do Rosário, 2011.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.



Figura 9: Cumprimento de guarda visitante – Festa do Rosário, 2011.
Fonte: Acervo IEPHA/ Casa da Cultura.

06 REFERÊNCIAS

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negras Raízes Mineiras: os Arturos. 2 ed. Belo Horizonte: Mazza, 2000.

07 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC4988_CARTuros_FRosario_LFreitas_7out13 (18) Figura 2: IPAC4988_CARTuros_FRosario_LFreitas_6out13 (133) Figura 3: IPAC4991_CARTuros_FReis_CDellam_6jan13 (18) Figura 4: IPAC4990_CARTuros_JMato_9dez12 (11) Figura 5: IPAC4988_CARTuros_FRosario_LFreitas_7out13 (15) Figura 6: IPAC4992_CARTuros_Cand_LToledo_07abr12 (37) Figura 7: IPAC5001_CARTuros_Benz_LFreitas_10abr13 Figura 8: IPAC5005_CARTuros_Anto_CDellam_09out11 Figura 9: IPAC5005_CARTuros_Anto_CDellam_09out11
Videos	
Audio	

08 FICHA TÉCNICA

Fotos	Carolina Dellamore.	
Vídeos	Isabela Oliveira.	
Áudio	Isabela Oliveira.	
Transcrição	Isabela Oliveira.	
Levantamento	Carolina Dellamore, Isabela Oliveira, Jorge Antônio dos Santos.	09/10/2013 14/10/2013
Elaboração	Isabela Oliveira.	09/10/2013 14/10/2013
Revisão	Carolina Dellamore, João Batista da Luz , Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim.	31/01/2014 31/03/2014

Observações

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

MESTRES - PESSOA

--

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES E OFÍCIOS

01 IDENTIFICAÇÃO

Denominação	CONSTRUÇÃO DE TAMBORES – COMUNIDADE DOS ARTUROS			IPAC/MG	5002
Município/s	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23k	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Tambores utilizados na Festa do Rosário, Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

Categoria						
Âmbito/Tema	Ofícios/ Modo de Fazer		Datas			
Tipologia da Atividade	Instrumento de percussão	Anual	Periódica	Mensal	Contínua	Cada X anos
Denominação	Tambores do Congado				X	
Outras denominações	Caixa		Nível de integração			
		Comunidade		Oficial		Intercomunitária
Descrição da Periodicidade						
A Comunidade dos Arturos constrói e dá manutenção nos tambores ao longo de todo ano, entretanto, essa atividade se intensifica nos períodos que antecedem a Festa da Abolição, em maio e a Festa de Nossa Senhora do Rosário, em outubro. Além disso, os detentores desse saber realizam oficinas de construção de tambores com outras irmandades que não carregam essa tradição.						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES E OFÍCIOS

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

Os tambores são instrumentos de percussão compostos por uma membrana esticada geralmente sobre um suporte de madeira, que é golpeada para sua ressonância. Os tambores se formaram, desde tempos longínquos, como instrumentos rituais e musicais em inúmeras culturas, e são considerados sagrados na maioria dos casos. Geralmente são utilizados em momentos festivos e ritualísticos, quase sempre para a comunicação e interação entre indivíduos e/ou para invocações de antepassados ou divindades.

Aos tambores dos Arturos também é atribuído sentido sagrado, possuindo grande importância na celebração dos ritos da Comunidade. Neles é empregada a responsabilidade de manter a memória do período da escravidão, do sofrimento e resistência dos antepassados que viveram em cativeiro.

A crença na sacralidade dos tambores presentes na Comunidade está associada ao sentido mágico de comunicação dos ancestrais africanos com os seus descendentes e ao mito de aparição de Nossa Senhora do Rosário. Nessa narrativa os tambores estão na base do mito fundante da devoção à Nossa Senhora do Rosário. Segundo a lenda, o som dos tambores tocados pelos escravos negros atraiu a santa e a fez sair de dentro das águas:

Primeiro, um grupo de Congo, formado pelos mais jovens, vai à praia e dança e canta para a santa, motivado por ritmos de andamento mais rápido, provocando um leve movimento na imagem. Em seguida, o Moçambique, de negros mais velhos, se aproxima tocando os Candombes com seus ritmos mais lentos e, devagar, atrai a santa até a praia. Ela então senta-se no 3 tambor maior e é conduzida até a capelinha construída por eles para abrigá-la. (LUCAS, 1999, p. 2)

Na Comunidade dos Arturos os tambores são utilizados em todas as cerimônias. Geraldo Artur Camilo, falecido Rei Congo do Estado de Minas Gerais e filho de Arthur Camilo, narrou, em entrevista, alguns indícios da construção dos tambores. Segundo ele os negros estavam pensando como iriam remover a Santa do mar:

- Ah, mas cumé que nós vai arrumá?
- Ah, tem aquele pau ali – tá curado, né? – nós põe um pedaço de coro ali no tampo dele e nós vão batê, cantandonossa language. As vez – quem sabe? – e nós vão fazê nossas oração, leva nossos terço de conta de lagrima (Eles fazia o terço era de noite: a hora que tava descansando eles tava fazeno). (PEREIRA e GOMES, 2000, p.286)

Após esse momento os negros buscaram a Imagem e a depositaram na capela do Rosário.

Nos Arturos, a representação dos três tambores utilizados na retirada de Nossa Senhora do Rosário das águas, são utilizados no ritual de Candombe e chamados de: Santana, Santaninha e Jeremias. À sua construção é atribuída uma estrutura atemporal, considerando que sua confecção tenha sido feita por seus ancestrais africanos no período da escravidão. Por isso, estes tambores só podem ser tocados nos “cantos à Nossa Senhora”.

Os demais tambores são confeccionados pelos próprios integrantes da Comunidade. São utilizados pelas guardas de Congo e Moçambique e também tem conotação sagrada, sendo tocados, preferencialmente, nas festas da Comunidade, tais como : Festa de Nossa Senhora do Rosário, Festa da Abolição e Festa do João do Mato.

A tradição de construção dos tambores é antiga na Comunidade dos Arturos e se perde nos anos,

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES E OFÍCIOS

sendo repassada de geração em geração. Muito enfatizam o papel do Raimundo Afonso da Luz que detinha amplo conhecimento sobre a construção dos tambores.

03 DESCRIÇÃO

Extensão da Atividade na Região

A construção dos tambores na Comunidade dos Arturos é feita apenas por aqueles que detêm o conhecimento para tal. Atualmente 06 (seis) membros com diferentes funções na comunidade são os responsáveis pela manutenção e construção dos tambores. Além dos tambores da Comunidade, eles constroem e fazem a manutenção para outras guardas de Minas Gerais e realizam oficinas com outros congadeiros.

Procedimentos Técnicos Básicos

O compensado flexível é colocado diante de um tronco, fixado sobre a mesa para formação do diâmetro da caixa do tambor. Para isso, o compensado tem uma pequena parte cortada para colar e pregar o suporte (que também é feito de compensado flexível), onde é possível fechar o diâmetro de uma caixa de tambor. As tiras de couro são cortadas para fazer as orelhas, que posteriormente darão afinação ao tambor. Para reforçar a caixa, é colocada uma tira de compensado no lado interno para que o mesmo agüente a fixação do couro. Enquanto isso o couro é deixado na água por 50 minutos para que amoleça e seja possível costurá-lo no arco feito de cipó São João. Após a costura, o excesso é retirado e o arco é colocado na caixa. Posteriormente é feita uma tira externa de compensado reforçada para fixação do couro na caixa, essa tira reforçada é onde também é fixado o estalabarte. Realizados esses procedimentos, é feito o acordoamento da caixa e a mesma é colocada ao sol para secar o couro.

Transformações e Permanências

Inicialmente o tambor era construído de madeira mais resistente, chamada madeira de lei. Era feita a retirada do conteúdo interno dessas madeiras até se formar uma espécie de oco. As madeiras utilizadas eram de árvores como Braúna e Pau Ferro. Com o tempo essa madeira foi substituída pelo compensado por ser mais flexível e fácil de encontrar. A forma de lidar com o couro dos animais utilizado para revestimento do tambor para o trançamento também mudou. Antes o couro era retirado de novilhas e cabras e tratado na própria Comunidade. O pelo era raspado com caco de vidro e colocado para secar ao sol. Atualmente substituíram pelo couro industrializado, advindo de cabras e novilhas, mas que já vem devidamente limpo e tratado. A permanência observada é em relação ao cipó São João e ao azeite de Dendê, considerados elementos essenciais para a produção dos tambores.

O modo de fazer o tambor dos Arturos passou por uma transformação na parte metodológica, após a comunidade ter participado de um curso de construção de tambores para congado fornecido pela Secretaria Estadual de Cultura através de um recurso do Fundo de Amparo ao Trabalhador. O curso foi ministrado pelo Seu Antônio Ciriaco, Mestre da Guarda de Congado dos Ciriacos de Contagem, que ensinou novas técnicas ao grupo. A partir disso, houve um sincretismo do saber tradicional dos Arturos com os conhecimentos do Seu Antônio. Ao longo do tempo, o atual responsável pela construção dos tambores Jorge Antônio, também agregou novas maneiras e técnicas a produção.

Espaços/ Ateliê

Direção

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES E OFÍCIOS

Os principais responsáveis pelo ofício são: o capitão Jorge Antônio dos Santos (Quim) e Carlos Antônio da Luz (Dunga). Jorge Antônio realiza ainda oficinas de construção dos instrumentos para pessoas de outras irmandades e para a comunidade interessada em geral.

Descrição

O local onde são construídos os tambores está instalado em uma área retangular coberta, anexa à casa paterna, lugar onde viveu Arthur Camilo Silvério, patriarca da Comunidade e onde atualmente é a residência do Sr. Mário Braz da Luz, Capitão-Mor dos Arturos. O lugar também é chamado de galpão pelos membros da Comunidade e é estruturado por pilares que apoiam a estrutura do telhado, feito com vigas de madeira e telhas de fibrocimento. O chão é composto por cimento fino e todo o ambiente é estruturado através de bases de tijolos. O local possui mesas de ardósia que servem de apoio para a construção dos tambores, bancos de madeira de diversas tipologias, é pintado em tinta a base de água na cor azul e possui um telefone público. O local também serve de refeitório durante as festas religiosas da Comunidade. Sua parte frontal possui dois passa pratos, um balcão para colocar a comida e um tanque na extrema direita. Ao fundo, já posterior à área se tem uma espécie de arquibancada feita em troncos e tábua de madeira, um gramado a céu aberto com uma área de concreto em seu entorno, onde os tambores são colocados para secar após a pintura.

Fontes de Energia

Tipo	Descrição	Variedades	Uso	Custos
Humana	Montagem			Sem Custo
Elétrica	Aparelhos		Furadeira	Variável

Matérias Primas

Compensado

Descrição	Painel multilaminado em madeira que tem como característica a ausência de nós em sua superfície.
Procedência	Sem ref.
Forma de Aquisição	Comprados em madeireiras de Contagem e Região Metropolitana
Uso	Utilizados pra a formação das caixas do tambor.
Custo	Aprox. R\$ 70,00
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.

Couro Industrializado

Descrição	Pele animal que passou por processos de limpeza, de estabilização (dada pelo curtimento) e de acabamento.
Procedência	Pele de animais.
Forma de Aquisição	Encontrado em lojas especializadas em materiais de couro.
Uso	Utilizado para a formação das caixas de tambor e percussão.
Custo	Aprox. R\$ 70,00.
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.

Cipó São João

Descrição	Trepadeira muito utilizada na decoração das festividades de todo o Brasil.
Procedência	Encontrado nas matas do entorno da Comunidade. O cipó São-João é uma planta comum encontrada nas matas da região sudeste.
Forma de Aquisição	É preciso entrar nas matas para retirar o Cipó.
Uso	Utilizado para fazer as amarrações e arcos do instrumento.
Custo	Sem custo.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES E OFÍCIOS

Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.
Cola de madeira Cascorez	
Descrição	A cola de madeira Cascorez é um adesivo à base de PVA, desenvolvido para reparos e consertos de móveis de madeira, tacos e parquetes. Indicado também para colagens rápidas e firmes de chapas, buchas, encaixes de peças em madeira, papéis e papelão.
Procedência	Poliacetato de Vinila (PVA) em Dispersão Aquosa.
Forma de Aquisição	Encontrada em madeireiras e lojas de material de construção.
Uso	Utilizada para fazer a colagem do compensado para a formação das caixas do tambor.
Custo	Aprox. R\$ 58,00.
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.
Prego	
Descrição	Haste de metal com um ponta afiada e a outra achatada utilizada para unir objetos.
Procedência	Sem ref.
Forma de Aquisição	Encontrado em madeireiras e lojas de material de construção.
Uso	Utilizados para unir as duas extremidades do compensado dando a forma cilíndrica ao instrumento.
Custo	R\$ 3,00 o vidro.
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.
Azeite de dendê sem sal	
Descrição	A utilização do óleo é uma medida de prevenção da qualidade do couro, aumentando a sua durabilidade.
Procedência	O óleo é produzido a partir do fruto da palmeira.
Forma de Aquisição	Comprado no mercado central ou através de um fornecedor baiano do produto.
Uso	Utilizados para lubrificar o couro antes e após a construção dos instrumentos.
Custo	R\$ 3,00 o vidro.
Período de Obtenção	Pedido por encomenda pela comunidade de acordo com suas necessidades.
Linha Encerada	
Descrição	Linha mais resistente utilizada para costurar o couro no arco feito de Cipó São-João.
Procedência	Linha com uma espessura maior utilizadas para costura.
Forma de Aquisição	Encontrado em lojas especializadas em artigos de costura.
Uso	Utilizada para fazer o trançamento dos tambores.
Custo	Aprox. R\$ 6,00.
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.
Instrumentos/ Ferramentas	
Serrote	
Descrição	Ferramenta de corte que consiste em uma lâmina larga com dentes afiados e travados, usado para serrar a madeira.
Procedência	Sem Ref.
Forma de Aquisição	Encontrado em lojas de materiais de construção e madeireiras.
Uso	Utilizado para cortar as madeiras.
Custo	Variável.
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.
Estilete	
Descrição	Objeto que possui uma lâmina retrátil e regulável, usado para cortes precisos.
Procedência	Sem Ref.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS						SABERES E OFÍCIOS				
Forma de Aquisição	Encontrado em lojas de materiais de construção.									
Uso	Utilizado para cortar o couro e montagem do talabarte.									
Custo	Variável.									
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.									
Vazador de Couro										
Descrição	Ferramenta de metal em formato cilíndrico com uma cavidade oca na parte superior.									
Procedência	Sem Ref.									
Forma de Aquisição	Encontrado em lojas de materiais de construção.									
Uso	Instrumento utilizado para furar o couro para colocar arrebites.									
Custo	Variável.									
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.									
Arrebites										
Descrição	Fixador mecânico metálico, semipermanente.									
Procedência	Sem Ref.									
Forma de Aquisição	Encontrado em lojas de materiais de construção.									
Uso	Utilizados para arrebitear as orelhas de couro.									
Custo	Variável.									
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.									
Aglha de sapateiro										
Descrição	Haste fina de aço, afiada de um lado e com um orifício, pelo qual se introduz a linha de outro.									
Procedência	Sem Ref.									
Forma de Aquisição	Encontrado em lojas especializadas em materiais de couro.									
Uso	Utilizado para costurar o couro no cipó.									
Custo	Variável.									
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.									
Martelo										
Descrição	Ferramenta usada na indústria para se golpear objetos.									
Procedência	Sem Ref.									
Forma de Aquisição	Encontrado em lojas de materiais de construção e madeiras.									
Uso	Utilizados para pregar os reforços do compensado.									
Custo	Variável.									
Período de Obtenção	De acordo com a necessidade.									
Produtos Obtidos										
Tambor										
Descrição	Instrumento de percussão utilizado nas festas religiosas.									
Quantidade e Volume	Variável.									
Uso	Exclusivo para as festas religiosas									
Valor Médio (R\$)	Variável.									
Data de Início										
Distribuição e Comercialização										
Forma	Direta									
Lugar	Oficina									
Âmbito	Local	X	Municipal	X	Estadual	X	Nacional	X	Internacional	X

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES E OFÍCIOS

04 ELEMENTOS RELACIONADOS				
Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC
Comunidade dos Arturos	Comunidade tradicional	Lugar		5100
Candombe	-	Celebrações	Catolicismo popular	4992
Reinado	-	Celebrações	Catolicismo Popular	4997
Santana	Instrumento Ritual	Bem Móvel	-	-
Santaninha	Instrumento Ritual	Bem Móvel	-	-
Jeremias	Instrumento Ritual	Bem Móvel	-	-
Festa de N. Sra. do Rosário	Festa Religiosa	Celebrações	Catolicismo Popular	4988
Festa da Abolição	Festa Cívica	Celebrações	-	4989
Festa de João do Mato	Rito Agrário	Celebrações	-	4990
Guardas do Congo	Dança dramática	Formas de Expressões	-	4994
Guarda do Moçambique	Dança dramática	Formas de Expressões	-	4995

05 FORMAS DE TRANSMISSÃO									
Procedência do Saber									
O conhecimento para a construção dos tambores foi passado pelo Sr. Raimundo Afonso da Luz (falecido) 1º Capitão da Guarda do Moçambique, considerado um dos capitães mais sábios pela Comunidade.									
Transmissão									
Pais – Filhos	X	Mestre – Aprendiz	X	Escolas		Grupos	X	Outros	
Modo de Transmissão									
A transmissão desse saber ocorre na Comunidade, entre seus próprios membros. O conhecimento sobre a construção dos tambores é transmitido periodicamente, dos mais velhos para os mais novos. Os responsáveis pela construção ensinam os jovens e as crianças incentivando os mesmos a criarem a responsabilidade de cuidar do seu tambor e repassar o saber para as próximas gerações.									
Forma de Continuidade									
Através da constante troca de conhecimento e apreensão do saber nas oficinas realizadas para os membros da Comunidades.									
Transformações									
Não há grandes transformações no modo de transmissão dos conhecimento, que ainda é feito de maneira informal de geração para geração. Contudo, atualmente, em alguns casos, esse repasse é feito durante as oficinas de confecção dos tambores.									

06 ÁREA DE ABRANGÊNCIA									
Comunidade	x	Município	X	Região	X	Estado		Nacional	X
Observação	A comunidade dos Arturos é um dos poucos grupos de congado que carregam o saber para a construção dos tambores.								
Participação turística									
A construção dos tambores não é um evento ou técnica com viés turístico, contudo muitas pessoas procuram a Comunidade interessados na fabricação dos instrumentos.									

07 COMENTÁRIOS									
Identidade construída em torno da atividade									
Percebe-se que o saber da construção dos tambores representa a materialização de uma tradição para a comunidade que proporciona uma identificação e resgate em relação àqueles que detinham o saber no									

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES E OFÍCIOS

passado.

Possibilidade de continuidade

Necessidades do Ofício	Instalações	Manutenção das instalações e preservação.
	Instrumentos	Os instrumentos básicos são adquiridos em lojas especializadas.
	Matéria-Prima	Existe a necessidade de, no futuro, se garantir novos locais que tenham o cipó São João. O mesmo é encontrado nas matas e com o crescimento urbano da cidade, é necessário criar mecanismos para a permanência do cipó.
	Pessoal	Incentivar a participação de mais membros da Comunidade na construção.
	Formação	A Comunidade possui dois mestres no que diz respeito a construção dos tambores que são o Mestre Jorge Antonio dos Santos e o Mestre Carlos Antônio da Luz (Dunga) e cinco aprendizes que possuem este saber.
	Comercialização	Esta atividade não é realizada com fins lucrativos para a Comunidade. Os tambores construídos são utilizados somente nas festas religiosas dos arturos.

Ofícios ou técnicas com necessidade de documentar/ proteger

Levantamento de informações referente as antigas técnicas de construção dos tambores.

Comentários do elaborador

A construção dos tambores é uma técnica que encontra grande respaldo na comunidade. Muitas crianças participam das oficinas o que é indidcativo que esse saber será preservado.

Significados socioeconômicos

A construção dos tambores não é uma atividade que visa a obtenção de lucro. Os tambores não são vendidos, contudo, apesar de não ser uma prática recorrente, em determinados casos, Jorge Antônio dos Santos e outros membros da Comunidade oferecem oficinas remuneradas de construção e manutenção de Tambores quando estas lhes são solicitadas.

08 AÇÃO DE SALVAGUARDA

Em relação ao saber da construção dos tambores, as ações de salvaguarda devem se concentrar na valorização desse conhecimento e na busca de maiores informações sobre a origem dos antigos tambores dos Arturos.

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	Jorge Antonio dos Santos			Tipo	Mestre		
	Nascimento		Sexo	M	Idade	45	Registro Sonoro Visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)								
Mestre de confecção dos Tambores.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

02	Nome	Carlos Antônio da Luz - DUNGA			Tipo	Mestre		
	Nascimento		Sexo	M	Idade	47	Registro Sonoro Visual	Sim
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)								
Mestre de confecção dos Tambores.								
Contato		Comunidade dos Arturos						

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES E OFÍCIOS

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Figura 2: Mestre Jorge Antônio dos Santos apresentando um tambor construído à moda antiga, Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA /Casa da Cultura.



Figura 3: Mestre Carlos Antônio da Luz (Dunga) costurando o couro no arco de Cipó São João – Oficina de construção dos tambores.
Fonte: Acervo IEPHA /Casa da Cultura.



Figura 4: Mestre Jorge Antônio dos Santos – Oficina de construção dos tambores.
Fonte: Acervo IEPHA /Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES E OFÍCIOS



Figura 5: Oficina de construção dos tambores.
Fonte: Acervo IEPHA /Casa da Cultura.



Figura 6: Aprendiz Maximiliano Silva Luz pintando a caixa com a cor da guarda do Congo – Oficina de construção dos tambores.
Fonte: Acervo IEPHA /Casa da Cultura.



Figura 7: Mestre Jorge Antônio dos Santos passando óleo de dendê no couro - Oficina de construção dos tambores.
Fonte: Acervo IEPHA /Casa da Cultura.



Figura 8: Mestre Carlos Antônio da Luz (Dunga) colocando o couro na água – Oficina de construção dos tambores.
Fonte: Acervo IEPHA /Casa da Cultura.



Figura 9: Mestre Jorge Antônio dos Santos, seu filho Thiago e Lúcio formando a caixa do tambor – Oficina de construção dos tambores.
Fonte: Acervo IEPHA /Casa da Cultura.



Figura 10: Mestre Carlos Antônio da Luz (Dunga) fazendo o acordoamento da caixa. – Oficina de construção dos tambores.
Fonte: Acervo IEPHA /Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

SABERES E OFÍCIOS

11 DOCUMENTOS ANEXOS	
Fotografias	Figura 1: IPAC4988_CArturos_FRosa_CDellam_09_out_12_JPG Figura 2: IPAC5002_CArturos_CTamb_CDellam_04_mai_13_JPG Figura 3: IPAC5002_CArturos_CTamb_CDellam_04mai13 (27) Figura 4: IPAC5002_CArturos_CTamb_04mai13 (7) Figura 5: IPAC5002_CArturos_CTamb_04mai13 (11) Figura 6: IPAC5002_CArturos_CTamb_PRodri_04_mai_13_JPG Figura 7: IPAC5002_CArturos_CTamb_TAzul_PRodri_04_mai_13_JPG Figura 8: IPAC5002_CArturos_CTamb_PRodri_04_mai_13_JPG Figura 9: IPAC5002_CArturos_CTamb_CDellam_04mai13 (65) Figura 10: IPAC5002_CArturos_CTamb_CDellam_04_mai_13_JPG
Vídeos	DOC_ARTUROS_IEPHA_saida_final
Áudio	DOC_ARTUROS_IEPHA_saida_final

12 REFERÊNCIAS	
LUCAS, G. (Org.) ; LUZ, J. B. (Org.) . Cantando e Reinando com os Arturos. Belo Horizonte: Rona, 2006.	
LUCAS, G. Os Sons do Rosário: o Congado mineiro dos Arturos e Jatobá. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. v. 1000. 360pp .	
LUCAS, G. O ritual dos ritmos no Congado mineiro dos Arturos e do Jatobá. In: XII Encontro Nacional da ANPPOM, 2001, Salvador. XII Encontro Nacional da ANPPOM, 1999.	
GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edimilson de Almeida. Negras Raízes Mineiras - Os Arturos. Belo Horizonte: Mazza, 2000.	

13 FICHA TÉCNICA		
Fotografia	Carolina Dellamore, Paulo Ricardo Silva Rodrigues.	
Vídeos	Rede Minas.	
Áudio	Rede Minas.	
Transcrição	Bruna de Paula.	
Levantamento	Carolina Dellamore, Paulo Ricardo Silva Rodrigues.	
Elaboração	Paulo Ricardo Silva Rodrigues.	
Revisão	Carolina Dellamore, Débora Raíza Rocha, João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim, Mariana Rabêlo.	29/01/2014 31/03/2014 26/05/2014
Observações		

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	FORMAS DE EXPRESSÃO
--	----------------------------

01 IDENTIFICAÇÃO					
Denominação	GRUPO AFRO-BRASILEIRO ARTUROS FILHOS DE ZAMBI	IPAC/MG	5007		
Município(s)	Contagem	Distrito	Sede		
Endereço	Rua Capelinha, 50 – Vera Cruz, Contagem – MG, CEP: 32013-090.				
GPS	23K	Long. UTM	44° 5'1.70"O	Lat. UTM	19°53'49.29"S



Figura 1: Filhos de Zambí na Festa da Abolição 2012.

Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

	Categoria				
Tipologia da Atividade	Grupo de Dança, Percussão e Teatro.				
DENOMINAÇÃO	Grupo Afro-brasileiro Arturos Filhos De Zambí				
Outras denominações	Filhos de Zambí	Nível de integração			
		Comunidade	x	Oficial	x
PERIODICIDADE					
Início	Não se aplica.				
Fim	Não se aplica.				
Calendário Litúrgico	Não se aplica.				
Invocação	Não se aplica.				
Observação das Datas	A única data definida para apresentação do grupo é o segundo domingo do mês de maio, quando ocorre a Festa da Abolição.				
DESCRIÇÃO DA PERIODICIDADE					
O grupo se apresenta anualmente na Festa da Abolição, promovida pela Comunidade dos Arturos junto					

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÃO

a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Contagem –MG, com a encenação do tema. Suas demais apresentações ocorrem quando são convidados a participar de eventos.

02 ORIGENS DOCUMENTADAS OU ATRIBUÍDAS

O Grupo Afro-brasileiro Arturos Filhos de Zambí, surgiu em meados de 1992, a partir da iniciativa de duas integrantes da Comunidade dos Arturos: Anaíse e Gorete Luz, suas criadoras e primeiras diretoras, junto a Pastoral do Negro. No início os ensinamentos foram repassados por Anaíse e Gorete, que abordavam durante as aulas de catequese ministradas aos jovens e crianças da comunidade, temas relacionados com as questões afro e afro-brasileira. A partir desse momento começaram a se apresentar nas Missas Afro ou Missas Africanas, onde executavam danças com elementos dessa cultura.

Sua primeira apresentação contou com o apoio do Grupo de Percussão Tambolelê, do artista Sérgio Pererê e do Seu Antônio Ciriaco, Capitão da Guarda de Congado dos Ciriacos, que doaram os primeiros instrumentos ao grupo. A apresentação foi realizada na Capela presente no território da Comunidade, onde fizeram, nas palavras de Renata, membro do grupo: “uma roda e uma oficina de percussão”. Nesse período o grupo que ainda não possuía nome, sendo chamado comumente de “Arturos” ou “Axé”, passou a denominar-se ‘Filhos de Zambí’ a partir da indicação de Rosângela, uma das parceiras do grupo. Um dos integrantes, Fabiano, afirma que o significado de: “Zambí, na língua africana, é filho de Deus. Aí somos filhos de Deus.”

Após este primeiro desenvolvimento, o grupo, passou a ter suas atividades ampliadas, adentrando no campo das artes, por meio das expressões de Teatro, Dança e Percussão. Essa ampliação deveu-se principalmente, ao estabelecimento de parcerias com outros grupos de Belo Horizonte, com os quais os membros da Comunidade dos Arturos realizavam oficinas formativas. Alguns exemplos de grupos parceiros de destaque na trajetória dos Filhos de Zambí são o Tambolelê e o Grupo Trama de Teatro. Além destes grupos parceiros, os membros do Filhos de Zambí frequentemente realizam oficinas formativas nas áreas de expressão afro-brasileira, em que alguns membros participaram de cursos de dança tribal africana e percussão africana com o senegalês Mamour Bah, entre outras.

Atualmente o grupo é autogerido e autodirigido. Os próprios membros se ensaiam e montam apresentações, sendo eles mesmos, por vezes, mestres e aprendizes uns dos outros. É importante ressaltar que muitas das histórias, danças e ritmos apresentados pelo Filhos de Zambí são expressões próprias dos Arturos, aprendidas por eles no convívio com a Comunidade da qual fazem parte e principalmente através de seus anciãos. A maneira de transmissão de muitos dos elementos passados nas peças vêm do hábito de pertencer à Comunidade dos Arturos e conviver com as formas de transmissão de conhecimentos tradicionais utilizadas pela comunidade, como a oralidade, a festa, a dança, os cantos e a religiosidade.

Para além disso, o grupo Filhos de Zambí relaciona-se com os processos de “espetacularização” que tem ocorrido com os ritos e celebrações realizados pela Comunidade, a partir dos inúmeros convites que as Guardas de Congo e Moçambique recebem para se apresentar em eventos. Nesse sentido o grupo apresenta-se como uma alternativa à esse processo de exploração dos valores religiosos, buscando resguardar o âmbito sacro em que as guardas estão inseridas.

03 DESCRIÇÃO

O grupo muitas vezes cumpre o papel de representar os Arturos em eventos externos em que a Comunidade é convidada, se comunicando através da arte, história e representações de mundo e modo de vida dos membros da comunidade. O grupo apresenta-se em eventos religiosos, culturais, artísticos e civis, em seminários, congressos, festejos, além de se apresentarem quando as guardas de congado não podem estar presentes por motivos religiosos ou de agenda. A equipe do Filhos de Zambí também é responsável pela apresentação da encenação de abolição da escravidão na Festa da Abolição.

O grupo é composto por membros da Comunidade, em sua maioria jovens, mas também por crianças e adultos. Não há faixa etária específica para participar do Filhos de Zambí, mas é necessário que sejam dos

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS	FORMAS DE EXPRESSÃO
--	----------------------------

Arturos e se identifiquem com as temáticas abordadas pelo grupo. Em sua trajetória já montaram pelo menos dez espetáculos, entre eles, “Negras memórias” e “Abolição: um novo olhar”, ambas com texto produzido pela comunidade e dramaturgia de Cida Falabela. Na peça “Abolição: um novo olhar”, o grupo passou por um longo processo de pesquisa, de reconhecimento da própria história e de mudanças de pontos de vista. Para construir o texto dessa encenação a equipe do Filhos de Zambi, realizou uma junção entre a história da abolição e a memória da Comunidade dos Arturos. Além disso, são abordados durante a encenação, temas relacionados ao preconceito racial.

Indumentária	
---------------------	--

Existem figurinos e indumentárias próprias para cada apresentação, sendo também diferentes para cada personagem. Geralmente nas apresentações de dança e/ou percussão, utilizam roupas com estampa igual, mas diferentes para homens e mulheres.

Instrumentos	
---------------------	--

Utilizam tambores de diversos formatos e tamanhos, pandeiros, agogô e chocalhos variados: ganzá, caxixi, xique-xique, reco reco.

04	FORMAS DE TRANSMISSÃO
-----------	------------------------------

Origem do Saber	
------------------------	--

No Grupo Filhos de Zambi há dois tipos de saberes. O saber histórico e memorialístico da trajetória da Comunidade, e o conhecimento técnico teatral. A principal origem do saber técnico do grupo, está nas oficinas de dança, teatro e música que participam. Quanto a recepção do saber das tradições africanas e da Comunidade, o mesmo acontece no cotidiano e por meio de entrevistas realizadas com os Arturos mais velhos. Além disso, o grupo realiza laboratórios de pesquisa sobre a história afro-brasileira em fontes impressas como livros, artigos, dissertações e teses além de recorrer à pesquisas na internet.

Transmissão	
--------------------	--

O grupo transmite seus saberes por meio de oficinas de dança e percussão realizadas na Comunidade, em eventos no qual são convidados, nos ensaios e através da oralidade, repassando os conhecimentos para os que desejam ingressar no grupo.

Forma de Continuidade	
------------------------------	--

O Grupo Afro-brasileiro Arturos Filhos de Zambi, por mais que seja uma expressão relativamente nova na história da Comunidade, tem crescido e se firmado como expressão cultural. Assim, têm alcançado espaços se legitimando como um bem cultural representativo.

Transformações	
-----------------------	--

No início de sua formação, o Grupo Afro-brasileiro Arturos Filhos de Zambi, se constituía apenas por dança e percussão. A parceria com o Grupo Trama de Teatro em 2007, proporcionou ao grupo o desenvolvimento de atividades no campo da encenação teatral, esfera que lhe deu maior visibilidade. Devido ao grande envolvimento com o teatro, por algum tempo, os membros deixaram de desenvolver peças de dança, perdendo a participação de outros membros, principalmente de mulheres mais velhas que estiveram desde a primeira formação e que se interessavam somente pela dança. Em 2013, ano em que alguns membros do grupo foram entrevistados, foi relatado que estava sendo reativada a vertente da dança, motivando a volta dos integrantes mais antigos. A pretensão é que se construa um novo espetáculo para o Filhos de Zambi, valorizando novamente a dança.

Uma transformação importante na trajetória do grupo diz respeito à peça Abolição: um Novo Olhar, montada ao longo de 2011 e apresentada a partir do segundo semestre de 2012. O intuito do grupo era modificar a interpretação feita pela Comunidade desde a década de 1970, que colcava a Princesa Isabel como figura central da abolição, esquecendo-se das resistências e dos movimentos contra a escravidão.

Depois da pesquisa, os integrantes do grupo passaram a conhecer mais sobre a resistência afro-brasileira e o papel político central de alguns movimentos e personalidades negras para que acontecesse a

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS **FORMAS DE EXPRESSÃO**

abolição. Esta pesquisa relativizou do imaginário dos Arturos o papel central de concessão da liberdade feita pela Princesa Isabel e colocou os negros antepassados e suas resistências cotidianas em posição de maior importância. Além disso, a pesquisa influenciou a mudança da ordem da leitura da Lei Áurea de 1888, na Festa da Abolição. Antes sua leitura era feita primeiro e depois comemorava-se a libertação. Atualmente a leitura da lei persiste, mas antes é feita uma encenação que valoriza a cultura e resistência dos descendentes africanos escravizados no Brasil.

05 ELEMENTOS RELACIONADOS				
Bem Cultural	Tipologia	Categoria	Subcategoria	COD./IPAC
Festa da Abolição	Grupo de Dança, Percussão e Teatro.	Celebrações	Festa Cívico-religiosa	4989
Batuque	Danças	Formas de Expressão		4996
Festa de N. S. Rosário	Festa Religiosa	Celebrações	Catolicismo Popular	4988
Guarda de Congo	Dança dramática	Formas de Expressão	-	4994
Guarda de Moçambique	Dança dramática	Formas de Expressão	-	4995
Comunidade dos Arturos	Comunidade	Lugares	Comunidade Tradicional	5100

06 MODELO DE ORGANIZAÇÃO									
TIPO	Comitê	Instituição	Irmandades/ Confrarias	Associação	Outros	X			
Denominação	Grupo Afro Brasileiro Arturos Filhos de Zambi								
Descrição	O Grupo Afro-brasileiro Arturos Filhos de Zambi é um grupo artístico de teatro, percussão e dança da Comunidade dos Arturos. Atualmente o grupo conta com uma organização administrativa composta por alguns integrantes eleitos que atuam na diretoria do grupo. Embora ainda não sejam registrados como uma associação, tal estrutura situa-se como uma preparação para assumirem caráter organizacional. Adquirindo esse escopo, as possibilidades se ampliam, como a de se inscreverem e concorrerem à prêmios e editais da cultura.								
Organizadores e Financiadores									
Tipo	Descrição								
Organizadores	O Grupo possui presidente, tesoureiro, secretário e auditoria. Além de um coordenador, o Jorge Antônio dos Santos, membro da Comunidade e capitão da Guarda de Moçambique.								
Financiadores	O próprio grupo.								

07 COMENTÁRIOS	
Identities criadas em torno da atividade	
O Grupo Afro-brasileiro Arturos Filhos de Zambi é hoje uma referência cultural legitimamente reconhecida pelos Arturos. Os anciãos da Comunidade, vislumbram no grupo uma alternativa poderosa para a transmissão e manutenção das práticas e conhecimentos tradicionais. Por meio do teatro e da dança, os integrantes do Filhos de Zambi conseguiram atingir um espaço de interlocução entre a forma tradicional de transmissão dos saberes Arturos e os novos métodos existentes. O grupo, hoje, é visto por muitos Arturos como uma porta de entrada dos jovens para o universo sagrado das tradições.	
Comentários dos entrevistados	
“Então, com isso, trazendo os jovens para os Filhos de Zambi, que é uma coisa assim, mais solta, porque, o Congado, tem aquela coisa do respeito, da religiosidade, nem tudo pode fazer dentro do congado, tem todo um respeito. Tem uma norma a ser cumprida dentro do Congado. Não que os Filhos de Zambi não tenham. Mas é uma coisa mais pra jovem mesmo. Mais livre, mais solta, então, eles vieram. Nós viemos de novo. Aí tá aí. Já vai voltar pro congado, vai valorizando, aprendendo a valorizar, aí já vai ajudando na cozinha, já vai sendo	

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÃO

fiscal. Então vai voltando tudo. De uma forma ou de outra. Então eu acho que a importância pra Comunidade foi isso. Principalmente para os mais velhos. O meu avô, meu tio, veem isso por este lado. Os Filhos de Zambi resgatando as pessoas para o Congado. Porque é a cultura maior, é o carro chefe dos Arturos. Que é o Congado. A guarda de Congo e de Moçambique. Então eles precisam muito da gente. Nós temos que estar aí segurando, puxando que eles estão indo e nós ainda estamos aqui né. Então tem que manter.”

Renata, integrante do Filhos de Zambi.

“Laboratório né? A gente faz laboratório. A história, a gente puxa mesmo da história, de nós mesmos né. Muitas vezes pra montar o próprio grupo de dança como o teatro a gente faz estudo até mesmo da própria Comunidade. Por que eu creio que depois que a gente começou a mexer com o grupo de dança e de teatro a gente sabe muito mais da Comunidade do que se a gente não... porque o grupo é que fez a gente pegar e vamos estudar a história. Por que, se não, nós não estaríamos sabendo tanto sobre a comunidade e nem valorizando. Porque tem muitos jovens aqui da Comunidade que não participam de nada. Que se perguntar eles não tem a noção da história. Não sabem. Não tem noção assim, do tamanho, da importância de ser um Arturos, o tamanho e a riqueza que é essa Comunidade.”

Miriam, integrante do Filhos de Zambi.

“Igual eu falo sempre, é que a inspiração nossa, acho que, tá aqui de dentro. Mas eu acho que o foco de tudo tá aqui dentro. Mas aí eu paro e penso assim, eu também faço essas perguntas pra mim: De onde que a gente tira? Que a gente tira uns sons assim... acho que tá no sangue mesmo.”

Fabiano, integrante do Filhos de Zambi.

Comentários do elaborador

A partir da pesquisa exploratória realizada sobre o grupo, e tendo como elementos corroborantes uma entrevista com integrantes e uma apresentação assistida na Festa da Abolição em 13 de maio de 2013, aponta-se que a previsão futura para a continuidade do grupo Filhos de Zambi é considerável. Os Arturos apoiam e legitimam o grupo como uma expressão autêntica da Comunidade. Alguns membros com os quais se obteve contato se mostraram bastante envolvidos e apaixonados pelo grupo. Tal engajamento é extremamente necessário para a manutenção de qualquer atividade.

Indica-se como uma dificuldade que pode impossibilitar a atuação do grupo, o espaço reduzido dentro do circuito cultural de Belo Horizonte e de Minas Gerais, para a apresentação de grupos artísticos negros, principalmente para os que tratam de temáticas sobre a história e cultura afro-brasileira de maneira crítica. O pouco incentivo estrutural é um colaborador poderoso para o silenciamento paulatino destas manifestações.

Necessidades

Instalações	Espaço apropriado para ensaios e também para o armazenamento de artefatos cenográficos e instrumentos.
Instrumentos	Maior quantidade de instrumentos.
Matéria-Prima	Não se aplica.
Pessoal	Motivar os novos integrantes a participarem do grupo.
Modo de expressão com necessidade de documentar/proteger	Produzir registro áudio-visual, fotográfico e textual, de todas as peças e espetáculos já montados pelo grupo, como produção de fonte para futuras pesquisas para os próprios integrantes do grupo e para pesquisadores e instituições de pesquisa.
Atividade Marco	Dança; Teatro; Contação de Histórias.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS FORMAS DE EXPRESSÃO

08 AÇÃO DE SALVAGUARDA

- Possibilitar que os integrantes do grupo Filhos de Zambí tenham acesso a uma formação técnica como agentes culturais, que os possibilite a articular estratégias para a manutenção do grupo, conquistar espaços para apresentações e concorrer à editais de cultura;
- Fortalecer parceria com o Centro Cultural de Contagem para que desenvolvam seus trabalhos e criem novas maneiras de divulgar e apresentar o grupo e a Comunidade dos Arturos para a comunidade externa;
- Convidar, estabelecer e consolidar parcerias com grupos artísticos, incentivando a formação e o intercâmbio de informações e experiências;
- Como uma maneira de incentivo, para que o grupo continue existindo com maior estrutura e apoio, seria interessante que houvesse um espaço adaptado para ensaios e encenações artísticas. Este espaço poderia ser utilizado para que outras iniciativas artísticas dos Arturos se desenvolvessem e também para que convidassem grupos de fora a se apresentarem na comunidade;
- Fortalecer os laços de parcerias que possam contribuir para as demandas de conhecimento que os integrantes do Filhos de Zambí necessitem.

09 ENTREVISTADOS

01	Nome	Miriam Regina Santos				Tipo	Artista	
	Nascimento	28/01/1988	Sexo	F	Idade	26	Registro Sonoro Visual	X
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)								
Integrante do Grupo Filhos de Zambí.								
Contato		Comunidade dos Arturos						
Observações								

02	Nome	Jorge Antônio dos Santos				Tipo	Coordenador do Grupo	
	Nascimento	03/05/1968	Sexo	M	Idade	45	Registro Sonoro Visual	
Descrição (rol, indumentária, transmissão do saber)								
Capitão da Guarda de Moçambique, mestre de confecção dos tambores								
Contato		Comunidade dos Arturos						
Observações								

10 DOCUMENTAÇÃO FOTOGRAFICA



Figura 2: Filhos de Zambí próximo à Casa Paterna durante as comemorações da Festa da Abolição.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 3: Capatazes, Baianas e Escravos.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÃO



Figura 4: Cortejo dos escravos até o cruzeiro na Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 5: Saudação dos escravos ao cruzeiro da Comunidade dos Arturos.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.



Figura 6: Filhos de Zambi em frente à casa do Sr, Antônio.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura



Figura 7: Baianas e Escravos em frente a Casa da Cultura.
Fonte: Acervo IEPHA/Casa da Cultura.

11 DOCUMENTOS ANEXOS

Fotografias	Figura 1: IPAC4989_CArturos_FAbo_CDellamore_13mai12 (16) Figura 2: IPAC4989_CArturos_FAbo_CDellamore_13mai12 (93) Figura 3: IPAC4989_CArturos_FAbo_RMarques_13mai11 (41) Figura 4: IPAC4989_CArturos_FAbo_CDellamore_13mai13(5) Figura 5: IPAC4989_CArturos_FAbo_CDellamore_13mai13(25) Figura 6: IPAC4989_CArturos_FAbo_CDellamore_13mai12 (367) Figura 7: IPAC4989_CArturos_FAbo_AGodoy_13mai12 (50)
Vídeos	DOC ARTUROS IEPHA_saida final
Áudio	IPAC_5007_CArturos_Audio_FZambi

12 REFERÊNCIAS

AREDES, Rubens de Oliveira, et al Filhos de Zambi. *Filhos de Zambi: Uma nova estratégia de reprodução dos saberes tradicionais na comunidade negra dos arturos*. Artigo final de apresentação de resultados do desenvolvimento do projeto de pesquisa “Filhos de Zambi: Uma Nova Estratégia de Reprodução de Valores e Significados na Comunidade Negra dos Arturos em Contagem”, selecionado pela Bolsa Funarte de Produção Crítica em Culturas Populares e Tradicionais 2010. Belo Horizonte, 2011.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE MINAS GERAIS

FORMAS DE EXPRESSÃO

BLOG ARTUROS FILHOS DE ZAMBI. Disponível em : < <http://arturosfilhosdezambi.blogspot.com.br/>> Acessado de abril a junho de 2013.

GRUPO TRAMA DE TEATRO. Trama Pesquisa. Belo Horizonte, 2007. Disponível em:
<<http://www.grupotramadeteatro.com.br/site/Trama%20pesquisa.pdf>> Acessado de abril a junho de 2013.

LUCAS, Glaura. *O Batuque e os 'Filhos de Zambi': recriações sócio-musicais na Comunidade Negra dos Arturos*. Anais do III Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia – ABET, São Paulo. 2006.

13 FICHA TÉCNICA		
Fotos	Carolina Dellamore, Carmem Guimarães.	
Vídeos	Rede Minas.	
Áudio	Ana Carolina Fernandes.	
Transcrição	Ana Carolina Fernandes.	
Levantamento	Ana Carolina Fernandes.	
Elaboração	Ana Carolina Fernandes, Débora Raíza Rocha.	
Revisão	Carolina Dellamore , João Batista da Luz, Jorge Antônio dos Santos, Luis Mundim e Bruna Luisa de Paula.	04/02/2014 31/03/2014 23/05/2014
Observações		